

L. M. MONTGOMERY

# ANNE DE AVONLEA



O livro que  
inspirou a série  
da **NETFLIX**  
*Anne with an E*

autêntica

TRADUÇÃO Marcia Soares Guimarães



ANNE  
• DE •  
AVONLEA

● CLÁSSICOS AUTÊNTICA ●





## Outros títulos da coleção



### 25 contos de Machado de Assis

*Nádia Battella Gotlib* A escrava Isaura

*Bernardo Guimarães*

A ilha do tesouro

*Robert Louis Stevenson* Alice no País das Maravilhas *Lewis Carroll*

Alice através do espelho *Lewis Carroll*

Anne de Green Gables

*L. M. Montgomery*

As aventuras de Tom Sawyer *Mark Twain*

As mais belas histórias (2 vol.) *Andersen, Grimm, Perrault* A volta ao mundo em 80 dias *Júlio*

*Verne*

Clara dos Anjos

*Lima Barreto*

Cuore

*Edmondo de Amicis*

Heidi, a menina dos Alpes (2 vol.) *Johanna Spyri*

Kim

*Rudyard Kipling*

Memórias de um burro

*Condessa de Ségur*

O cão dos Baskerville

*Arthur Conan Doyle*

O castelo encantado

*Edith Nesbit*

O diário de Gian Burrasca

*Vamba*

O Mágico de Oz

*L. Frank Baum*

O Picapau Amarelo

*Monteiro Lobato*

Peter Pan

*J. M. Barrie*

Pollyanna

*Eleanor H. Porter*

Pollyanna moça

*Eleanor H. Porter*

Reinações de Narizinho

*Monteiro Lobato*

Viagens de Gulliver

*Jonathan Swift*

L. M. MONTGOMERY

ANNE  
• DE •  
AVONLEA



Tradução: Márcia Soares Guimarães

**autêntica**



<https://t.me/SBDLivros>

Copyright © 2020 Autêntica Editora

Título original: *Anne of Avonlea*

Fonte: MONTGOMERY, L. M. *Anne of Avonlea*. Londres: Arcturus Publishing Limited, 2017.

Fonte digital: [www.gutenberg.org](http://www.gutenberg.org)

Todos os direitos reservados pela Autêntica Editora LTDA. Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida, seja por meios mecânicos, eletrônicos, seja via cópia xerográfica, sem a autorização prévia da Editora.

EDIÇÃO GERAL E PREPARAÇÃO DE TEXTO

*Sonia Junqueira*

REVISÃO

*Bruna Emanuele Fernandes*  
*Júlia Sousa*



CAPA

*Diogo Droschi (sobre esculturas de papel de Marcelo Bicalho)*

DIAGRAMAÇÃO

Larissa Carvalho Mazzoni

**Dados Internacionais de**

Montgomery, Lucy Maud, 1874-1942.

Anne de Avonlea / Lucy Maud Montgomery ; tradução Márcia Soares Guimarães. -- 1. ed. -- Belo Horizonte : Autêntica Editora, 2020. -- (Clássicos Autêntica)

Título original: Anne of Avonlea.

ISBN 978-85-513-0816-5

1. Literatura infantojuvenil I. Junqueira, Sonia. II. Título. III. Série.  
20-33320 CDD-028.5

**Índices para catálogo sistemático:**

1.Literatura infantojuvenil 028.5

2.Literatura juvenil 028.5

Cibele Maria Dias - Bibliotecária - CRB-8/9427

**Belo Horizonte**

Rua Carlos Turner, 420 Silveira . 31140-520 Belo Horizonte . MG

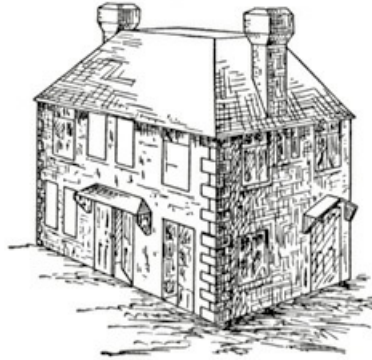
Tel.: (55 31) 3465 4500

[www.grupoautentica.com.br](http://www.grupoautentica.com.br)

**São Paulo**

Av. Paulista, 2.073, Conjunto Nacional, Horsa I 23º andar . Conj. 2310-2312 Cerqueira César . 01311-940 São Paulo . SP

Tel.: (55 11) 3034 4468





Para minha ex-professora,  
Hattie Gordon Smith,  
como uma grata lembrança por sua  
compreensão e seu encorajamento.



Flores desabrocham por onde ela caminha,  
percorrendo as trilhas do dever, com tal nobreza,  
que a vida ao lado dela não é difícil linha,  
mas um alegre trajeto, com curvas plenas de beleza.\*

---

\* Tradução livre de versos de John Greenleaf Whittier (1807-1892), poeta e advogado norte-americano. (N.T.)











Uma garota esbelta, com 16 anos e meio de idade, olhos cinzentos e sérios e um cabelo que seus amigos chamavam de castanho-avermelhado, estava sentada em um dos degraus de pedra vermelha da porta de uma casa de fazenda em Prince Edward Island, no Canadá, em um fim de tarde de agosto, firmemente decidida a interpretar versos do poeta romano Virgílio.

Porém, uma tarde de agosto em que uma névoa azul encobria as colinas, um vento brando sussurrava como se houvesse duendes entre os álamos, e papoulas vermelhas dançavam esplendorosamente, cintilando em contraste com o bosque escuro de abetos jovens em um canto de um pomar de cerejeiras, era mais apropriada para sonhos do que para línguas mortas. O livro de Virgílio logo escorregou para o chão, e Anne – com o queixo apoiado nas mãos entrelaçadas e os olhos fixos na esplêndida massa de nuvens fofas que se amontoavam sobre a casa do senhor J. A. Harrison, como se formassem uma grande montanha branca – estava bem distante, em um mundo encantador, no qual certa professora fazia um trabalho maravilhoso, moldando os destinos de futuros líderes políticos e inspirando mentes e corações jovens com ambições elevadas e nobres.

Entretanto, é inegável que, levando-se em conta a dura realidade – o que, é preciso lembrar, Anne raramente fazia antes que isso fosse realmente inevitável –, não parecia muito provável que houvesse, na escola de Avonlea, alunos com grandes possibilidades de se tornarem celebridades. Por outro lado, nunca se sabe o que pode acontecer quando uma professora usa sua influência para o bem. Anne tinha ideais extremamente otimistas sobre o que uma professora poderia realizar se simplesmente “seguisse o caminho certo”; e, naquele momento, estava visualizando uma cena magnífica, quarenta anos mais tarde, na qual uma pessoa importante, famosa (o motivo exato pelo qual esse indivíduo seria famoso ficou convenientemente indeterminado, mas Anne achou que seria muito bom se ele tivesse se tornado reitor de uma universidade, ou primeiro-ministro do Canadá), se curvaria respeitosamente sobre sua mão enrugada, afirmando que ela tinha sido a primeira pessoa a despertar sua ambição, e que todo o seu sucesso na vida se devia às lições que ela lhe havia dado, tanto tempo atrás, na escola de Avonlea.

A deliciosa cena, porém, foi arruinada por uma interrupção verdadeiramente desagradável.

Uma modesta vaquinha Jersey surgiu descendo a alameda em alta velocidade e, cinco segundos depois, o senhor Harrison chegou – se “chegou” não for um termo suave demais para descrever a maneira pela qual se deu sua súbita aparição ali.

O homem pulou a cerca, sem perder tempo abrindo o portão, e encarou furiosamente a surpreendida Anne, que tinha ficado de pé e o observava, perplexa. O senhor Harrison era o novo vizinho do lado direito da fazenda, e eles não se conheciam, embora ela já o tivesse visto uma ou duas vezes.

No início de abril, antes de Anne voltar para casa, após o término de seus estudos na Queen's Academy, o senhor Robert Bell tinha vendido sua propriedade, que fazia fronteira a oeste com a fazenda dos irmãos Cuthbert, e se mudado para Charlottetown. A fazenda havia sido comprada por um certo senhor J. A. Harrison, cujo nome e o fato de que era um homem da província de New Brunswick, na costa leste do Canadá, eram tudo o que se sabia sobre ele. No entanto, antes mesmo que ele tivesse permanecido um mês em Avonlea, já havia ganhado a reputação de ser um homem esquisito; um “excêntrico”, de acordo com a senhora Rachel Lynde. A senhora Rachel era uma mulher muito franca, como o leitor deve se lembrar bem. Sem dúvida, o senhor Harrison era mesmo diferente das outras pessoas e, como todos sabem, essa é a característica essencial de um excêntrico.

Desde o princípio, ele manteve distância dos moradores de Avonlea, e, certo dia, afirmou publicamente que não queria as “tolices das mulheres” em sua propriedade. A população feminina de Avonlea imediatamente se vingou, propagando informações terríveis a respeito do modo como ele cozinhava e cuidava de seu lar.

O senhor Harrison havia contratado o jovem John Henry Carter, de White Sands, para ajudá-lo a cuidar da propriedade, e foi o garoto quem deu início às histórias. Em primeiro lugar, contou que, na casa de seu patrão, não havia hora definida para as refeições. Ele simplesmente “fazia um lanche” quando sentia fome, e, se John Henry estivesse por perto naquele momento, podia entrar e comer um pouco; caso contrário, tinha de esperar até o homem ter seu próximo ataque de fome. O jovem declarava pesadamente que teria morrido de fome se não fosse pelo fato de que chegava em casa aos domingos e se empanturrava, e porque sua mãe sempre lhe dava uma cesta de comida para levar para o trabalho nas manhãs de segunda-feira.

Quanto a lavar as louças, o senhor Harrison nunca se dava ao trabalho de fazer isso, exceto nos domingos chuvosos. Nesses dias, ele lavava todas de uma só vez, em um barril cheio de água da chuva, e as deixava escorrendo até secar.

Além disso, dizia-se que o senhor Harrison era “avarento”. Quando lhe perguntaram se gostaria de contribuir com algum dinheiro para o salário do pastor Allan, ele respondeu que, antes de concordar, tinha de ver quantos dólares valia o sermão do pastor, pois não queria comprar gato por lebre. E quando a senhora Lynde foi até sua fazenda para pedir uma doação para o Instituto para Missões Estrangeiras – e, aproveitando a oportunidade, ver o interior da casa –, ele lhe disse que havia muito mais pagãs entre as velhas fofoqueiras de Avonlea do que em qualquer outro lugar que conhecia, e que contribuiria alegremente para uma missão que as convertesse ao cristianismo, se ela se incumbisse disso. A senhora Rachel se retirou imediatamente, e declarou depois que era uma bênção a pobre senhora Robert Bell estar a salvo em seu túmulo, pois seu coração ficaria partido se ela visse o estado em que estava a casa que fora sua, da qual tinha tanto orgulho.

– Ora, a senhora Bell esfregava o chão da cozinha dia sim, dia não – a senhora Lynde

comentou, indignada, com Marilla Cuthbert. – Se você pudesse ver aquele mesmo chão agora... Tive de levantar minhas saias quando atravessei a cozinha...

Para completar essa descrição, faltou dizer que o senhor Harrison possuía um papagaio chamado Ginger, e que, antes dele, nunca um habitante de Avonlea havia tido um papagaio. Portanto, manter em casa um pássaro dessa espécie não era uma atitude considerada respeitável. E que papagaio! Se as palavras de John Henry fossem levadas em conta, era possível afirmar que nunca existiu no mundo uma ave tão profana. Ginger praguejava horivelmente, e a senhora Carter teria tirado John Henry daquele emprego, sem pensar duas vezes, se tivesse certeza de que poderia encontrar outro trabalho para seu filho. Além disso, Ginger havia bicado o jovem com tanta força, quando ele se inclinou e ficou perto demais da gaiola, que arrancou um pedaço de seu pescoço. A senhora Carter mostrava essa marca a todas as pessoas, quando o pobre John Henry voltava para casa aos domingos.

Tudo isso passou como um *flash* na cabeça de Anne, enquanto o senhor Harrison permanecia parado diante dela, completa e evidentemente emudecido pela fúria. Mesmo quando estava em seu melhor humor, o senhor Harrison não podia ser considerado um homem bonito; era baixo, gordo e careca, e, naquele momento, com o rosto redondo roxo de raiva e os proeminentes olhos azuis quase saltando das órbitas, Anne achou que ele era realmente a pessoa mais feia que já tinha visto.

Então, subitamente, o senhor Harrison recuperou a voz.

– Não vou tolerar isso!– esbravejou. – Nem mais um dia, está ouvindo, senhorita? Bendita seja a minha alma! É a terceira vez, senhorita... terceira! Paciência tem limite, senhorita! Na última vez, avisei sua tia para não deixar isso acontecer novamente... e ela deixou... ela deixou! Por que ela fez isso é o que eu quero saber. É por essa razão que estou aqui, senhorita.

– O senhor poderia me explicar qual é o problema? – perguntou Anne, muito gentilmente. Vinha praticando bastante essa conduta ultimamente, para estar bem preparada quando as aulas comessem, mas parece que toda a sua amabilidade não surtiu nenhum efeito no irado J. A. Harrison.

– Problema? Bendita seja a minha alma! Eu diria que é um grande aborrecimento. O problema, senhorita, é que encontrei essa vaca Jersey de sua tia na minha plantação de aveia de novo, há menos de meia hora. É a terceira vez que isso acontece, entendeu bem? Terceira! A primeira vez foi na terça-feira passada, e ontem mesmo ela já estava lá outra vez. Eu vim aqui e falei com sua tia para não deixar isso acontecer novamente. E ela deixou! Onde está sua tia, senhorita? Eu só quero vê-la por um minuto e lhe dizer o que penso... o que pensa J. A. Harrison, senhorita!

– Se o senhor está se referindo à senhorita Marilla Cuthbert, ela não é minha tia, e foi a East Grafton visitar uma parenta distante que está muito doente – disse Anne, com o devido aumento de amabilidade a cada palavra. – E lamento muito que minha vaca tenha invadido sua plantação... ela é minha, e não da senhorita Cuthbert... Matthew a comprou do senhor Bell e me deu, três anos atrás, quando ela ainda era uma bezerrinha.

– Lamenta, senhorita?! Lamentar não ajuda em absolutamente nada. É melhor ir até lá e ver o estrago que aquele animal fez... pisoteou tudo, destruiu cada pedacinho da minha plantação de aveia, senhorita.

– Lamento muito mesmo – repetiu Anne, com firmeza –, mas, talvez, se o senhor mantivesse suas cercas em melhor estado de conservação, Dolly provavelmente não as teria ultrapassado. É

a sua parte da cerca que separa seu campo de aveia do nosso pasto, e notei, outro dia, que ela não está em muito boas condições...

– Minha cerca está boa – o senhor Harrison a interrompeu, mais irritado do que nunca, diante da acusação de culpa pelo que havia acontecido. – A cerca de uma prisão não poderia manter esse demônio dessa vaca do lado de fora. E preste bastante atenção nisto, sua coisinha ruiva: se a vaca for realmente sua, como está dizendo, seria melhor empregar seu tempo mantendo-a longe dos grãos de outras pessoas do que ficar sentada aí, lendo romances de capa amarela! – acrescentou, com um olhar penetrante para o inocente livro marrom-claro de Virgílio, caído aos pés de Anne.

No mesmo instante, uma outra coisa ficou vermelha, além do cabelo de Anne, que sempre tinha sido seu ponto fraco.

– Prefiro ter cabelo ruivo do que não ter nenhum, exceto uns poucos fios ao redor das orelhas – ela retrucou imediatamente.

O tiro foi certo, pois o senhor Harrison era verdadeiramente sensível em relação a sua calvície. Sua fúria o deixou sem palavras novamente, e ele pôde apenas olhar fixamente para Anne, que recuperou a calma e aproveitou que estava em situação de vantagem sobre o vizinho.

– Eu posso perdoá-lo, senhor Harrison, porque tenho imaginação. Consigo facilmente imaginar o quanto deve ser terrível encontrar uma vaca em sua plantação de aveia, e, portanto, não vou nutrir nenhum ressentimento pelo senhor, por causa do que acabou de me dizer. Prometo que Dolly nunca mais vai invadir sua plantação. Dou minha palavra de honra quanto a isso.

– Bem, não deixe isso acontecer – o senhor Harrison resmungou, em um tom ligeiramente submisso; porém, saiu pisando duro, muito zangado, e Anne escutou o vizinho rosnar para si mesmo, até ele ficar fora do alcance de seus ouvidos.

Em seguida, tristemente perturbada, Anne atravessou o pátio e prendeu a levada vaca Jersey no curral de ordenha. “É impossível Dolly sair dali, a não ser que ela destrua a cerca”, pensou. “Ela parece bastante calma agora. Eu ousaria dizer que está passando mal de tanto comer aveia. Hoje me arrependo de não tê-la vendido ao senhor Shearer quando ele quis comprá-la, na semana passada. Naquele dia, achei melhor esperar até fazermos o leilão do gado, pois assim venderíamos todos os animais juntos. Acredito que seja verdade que o senhor Harrison é um excêntrico. Com certeza, não existe *nada* de irmã na alma dele.”

Anne ficava sempre atenta para reconhecer almas irmãs.

Marilla Cuthbert estava entrando no pátio quando Anne voltou do curral, e a jovem correu para preparar o chá. Depois, já sentadas à mesa, as duas conversaram sobre o episódio com o vizinho.

– Vai ser um alívio quando o leilão terminar – Marilla falou. – É muita responsabilidade ter tantos animais na fazenda e ninguém, exceto aquele Martin, que não é nada confiável, para tomar conta deles. Ele ainda não voltou, embora tenha prometido que, se eu lhe desse o dia de folga para ir ao funeral da tia, estaria de volta ontem mesmo, à noite. Realmente, não sei quantas tias ele teve ou ainda tem, mas essa já é a quarta que morre desde que o contratamos, há apenas um ano. Vou ficar mais do que agradecida quando a colheita acabar e o senhor Barry assumir a fazenda. Temos de manter Dolly presa no curral até Martin voltar, porque, antes de soltá-la no pasto dos fundos, as cercas precisam ser consertadas. Reconheço que temos mesmo de enfrentar muitos problemas neste mundo, como Rachel costuma dizer. Veja o caso da pobre Mary Keith, que está morrendo, e ninguém sabe o que vai ser feito de seus dois filhos pequenos. Ela tem um

irmão, que mora em British Columbia, e escreveu para ele sobre as crianças, mas ainda não obteve resposta.

– Como são essas crianças, Marilla? Qual é a idade delas?

– Um pouco mais de 6 anos... são gêmeos.

– Oh, sempre fui especialmente interessada em gêmeos, desde que a senhora Hammond teve tantos – Anne afirmou, entusiasmada. – Eles são bonitos?

– Não sei, é impossível dizer... eles estavam tão sujos! Davy estava no quintal fazendo tortas de lama, e Dora foi chamá-lo para entrar. Então, Davy a empurrou, e ela caiu de cabeça sobre a maior das tortas. Ela começou a chorar e, querendo mostrar que não havia razão para isso, o menino chafurdou a própria cabeça na lama. Mary me disse que Dora é uma menina muito boa, mas Davy é terrivelmente travesso. Na verdade, ele nunca recebeu uma boa educação: o pai morreu quando os filhos ainda eram bebês, e pode-se dizer que a mãe está enferma praticamente desde então.

– Sempre sinto pena de crianças que não recebem educação – disse Anne, pensativa. – A senhora sabe que *eu* não tive nenhuma, até vir para Green Gables. Espero que o tio cuide deles. Qual é exatamente o parentesco que a senhora tem com a senhora Keith?

– Com Mary? Absolutamente nenhum. Tinha com o marido dela... ele era nosso primo de terceiro grau. Veja, ali está a senhora Lynde atravessando o pátio. Imaginei que ela viria para saber sobre Mary.

– Por favor, não diga nada sobre o senhor Harrison e a vaca – Anne implorou.

Marilla prometeu não falar nada a esse respeito, mas a promessa foi totalmente desnecessária, pois, assim que se sentou, Rachel Lynde disse:

– Quando estava voltando de Carmody, vi o senhor Harrison enxotar sua vaca Jersey da plantação de aveia dele. Percebi que o homem estava verdadeiramente irado. Ele criou muito tumulto?

Furtivamente, Anne e Marilla trocaram sorrisos divertidos. Pouquíssimas coisas em Avonlea escapavam ao conhecimento da senhora Lynde. Na manhã daquele mesmo dia, Anne tinha dito: “Se você for para seu quarto à meia-noite, trancar a porta, fechar a cortina e espirrar, no dia seguinte, a senhora Lynde vai vir perguntar como está sua gripe”.

– Creio que sim – Marilla admitiu. – Eu não estava aqui, mas ele disse a Anne tudo o que pensava.

– Acho o senhor Harrison um homem muito desagradável – Anne falou, sacudindo a cabeça ruiva em um movimento ressentido.

– Você nunca disse nada mais verdadeiro – a senhora Rachel declarou solenemente. – Eu sabia que teríamos problemas desde que Robert Bell vendeu sua propriedade para um homem de New Brunswick... essa é a verdade. Não sei dizer o que vai ser de Avonlea, com tantas pessoas estranhas se mudando frequentemente para cá. Daqui a pouco tempo, não vamos estar seguros nem dormindo em nossas próprias camas.

– Ora, que outros estranhos estão vindo morar aqui? – Marilla quis saber.

– Vocês não ouviram nada sobre isso? Bem, primeiro, tem a família Donnell. Eles alugaram a antiga casa de Peter Sloane, porque Peter contratou o homem para cuidar do moinho. Vieram do sudeste, e ninguém sabe nada sobre eles. Depois, tem aquela família preguiçosa de Timothy Cotton: estão se mudando de White Sands para cá, e tenho certeza de que vão ser um fardo para todos nós. Ele está tuberculoso... quando não está roubando... E a esposa é uma criatura imprestável que não faz nenhum esforço para nada. Imaginem que ela lava a louça *sentada*!

Além disso, a senhora George Pye adotou o sobrinho órfão do marido; o nome dele é Anthony Pye, e vai ser seu aluno lá na escola, Anne. Portanto, pode esperar problemas. Essa é a verdade. E você vai dar aulas também para outra criança desconhecida: Paul Irving está vindo dos Estados Unidos, para morar com a avó. Você deve se lembrar do pai dele, Marilla... Stephen Irving, aquele que abandonou Lavendar Lewis, em Grafton.

– Não acho que ele a abandonou. Houve um desentendimento... Suponho que ambos os lados tiveram culpa – Marilla ponderou.

– Bem, de qualquer maneira, ele não se casou com ela, e dizem que, desde então, a mulher se tornou uma pessoa muito esquisita... Mora sozinha naquela casa pequena, de pedra, que ela chama de Echo Lodge. Stephen foi embora para os Estados Unidos, abriu um negócio com o tio e se casou com uma ianque.\* Desde então, ele nunca mais voltou aqui, embora sua mãe tenha ido até lá, uma ou duas vezes, para vê-lo. A esposa dele morreu há dois anos, e agora Stephen está mandando o garoto para passar uma temporada com a avó. Paul tem 10 anos de idade, e não sei se vai ser um aluno dos mais desejáveis. Nunca podemos prever nada com relação a esses ianques.

A senhora Lynde desprezava – com um ar decidido de quem pensa: “Pode vir alguma coisa boa de Nazaré?”\*\* – todas as pessoas que tiveram o infortúnio de nascer ou crescer em qualquer outro lugar que não fosse Prince Edward Island. Afirmava que, com certeza, até *poderiam* ser boas pessoas, mas era mais seguro duvidar disso. Ela tinha um preconceito especial contra os “ianques”. Seu marido tinha perdido algum dinheiro por causa de uma trapaça de um norte-americano para quem ele havia trabalhado uma vez, em Boston, e, depois disso, nem anjos, nem autoridades, nem poder algum foi capaz de convencer Rachel Lynde de que os Estados Unidos da América, como um todo, não eram responsáveis por aquilo.

– A escola de Avonlea não vai ser prejudicada por um pouco de sangue novo – Marilla falou secamente –, e, se esse menino for parecido com o pai, tudo vai dar certo. Stephen Irving foi o melhor garoto que já cresceu nessa região, embora algumas pessoas dissessem que ele era excessivamente orgulhoso. Imagino que a senhora Irving esteja muito contente em ficar com essa criança por algum tempo. Depois da morte do marido, ela ficou muito solitária.

– Oh, Paul pode ser um menino muito bom, mas será diferente das outras crianças daqui – a senhora Rachel concluiu, encerrando o assunto. – Anne, o que é isso que andam dizendo por aí sobre você criar uma Sociedade para Melhorias em Avonlea?

– Eu estava apenas conversando sobre isso com alguns garotos e garotas do Clube de Debates, na última reunião – Anne respondeu, enrubescendo. – Eles acharam que seria muito bom... e o senhor e a senhora Allan também gostaram da ideia. Atualmente, muitos povoados já têm uma.

– Ora, você vai se meter em uma encrenca sem fim, se se envolver nisso. É melhor deixar essa ideia de lado, Anne, essa é a verdade. As pessoas não gostam de ser melhoradas.

– Oh, não vamos tentar melhorar *pessoas*! Estamos falando de *Avonlea*. Existem muitas coisas que podem ser feitas para tornar este lugar mais bonito. Por exemplo, se pudéssemos convencer o senhor Levi Boulter a derrubar aquela casa velha e horrorosa em sua fazenda lá de cima, isso não seria uma melhoria?

– Sem dúvida nenhuma – a senhora Rachel admitiu. – Aquela ruína velha tem sido uma ofensa aos nossos olhos, há anos. Mas se você e os outros “melhoradores” conseguirem persuadir Levi Boulter a fazer qualquer coisa pela comunidade, sem ser pago para isso, eu gostaria de estar lá para ver e ouvir tudo, essa é a verdade. Não quero desencorajá-la, Anne, pois pode ter alguma



coisa interessante nessa sua ideia, embora eu suponha que você a tenha tirado de uma daquelas revistas idiotas dos ianques. Lembre-se de que você vai estar muito ocupada com a escola, e eu lhe aconselho, como amiga, a não se envolver nisso; essa é a verdade. No entanto, sei que, se já está decidida, vai seguir até o fim. Você sempre foi do tipo de gente que persiste e nunca deixa de terminar o que começou.

Alguma coisa no contorno firme dos lábios de Anne confirmou que a senhora Rachel não estava enganada a esse respeito. O coração de Anne estava determinado a criar a Sociedade para Melhorias em Avonlea. Gilbert Blythe, que lecionaria em White Sands, mas sempre estaria em casa entre sexta-feira à noite e segunda-feira de manhã, também estava entusiasmado com o projeto. E a maioria dos outros jovens queria se envolver em alguma coisa que significasse reuniões ocasionais e, conseqüentemente, “diversão”. Quanto às “melhorias”, ninguém tinha uma ideia muito clara sobre quais seriam, exceto Anne e Gilbert. Eles haviam conversado muito e planejado tudo, até existir uma Avonlea ideal – pelo menos, em suas mentes.

A senhora Rachel tinha ainda outra novidade.

– Uma tal de Priscilla Grant foi escolhida para lecionar na escola de Carmody. Você não tinha uma colega na Queen’s com esse nome, Anne?

– Sim, claro! Oh, Priscilla vai trabalhar em Carmody! Isso é perfeitamente adorável! – Anne exclamou, com os olhos se iluminando até parecerem duas estrelas, e fazendo com que a senhora Lynde se perguntasse, mais uma vez, se algum dia ela conseguiria decidir, para sua própria satisfação, se Anne Shirley era uma garota bonita, ou não.



CAPÍTULO II

*Vendendo às pressas  
e se arrependendo  
em seguida*



**N**a tarde do dia seguinte, Anne foi às compras em Carmody e levou Diana Barry com ela. Diana era, claro, uma participante dedicada da Sociedade para Melhorias, e, durante a ida a Carmody e a volta para Avonlea, as duas praticamente só conversaram sobre isso.

– A primeira coisa que teremos de fazer, quando começarmos os trabalhos, será cuidar da pintura dessa casa – Diana falou, enquanto passavam pelo clube de Avonlea, uma construção bastante malconservada, que ficava em um vale e era cercada de abetos por todos os lados. – Sua aparência está horrível, e devemos cuidar desse clube até mesmo antes de tentar convencer o senhor Levi Boulter a demolir sua velha casa. Sabe, Anne, papai disse que nós *nunca* vamos obter sucesso nisso. Levi Boulter é mesquinho demais para gastar todo o tempo que isso vai requerer.

– Talvez ele dê permissão para os rapazes derrubarem a casa, se eles prometerem transportar a madeira e cortá-la de modo que ele possa usá-la como lenha – Anne sugeriu, esperançosa. – No início, devemos dar o melhor de nós e nos contentar em progredir aos poucos. Não podemos achar que vamos melhorar tudo de uma só vez. Sem dúvida alguma, é preciso sensibilizar as pessoas antes.

Diana não sabia exatamente o que significava “sensibilizar as pessoas”, mas essas palavras soaram bem, e ela sentiu muito orgulho de pertencer a uma sociedade que tinha esse objetivo.

– Ontem à noite, pensei em algo que poderíamos fazer, Anne. Sabe aquele pedaço de terra em forma de triângulo, onde as estradas para Carmody, Newbridge e White Sands se encontram? Está todo coberto com abetos ainda pequenos. Não seria adorável se arrancássemos todos e deixássemos apenas as duas ou três bétulas que também estão lá?

– Seria esplêndido! – Anne exclamou alegremente. – E poderíamos colocar um banco rústico debaixo das bétulas; e, quando a primavera chegar, fazer um canteiro no centro e plantar gerânios.

– Isso mesmo! Mas vamos ter de planejar uma maneira de fazer com que a velha senhora Hiram Sloane mantenha sua vaca longe da estrada: senão, ela vai comer todos os gerânios –

Diana gracejou. – Estou começando a entender o que você quis dizer com “sensibilizar as pessoas”, Anne. Olhe, ali está a velha casa da família Boulter. Alguma vez você já viu um pardieiro como esse? E, além do mais, está empoleirada perto demais da estrada. Uma casa velha, sem janelas, sempre me faz pensar em algo morto, cujos olhos foram arrancados.

– Acho tão triste ver uma casa velha e abandonada... – Anne falou sonhadoramente. – Sempre imagino que ela está sofrendo por pensar nas alegrias do passado. Marilla me contou que, há muito tempo, uma família grande viveu naquela casa, e que aquele era um lugar realmente lindo, com um jardim encantador e roseiras à sua volta. Havia muitas crianças pequenas, risadas e canções. Agora está vazia, e nada, nem ninguém, anda por ali, exceto o vento. Como ela deve se sentir solitária e triste! Pode ser que tudo retorne nas noites enluaradas: os fantasmas das crianças de antigamente, as rosas, as canções... e, por algum tempo, a velha casa pode sonhar que é jovem e feliz novamente.

Diana balançou a cabeça.

– Eu nunca mais imaginei coisas desse tipo sobre lugares, Anne. Você não se lembra de como mamãe e Marilla ficaram bravas quando imaginamos fantasmas no Bosque Assombrado? Até hoje, não consigo atravessar aquela mata tranquilamente depois que o dia escurece. E, se comesse a imaginar essas coisas na casa em ruínas do senhor Boulter, eu teria medo de passar por ela também. Além disso, aquelas crianças não estão mortas; elas cresceram e estão muito bem... Sei, inclusive, que, atualmente, um dos meninos é açougueiro. Quanto às flores e canções, ora, elas não podem virar fantasmas.

Anne reprimiu um pequeno suspiro. Ela amava Diana profundamente, e as duas sempre foram grandes amigas. Mas Anne já havia aprendido, muito tempo atrás, que, quando viajasse para o reino da fantasia, teria de ir sozinha. O caminho para lá era uma trilha encantada, pela qual nem mesmo seus entes mais queridos poderiam segui-la.

Uma chuva forte, com raios e trovões, caiu enquanto elas ainda estavam em Carmody; não durou muito, no entanto, e a volta para casa – por caminhos onde as gotas de chuva brilhavam nos galhos das árvores, e por pequenos vales frondosos onde as samambaias encharcadas exalavam odores picantes – foi maravilhosa. Porém, assim que chegaram à alameda de Green Gables, Anne viu algo que estragou a beleza da paisagem.

Diante delas, à direita, se estendia o amplo campo de aveia madura do senhor Harrison: cinza-esverdeado, viçoso e molhado pela chuva. E lá, parada elegantemente, bem no meio da vegetação exuberante, olhando para elas com a maior tranquilidade, estava uma vaca Jersey!

Anne soltou as rédeas e ficou de pé, apertando os lábios de uma forma que não indicava nada de bom para o quadrúpede destruidor de plantações. Sem dizer uma palavra, ela desceu agilmente da charrete, apoiando-se na roda, e transpôs rapidamente a cerca, antes mesmo que Diana entendesse o que estava acontecendo.

– Anne, volte! – a amiga gritou, assim que recuperou a voz. – Você vai arruinar seu vestido, no meio desses grãos molhados... *arruinar* o vestido! Oh, ela não está me ouvindo... e, sozinha, nunca vai tirar aquela vaca dali. Tenho de ir ajudá-la, claro!

Anne estava atravessando o campo de aveia como uma louca. Diana saltou depressa da charrete, amarrou o cavalo firmemente a uma estaca, jogou a saia de seu belo vestido de seda por cima dos ombros, ultrapassou a cerca e começou a perseguir sua amiga enlouquecida. Podia correr mais rápido do que Anne – que estava atrapalhada pela saia encharcada e grudada no corpo – e logo a alcançou. Atrás delas ficou uma trilha que partiria o coração do senhor Harrison, quando ele visse.

– Anne, pelo que há de mais sagrado, pare! – pediu, ofegante, a pobre Diana. – Já estou sem fôlego, e você está completamente ensopada!

– Preciso... tirar... essa vaca... dali... antes que... o senhor Harrison... a veja – Anne falou, com dificuldade. – Não me... importa... estar... ensopada... se pudermos... pelo menos... fazer isso.

Por sua vez, a vaca Jersey pareceu não ver nenhuma boa razão para sair às pressas de seu suculento e delicioso pasto. Assim que as duas garotas sem fôlego chegaram perto dela, o animal se virou e correu diretamente para o canto oposto da plantação.

– Detenha a vaca! – Anne berrou. – Corra, Diana, corra!

Diana correu muito. Anne tentou acelerar os passos. E a malvada Jersey percorreu o campo como se estivesse possuída; particularmente, Diana achou que estava mesmo. Passaram-se dez longos minutos antes que elas conseguissem dominar a vaca e encaminhá-la, através da abertura na cerca, para a alameda de Green Gables.

Não há como negar que, naquele exato momento, Anne estava com qualquer estado de espírito, exceto um que fosse angelical. Nem há como afirmar que ela tenha se acalmado, um pouco que fosse, ao ver uma charrete parada na frente da alameda e, nela, o senhor Shearer e seu filho, ambos com um sorriso largo estampado no rosto.

– Imagino que teria sido melhor se você tivesse me vendido a vaca quando eu quis comprá-la, na semana passada – o senhor Shearer falou, com uma risadinha de satisfação.

– Vendo o animal para o senhor agora, se ainda quiser comprá-lo – disse a corada e despenteada dona da vaca Jersey. – Pode ficar com ela neste exato minuto.

– Negócio fechado. Vou pagar a mesma quantia que ofereci antes, e Jim, aqui a meu lado, vai levá-la para Carmody. Ela vai para a cidade, com o resto da remessa, hoje à noite. O senhor Reed, de Brighton, quer uma vaca Jersey.

Cinco minutos depois, Jim Shearer e a vaca Jersey seguiam pela estrada, e a impulsiva Anne percorria, com seu dinheiro na mão, a alameda de Green Gables.

– O que Marilla vai achar disso? – Diana perguntou.

– Ora, ela não vai se importar. A vaca era minha, e não é provável que conseguíssemos, no leilão, mais dinheiro do que o senhor Shearer pagou por ela. Mas... Oh, Diana! Quando o senhor Harrison vir a plantação, ele vai saber que Dolly esteve lá de novo, mesmo eu tendo dado minha palavra de honra de que isso não aconteceria mais! Bem, acabo de aprender uma lição: nunca devo dar minha palavra de honra quando se tratar de vacas. Uma vaca que é capaz de pular ou romper a cerca de nosso curral de ordenha não seria confiável em lugar nenhum do mundo.

Marilla havia descido até a casa da senhora Lynde e, quando voltou, já sabia tudo sobre a venda de Dolly, pois a senhora Lynde tinha visto a maior parte da transação, através de sua janela, e deduzido o restante.

– Suponho que tenha sido melhor mesmo a vaca ir embora, apesar de eu achar que você *realmente* age de uma forma terrivelmente precipitada, Anne! Só não sei como é que ela conseguiu sair do curral; deve ter quebrado algumas das tábuas...

– Oh, não pensei em ir lá para ver isso – Anne reconheceu –, mas vou agora. Martin ainda não voltou. Talvez mais algumas de suas tias tenham morrido. Acho que é algo como o senhor Peter Sloane e os octogenários. Uma noite dessas, a senhora Sloane estava lendo um jornal e disse ao senhor Sloane: “Estou vendo aqui que outro octogenário acabou de morrer. O que é um octogenário, Peter?” E o senhor Sloane disse que não sabia, mas que certamente eram criaturas muito doentes, pois só se ouvia falar delas quando morriam. É assim com as tias de Martin.

– Martin só é como todos os outros franceses – Marilla afirmou, com ar de desprezo. – Não se

pode depender deles, nem mesmo por um dia.

Marilla estava examinando as compras que Anne havia feito em Carmody, quando ouviu um grito estridente vindo lá de fora. Um minuto depois, Anne entrou correndo na cozinha, apertando as mãos.

– Anne Shirley, qual é o problema agora?

– Oh, Marilla, o que devo fazer? Isso é horrível! E é tudo culpa minha. Oh, será que *algum dia* vou aprender a parar e refletir um pouco, antes de agir impulsivamente? A senhora Lynde sempre me disse que, mais cedo ou mais tarde, eu ainda ia fazer alguma coisa terrível; e, agora, fiz mesmo!

– Anne, você é a garota mais aflitiva que já vi. Afinal, *o que* foi que você fez?

– Vendi a vaca Jersey do senhor Harrison... aquela que ele comprou do senhor Bell... para o senhor Shearer! Neste exato momento, Dolly está no curral de ordenha.

– Anne Shirley, você está sonhando?

– Como eu queria estar sonhando! Não tem sonho nenhum nisso, apesar de mais parecer um pesadelo. E, a essa altura, a vaca do senhor Harrison já está lá em Charlottetown. Oh, Marilla, achei que eu tinha parado de me envolver em encrencas, e aqui estou, na pior de todas em que já me meti. O que é que eu vou fazer agora?

– Fazer? Não há nada a ser feito, Anne, a não ser ir até lá e conversar com o senhor Harrison. Podemos oferecer nossa vaca Jersey em troca daquela, se ele não quiser ficar com o dinheiro. A nossa é tão boa quanto a dele.

– Mas eu tenho certeza de que ele vai ficar horrível e insuportavelmente furioso... – Anne lamentou.

– Sou capaz de apostar que sim. O senhor Harrison parece ser um tipo de homem que se irrita facilmente. Se você quiser, Anne, vou lá e explico tudo para ele.

– Não, Marilla, de forma nenhuma; não sou tão mesquinha! – Anne exclamou. – É tudo culpa minha, e é lógico que não vou deixar você receber um castigo que é meu. Eu mesma vou lá, e vou agora. Quanto antes isso tiver fim, melhor, pois vai ser terrivelmente humilhante.

Com essas palavras, a pobre Anne pegou seu chapéu e o dinheiro da venda da vaca, e já estava saindo quando, por acaso, olhou pela porta aberta da despensa. Sobre a mesa, estava um lindo bolo de nozes que ela tinha assado naquela manhã... Um bolo especialmente saboroso, coberto com glacê cor-de-rosa e enfeitado com frutas. Ela pretendia servir o bolo na sexta-feira à noite, quando os jovens de Avonlea se reuniriam em Green Gables para organizar a Sociedade para Melhorias. Porém, que valor tinha esse encontro, comparado ao injustamente ofendido senhor Harrison? Então, achando que o bolo poderia amolecer o coração de qualquer homem, sobretudo aquele que tinha de preparar sua própria comida, ela o colocou dentro de uma caixa, para levá-lo de presente ao senhor Harrison como uma espécie de proposta de paz.

“Isto é, se, pelo menos, ele me der uma chance de dizer alguma coisa”, pensou tristemente, enquanto transpunha a cerca da alameda e tomava um atalho pelo campo dourado, à luz daquele encantador entardecer de agosto. “Agora sei como se sentem as pessoas quando estão sendo levadas à execução.”





CAPÍTULO III

---

*Na casa do  
senhor Harrison*



A casa do senhor Harrison possuía uma estrutura antiga; era caiada, e o telhado tinha beirais baixos. Atrás dela, havia um denso bosque de abetos.

O senhor Harrison, em pessoa, estava sentado em sua varanda, à sombra de uma videira, usando uma camisa leve, de mangas curtas, e saboreando seu cachimbo vespertino. Quando se deu conta de quem estava se aproximando, ficou de pé imediatamente, entrou na casa às pressas e fechou a porta. Embora essa atitude tenha sido apenas o resultado desconfortável de sua surpresa, misturada com muita vergonha por sua explosão de raiva no dia anterior, ela quase varreu do coração de Anne o pouco de coragem que lhe restava.

“Se ele está tão furioso agora, como vai ficar quando ouvir o que eu fiz?” – ela pensou, com tristeza, enquanto batia levemente à porta.

Entretanto, o senhor Harrison a atendeu sorrindo, encabulado, e, com um tom razoavelmente suave e amigável, embora um pouco nervoso, a convidou a entrar. Ele tinha vestido um casaco e deixado o cachimbo de lado. Ofereceu a Anne, muito educadamente, uma cadeira coberta de poeira, e sua recepção teria sido bastante agradável se não fosse pelo bisbilhoteiro papagaio, que estava espiando através das grades da gaiola, com seus olhos dourados e maldosos. Assim que Anne se sentou, Ginger exclamou:

– Bendita seja a minha alma! O que essa coisinha ruiva está fazendo aqui?

Seria difícil distinguir qual rosto ficou mais vermelho: o do senhor Harrison ou o de Anne.

– Não ligue para esse papagaio – disse o homem, lançando um olhar irado para Ginger. – Ele... ele sempre fala disparates. Eu o ganhei de meu irmão, que era marinheiro. Ora, marujos nem sempre usam a linguagem mais apropriada, e, além disso, papagaios são pássaros muito imitadores.

– Foi o que imaginei – afirmou a pobre Anne, cujo ressentimento foi logo reprimido pela lembrança de sua missão ali. Na situação em que se encontrava, ela não podia se indispor com o senhor Harrison; isso era inegável. Quando você acabou de vender precipitadamente a vaca Jersey de um homem, sem seu conhecimento ou consentimento, você não deve se importar se o

papagaio dele repete coisas ofensivas. Apesar disso, a “coisinha ruiva” não foi tão dócil quanto talvez tivesse sido, em circunstâncias diferentes.

– Estou aqui para lhe confessar uma coisa, senhor Harrison – Anne falou, decidida. – É... é sobre... aquela vaca Jersey.

– Bendita seja a minha alma! – exclamou o senhor Harrison, nervoso. – Ela invadiu minha plantação de aveia de novo? Bem, não se preocupe... não se preocupe, se foi isso. Não faz a menor diferença... nenhuma mesmo. Eu... eu estava impaciente demais ontem, foi isso. Não se preocupe se a vaca invadiu meu campo de aveia.

– Oh, se ao menos fosse isso! – Anne suspirou. – Mas é dez vezes pior. Eu não...

– Bendita seja a minha alma! Você está querendo dizer que ela invadiu minha lavoura de trigo?

– Não... não... o trigo não. No entanto...

– Então, foram os repolhos?! Ela atacou os repolhos que eu estava cultivando para a exposição, não foi?

– Não tem nada a ver com os repolhos, senhor Harrison. Vou contar tudo para o senhor... Foi para isso que vim até aqui... mas, por favor, não me interrompa: isso me deixa ainda mais tensa. Apenas me deixe contar minha história, e não diga nada até eu terminar – “aí, então, o senhor vai falar horrores”, Anne concluiu, mas só em pensamento.

– Não vou dizer nem mais uma palavra – ele afirmou, e realmente não disse.

Contudo, Ginger não estava preso a nenhum contrato de silêncio, e continuou berrando, com breves intervalos, “Coisinha ruiva!”, até deixar Anne verdadeiramente irada.

– Ontem, prendi minha vaca Jersey em nosso curral. Hoje de manhã, fui a Carmody e, quando voltei, vi uma vaca Jersey no campo de aveia do senhor. Diana e eu conseguimos enxotá-la, e só nós duas sabemos como isso foi difícil. Eu estava terrivelmente molhada, cansada e irritada... Então, o senhor Shearer apareceu, exatamente naquele momento, e se ofereceu para comprar a vaca. Imediatamente, eu a vendi para ele. Sei que isso foi errado. É claro que eu deveria ter esperado e consultado Marilla, mas tenho a péssima mania de agir sem pensar... todo mundo que me conhece vai lhe dizer isso. Então, o senhor Shearer levou a vaca, no mesmo instante, para embarcá-la no trem da tarde.

– Coisinha ruiva! – Ginger repetiu, mais uma vez, com um tom de desprezo profundo.

Nesse ponto, o senhor Harrison se levantou e, com uma expressão no rosto que teria aterrorizado qualquer pássaro, exceto um papagaio, levou a gaiola para um cômodo ao lado e fechou a porta. Ginger gritou, xingou e se comportou de acordo com sua reputação, mas, tendo ficado sozinho, caiu, por fim, em um silêncio sombrio.

– Me desculpe; continue – pediu o senhor Harrison, sentando-se novamente. – Meu irmão... o marinheiro... nunca ensinou boas maneiras a esse pássaro.

– Em seguida, voltei para casa e, depois do chá, fui até o curral de ordenha, senhor Harrison.

Anne se inclinou para a frente, apertando as mãos – seu velho gesto infantil –, enquanto seus grandes olhos cinzentos se dirigiam, suplicantes, para o rosto perplexo do senhor Harrison. E prosseguiu:

– Encontrei minha vaca ainda presa no curral. Foi a *sua* vaca que vendi ao senhor Shearer.

– Bendita seja a minha alma! – exclamou o senhor Harrison, completamente pasmo com esse desfecho inesperado. – Que coisa *extremamente* extraordinária!

– Oh, não é nada extraordinário eu me meter em encrencas e envolver outras pessoas nelas – Anne falou tristemente. – Sou famosa por isso. O senhor poderia pensar que, a essa altura, eu já

estou crescida demais para me comportar assim... Afinal, vou completar 17 anos no próximo mês de março... mas parece que não é o que acontece. Senhor Harrison, é demais esperar que o senhor me perdoe? Receio que já seja tarde para recuperar sua vaca, mas aqui está o dinheiro que recebi por ela... Ou, se preferir, pode ficar com a minha, em troca daquela. É uma vaca muito boa. E é impossível expressar o quanto eu sinto por tudo isso.

– Ora, ora – disse o senhor Harrison, rapidamente –, não diga mais nada sobre isso, senhorita. Não tem importância... não tem *nenhuma* importância. Acidentes acontecem. Às vezes, eu fico muito impaciente, senhorita... impaciente demais. Mas não consigo deixar de falar o que penso, e as pessoas devem me aceitar como sou. Ah, se aquela vaca tivesse invadido meu campo de repolhos... mas, esqueça, ela não fez isso, e, portanto, está tudo bem. Acho que prefiro ficar com sua vaca, em troca da minha, já que quer se livrar dela.

– Oh, obrigada, senhor Harrison! Estou tão contente porque o senhor não está bravo! Tive medo de que ficasse furioso.

– E suponho que, depois daquele meu acesso de raiva de ontem, a senhorita estivesse morrendo de medo de vir aqui me contar o que houve, não é? Porém, não deve se importar comigo; sou um velho terrivelmente franco, que fala o que pensa, só isso... Horivelmente capaz de dizer a verdade, mesmo que ela seja um pouco dura.

– Assim como a senhora Lynde – Anne falou, antes que pudesse evitar.

– Quem? A senhora Lynde? Não me diga que sou parecido com aquela velha fofqueira – protestou o senhor Harrison, ofendido. – Não, não sou... não mesmo. O que tem naquela caixa, senhorita?

– Um bolo – Anne respondeu, com um sorriso malicioso. Devido ao grande alívio por causa da inesperada amabilidade do senhor Harrison, seu ânimo melhorou significativamente. – Trouxe para o senhor... achei que talvez não comesse bolo com muita frequência.

– Não como mesmo, isso é verdade, e adoro bolo. Estou muito grato à senhorita. Por fora, parece muito bom; espero que esteja bom por dentro também.

– Está – afirmou Anne, alegremente confiante. – Houve uma época em que fiz bolos que não ficavam bons, como a senhora Allan pode lhe contar, mas este está ótimo. Fiz para a Sociedade para Melhorias, mas posso assar outro para eles.

– Então, vou lhe dizer uma coisa, senhorita: vai ter de me ajudar a comê-lo. Vou esquentá-lo e tomaremos um chá. O que acha?

– O senhor me deixaria fazer o chá? – Anne perguntou, desconfiada.

O senhor Harrison deu uma risadinha.

– Estou vendo que não acredita muito em minha habilidade para preparar um chá. Pois está errada... Posso fazer um tão bom quanto o melhor que a senhorita já tomou. Mas pode fazer. Felizmente, choveu no domingo passado, e, portanto, tem muita louça limpa.

Anne saltou rapidamente da cadeira e pôs mãos à obra. Primeiro, lavou o bule em várias águas, antes de colocar o chá em infusão. Depois, limpou o fogão e pôs a mesa, trazendo a louça da despensa. O estado daquela despensa horrorizou a jovem, mas ela, sabiamente, não disse nada. O senhor Harrison lhe disse onde encontraria pão, manteiga e pêssegos em calda. Em seguida, ela enfeitou a mesa, com um buquê de flores do jardim, ignorando as manchas na toalha. Logo, o chá estava pronto e Anne se viu sentada na mesa do vizinho, diante dele, servindo-lhe uma xícara de chá e falando espontaneamente sobre sua escola, seus amigos e seus planos. Ela mal podia acreditar no que estava acontecendo.

O senhor Harrison tinha trazido Ginger de volta, alegando que o pobre pássaro estaria muito



solitário; e Anne, acreditando que poderia perdoar tudo e a todos, ofereceu-lhe uma noz. Entretanto, os sentimentos de Ginger tinham sido dolorosamente feridos, e ele rejeitou qualquer proposta de amizade. Apenas sentou-se, melancólico, em seu poleiro, e agitou as penas até parecer apenas uma bola verde e dourada.

– Por que o senhor chama o papagaio de Ginger? – indagou Anne, que gostava de nomes adequados e achava que Ginger não combinava, de maneira nenhuma, com uma plumagem tão linda.

– Foi meu irmão, o marinheiro, que deu esse nome a ele. Talvez tenha alguma coisa a ver com o temperamento do papagaio. Mas tenho muita estima por Ginger... a senhorita ficaria surpresa, se soubesse o quanto. Ele tem lá seus defeitos, é lógico. E, em geral, tem me trazido problemas. Algumas pessoas reclamam de seu hábito de praguejar, mas é impossível tirar essa mania dele. Eu tentei... outras pessoas tentaram. Muita gente por aqui tem preconceitos contra papagaios. Uma bobagem, não é? Particularmente, eu gosto muito deles. Ginger me faz muita companhia. Eu não me separaria dele por nada... nada neste mundo, senhorita.

O senhor Harrison falou essas últimas palavras explosivamente, como se suspeitasse que Anne pudesse ter algum plano secreto de persuadi-lo a desistir do pássaro. No entanto, ela estava começando a gostar daquele homem pequeno, esquisito, temperamental e inquieto, e, antes que a refeição terminasse, eles já eram bons amigos. Inclusive, o senhor Harrison tomou conhecimento da Sociedade para Melhorias e estava disposto a apoiá-la.

– Isso está certo. Vá em frente, senhorita. Há muitas coisas a serem melhoradas em Avonlea... e em seus habitantes também.

– Oh, não sei não – ela disse, imediata e veementemente. Para si mesma, e para seus amigos próximos, Anne poderia admitir a existência de pequenas imperfeições – facilmente corrigíveis – em Avonlea e em seus habitantes. Contudo, ouvir isso de um forasteiro como o senhor Harrison, era uma coisa totalmente diferente. – Acho Avonlea um lugar adorável, e as pessoas daqui também são encantadoras.

– Vejo que a senhorita tem um temperamento quente – comentou o senhor Harrison, examinando as bochechas enrubescidas e os olhos indignados à sua frente. – Combina com um cabelo como o seu, eu acho. Avonlea é um lugar muito bom, ou eu não teria me mudado para cá; mas suponho que até você admita que existem alguns problemas?!

– Por causa disso, gosto ainda mais daqui – disse a leal Anne. – Não me agradam lugares, nem gente, que não tenham nenhum defeito. Penso que uma pessoa verdadeiramente perfeita deve ser muito desinteressante. A senhora Milton White diz que nunca conheceu uma pessoa perfeita, mas já ouviu falar muito de uma... a primeira esposa de seu marido. O senhor não acha que deve ser muito desagradável ser casada com um homem cuja primeira esposa era perfeita?

– Seria bem mais desagradável ser casado com uma esposa perfeita – o homem declarou, com uma súbita e inexplicável meiguice.

Antes de se despedir, Anne insistiu para lavar a louça, embora o senhor Harrison tivesse garantido que ainda havia coisas limpas que eram o suficiente para semanas. Ela teria adorado varrer o chão também, mas não viu nenhuma vassoura, e não quis perguntar onde encontraria uma, por medo de que simplesmente não houvesse vassouras na casa.

– A senhorita poderia vir até aqui conversar comigo, de vez em quando – o homem sugeriu, quando ela estava indo embora. – Não é longe, e vizinhos devem ser atenciosos uns com os outros. Fiquei com certo interesse nessa sua sociedade. Acho que pode haver diversão nisso. Com quem vocês vão lidar primeiro?

– Não vamos nos envolver com *pessoas*... São apenas os *lugares* que pretendemos melhorar – Anne respondeu, com ar de dignidade, pois chegou a suspeitar de que o senhor Harrison estivesse zombando do projeto.

Depois que ela saiu, o vizinho ficou observando-a pela janela... um corpo jovem, ágil e feminino, saltitando alegremente pelo campo, à luz de um brilhante pôr do sol.

– Sou um velho mal-humorado, rabugento e solitário – ele disse, em voz alta –, mas tem alguma coisa nessa menina que me faz sentir jovem de novo... E é uma sensação tão agradável que eu gostaria que se repetisse, de vez em quando.

– Coisinha ruiva! – Ginger grasnou, com tom de deboche.

O senhor Harrison fez, com a mão, um gesto de ameaça para o papagaio.

– Pássaro malcriado! – resmungou. – Quase chego a desejar ter torcido seu pescoço quando meu irmão, o marinheiro, trouxe você para cá. Será que nunca vai parar de me causar problemas?

Anne correu animadamente para casa e contou suas aventuras a Marilla, que já estava bastante alarmada com sua demora e a ponto de sair para procurá-la.

– Afinal de contas, este mundo é muito bom, não acha, Marilla? – Anne concluiu, satisfeita. – A senhora Lynde estava reclamando, outro dia mesmo, de que não achava o mundo grande coisa. Ela disse que sempre que esperamos ansiosamente por algo agradável, acabamos desapontados... e talvez seja verdade. Mas isso tem um lado bom também: as coisas ruins nem sempre correspondem às nossas expectativas; elas quase sempre são bem melhores do que esperamos. Eu estava achando que teria uma experiência horrivelmente desagradável hoje, quando fui à casa do senhor Harrison, e, em vez disso, ele foi bastante gentil, e eu quase me diverti por lá. Acho que vamos ser bons e verdadeiros amigos, se ambos fizermos concessões um ao outro. Tudo acabou bem. Entretanto, Marilla, sem dúvida nenhuma, eu nunca mais vou vender uma vaca, sem antes ter certeza de quem é o dono. Além disso, não *gosto* de papagaios!



**E**m um final de tarde, durante o pôr do sol, Jane Andrews, Gilbert Blythe e Anne Shirley conversavam perto de uma cerca, à sombra dos galhos de um abeto que balançava suavemente ao vento, no ponto em que o caminho conhecido como Trilha das Bétulas se juntava à estrada principal. Jane tinha passado a tarde em Green Gables com Anne, que se ofereceu para acompanhar a amiga durante parte do caminho para casa. Ao passarem pela cerca, elas encontraram Gilbert, e os três falaram sobre o fatídico dia seguinte: o primeiro dia de setembro, quando as escolas voltariam a funcionar, após as férias. Jane iria para Newbridge, e Gilbert, para White Sands.

– Vocês dois levam uma vantagem sobre mim – Anne suspirou. – Vão ensinar crianças que não conhecem vocês, enquanto eu tenho de lecionar para alunos da mesma escola que frequentei, e a senhora Lynde receia que eles não me respeitem tanto quanto fariam se eu fosse uma estranha, a não ser que eu seja muito brava desde o início. Porém, não penso que uma professora deva ser brava. Oh, isso parece uma responsabilidade tão grande!

– Acho que vamos nos sair muito bem – disse Jane, tranquila. Jane não era perturbada por nenhuma aspiração a influenciar as pessoas para o bem. Desejava somente ganhar seu salário de maneira justa, agradar os administradores da escola e ter seu nome no Livro de Honra do inspetor, isto é, no rol de pessoas admiradas e respeitadas por ele. Ambições mais altas ela não tinha nenhuma. – O mais importante de tudo é manter a ordem, e, para isso, um professor tem de ser um pouco severo mesmo. Se meus alunos não me obedecerem, vou puni-los.

– Como?

– Com uma boa chicotada, claro.

– Oh, Jane, você não faria isso! – Anne exclamou, chocada. – Jane, você *não* seria capaz de fazer isso!

– Com certeza, eu seria capaz, e faria, se o aluno merecesse – Jane respondeu, decidida.

– Eu *jamais* poderia chicotear uma criança – Anne retrucou, com a mesma firmeza. – Não acredito na eficácia desse método, *de jeito nenhum*. A senhorita Stacy nunca nos açoitou, e sempre manteve a ordem. Já o senhor Phillips sempre fazia isso, e, no entanto, nunca conseguiu disciplina. Não, se eu não for capaz de lecionar sem usar um chicote, prefiro não ser professora. Há métodos melhores de lidar com os alunos. Vou tentar conquistar o afeto deles e, assim, todos vão *desejar* me obedecer.

– E se isso não acontecer? – perguntou Jane, sempre muito prática.

– Eu não os açoitaria, em nenhuma circunstância. Tenho certeza de que isso não seria nada benéfico. Oh, não bata em seus alunos, Jane querida, independentemente do que eles fizerem.

– O que você pensa sobre isso, Gilbert? – Jane indagou. – Não acha que existem crianças que realmente precisam de uma chicotada, de vez em quando?

– Você não acha que é uma crueldade, uma barbaridade, açoitar uma criança? *Qualquer* criança? – Anne perguntou, com o rosto enrubescido por tanta veemência.

– Bem – Gilbert respondeu lentamente, dividido entre suas convicções reais e seu desejo de corresponder aos ideais de Anne –, há o que dizer sobre ambas as opiniões. Não acredito *muito* que bater em crianças seja benéfico. Penso, como você diz, Anne, que, por via de regra, existem métodos melhores, e que a punição corporal deve ser o último recurso. Entretanto, por outro lado, como Jane disse, há uma criança ou outra que não pode ser controlada de nenhum outro modo, e que, em resumo, precisa de uma chibatada, sim, e se tornaria uma pessoa melhor se recebesse uma. Punição corporal como último recurso é a minha regra.

Na tentativa de agradar os dois lados, Gilbert conseguiu, como é de costume e muito certo, não agradar nenhum dos dois. Jane balançou a cabeça e afirmou:

– Vou bater em meus alunos quando fizerem por merecer. É a maneira mais rápida e fácil de convencê-los a se comportar bem.

Anne lançou um olhar decepcionado para Gilbert.

– Nunca vou açoitar uma criança – repetiu firmemente. – Tenho certeza de que isso não é certo, nem necessário.

– Suponha que um garoto responda de forma rude e desrespeitosa quando você lhe disser para fazer alguma coisa... – Jane argumentou.

– Vou mantê-lo na escola, depois das aulas, e conversar com ele de um modo gentil, mas firme – Anne explicou. – Todas as pessoas têm algo de bom, se soubermos encontrar. É um dever do professor detectar e desenvolver essa qualidade no aluno. Foi o que nosso professor de Administração Escolar, na Queen's, nos ensinou, vocês sabem disso. Aham que, chicoteando uma criança, podem encontrar algo de bom nela? Como diz o professor Rennie, é muito mais importante influenciar as crianças a fazerem o bem do que ensiná-las a ler, escrever e fazer operações aritméticas.

– Mas, Anne, preste atenção, são essas três habilidades que o inspetor examina nas crianças, e ele não vai fazer um bom relatório sobre sua prática docente, se seus alunos não alcançarem os padrões esperados – Jane protestou.

– Prefiro que meus alunos me amem, e que, depois de anos, olhem para trás e me vejam como alguém que os ajudou muito, do que constar na lista de pessoas admiradas e respeitadas – Anne afirmou, com determinação.

– Você não castigaria as crianças de jeito nenhum, mesmo se elas se comportassem mal?

– Oh, sim, suponho que tenha de fazer isso, embora eu saiba que vou odiar agir assim. Mas é sempre possível não deixá-las sair para brincar durante o recreio, ou deixá-las de pé no estrado

em frente ao quadro, ou, ainda, mandá-las escrever muitas frases.

– Imagino que não vá punir as meninas mandando que se sentem com os meninos... – disse Jane maliciosamente.

Gilbert e Anne trocaram olhares e sorriram, constrangidos. Lembraram-se daquela vez em que, anos antes, Anne havia sido obrigada, como castigo, a se sentar ao lado de Gilbert na sala de aula, e de como as consequências daquilo foram tristes e amargas.

– Bem, o tempo dirá qual é o melhor método – Jane declarou, filosoficamente, quando eles se despediram.

Anne voltou para Green Gables pela Trilha das Bétulas – sombria, com cheiro de samambaia e ruídos de folhas agitadas pelo vento; depois, atravessou o Vale das Violetas, passou pela Lagoa dos Salgueiros, onde a escuridão e a luz se beijavam sob os abetos, e seguiu pela Vereda dos Apaixonados – lugares que, tanto tempo atrás, ela e Diana tinham batizado com esses nomes. Andou devagar, saboreando o aroma doce do bosque e do campo sob o crepúsculo estrelado do verão, e pensando seriamente sobre as novas responsabilidades que assumiria a partir da manhã seguinte. Quando estava bem perto de casa, ouviu a voz alta e decidida da senhora Lynde sair pela janela aberta da cozinha.

“A senhora Lynde veio até aqui para me dar bons conselhos sobre o dia de amanhã”, Anne pensou, enquanto fazia uma careta. “Mas não vou entrar. Os conselhos dela são como as pimentas, eu acho... são excelentes em pequenas quantidades, mas estragam o sabor dos pratos, se usadas em grandes doses. Em vez de entrar, vou dar a volta, rápido, e conversar um pouco com o senhor Harrison.”

Essa não era a primeira vez que Anne ia à casa do senhor Harrison para conversar um pouco. Desde o inusitado episódio da venda da vaca Jersey, ela já tinha ido lá várias vezes, e os dois haviam se tornado muito bons amigos, embora, em certos momentos, ela achasse a franqueza do vizinho, da qual ele tanto se orgulhava, bastante incômoda. Ginger continuava a encará-la com desconfiança e nunca deixava de cumprimentá-la sarcasticamente como “coisinha vermelha”. O senhor Harrison tinha tentado, em vão, acabar com esse hábito do papagaio. Sempre que via Anne se aproximar, o homem pulava, cheio de entusiasmo, e exclamava:

– Bendita seja a minha alma! Lá vem aquela menina linda outra vez! – ou algo igualmente lisonjeiro.

Porém, Ginger nunca se deixou enganar por esse plano, e simplesmente fez questão de desprezá-lo.

Anne jamais saberia quantos elogios o senhor Harrison lhe dedicava, sem seu conhecimento; ele, de fato, nunca a elogiou em sua presença.

– Bem, suponho que a senhorita tenha voltado ao bosque para buscar um suprimento de varas para usar como chicote amanhã... – foi como ele a cumprimentou, enquanto Anne subia os degraus da varanda.

– Não, de maneira nenhuma! – ela respondeu, indignada. Anne era um excelente alvo para provocações, já que levava tudo muito a sério. – Em minha escola, nunca vou ter uma vara para açoitar os alunos, senhor Harrison. Logicamente, vou precisar de uma para apontar o que quero que eles vejam, mas vou usá-la *somente* para direcionar a atenção deles.

– Então, em vez disso, pretende usar uma correia? Bem, não sei... é, acho que está certa. Com uma vara, o efeito é maior na hora, mas, com a correia, ele dura mais tempo... isso é verdade.

– *Nunca* vou usar nada desse tipo. Não vou açoitar meus alunos.

– Bendita seja a minha alma! – exclamou o senhor Harrison, profundamente surpreso. –

Sendo assim, como a senhorita planeja manter a ordem na escola?

– Através da afeição, senhor Harrison.

– Isso não vai dar certo – o homem protestou. – Não vai mesmo, Anne. Como diz o ditado, “criança que não é castigada é criança estragada”. Quando eu frequentava a escola, o professor me açoitava praticamente todos os dias. Argumentava que se, por acaso, eu não estava fazendo alguma travessura naquele momento, certamente estaria tramando alguma.

– Os métodos mudaram desde o tempo em que o senhor frequentava a escola, senhor Harrison.

– Mas a natureza humana não mudou. Agora, preste atenção nisto: a senhorita jamais conseguirá controlar seus alunos, a menos que tenha em mãos uma forma de castigá-los. Caso contrário, será impossível.

– Ora, primeiro, vou tentar agir do meu jeito – afirmou Anne, que tinha muita força de vontade e estava obstinadamente apegada a suas teorias.

– Estou vendo que a senhorita é mesmo muito teimosa – foi a resposta do senhor Harrison. – Bem... bem, não perdemos por esperar. Um dia, quando ficar terrivelmente irritada e impaciente – e pessoas com cabelos como o seu tendem a ser irritadiças –, a senhorita vai se esquecer de suas belas ideias moderninhas, e vai dar uma boa surra em alguns alunos. De qualquer modo, a senhorita é jovem demais para lecionar... excessivamente jovem e imatura.

Anne foi para a cama, naquela noite, com um estado de espírito bem pessimista. Dormiu pouco, e estava tão pálida e com uma expressão tão trágica no rosto, durante o café da manhã, que Marilla ficou alarmada e insistiu para que ela tomasse uma xícara bem quente de chá de gengibre. Anne tomou a bebida pacientemente, em pequenos goles, apesar de não conseguir imaginar como e por que um chá de gengibre lhe faria bem naquele momento. Se fosse alguma poção mágica, com poderes para lhe proporcionar idade e experiência, ela teria engolido um quarto do conteúdo da xícara de uma só vez, sem hesitar.

– E se eu falhar, Marilla?

– Você dificilmente falhará completamente em apenas um dia, e ainda há muitos dias pela frente – Marilla falou. – Seu problema, Anne, é que você espera ensinar tudo a essas crianças e corrigir todos os seus defeitos imediatamente; e, se não conseguir isso, vai achar que falhou.





CAPÍTULO V

*Uma professora  
em ação*



Quando Anne chegou à escola naquela manhã – pela primeira vez, em toda a sua vida, ela havia atravessado a Trilha das Bétulas surda e cega às suas belezas –, tudo estava tranquilo e silencioso. A professora anterior tinha treinado as crianças para ficarem em seus lugares, quando ela chegasse, e, no momento em que Anne entrou na sala de aula, se deparou com fileiras bem organizadas de pequenos e reluzentes rostos matinais, com olhos brilhantes e curiosos. Então, ela pendurou seu chapéu e ficou frente a frente com seus alunos, esperando não parecer tão assustada e tola como se sentia, e que eles não percebessem o quanto ela estava tremendo.

Na noite anterior, Anne havia ficado acordada até quase meia-noite, preparando um discurso que pretendia fazer para seus alunos no primeiro dia de aula. Tinha revisado e aperfeiçoado cuidadosamente suas palavras e, em seguida, memorizado tudo o que pretendia dizer. Era um discurso muito bom, que continha algumas ideias bastante interessantes, especialmente sobre ajuda mútua e sobre esforço e perseverança na busca pelo conhecimento. O único problema foi que, naquele instante, ela não pôde se lembrar de nenhuma das palavras que planejava dizer.

Depois do que lhe pareceu um ano – e que, na verdade, foram cerca de dez segundos –, ela falou, com voz fraca: – Peguem suas Bíblias, por favor.

Em seguida, afundou-se, ofegante, em sua cadeira, sentindo-se protegida pelo barulho das tampas das carteiras sendo abertas e fechadas. E, enquanto as crianças liam seus versículos, Anne ordenou seus pensamentos confusos e observou aquela turma de pequenos peregrinos que seguiam rumo à “Terra dos Adultos”.

Logicamente, Anne conhecia bem a maioria deles. Seus colegas de classe tinham se formado no ano anterior, mas todos os demais haviam frequentado a escola com ela, exceto os iniciantes e dez recém-chegados a Avonlea. Ela sentiu secretamente mais interesse nesses dez novatos do que nos outros, cujas possibilidades já estavam razoavelmente definidas em sua mente. Era bastante provável que esses meninos fossem crianças normais, como as outras, mas, por outro

lado, ela pensou, bem que *poderia* haver um gênio entre elas. Essa era uma ideia emocionante e animadora.

Sentado sozinho em uma carteira no canto da sala, estava Anthony Pye. Ele tinha um rosto pequeno, de semblante sombrio e mal-humorado, e encarava Anne com uma expressão hostil nos olhos escuros. Então, ela decidiu imediatamente que conquistaria a afeição daquele garoto e, com isso, deixaria os Pye totalmente desconcertados.

Em outro canto, um menino desconhecido estava sentado ao lado de Arty Sloane; era pequeno, com uma expressão alegre no rosto sardento, um nariz arrebitado, olhos azuis e grandes e cílios claros: provavelmente, o menino da família Donnell. E, se a semelhança vale como parâmetro, pode-se dizer que sua irmã estava sentada do outro lado do corredor entre as carteiras, ao lado Mary Bell. Anne se perguntou que espécie de mãe, capaz de mandar a filha vestida daquela maneira para a escola, aquela menina possuía. Ela usava um vestido descorado, de seda cor-de-rosa, enfeitado com uma grande quantidade de renda de algodão, meias, também de seda, e sapatos encardidos. Seu cabelo castanho-claro havia sido torturado até formar inumeráveis cachos bem encaracolados e nem um pouco naturais, presos por um laço de fita cor-de-rosa extravagante e maior do que sua cabeça. Contudo, a julgar pela expressão em seu rosto, ela estava muito satisfeita consigo mesma.

“Aquele menina pequena e pálida, com ondas suaves de cabelo castanho fino e sedoso caindo sobre os ombros” – Anne pensou – “deve ser Annetta Bell, cujos parentes haviam residido no distrito atendido pela escola de Newbridge, mas que, por terem se mudado para uns 45 metros ao norte de onde moravam, agora estavam em Avonlea”.

Certamente, as três garotinhas pálidas apertadas em um só assento eram da família Cotton; e não havia dúvida nenhuma de que a bela menina – com longos cachos castanhos e olhos cor de avelã – que, por cima de sua Bíblia, lançava olhares doces para Jack Gillis, era Prillie Rogerson. Seu pai tinha se casado recentemente com uma segunda esposa e trazido a filha da casa de sua avó, em Grafton, para morar com ele.

A princípio, Anne não identificou quem era uma garota alta e desajeitada, que parecia ter pés e mãos grandes demais e que estava sentada em um banco no fundo da sala, mas depois descobriu que seu nome era Barbara Shaw e que ela tinha vindo morar com uma tia que era habitante de Avonlea. Posteriormente, Anne descobriu que, quando Barbara conseguia andar pelo corredor sem cair sobre os próprios pés ou sobre os pés de outra pessoa, os estudantes de Avonlea escreviam o fato raro na parede da varanda, para comemorar.

Mas quando os olhos da professora encontraram os do menino sentado em uma carteira na primeira fila, bem à sua frente, ela sentiu uma emoção estranha, como se tivesse acabado de se deparar com o gênio que imaginara estar naquela sala de aula. Anne sabia que, sem dúvida, o garoto era Paul Irving, e que, pelo menos naquela ocasião, a senhora Rachel Lynde estava certa ao profetizar que ele seria diferente das crianças de Avonlea. Mais do que isso, ela compreendeu que ele era diferente das crianças de qualquer outro lugar e que uma alma irmã da sua a observava sutilmente por trás daqueles olhos azul-escuros que olhavam tão fixamente para ela.

Anne sabia, também, que Paul estava com 10 anos de idade, embora não parecesse ter mais do que 8. Ele possuía o rosto mais bonito que ela já tinha visto em uma criança: os traços eram de uma delicadeza e um refinamento extraordinários, emoldurados por uma auréola de cachos castanhos. Sua boca era linda, com lábios bem vermelhos, cheios em uma proporção perfeita, e que se tocavam suavemente e se curvavam, formando cantos finamente acabados, quase criando covinhas. Sua expressão era séria, grave, meditativa, como se seu espírito fosse bem mais velho



do que seu corpo. Porém, quando Anne sorriu ternamente para ele, essa expressão desapareceu, dando lugar a um sorriso repentino, que pareceu iluminar todo o seu ser, como se subitamente uma lâmpada muito forte tivesse se acendido dentro dele, espalhando sua luz da cabeça aos pés do garoto. E o melhor de tudo é que isso foi involuntário; não decorreu de nenhum esforço ou motivo externo, mas simplesmente do aparecimento de uma personalidade oculta – rara, pura e doce. Assim, com uma rápida troca de sorrisos, Anne e Paul se tornaram amigos muito próximos, e para sempre, antes mesmo que qualquer palavra fosse dita.

O dia se passou como um sonho. Anne nunca conseguiria se lembrar claramente dele. Quase lhe pareceu que não tinha sido ela quem lecionou, e sim outra pessoa. Mecanicamente, a professora arguiu a turma, trabalhou com operações matemáticas e pediu que os alunos fizessem cópias. As crianças se comportaram bastante bem; só ocorreram dois casos de indisciplina.

Morley Andrews foi flagrado conduzindo, ao longo do corredor, um par de grilos treinados. Anne fez com que ele ficasse de pé sobre o estrado em frente ao quadro-negro por uma hora e – o que tocou Morley mais profundamente – confiscou os grilos. Colocou-os em uma caixa e, no caminho de volta da escola, libertou os insetos no Vale das Violetas; entretanto, Morley acreditou, naquele dia e para sempre, que ela tinha levado os grilos para casa e mantido os insetos lá, para sua própria diversão.

O outro aluno malcomportado foi Anthony Pye, que derramou as últimas gotas de água de sua garrafa de ardósia na nuca de Aurelia Clay. Anne ordenou que ele ficasse na sala de aula durante o recreio e conversou com o menino sobre o que era esperado de cavalheiros, advertindo-o que eles nunca derramariam água nas nucas das damas. Em seguida, disse que desejava que todos os seus alunos fossem cavalheiros. Seu breve discurso foi bastante amável e comovente; apesar disso, e infelizmente, Anthony permaneceu insensível. Ouviu as palavras de Anne em silêncio, com a mesma expressão carrancuda e, por fim, saiu assoviando com desdém. Anne suspirou. Depois animou-se, ao lembrar que a conquista da afeição de um Pye – assim como a construção de Roma – não era um trabalho que poderia ser realizado em apenas um dia. Certamente, era possível duvidar até de que alguns Pye possuíssem alguma afeição para ser conquistada. Contudo, Anne tinha esperanças de encontrar qualidades em Anthony, que parecia ser um bom menino, se alguém um dia conseguisse quebrar a barreira que ocultava seus sentimentos verdadeiros.

Quando a aula terminou e as crianças deixaram a escola, a professora se sentou, exausta, em sua cadeira. Sua cabeça doía, e ela se sentia triste e desencorajada. Na verdade, não havia motivo real para desânimo, pois nada de muito terrível havia ocorrido; mas a jovem estava muito cansada e inclinada a acreditar que nunca aprenderia a gostar de ensinar. Oh, como seria horrível fazer, todos os dias, uma coisa da qual não gostasse, e por... suponhamos... quarenta anos! Ela não sabia se deveria chorar imediatamente, ali e naquele momento, ou se seria melhor esperar até estar segura em casa, em seu adorado quartinho branco.

No entanto, antes que pudesse se decidir, Anne escutou um barulho de passos com sapato de salto alto e do farfalhar de uma saia de seda na varanda da escola e, logo em seguida, se viu diante de uma senhora cuja aparência a fez se lembrar de uma crítica recente do senhor Harrison a uma mulher vestida de forma exagerada que ele tinha visto em uma loja de Charlottetown: “Ela parecia uma colisão frontal entre uma pessoa que se veste com o que está na última moda e um verdadeiro pesadelo”.

A recém-chegada estava notavelmente trajada com um vestido de verão, de seda azul-claro, com mangas bufantes e babados e franzidos em todos os lugares em que esses enfeites puderam

ser colocados. Usava um chapéu de chiffon enorme, enfeitado com três penas de avestruz, longas e finas. Um véu também de chiffon, cor-de-rosa, abundantemente polvilhado com bolinhas pretas grandes, pendia da aba do chapéu e ia até seus ombros, onde se dividia em duas faixas que flutuavam sobre as costas. Além disso, estava com todas as joias que cabiam em uma mulher pequena, e exalava um forte perfume.

– Sou a senhora Donnell... senhora H. B. Donnell – a visitante anunciou. – Vim até aqui para conversarmos sobre uma coisa que Clarice Almira me contou, quando almoçou comigo hoje. Isso me deixou excessivamente chateada.

– Oh, sinto muito! – foi o que Anne pôde falar, enquanto tentava, em vão, se lembrar de qualquer incidente da manhã relacionado às crianças da família Donnell.

– Clarice Almira me disse que a senhorita pronunciou nosso nome como Donnell. Agora, ouça bem, senhorita Shirley, a pronúncia correta de nosso nome é Donnell... a ênfase é no final da palavra. Espero que se lembre disso, no futuro.

– Prometo tentar – Anne falou, reprimindo uma forte vontade de rir. – Eu sei, por experiência própria, o quanto é desagradável ouvir seu nome soletrado incorretamente; portanto, posso imaginar que deve ser ainda pior ouvi-lo pronunciado erradamente.

– Certamente é. E Clarice Almira também me disse que a senhorita chama meu filho de Jacob.

– Ora, ele me disse que seu nome é Jacob – Anne protestou.

– Eu deveria ter imaginado isso – disse a senhora H. B. Donnell, em um tom que dava a entender que não se deve esperar reconhecimento de uma criança dessa geração “estragada”. – Aquele menino tem um gosto tão plebeu, senhorita Shirley! Quando ele nasceu, eu queria que seu nome fosse Saint Clair... soa tão aristocrático, não acha? Mas o pai insistiu que ele se chamasse Jacob, para homenagear um tio. Eu cedi, porque tio Jacob era um senhor muito idoso e rico... e solteiro. E sabe o que aconteceu, senhorita Shirley? Quando nosso inocente menino estava com 5 anos de idade, o velho tio Jacob inventou de se casar... e agora tem seus próprios filhos... três filhos! Já ouviu falar em tamanha ingratidão? No momento em que o convite para seu casamento – pois ele teve o atrevimento de nos enviar um convite, senhorita Shirley – chegou à nossa casa, eu disse: “Para mim, chega de Jacobs, obrigada”. A partir daquele dia, chamo meu filho de Saint Clair, e estou determinada que é esse o seu nome. O pai persiste obstinadamente em chamá-lo de Jacob, e o próprio garoto tem uma preferência totalmente inexplicável por esse nome vulgar. Mas ele é Saint Clair, e Saint Clair ele deve permanecer. A senhorita vai gentilmente se lembrar sempre disso, não vai, senhorita Shirley? Muito obrigada. Falei com Clarice Almira que eu tinha certeza de que se tratava apenas de um mal-entendido, e que uma simples conversa resolveria tudo. Donnell... ênfase na última sílaba... e Saint Clair... em hipótese nenhuma, Jacob. A senhorita vai se lembrar? Muito obrigada.

Assim que a senhora H. B. Donnell foi embora, Anne trancou a porta da escola e foi para casa. Na Trilha das Bétulas, perto do pé da colina, ela encontrou Paul Irving, que lhe entregou um buquê de delicadas orquídeas silvestres, que as crianças de Avonlea chamavam de “lírios de arroz”.

– Com licença, professora! Encontrei essas flores no campo do senhor Wright – ele disse timidamente –, e voltei, porque achei que gostaria delas... e porque... – o menino ergueu os olhos grandes e bonitos – ...porque eu gosto da senhorita, professora.

– Oh, meu querido! – Anne exclamou, enquanto pegava as flores perfumadas.

Como se as palavras de Paul tivessem sido um passe de mágica, o desânimo e o cansaço desapareceram do espírito e do corpo de Anne, e a esperança aflorou em seu coração como uma

fonte de águas dançantes. E assim ela percorreu a Trilha das Bétulas com leveza, acompanhada pela doçura de suas orquídeas, como se elas fossem uma espécie de bênção.

– Então, como você se saiu na escola? – Marilla quis saber.

– Oh, Marilla, me pergunte isso daqui a um mês, e talvez eu saiba responder. Agora, não é possível dizer... Nem eu mesma sei... Está tudo muito recente. Parece que meus pensamentos foram todos chacoalhados até ficarem turvos e confusos. A única coisa que tenho certeza de que realizei com sucesso foi ensinar Cliffie Wright que A é A. Ele nunca soube disso antes. Não é algo como ter mostrado a uma alma um caminho que pode terminar em Shakespeare e no poema épico Paraíso Perdido,<sup>\*\*\*</sup> de John Milton?

A senhora Lynde foi fazer uma visita no final da tarde, trazendo mais encorajamento. A boa senhora havia abordado os alunos da escola, quando passaram por seu portão, e perguntado o que tinham achado da nova professora.

– E todos eles responderam que adoraram você, Anne, exceto Anthony Pye. Tenho de admitir que ele não a elogiou; disse apenas que você “não tem nada de especial, é somente uma professora como todas as outras”. Esse é o incentivo dos Pye para você. Mas não se importe com isso.

– Não vou me importar – Anne falou calmamente. – E ainda vou fazer Anthony Pye gostar de mim. Com paciência e afeto, vou acabar conquistando esse menino.

– Bem, nunca se pode afirmar nada sobre um Pye – disse a senhora Lynde, cautelosa. – Eles são sempre imprevisíveis... assim como os sonhos. Quanto àquela senhora Donnell, posso afirmar que ela não vai ouvir nenhum Donnell saído de minha boca. O nome é, e sempre foi, Donnell. Aquela mulher é doida, essa é a verdade. Ela tem um cachorro da raça pug, aqueles pequenos, com focinho achatado e cauda enrolada, que ela chama de Queenie e que faz suas refeições à mesa, junto com a família, comendo em um prato de porcelana. Se eu fosse ela, teria medo de ser julgada. Thomas diz que o marido é um homem sensato e trabalhador, mas não teve bom senso quando escolheu a esposa, essa é a verdade.



CAPÍTULO VI

*Todos os tipos e  
temperamentos de homens...  
e mulheres*



Um dia de setembro nas colinas de Prince Edward Island. Um vento fresco, vindo do mar, soprando sobre as dunas; uma estrada vermelha e comprida serpenteando nos campos e bosques, ora se curvando ao redor de um conjunto denso de abetos, ora passando por uma plantação de bordos\*\*\*\* jovens, sobre um tapete de samambaias, ora mergulhando em um vale, onde um riacho sai de um bosque e logo entra nele de novo, ora se expondo ao brilho do sol, entre uma faixa de flores douradas e outra de flores azuis; um ar agitado pelos ruídos de inúmeros grilos – aqueles pequenos e felizes hóspedes das colinas, durante o verão; um pônei marrom gorducho trotando ao longo da estrada, com duas mocinhas sobre ele, ambas desfrutando a alegria simples e inestimável da juventude e da vida.

– Oh, este é um dia que sobrou do Éden, não é, Diana? – Anne suspirou, sentindo a mais pura felicidade. – O ar está cheio de magia. Olhe para aquele tom de roxo naquela plantação, ali, no fundo do vale, Diana! E... oh, sinta o cheiro dos abetos quase secos! O perfume está vindo daquela planície ensolarada lá, onde o senhor Eben Wright tem cortado estacas para cercas. Que grande felicidade estar viva em um dia como este! Oh, Diana, sentir o aroma desses abetos é como estar no paraíso... Isso tem muito daquele poeta romântico inglês, William Wordsworth,\*\*\*\*\* mas tem um pouco de Anne Shirley também. Não parece possível haver abetos perdendo o viço no paraíso, parece? Mas não acho que o paraíso seria realmente perfeito se não pudéssemos sentir, enquanto andássemos pelos bosques, o cheiro de abetos secando. Talvez haja esse perfume lá, sem que seja necessário que as árvores sequem. É, acho que é assim; esse aroma delicioso deve vir das almas dos abetos... e, claro, só existem almas no paraíso.

– Árvores não têm alma – afirmou Diana, sempre prática. – Mas, sem dúvida, o cheiro dos abetos secos é mesmo delicioso. Vou fazer uma almofada e preenchê-la com folhas de abetos. Você também deveria fazer uma, Anne.

– Acho que vou fazer... e usá-la em meus cochilos. Com certeza, vou sonhar, nessas ocasiões, que sou uma dríade, ou uma ninfa do bosque. Porém, neste momento, estou muito contente em ser Anne Shirley, professora da escola de Avonlea, percorrendo uma estrada como esta em um dia tão lindo e agradável.

– O dia está realmente agradável, mas temos uma tarefa pela frente que pode ser qualquer coisa, exceto agradável – Diana suspirou. – Onde você estava com a cabeça, Anne, quando se ofereceu para coletar doações por aqui? Todas as pessoas esquisitas de Avonlea moram nesta estrada, e é bem provável que sejamos tratadas como se estivéssemos pedindo esmolas para nós mesmas. De todas, esta é a pior região.

– Foi por isso que eu escolhi esta estrada. É lógico que Gilbert e Fred teriam ficado com ela, se pedíssemos. Mas pense bem, Diana, eu me sinto profundamente responsável pela Sociedade para Melhorias em Avonlea, já que fui a primeira pessoa a sugerir sua criação; por isso, acho que *eu* devo fazer as coisas mais desagradáveis. Sinto muito por você, mas não se preocupe, não vai precisar dizer nada nas casas dos excêntricos. Eu falo tudo... A senhora Lynde afirmaria que sou perfeitamente apta para isso. Ela só não sabe se deve aprovar, ou não, esse nosso empreendimento. A senhora Lynde tende a concordar com ele, quando lembra que o senhor e a senhora Allan são favoráveis ao projeto; entretanto, o fato de que as primeiras sociedades para melhorias de comunidades surgiram nos Estados Unidos é um argumento contra essa nossa iniciativa. Então, ela está hesitando entre duas opiniões, e, aos seus olhos, apenas o sucesso pode justificar nosso empreendimento. Priscilla vai escrever um texto para a próxima reunião da Sociedade, e estou achando que ele vai ser muito bom, porque a tia dela é uma excelente escritora, e, sem dúvida, isso é uma característica de família. Nunca vou me esquecer da emoção que senti quando descobri que a senhora Charlotte E. Morgan é tia de Priscilla. Foi tão maravilhoso pensar que eu era amiga da garota cuja tia escreveu *Dias em Edgewood* e *O jardim dos botões de rosa*!

– Onde a senhora Morgan reside?

– Em Toronto. Priscilla disse que a tia vem visitar nossa ilha no próximo verão e que, se for possível, vai dar um jeito de nos encontrarmos com ela. Isso parece bom demais para ser verdade... mas é uma coisa muito boa de pensar, à noite, quando estamos na cama.

A Sociedade para Melhorias em Avonlea estava muito bem organizada. Gilbert Blythe era o presidente; Fred Wright, o vice-presidente; Anne Shirley, a secretária; e Diana Barry, a tesoureira. Os “melhoradores”, como foram prontamente batizados, se reuniam uma vez a cada quinze dias nas casas dos membros da sociedade, alternadamente. Todos haviam admitido que não seria possível esperar muitas melhorias naquela época do ano. Porém, pretendiam planejar a campanha do próximo verão, conhecer e discutir novas ideias, escrever e ler textos e, como Anne disse, antes de tudo, “sensibilizar as pessoas”.

Havia manifestações de desaprovação ao projeto, claro, e – o que mais incomodava os melhoradores – uma boa dose de ridicularização. Dizia-se que o senhor Elisha Wright tinha falado que um nome mais apropriado para aquela organização seria “Clube do Flerte”. A senhora Hiram Sloane declarou que tinha ficado sabendo que os melhoradores pretendiam lavrar a terra na beira das ruas e estradas e plantar gerânios. O senhor Levi Boulter preveniu seus vizinhos de que os melhoradores insistiriam para que todos eles demolissem suas casas e as reconstruíssem, de acordo com projetos arquitetônicos aprovados pela Sociedade para Melhorias.

O senhor James Spencer mandou dizer que gostaria muito que eles gentilmente capinassem a colina onde ficava a igreja. Eben Wright contou a Anne que desejava que os melhoradores

persuadissem o velho Josiah Sloane a manter seu bigode sempre aparado. Já o senhor Lawrence Bell falou que até aceitaria caiar seus celeiros, se eles realmente quisessem isso, mas que *já* jamais penduraria cortinas de renda nas janelas do estábulo das vacas. O Major Spencer perguntou a Clifton Sloane, um melhorador que levava o leite para a fábrica de queijos de Carmody, se era verdade que, no verão seguinte, todos os produtores de leite teriam de pintar à mão suas leiteiras e enfeitá-las com paninhos bordados.

Apesar disso – ou, talvez, levando em consideração a natureza humana, por causa disso –, a Sociedade decidiu corajosamente investir na única melhoria que podiam esperar concluir naquele outono. Na segunda reunião, na sala de visitas da casa da família Barry, Oliver Sloane propôs que comessem uma campanha para pintar o Clube Social e refazer seu telhado. Julia Bell apoiou, com uma desconfortável sensação de que estava tomando uma atitude que não era exatamente feminina. Gilbert formulou a proposta, que foi aprovada por unanimidade; e Anne redigiu solenemente a ata da reunião.

A próxima etapa foi nomear um comitê, e Gertie Pye, determinada a não permitir que Julia Bell brilhasse mais do que ela, sugeriu imediatamente que a senhorita Jane Andrews fosse presidente daquela comissão que estava se formando. Tendo sido a proposta devidamente aceita e colocada em prática, Jane devolveu a gentileza indicando Gertie para fazer parte do comitê, juntamente com Gilbert, Anne, Diana e Fred Wright. Em seguida, esse grupo definiu suas estratégias, em uma reunião secreta. Anne e Diana ficaram encarregadas de percorrer a estrada para Newbridge; Gilbert e Fred, a de White Sands; e Jane e Gertie, a de Carmody.

– Todos os Pye moram na estrada para Carmody – Gilbert explicou a Anne, quando caminhavam pelo Bosque Assombrado, na volta para casa. – E eles não vão doar nem mesmo um centavo, a menos que um deles peça.

No sábado seguinte, Anne e Diana deram início à sua campanha; foram direto até o final da estrada e voltaram, passando de casa em casa. A primeira visita foi às “meninas” da família Andrews.

– Se Catherine estiver sozinha, pode ser que consigamos alguma coisa – Diana falou –, mas, se Eliza estiver em casa, não vamos arrecadar nada.

Eliza estava lá, na sala de visitas, e parecia ainda mais carrancuda do que de costume. A senhorita Eliza era uma daquelas pessoas que nos dão a impressão de que a vida é realmente um vale de lágrimas, e de que um sorriso – para não mencionar, de forma alguma, uma gargalhada – é um desperdício de energia verdadeiramente repreensível. As duas irmãs Andrews tinham sido “meninas” por cinquenta anos, e provavelmente continuariam sendo meninas até o fim de sua passagem pela Terra. Dizia-se que Catherine não havia perdido completamente as esperanças, mas que Eliza, que já havia nascido pessimista, nunca teve nenhuma. Elas moravam em uma pequena casa marrom, construída em um canto ensolarado do bosque de Mark Andrews. Eliza se queixava de que o lugar era terrivelmente quente no verão, mas Catherine costumava dizer que era agradavelmente morno no inverno.

Eliza estava montando um *patchwork*,<sup>\*\*\*\*\*</sup> não porque fosse necessário, mas simplesmente como um protesto contra a fútil renda de crochê que Catherine estava fazendo. Eliza ouviu, de cara fechada, e Catherine, com um sorriso no rosto, enquanto Anne e Diana explicavam o plano da Sociedade. É verdade que sempre que os olhos de Catherine encontravam os de Eliza, ela se sentia culpada e confusa e reprimia o sorriso; mas, no momento seguinte, ele se abria outra vez.

– Se eu tivesse dinheiro para desperdiçar – disse Eliza severamente –, talvez eu o queimasse, só para ter o prazer de ver o fogo. De modo algum eu o daria para aquele Clube Social... nem mesmo um centavo sequer. Ele não traz nenhum benefício para nossa comunidade, é só um lugar para os jovens se encontrarem e se comportarem mal, quando deveriam estar em casa, dormindo em suas camas.

– Oh, Eliza, os rapazes e as moças precisam ter alguma diversão – Catherine protestou.

– Não vejo necessidade disso. Não costumávamos perambular por clubes e lugares assim, quando éramos jovens, Catherine Andrews. Este mundo está piorando a cada dia.

– Pois eu acho que está melhorando – disse Catherine, com firmeza.

– *Você acha!* – a voz da senhorita Eliza expressava um descaso absoluto. – Não é uma questão de você *achar*, Catherine Andrews. Fatos são fatos.

– Bem, eu sempre gosto de olhar para o lado bom das coisas, Eliza.

– Não há nenhum lado bom.

– Oh, é lógico que há! – exclamou Anne, que não pôde escutar em silêncio tamanho absurdo. – Ora, sempre existem tantos lados bons, senhorita Andrews! Este é um mundo realmente belo.

– Você não vai pensar de um modo tão otimista assim quando tiver vivido nele o mesmo tempo que eu – retrucou amargamente a senhorita Eliza –, nem vai ter tanto entusiasmo para melhorá-lo. Como está sua mãe, Diana? Nossa, a saúde dela decaiu muito ultimamente. Ela parece terrivelmente abatida. E quanto tempo falta para Marilla ficar totalmente cega, Anne?

– O médico acha que... que se ela for bastante cuidadosa... seus olhos não vão piorar mais... nem um pouco – Anne respondeu, hesitante.

Eliza balançou a cabeça.

– Os médicos sempre falam assim, apenas para manter as pessoas animadas. Eu não teria muita esperança, se fosse ela. É melhor estarmos sempre preparados para o pior.

– Mas não devemos estar preparados para o melhor também? – Anne argumentou. – A probabilidade de acontecer o melhor é a mesma que a de ocorrer o pior.

– Não de acordo com minha experiência. E tenho 57 anos de vida, contra os seus 16 – retrucou Eliza. – Já estão indo embora, é? Bem, espero que essa nova sociedade de vocês seja capaz de impedir que Avonlea decaia ainda mais, mas não tenho muita esperança quanto a isso.

Anne e Diana saíram aliviadas, e se afastaram dali o mais depressa que o pônei gorducho conseguia trotar. Quando viraram a curva abaixo do bosque, uma mulher rechonchuda veio correndo sobre o pasto do senhor Andrews, acenando entusiasticamente para elas. Era Catherine Andrews, e estava tão ofegante que mal conseguia falar, mas pôs algum dinheiro nas mãos de Anne.

– Esta é minha contribuição para a pintura do Clube – ela disse, com dificuldade. – Eu queria dar uma quantia maior, mas não ousou tirar mais dinheiro da venda dos ovos, pois, se eu fizesse isso, Eliza poderia descobrir. Estou realmente interessada na sociedade de vocês, e acredito que vão fazer muitas coisas boas. Sou uma pessoa otimista. *Tenho* de ser, já que moro com Eliza. Preciso voltar para casa, antes que ela sinta minha falta... Acha que estou alimentando as galinhas. Espero que tenham boa sorte nessa campanha, e não fiquem desanimadas com o que minha irmã falou. O mundo *está* ficando melhor... com certeza, está.

A próxima casa era a de Daniel Blair.

– Agora, tudo depende da esposa dele estar, ou não, em casa – afirmou Diana, enquanto passavam, aos solavancos, por uma parte bem esburacada da estrada. – Se ela estiver, não vamos conseguir nem mesmo um centavo. Todos dizem que Dan Blair não se atreve nem a cortar o

cabelo sem pedir a permissão dela. E é fato que ela é, digamos, na melhor das hipóteses, muito controlada financeiramente. A senhora Blair fala que tem de ser justa, antes de ser generosa. Contudo, a senhora Lynde afirma que, para a senhora Blair, a justiça vem tão “antes”, que a generosidade nunca conseguiu alcançá-la.

Naquela noite, Anne contou a Marilla como tinha sido sua experiência na casa da família Blair.

– Amarramos o cavalo e batemos na porta da cozinha. Ninguém nos atendeu, mas a porta estava aberta e podíamos ouvir alguém na despensa; parecia alguém em apuros. Não conseguimos entender as palavras, mas Diana disse que, pelo som delas, eram xingamentos. Não consigo acreditar que se tratava do senhor Blair, porque ele é sempre tão tranquilo e delicado... mas a verdade é que ele estava mesmo passando por uma situação difícil, Marilla, pois, quando o pobre homem veio até a porta, vermelho como um tomate, com o suor escorrendo pelo rosto, estava usando um daqueles aventais listrados grandes da esposa. “Não consigo tirar este maldito avental”, ele disse; “o nó está muito apertado, e é impossível desatá-lo. Portanto, vão ter de me desculpar, senhoritas”. Nós pedimos a ele que não se importasse com aquilo, entramos e nos sentamos. Ele deslizou a parte da frente do avental para as costas, enrolou-a, e se sentou também, mas parecia tão envergonhado e preocupado que senti pena dele. Então, Diana perguntou se tínhamos chegado em um momento inconveniente. “Oh, não, absolutamente”, o senhor Blair respondeu, tentando sorrir... A senhora sabe, Marilla, que ele é sempre muito educado... Depois, ele acrescentou: “Estou um pouco ocupado... porque estou me preparando para assar um bolo. Minha esposa recebeu um telegrama hoje, dizendo que a irmã dela, que mora em Montreal, vai chegar no final do dia. Ela foi à estação para encontrá-la, e deixou ordens para que eu fizesse um bolo para o chá. Escreveu a receita e me explicou o que fazer, mas já esqueci completamente metade de suas instruções. Além disso, está escrito: ‘tempere a gosto’. O que quer dizer isso? Como vou saber? E se meu gosto for diferente do gosto das outras pessoas? Uma colher de sopa cheia de baunilha seria suficiente para um bolo de camadas pequeno?” Oh, Marilla, eu nunca tinha sentido tanta pena daquele pobre homem! Sem dúvida nenhuma, ele estava totalmente desorientado e perdido. Já tinha ouvido contar sobre maridos dominados pelas mulheres, mas agora vi um pessoalmente. Eu estava a ponto de dizer: “Senhor Blair, se nos doar uma contribuição para a reforma do Clube, posso fazer o bolo”. Mas logo pensei que fazer barganhas com uma criatura tão aflita não seria uma atitude muito amistosa, principalmente se tratando de um vizinho. Então, eu me ofereci para preparar o bolo para ele, sem impor absolutamente nenhuma condição. E o homem aceitou minha proposta imediatamente. Contou que, antes de se casar, estava acostumado a fazer seu próprio pão, mas temia que bolos estivessem além de sua capacidade, e odiava desapontar sua esposa. Ele buscou um avental para mim, Diana bateu os ovos e eu misturei a massa. O senhor Blair correu de lá para cá, buscando tudo de que precisávamos. Ele havia se esquecido totalmente de seu avental, e, cada vez que corria para trazer alguma coisa, o pano balançava de tal maneira que Diana disse depois que achou que ia morrer de tanto reprimir as gargalhadas. Quando a massa ficou pronta, ele afirmou que poderia assar o bolo, sem problemas... estava acostumado a isso... Em seguida, pediu nossa lista de assinaturas e doou uma quantia bem maior do que poderíamos esperar. Como vê, Marilla, fomos recompensadas. Porém, se ele não tivesse doado um centavo que fosse, ainda assim eu sentiria que, ao ajudarmos o senhor Blair naquele momento difícil, realizamos um ato verdadeiramente cristão.

A casa de Theodore White foi a próxima parada. Nem Anne nem Diana já haviam estado lá



anteriormente, e ambas tinham uma familiaridade bastante superficial com a senhora Theodore, que não era dada à hospitalidade. Elas deveriam bater na porta da frente ou na de trás? Enquanto decidiam isso, aos sussurros, a senhora Theodore apareceu na porta da frente, carregando uma pilha de jornais e, muito resoluta, espalhou-os, um por um, no chão e nos degraus da varanda, e pelo caminho até o portão, só parando aos pés de suas visitantes, totalmente perplexas.

– Vocês poderiam, por favor, secar os pés cuidadosamente na grama, e, em seguida, andar sobre os jornais? – ela pediu ansiosamente. – Acabei de varrer a casa toda, e não vou tolerar nenhuma poeira levada lá para dentro. Este caminho está um lamaçal, depois da chuva de ontem.

– Não se atreva a rir – Anne advertiu Diana, em voz baixa, enquanto caminhavam sobre os jornais. – E eu imploro, Diana, não olhe para mim, independentemente do que ela disser, ou posso não ser capaz de manter uma expressão séria no rosto.

Os jornais se estendiam pelo *hall* e seguiam até uma sala de estar meticulosamente arrumada e limpa. Anne e Diana se sentaram cautelosamente nas cadeiras mais próximas e explicaram sua missão. A mulher ouviu tudo educadamente e só as interrompeu duas vezes: a primeira, para espantar uma mosca aventureira, e a outra, para pegar um minúsculo pedaço de grama que caiu do vestido de Anne sobre o carpete. Naquele momento, Anne se sentiu miseravelmente culpada, mas, por fim, a senhora White se comprometeu a doar uma quantia razoável, e pagou à vista.

– Fez isso para evitar que tivéssemos de voltar para buscar o dinheiro – Diana comentou, depois que elas saíram de lá.

A senhora White recolheu todos os jornais, antes que elas acabassem de desamarrar o cavalo, e, enquanto se dirigiam ao portão, as duas a viram, muito ocupada, varrendo cuidadosamente o *hall*.

– Sempre ouvi dizer que a senhora White era a mulher mais asseada do mundo, e, depois disso, acredito piamente – Diana declarou, dando vazão à gargalhada reprimida, assim que sentiu que já era seguro fazer isso.

– Estou contente por ela não ter filhos – Anne afirmou solenemente. – Seria indescritivelmente terrível para eles, se tivesse.

Na residência da família Spencer, a senhora Isabella Spencer as deixou arrasadas, pois falou mal de todos os habitantes de Avonlea. O senhor Thomas Boulter se recusou a doar qualquer soma, porque o Clube, quando foi criado, vinte anos antes, não foi construído no local que ele havia recomendado. A senhora Esther Bell, que era a saúde em pessoa, passou meia hora descrevendo todas as suas dores e tristezas, e contribuiu com alguns centavos, porque não estaria lá, na mesma época do ano seguinte, para fazer isso – não, ela já estaria em seu túmulo.

Entretanto, a pior recepção que Anne e Diana tiveram foi na casa de Simon Fletcher. Quando elas abriram o portão, viram dois pares de olhos espiando pela janela da varanda. Mas, embora elas tivessem batido e esperado paciente e persistentemente, ninguém veio até a porta, e as duas garotas, decididamente irritadas e indignadas, foram embora do jardim do senhor Fletcher.

Até Anne admitiu que começava a ficar desanimada. Porém, depois daquela visita frustrada, a sorte mudou. Em seguida, vieram vários lares da família Sloane, nos quais elas obtiveram contribuições generosas, e, daquele ponto até o final do percurso, correu tudo bem, com apenas uma contrariedade ocasional.

A última parada foi na casa de Robert Dickson, perto da ponte sobre o Lago das Águas Brilhantes. Ali, elas ficaram para o chá, apesar de estarem perto de casa: não queriam correr o risco de ofender a senhora Dickson, que tinha a reputação de ser uma mulher muito sensível. Enquanto estavam lá, a senhora James White veio fazer uma visita.

– Estou vindo da residência de Lorenzo – ela anunciou. – Neste exato momento, ele é o homem mais feliz e orgulhoso de Avonlea. O que vocês acham disto? Tem um menino novinho lá... e, depois de sete filhas, agora, finalmente, um filho é um grande acontecimento, posso garantir.

Anne passou imediatamente a prestar muita atenção no que ouvia e, quando as duas amigas deixaram a casa de Robert Dickson, ela falou:

– Vou diretamente à residência de Lorenzo White.

– Mas ele mora na estrada de White Sands, e está muito distante do nosso caminho – protestou Diana. – Além disso, Gilbert e Fred vão visitá-lo.

– Eles não pretendem ir antes do próximo sábado, e, até lá, já vai ser tarde demais – disse Anne, determinada. – Lorenzo White já vai ter se acostumado com a novidade. Ele é terrivelmente sovina, mas vai contribuir para *qualquer campanha* neste momento. Não devemos perder uma oportunidade de ouro como esta, Diana.

O resultado justificou a previsão de Anne. O senhor White as encontrou no quintal, e brilhava como o sol em um domingo de Páscoa. Quando Anne pediu uma doação, ele concordou entusiasticamente.

– Claro, claro! Pode anotar aí que vou doar um dólar a mais do que a maior doação que vocês já tiveram até agora.

– Então serão 5 dólares... Daniel Blair doou quatro – Anne falou, ligeiramente temerosa, mas Lorenzo não mudou de ideia.

– Está bem... vou pagar aqui e agora. Bem, quero que vocês entrem em minha casa. Tem algo que vale a pena ver... Algo que poucas pessoas viram até agora. Apenas venham e me digam sua opinião.

– O que vamos dizer, se o bebê não for bonito? – Diana sussurrou, apreensiva, enquanto seguiam o empolgado Lorenzo, rumo ao quarto do recém-nascido.

– Oh, com certeza vamos encontrar algum outro elogio para fazer – Anne respondeu tranquilamente. – Sempre há um, quando se trata de bebês.

Contudo, o recém-nascido *era* bonito, e o senhor White sentiu que seu dinheiro valeu o encantamento sincero das garotas pelo pequeno e rechonchudo bebê. Mas é preciso dizer que essa foi a primeira, última e única vez em que Lorenzo White doou alguma coisa.

Naquele fim de tarde, mesmo exausta, Anne fez mais um esforço por Avonlea: atravessou os campos para pedir ao senhor Harrison uma doação para a campanha da Sociedade para Melhorias. Ele estava, como de costume, fumando seu cachimbo na varanda, com Ginger a seu lado. A bem da verdade, o senhor Harrison morava na estrada para Carmody, mas Jane e Gertie, que não tinham nenhuma relação com ele – só o conheciam através de relatos duvidosos –, imploraram nervosamente a Anne que pedisse sua contribuição para o projeto.

Porém, o homem recusou-se terminantemente a doar um centavo que fosse, e todos os argumentos de Anne foram em vão.

– Ora, achei que o senhor aprovava nossa sociedade – ela lamentou.

– E aprovo... de verdade... mas minha aprovação não é tão grande a ponto de interferir no meu bolso, Anne.

Na hora de ir para a cama, naquela noite, Anne falou com seu reflexo no espelho da parede do sótão do leste:

– Mais algumas experiências como as que eu tive hoje me deixariam tão pessimista quanto a senhorita Eliza Andrews.



**E**ra uma tarde amena de outubro. Anne inclinou-se para trás, na cadeira, e suspirou. Estava sentada diante de uma mesa coberta de livros didáticos e exercícios de alunos, mas as folhas cuidadosamente escritas que estavam diante dela não apresentavam nenhuma conexão aparente com estudos ou trabalhos de escola.

– Qual é o problema? – indagou Gilbert, que tinha chegado à porta aberta da cozinha exatamente no momento do suspiro.

Anne enrubescou e empurrou os papéis escritos para debaixo de algumas redações de alunos, de modo que eles ficaram fora do alcance da vista de Gilbert.

– Nada muito ruim. Só estava tentando escrever alguns de meus pensamentos, como o professor Hamilton me aconselhou, mas o resultado não me agradou. Eles parecem tão tolos e desinteressantes quando escritos com tinta preta sobre o papel branco. As ideias são como as sombras... não se pode colocá-las em uma gaiola... são coisas tão imprevisíveis... e mudam tão facilmente... Mas talvez, um dia, eu aprenda o segredo, se continuar tentando. Não tenho muito tempo livre, você sabe. Quando acabo de corrigir exercícios e composições dos meus alunos, nem sempre tenho vontade de escrever meus próprios pensamentos.

– Você está se saindo esplendidamente bem na escola, Anne. Todas as crianças gostam de você – Gilbert falou, sentando-se no degrau de pedra.

– Não, nem todas. Anthony não gosta, e *nunca* vai gostar, de mim. E o que é pior: ele não me respeita... não, não tem nenhuma consideração por mim. Simplesmente me trata com desdém; e não me importo de confessar a você que isso me preocupa terrivelmente. Não é que ele seja um menino mau... é apenas demasiadamente travesso; mas não é muito pior do que alguns outros. Anthony raramente me desobedece; no entanto, faz o que peço com um ar de desprezo e tolerância, como se não valesse a pena discutir o assunto; caso contrário, ele me questionaria... Isso tem um efeito nocivo sobre as outras crianças. Já tentei conquistá-lo de todas as maneiras, e estou começando a temer que nunca vou conseguir. Quero ganhar sua afeição, porque, afinal, ele é um menino bastante gracioso, *embora* seja um Pye, e eu poderia gostar dele, se *ele* deixasse.

– Talvez isso seja apenas consequência do que ele ouve em casa.

– Não inteiramente. Anthony é um garoto independente e toma suas próprias decisões. Antes de mim, ele sempre teve homens como professores, e afirma que mulheres não são boas mestras. Bem, vamos ver o que a paciência e o afeto podem conseguir. Gosto de vencer dificuldades, e lecionar é, sem dúvida alguma, um trabalho muito interessante. Além disso, Paul Irving compensa tudo o que falta nos outros alunos. Aquela criança é um verdadeiro encanto, Gilbert, e um gênio também. Estou convencida de que o mundo ainda vai ouvir falar dele – Anne afirmou, com grande convicção.

– Também gosto de lecionar – Gilbert falou. – Antes de tudo, porque é um bom treinamento. Sabe, aprendi muito mais nessas semanas em que venho ensinando os jovens de White Sands do que durante todos os anos em que frequentei a escola. Parece que todos nós estamos nos saindo bastante bem, Anne. Ouvi dizer que as pessoas de Newbridge gostam de Jane; e penso que a população de White Sands está razoavelmente satisfeita com este seu humilde servo aqui... todos, exceto o senhor Andrew Spencer. Ontem à noite, encontrei a senhora Peter Blewett em meu caminho para casa, e ela me disse que achava que era seu dever me informar que o senhor Spencer não aprova meus métodos.

– Você já notou – Anne perguntou, pensativa – que, quando as pessoas dizem que é seu dever lhe contar determinada coisa, você pode se preparar para ouvir algo desagradável? Por que será que elas parecem nunca achar que é um dever lhe contar as coisas boas que ouvem sobre você? A senhora H. B. Donnell foi até a escola outra vez, ontem, e me disse que pensava que era um *dever* dela me informar que a senhora Harmon Andrew não concorda que eu leia contos de fadas para as crianças; e que o senhor Rogerson acha que Prillie não está aprendendo aritmética tão rapidamente quanto deveria. Ora, se Prillie passasse menos tempo olhando para os meninos, ela poderia ter um resultado melhor. Estou quase certa de que Jack Gillis faz as operações aritméticas durante a aula para ela, apesar de eu nunca ter sido capaz de pegá-los em flagrante.

– Você conseguiu conciliar o filho promissor da senhora Donnell com seu nome sagrado?

– Sim – Anne riu. – Mas foi uma tarefa realmente difícil. No início, quando eu o chamava de Saint Clair, ele não prestava a menor atenção, até eu falar duas ou três vezes; e quando os colegas o cutucavam, ele me olhava tão magoado que era como se eu o tivesse chamado de John ou Charlie, e ele não tivesse como adivinhar que era com ele que eu estava falando. Então, um dia, pedi que ele ficasse na escola depois da aula, e lhe expliquei tudo amavelmente. Falei que sua mãe queria que eu o chamasse de Saint Clair, e que eu não podia agir contra a vontade dela. Ele entendeu o que eu disse... é um garoto muito sensato... e concordou que *eu* o chamasse de Saint Clair, mas deixou claro que vai “acabar com a raça” de qualquer um dos colegas que fizer isso. É claro que tive de repreendê-lo outra vez, agora por usar essa linguagem grosseira. Desde então, *eu* o chamo de Saint Clair, mas os meninos o chamam de Jake, e tudo fica bem. Ele me disse que quer ser carpinteiro, mas a senhora Donnell quer que eu faça dele um professor universitário.

A menção à universidade deu uma nova direção aos pensamentos de Gilbert, e, por algum tempo, eles conversaram sobre seus planos e desejos – seriamente, honestamente, esperançosamente, como os jovens adoram conversar, enquanto o futuro ainda é um caminho não percorrido, cheio de possibilidades maravilhosas.

Gilbert havia finalmente decidido que seria médico.

– É uma profissão esplêndida! – falou entusiasticamente. – Um indivíduo tem de lutar por alguma coisa durante sua vida... Alguém não definiu, uma vez, o homem como “um animal

lutador”? Pois eu quero lutar contra a doença, a dor e a ignorância... que estão todas relacionadas. Quero cumprir minha cota de trabalho honesto e verdadeiro nesse mundo, Anne... Acrescentar um pouco à quantidade de conhecimentos que os homens bons vêm acumulando, desde o começo da humanidade. As pessoas que viveram antes de mim fizeram tanto por nós que quero mostrar minha gratidão fazendo algo por aqueles que vão viver depois de mim. Sinto que esta é a única forma que temos de cumprir nossas obrigações e ficar quites com a raça humana.

– Eu queria acrescentar um pouco de beleza à vida... – Anne falou sonhadoramente. – Não desejo exatamente contribuir para que as pessoas *saibam* mais, apesar de achar que essa é a ambição mais nobre; mas eu adoraria fazer com que elas vivessem momentos mais prazerosos, por minha causa, sentissem pequenas alegrias ou tivessem pensamentos felizes, que jamais existiriam, se eu não tivesse nascido.

– Acho que você vem cumprindo essa ambição a cada dia – Gilbert afirmou, com admiração.

E ele estava certo. Anne era uma filha da luz, por natureza. Quando passava por alguém, deixando um sorriso ou uma palavra, era como se aquilo fosse o brilho de um raio de sol; pelo menos, temporariamente, a pessoa via sua própria vida como algo maravilhoso, digno e promissor.

Por fim, Gilbert se levantou, contra sua vontade.

– Bem, agora preciso correr até a casa da família MacPherson. Moody Spurgeon chegou da Queen’s Academy hoje, para passar o domingo aqui, e deve ter trazido um livro que o professor Boyd prometeu me emprestar.

– E eu tenho de preparar o chá de Marilla. Ela foi ver a senhora Keith esta tarde e logo vai estar de volta.

Quando Marilla chegou, o chá estava pronto. Um fogo aconchegante crepitava na lareira da sala de jantar, um vaso de samambaias, salpicadas de geada e de folhas vermelho-rubi, enfeitava a mesa, e um delicioso aroma de presunto e torradas perfumava o ar. Contudo, Marilla afundou-se em sua cadeira e suspirou profundamente.

– Oh, Marilla, seus olhos estão incomodando? Sua cabeça dói? – Anne perguntou ansiosamente.

– Não, só estou cansada... e preocupada. Temo por Mary e suas crianças... ela vem piorando... não vai durar muito tempo mais. E não sei o que será dos gêmeos.

– O tio deles não se manifestou?

– Sim, Mary recebeu uma carta dele. Está em um acampamento, trabalhando no corte de árvores, e “agitando o lugar”, seja lá o que isso quer dizer. De qualquer modo, ele diz que é impossível assumir as crianças antes da primavera, quando espera estar casado e ter um lar para onde levá-las. Ele acha que Mary deve pedir a um de seus vizinhos que fique com os gêmeos durante o inverno. Entretanto, ela me disse que é incapaz de fazer isso. Mary nunca teve uma boa relação com as pessoas de East Grafton... Em resumo, Anne, tenho certeza de que Mary quer que *eu* fique com aquelas crianças... Ela não falou isso, mas deixou claro.

– Oh! – Anne apertou as mãos, extasiada. – E é claro que a senhora vai ficar com eles, não vai, Marilla?

– Ainda não resolvi – ela respondeu, ligeiramente seca. – Não tomo decisões precipitadas, como você costuma fazer, Anne. Parentesco de terceiro grau não é uma ligação muito próxima. Além disso, ter duas crianças de 6 anos para cuidar é uma responsabilidade apavorante... E gêmeos, ainda por cima.

Marilla achava que gêmeos eram duas vezes pior do que as outras crianças.

– Gêmeos são muito interessantes... pelo menos, quando se trata de apenas um par deles – Anne afirmou. – Só quando são dois ou três pares é que fica difícil. E acho que ter algo para diverti-la, enquanto estou na escola, seria muito bom para a senhora.

– Não creio que haveria muita diversão nisso... Acho que teria muito mais preocupação e aborrecimento do que qualquer outra coisa, isso sim. Não seria tão arriscado se ao menos eles tivessem a idade que você tinha, quando decidi criá-la. Eu não me preocupo tanto com Dora, ela parece ser uma menina boa e tranquila. Mas aquele Davy é um pestinha.

Anne adorava crianças, e seu coração ansiava pelos gêmeos de Mary Keith. Sua lembrança da própria infância de abandono, sem amor nem atenção, ainda estava muito viva. Sabia que o único ponto vulnerável de Marilla era sua devoção inflexível ao que ela acreditava ser seu dever, e Anne direcionou habilmente seus argumentos nesse sentido.

– Se Davy é travesso, isso é mais um motivo para ele receber, agora, uma boa educação, não acha, Marilla? Se não ficarmos com essas crianças, não vamos saber quem vai acabar ficando, nem a que espécie de influências elas vão ser submetidas. Imagine se os vizinhos de porta da senhora Keith, a família Sprott, ficam com eles. A senhora Lynde fala que Henry Sprott é o homem mais profano que já existiu, e que não podemos acreditar em uma só palavra do que seus filhos dizem. Não seria terrível permitir que os gêmeos aprendessem coisas assim? Ou, então, suponha que eles fiquem com a família Wiggins. A senhora Lynde afirma que o senhor Wiggins vende tudo o que tem em casa e pode ser vendido; e que alimenta a família com leite desnatado. Você não gostaria que seus parentes morressem de fome, mesmo sendo primos de terceiro grau, gostaria? Tenho a impressão, Marilla, de que é nosso dever ficar com essas crianças.

– Creio que sim – Marilla concordou, resignada. – Ouso até dizer que vou contar a Mary que resolvi ficar com as crianças. E você não deveria manter essa expressão de felicidade, Anne. Afinal, vai ter uma boa quantidade de trabalho extra. Não posso nem pensar em costurar, por causa dos meus olhos; portanto, é você que vai ter de fazer e consertar as roupas deles. E nós duas sabemos que você não gosta nada de costurar.

– Detesto – Anne falou calmamente –, mas, se a senhora vai ficar com aquelas crianças por um senso de dever, eu certamente posso costurar para eles, por um senso de dever também. Ter de fazer coisas das quais não gostam – quer dizer, fazer moderadamente – é um estímulo benéfico para as pessoas.





CAPÍTULO VIII

*Marilla adota  
gêmeos*



Certa tarde, a senhora Rachel estava sentada perto da janela de sua cozinha, tricotando uma colcha, exatamente como naquele dia, muitos anos antes, quando Matthew Cuthbert desceu a colina trazendo o que ela batizou de “órfã importada”. Entretanto, aquilo tinha acontecido durante a primavera; agora, era o final do outono. Não havia folhas nas árvores dos bosques, e os campos estavam áridos e amarelados.

O sol tinha começado a se pôr, esplendidamente roxo e dourado, por trás das florestas escuras, a oeste de Avonlea, e uma charrete, puxada por um pônei marrom, descia tranquilamente a colina. A senhora Rachel observava tudo com grande interesse.

– Lá está Marilla, voltando do funeral – ela disse ao marido, recostado na espreguiçadeira da cozinha. Àquela altura, Thomas Lynde passava mais tempo nessa cadeira reclinável do que costumava antes, mas a senhora Rachel, que era tão sagaz em relação a tudo o que acontecia fora da própria casa, ainda não havia percebido isso. – E vem trazendo os gêmeos com ela... sim, vejo Davy se inclinando sobre o para-lama, tentando agarrar a cauda do pônei, e Marilla puxando-o de volta. Dora está sentada comportadamente, com a postura mais correta que se pode desejar de uma criança. Essa menina sempre dá a impressão de que acabou de ser passada e engomada. Bem, sem dúvida nenhuma, a pobre Marilla vai ter muito o que fazer durante o inverno. Porém, em tais circunstâncias, não acho que lhe restava qualquer outra opção a não ser ficar com esses gêmeos; e conta com Anne para ajudá-la. A moça está empolgadíssima com tudo isso, e é preciso reconhecer que ela possui uma verdadeira habilidade para lidar com crianças. Misericórdia, parece que não passou nem mesmo um dia desde que o pobre Matthew trouxe Anne para casa e todos riram da ideia de ver Marilla educar uma menina... E, agora, ela está trazendo gêmeos de apenas 6 anos de idade para criar. Enquanto vivermos, nunca vamos estar livres de surpresas!

O pônei gorducho trotou sobre a ponte no vale da família Lynde, e, em seguida, ao longo da alameda de Green Gables. Marilla tinha uma expressão bastante séria no rosto. Havia percorrido pouco mais de quinze quilômetros desde East Grafton, e, durante toda a viagem, Davy

Keath pareceu dominado por uma necessidade de se movimentar continuamente. Estava além da capacidade de Marilla fazer com que ele permanecesse sentado e quieto, e ela ficou o tempo todo aflita, receando que ele caísse sobre a traseira da charrete e quebrasse o pescoço, ou despencasse por cima do para-lama e acabasse debaixo das patas do cavalo. Desesperada, ela tinha ameaçado dar-lhe boas chicotadas quando chegassem a Green Gables. Ao escutar isso, Davy subiu no colo de Marilla, ignorando totalmente as rédeas, lançou os braços rechonchudos ao redor de seu pescoço, e lhe deu um abraço bem apertado.

– Não acredito que esteja falando sério – disse, dando um beijo estalado e afetuoso na bochecha enrugada de Marilla. – A senhora não parece uma pessoa que chicoteia um garotinho só porque ele não consegue ficar parado. Então não achava terrivelmente difícil ficar quieta, quando estava com minha idade?

– Não; eu sempre obedecia quando me mandavam sossegar – Marilla respondeu, tentando falar severamente, embora sentisse o coração amolecer com os carinhos impulsivos de Davy.

– Bem, suponho que é porque a senhora era *menina* – Davy argumentou, enquanto voltava para seu assento, depois de outro abraço. – A senhora foi uma menina, um dia, eu imagino, mesmo que seja bastante estranho pensar nisso. Dora consegue ficar sentada e quieta... mas *eu* não vejo graça nenhuma nisso. Acho que a vida de uma menina deve ser muito monótona. Olhe aqui, Dora, vou te animar um pouco.

O método de Davy para “animar” a irmã era prender seus cachos entre os dedos e dar um puxão. No mesmo instante, Dora deu um grito agudo e estridente e começou a chorar.

– Como você pode ser um garoto tão perverso, no mesmo dia em que sua mãe foi enterrada? – Marilla indagou, indignada.

– Ora, ela estava contente por morrer – Davy falou, em tom de confiança. – Eu sei, porque ela me disse isso. Não aguentava mais estar doente. Conversamos muito, na noite antes de sua morte. Ela me contou que a senhora ia nos trazer, Dora e eu, para passarmos o inverno em sua casa, e falou que eu deveria ser um bom menino. E vou ser bom, mas não posso ser bom tanto agitado quanto quieto? E ela disse também que eu deveria sempre defender Dora e ser gentil com ela. É o que vou fazer.

– Você pensa que puxar o cabelo de sua irmã é ser gentil com ela?

– Bem, não vou deixar mais ninguém puxar os cachos dela – Davy respondeu, cerrando os punhos e fechando a cara. – Ai de quem tentar! Não doeu tanto assim... ela só chorou porque é uma menina. Fico feliz de ser um menino, mas não gosto de ser um gêmeo. Quando a irmã de Jimmy Sprott se queixa, ele simplesmente diz: “Sou mais velho que você, por isso sei mais”; aí, ela sossega. Mas não posso falar assim com Dora, e, então, ela continua pensando diferente de mim. A senhora poderia me deixar guiar o pônei um pouco, já que sou homem...

Marilla se sentiu aliviada enquanto percorria a alameda de Green Gables, onde o vento do anoitecer dançava com as folhas amareladas que ainda restavam. Anne estava esperando no portão para encontrá-los e tirar as crianças da charrete. Dora se deixou calmamente ser beijada, mas Davy respondeu às boas-vindas de Anne com um de seus abraços calorosos e anunciou animadamente:

– Sou o senhor Davy Keith!

Durante o jantar, Dora se comportou como uma pequena dama, mas os modos de Davy deixaram muito a desejar.

– Estou com tanta fome que não tenho tempo para comer educadamente – ele se justificou, quando Marilla o repreendeu. – Dora não está nem com a metade de minha fome. Pense em todo



o exercício que fiz, no caminho até aqui. Além disso, este bolo está delicioso e cheio de ameixas. Faz muito, muito tempo mesmo, desde a última vez em que comemos bolo lá em casa, porque mamãe estava doente demais para fazer um, e a senhora Sprott dizia que o máximo que ela podia fazer era nosso pão. E a senhora Wiggins nunca põe nenhuma ameixa nos bolos que prepara. Posso comer mais um pedaço?

Marilla teria recusado, mas Anne cortou uma segunda fatia generosa para ele. Entretanto, não deixou de lembrá-lo de que deveria dizer “obrigado” por aquilo. Davy mal sorriu para ela e deu uma grande mordida no bolo. Quando já havia terminado de comer, falou:

– Se você me der mais um pedaço, vou dizer “obrigado” por isso.

– Não, você já comeu muito bolo – Marilla falou, em um tom que Anne já conhecia e que Davy logo aprenderia que era definitivo.

O garoto, então, piscou para Anne, inclinou-se sobre a mesa, tirou da mão de Dora seu primeiro pedaço de bolo – no qual ela só havia dado uma pequena e graciosa dentada – e, abrindo a boca o máximo que conseguiu, pôs a fatia inteira lá dentro. Os lábios de Dora tremeram, e Marilla ficou muda de horror. Anne imediatamente exclamou, com seu melhor ar de professora:

– Oh, Davy, cavalheiros não fazem essas coisas!

– Eu sei que não – o menino respondeu, assim que pôde falar –, mas não sou um cavalheiro.

– Nem quer ser? – Anne perguntou, chocada.

– Claro que quero. Mas não posso ser um cavalheiro enquanto eu não crescer.

– Ora, é lógico que pode – Anne se apressou a dizer, achando que aquela era uma oportunidade para plantar uma boa semente. – Você pode começar, sim, a ser um cavalheiro, quando ainda é pequeno. E cavalheiros nunca tomam coisas das mãos de damas... nem esquecem de dizer “obrigado”... e não puxam o cabelo de ninguém!

– Eles não se divertem, isso é que é – Davy afirmou, com franqueza. – Acho que vou esperar até ficar adulto, para, então, me tornar um cavalheiro.

Resignada, Marilla cortou outro pedaço de bolo para Dora. Naquele momento, ela não se sentia capaz de lidar com Davy. Havia tido um dia duro, tanto pelo funeral quanto pela longa jornada, e, nessas circunstâncias, ela olhava para o futuro com um pessimismo que era digno de Eliza Andrews.

Os gêmeos não eram visivelmente parecidos, embora ambos fossem louros. Dora tinha cachos longos e sedosos que nunca saíam do lugar. Já o cabelo de Davy era uma grande quantidade de pequenos cachos, sempre despenteados, que se amontoavam sobre toda a cabeça. Os olhos castanhos de Dora eram doces e mansos; os de Davy, tão travessos e dançantes quanto os de um elfo. O nariz de Dora era reto; o de Davy, bem arrebicado. A boca de Dora era delicada e propositalmente discreta; a de Davy estava sempre sorridente; e, além disso, o garoto tinha uma covinha em uma bochecha e nenhuma na outra, o que lhe dava uma aparência engraçada, meio desalinhada, mas, ao mesmo tempo, cativante, quando ele ria. Alegria e traquinagem estavam à espreita em cada canto de seu pequeno rosto.

– É melhor eles irem para a cama agora – disse Marilla, que achou que essa era a maneira mais fácil de pôr um fim naquela situação. – Dora vai dormir comigo, Anne, e você pode acomodar Davy no sótão do oeste. Você não tem medo de dormir sozinho, não é, Davy?

– Não, mas não vou para a cama tão cedo – ele respondeu tranquilamente.

– Ah, vai! Vai, sim! – isso foi tudo que Marilla, exausta, falou; porém, havia algo em seu tom de voz que intimidou até mesmo o travesso Davy, levando-o a subir a escada, obedientemente,

na companhia de Anne.

– Quando eu ficar adulto, a primeira coisa que vou fazer é passar uma noite *inteira* acordado, só para ver como é – ele confidenciou a Anne.

Nos anos que se seguiram, Marilla nunca pensou naquela primeira semana da permanência dos gêmeos em Green Gables sem sentir um arrepio. Não que ela tenha sido realmente muito pior do que as outras que se seguiram, mas *parecia* ter sido, por causa da novidade. Raramente houve um minuto, durante o dia, em que Davy não estivesse fazendo uma travessura ou planejando uma. Entretanto, sua primeira arte em público foi no domingo de manhã, dois dias após sua chegada a Green Gables.

Era um dia agradável, com clima morno, e tão cheio de névoa quanto os dias de setembro em Avonlea costumavam ser. Anne vestiu Davy para irem à igreja, enquanto Marilla cuidava de Dora. No início, o garoto se recusou categoricamente a lavar o rosto.

– Marilla lavou ontem... e a senhora Wiggins me esfregou bastante, com um sabão duro, no dia do funeral. Isso é suficiente por uma semana. Não entendo por que as pessoas têm de ficar tão terrivelmente limpas. Ficar sujo é muito melhor!

– Paul Irving lava o rosto todos os dias, sozinho, e sem ninguém mandar – Anne falou espertamente.

Davy estava morando em Green Gables por pouco mais de 48 horas, mas já adorava Anne e odiava Paul Irving, a quem ele tinha ouvido a jovem tecer elogios entusiásticos já no dia seguinte ao de sua chegada. Se Paul Irving lavava o rosto todos os dias, então estava decidido: ele, Davy Keith, faria isso também, mesmo se lhe custasse a própria vida. O mesmo argumento o motivou a se submeter docilmente aos outros procedimentos de toalete, de modo que, depois de tudo feito, ele ficou um garotinho realmente muito bonito, e Anne sentiu um orgulho quase maternal quando o acompanhou até o banco da família Cuthbert, na igreja de Avonlea.

Até certo momento, Davy se comportou bem, ocupado em observar secretamente todos os meninos menores que estavam ao alcance de sua vista e se perguntar qual deles seria Paul Irving. Os dois primeiros hinos e a leitura da Bíblia decorreram normalmente. O senhor Allan estava fazendo sua prece quando a agitação começou.

Lauretta White estava sentada na frente de Davy, com a cabeça ligeiramente inclinada, o cabelo louro preso em duas tranças compridas, entre as quais era possível ver uma parte tentadora de seu pescoço alvo, quase todo coberto por um babado de renda. Lauretta era uma criança de 8 anos de idade, gordinha e de aparência tranquila, que havia se comportado irrepreensivelmente na igreja desde a primeira vez em que sua mãe a levou lá, quando ela ainda era um bebê de 6 meses.

Davy enfiou a mão no bolso e tirou... uma lagarta! Uma lagarta peluda que se contorcia para todos os lados. Marilla viu tudo e tentou segurá-lo, mas já era tarde demais: Davy soltou a lagarta no pescoço de Lauretta!

Bem no meio da oração do senhor Allan, todos ouviram uma série de gritos agudos e estridentes. O pastor se calou, chocado, e abriu os olhos. Todos os fiéis levantaram a cabeça imediatamente. Lauretta White se sacudia em seu banco, puxando freneticamente seu vestido, para cima e para baixo.

– Ai... mamãe... mamãe... ai... tira isso... ai... tira... esse garoto malvado jogou isso nas minhas costas... ai... mamãe... está descendo cada vez mais... ai... ai... ai...

A senhora White se levantou e, com uma expressão muito séria no rosto, levou Lauretta – histérica e se retorcendo sem parar – para fora da igreja. Seus gritos foram se distanciando

gradualmente, e o senhor Allan retomou sua prece. No entanto, todos sentiram que a cerimônia tinha sido um fracasso naquele dia. E, pela primeira vez em toda a sua vida, Marilla não prestou atenção no sermão; quanto a Anne, permaneceu sentada, imóvel, com as bochechas extremamente vermelhas de constrangimento.

Assim que entraram em casa, Marilla pôs Davy na cama e ordenou que ele passasse o resto do dia lá. E, em vez do almoço, permitiu que ele fizesse apenas um lanche bem simples: pão e leite. Anne levou a bandeja até o quarto do garoto e ficou sentada tristemente a seu lado, enquanto ele comia calmamente, sem dar nenhum sinal de arrependimento. Porém, os olhos tristes de Anne o afligiram.

– Imagino – ele disse, pensativo – que Paul Irving não jogaria uma lagarta no pescoço de uma menina dentro da igreja, não é?

– Realmente, ele nunca faria isso – Anne respondeu, melancólica.

– Bem, então, de alguma forma, eu sinto pelo que fiz – Davy admitiu. – Mas era uma lagarta tão grande e atraente... Peguei o bichinho em um dos degraus da escada, quando a gente entrava na igreja. Achei uma pena desperdiçar aquela lagarta. Ora, Anne, não foi divertido ouvir a menina berrar?

Na terça-feira à tarde, a Sociedade de Ajuda Humanitária da igreja se reuniu em Green Gables. Quando terminou a aula, Anne voltou apressadamente para casa, pois sabia que Marilla precisaria de toda a assistência que pudesse oferecer. Dora, asseada e elegante em seu vestido branco, bem-engomado e com uma delicada faixa preta na cintura, estava sentada com as integrantes da Sociedade de Ajuda Humanitária, na sala de estar, falando recatadamente apenas quando alguém se dirigia a ela, ou mantendo silêncio; ou seja, comportando-se como uma criança-modelo. Davy, alegremente sujo, fazia tortas de barro lá fora, perto do celeiro.

– Dei permissão a ele para fazer isso – Marilla tinha explicado, conformada, para Anne. – Achei que assim o manteria distante de uma travessura pior. Ali, o máximo que pode acontecer é ele ficar imundo. Vamos terminar nosso chá, antes de chamá-lo para tomar o dele. Dora pode sentar-se à mesa conosco, mas eu jamais deixaria Davy comer conosco aqui, na presença de todas as pessoas da Sociedade de Ajuda Humanitária.

Quando Anne foi chamar as visitas para a mesa, ela percebeu que Dora já não estava mais na sala. A senhora Jasper Bell contou que Davy tinha vindo até a porta da frente e chamado a irmã para ir lá fora. Uma consulta apressada a Marilla, na despensa, resultou na decisão de deixar que os gêmeos comessem juntos, mais tarde.

O chá estava terminando quando a sala de jantar foi invadida por uma criança desfigurada e desolada. Todos olharam para ela: Marilla e Anne, horrorizadas; as pessoas da Sociedade, perplexas. Poderia ser Dora aquela criatura indescritível, com o cabelo e o vestido ensopados, deixando pingar a água que escorria sobre o tapete novo de Marilla?!

– Dora, o que houve com você?! – Anne exclamou, lançando um olhar culpado para a senhora Jasper Bell, cuja família era conhecida por ser a única no mundo na qual acidentes nunca aconteciam.

– Davy me fez andar sobre a cerca do chiqueiro – Dora se queixou. – Eu não queria, mas ele me chamou de “bebezinho medroso”. Então, eu subi na cerca e caí dentro da pocilga. Meu vestido ficou todo sujo, e os porcos ainda passaram por cima de mim. Minha roupa estava horrorosa, mas ele disse que, se eu fosse para perto da bomba de água, ele ia deixar tudo limpo novamente; eu fui, e ele jogou muita água em cima mim, mas não fiquei nem um pouquinho

mais limpa; e meu vestido, minha linda faixa preta e meus sapatos, todos novos, se estragaram para sempre.

Anne fez as honras da casa durante o resto da refeição, enquanto Marilla, no andar de cima, limpava e vestia Dora com suas roupas velhas. Depois, Davy foi mandado para a cama, sem direito a nenhuma comida. Quando o sol estava se pondo, Anne foi até o quarto do garoto e falou com ele seriamente – um método no qual ela depositava muita fé, não totalmente injustificada pelos resultados. Ela disse que se sentia muito mal por causa da conduta dele, naquela tarde.

– Eu também lamento, agora, o que fiz – Davy reconheceu –, mas o problema é que nunca me arrependo das coisas que faço até ser tarde demais. Dora se recusou a me ajudar a fazer as tortinhas de barro, porque estava com receio de sujar suas roupas, e isso me deixou furioso. Suponho que Paul Irving não faria a irmã dele caminhar sobre uma cerca, se soubesse que ela ia cair, não é?

– Não, ele nunca sequer sonharia com uma coisa desse tipo. Paul é um perfeito cavalheiro.

Davy fechou os olhos e pareceu meditar sobre isso, por algum tempo. Em seguida, se aproximou de Anne e colocou os braços em volta do pescoço dela, aconchegando seu pequeno rosto vermelho no ombro da moça.

– Anne, você gosta de mim um pouquinho, mesmo sabendo que não sou um bom menino como Paul?

– Sim, certamente – Anne respondeu com sinceridade. Por algum motivo, era impossível não gostar de Davy. – Porém, gostaria ainda mais se você não fosse tão travesso.

– Eu... fiz outra arte hoje... – Davy confessou, com a voz abafada. – Estou arrependido agora, mas tenho um medo horrível de contar. Não vai ficar muito brava, vai, Anne? E nem vai contar para Marilla, não é?

– Não sei, Davy. Talvez eu tenha de contar para ela. Mas acho que posso prometer que não vou falar nada, se você prometer que não vai fazer isso de novo, seja lá o que for que tenha feito.

– Prometo. Nunca mais. De qualquer maneira, é bem provável que eu não encontre mais nenhum desses, pelo menos até o fim do ano. Este estava na escada do porão.

– Davy, afinal, o que foi que você fez?

– Coloquei um sapo na cama de Marilla. Você pode ir ao quarto dela e tirar, se quiser. Mas fale a verdade, Anne, não ia ser engraçado deixar o sapo lá?

– Davy Keith! – com um salto, Anne se libertou do abraço apertado do menino e voou pelo corredor até o quarto de Marilla. A roupa de cama estava ligeiramente atrapalhada. Ela jogou as cobertas para trás, às pressas, e, realmente, ali estava um sapo, debaixo do travesseiro, olhando para ela.

– Como vou tirar essa coisa horrorosa daqui? – murmurou, sentindo um tremor.

A pá da lareira surgiu como uma solução, e a moça correu para buscá-la, enquanto Marilla estava ocupada na despensa. Não foi nada fácil descer a escada com o sapo, pois ele saltou para fora da pá três vezes, e, em uma delas, Anne achou que o havia perdido no *hall*. Quando a moça conseguiu, por fim, colocá-lo no pomar de cerejeiras, suspirou profundamente, com grande alívio, e falou para si mesma:

– Se Marilla soubesse disso, ela nunca mais se sentiria segura para deitar em sua própria cama. Estou tão contente por aquele pequeno pecador ter se arrependido a tempo! Oh, lá está Diana, em sua janela, fazendo um sinal para mim. Que bom, estou mesmo precisando de alguma diversão, já que, com Anthony Pye na escola e Davy Keith em casa, meus nervos já enfrentaram tudo o que podiam suportar em um só dia.



CAPÍTULO IX

*Uma questão  
de cor*



— **A**quela velha insuportável, a senhora Rachel Lynde, esteve aqui hoje, me atazanando para que eu fizesse uma doação para instalarem um carpete na sacristia – o senhor Harrison se queixou, irado. – Detesto aquela mulher mais do que qualquer outra pessoa que conheço. Ela tem a capacidade de resumir um sermão inteiro, com texto, comentários e prática, em apenas seis palavras, e atirar sobre você, como se fosse um tijolo.

Anne, que estava empoleirada em um canto da cerca da varanda – apreciando o encantamento de um vento do oeste que soprava suavemente sobre um campo recém-arado, durante um crepúsculo prateado de novembro, e criando uma doce melodia entre os abetos retorcidos, para lá do jardim –, virou seu rosto sonhador sobre o ombro, na direção do vizinho.

– O problema é que o senhor não compreende a senhora Lynde, e ela, por sua vez, não entende o senhor – explicou. – É exatamente isso o que está errado, sempre que as pessoas não gostam umas das outras. Eu também não gostei da senhora Lynde, quando a conheci, mas assim que a compreendi, foi como se eu tivesse aprendido a amá-la.

– Para algumas pessoas, a senhora Lynde pode ser um gosto adquirido, mas não fiquei comendo bananas só porque me disseram que eu tomaria gosto por elas, se fizesse isso – o senhor Harrison rosnou. – Quanto a compreendê-la, o que entendo é que aquela velha é, comprovadamente, uma grande bisbilhoteira; e eu disse isso a ela.

– Oh, o senhor deve ter ferido profundamente os sentimentos da senhora Lynde – Anne lamentou, em tom de reprovação. – Como pôde fazer uma coisa dessas? Eu também disse coisas horríveis a ela, há muito tempo, mas foi quando perdi meu controle emocional. Eu jamais falaria aquilo *deliberadamente*.

– Era a mais pura verdade, e acredito que devemos dizer a verdade a todo mundo.

– Mas o senhor não diz *toda* a verdade – Anne argumentou. – Só fala a parte desagradável da verdade. Por exemplo, já me disse uma dúzia de vezes que meu cabelo é vermelho, mas nunca falou que tenho um nariz bonito.

– Suponho que saiba disso, sem que seja necessário alguém lhe dizer – ele retrucou, com uma risadinha.

– Sei também que tenho cabelo ruivo, embora ele esteja  *muito* mais escuro do que era antes. Portanto, o senhor não precisava me dizer isso.

– Ora, ora, vou tentar não mencionar mais isso, já que a senhorita é tão sensível. É preciso que me desculpe, Anne. Tenho o hábito de ser muito franco, e as pessoas não deveriam se importar com isso.

– Mas é impossível não se importar. E não acho que o fato de ser um hábito justifica alguma coisa. O que o senhor pensaria, se alguém saísse por aí espetando as pessoas com alfinetes e agulhas, e dizendo “Perdão, você não deve se importar com isso, é só um hábito que tenho”? Acharia que essa pessoa é louca, não acharia? Quanto a falar com a senhora Lynde que ela é bisbilhoteira, até concordo que talvez ela seja. Mas o senhor também lhe disse que ela tem um coração muito generoso e sempre ajuda os pobres? Que nunca disse uma só palavra sobre quando Timothy Cotton roubou um pote de manteiga da leiteira dela e falou com a esposa que tinha comprado o pote? E que, na primeira vez, depois disso, que as duas se encontraram, a senhora Cotton ainda reclamou que a manteiga tinha gosto de nabo, e a senhora Lynde simplesmente pediu desculpas por isso?

– É, imagino que ela tenha algumas qualidades boas – o senhor Harrison admitiu, relutante. – A maioria das pessoas tem. Eu mesmo tenho algumas, embora a senhorita possa nunca ter suspeitado disso. Porém, de todo jeito, não vou doar nem mesmo um centavo para a compra do tal carpete. Parece que todos vivem pedindo dinheiro por aqui. A propósito, como vai seu projeto de pintura do Clube?

– Esplendidamente. Tivemos uma reunião da Sociedade para Melhorias em Avonlea na última sexta-feira, à noite, e descobrimos que já temos dinheiro suficiente para pintar o Clube e, também, para refazer o telhado. *A maior parte* dos habitantes de Avonlea fez doações generosas, senhor Harrison.

Anne era uma jovem de alma doce e bondosa, mas podia destilar sutilmente algum veneno, se a ocasião pedisse.

– Qual é a cor que vocês escolheram?

– Optamos por um verde muito bonito. O telhado vai ser vermelho- escuro, naturalmente. O senhor Roger Pye vai comprar a tinta na cidade, hoje ainda.

– Quem vai fazer a pintura?

– O senhor Joshua Pye, de Carmody. Ele já está acabando de colocar as telhas. Tivemos de contratá-lo, porque, em cada lar de um casal Pye que visitamos – o senhor sabe que eles são quatro, não sabe? Pois é, todos disseram que não doariam um centavo sequer, a não ser que Joshua fizesse o serviço. Juntos, doaram uma boa quantia, e achamos que era dinheiro demais para perdermos, apesar de algumas pessoas terem afirmado que não deveríamos nos submeter à vontade dos Pye. A senhora Lynde sempre fala que eles tentam controlar tudo.

– A questão principal é: esse Joshua vai fazer um bom trabalho? Se fizer, não vejo que diferença existe entre o nome dele ser Pye ou Cake.

– Ele tem fama de bom trabalhador, embora digam também que é um homem muito esquisito. Quase nunca fala.

– Então é bem excêntrico mesmo – o senhor Harrison falou secamente. – Ou, pelo menos, as pessoas daqui devem pensar assim. Nunca fui muito falante, até me mudar para Avonlea; aqui, tive de começar a conversar mais, por uma questão de autodefesa; caso contrário, a senhora

Lynde teria cismado que sou mudo e promovido uma campanha para que me ensinassem a língua dos sinais. A senhorita ainda não está indo embora, está?

– Tenho de ir. Preciso fazer umas costuras para Dora esta noite. Além disso, a essa hora, Davy provavelmente está partindo o coração de Marilla com alguma travessura nova. A primeira coisa que ele disse hoje de manhã foi: “Para onde vai a escuridão, Anne? Eu quero saber”. Respondi que ela ia para o outro lado do mundo, mas, depois do café da manhã, ele declarou que não era verdade, que a escuridão ia para dentro do poço. Marilla me contou que o pegou inclinado sobre a beirada do poço, quatro vezes, hoje, tentando alcançar a escuridão.

– Esse garoto é um pestinha – o senhor Harrison afirmou. – Veio aqui ontem e arrancou seis penas da cauda de Ginger, enquanto eu estava no celeiro. O pobre pássaro está deprimido, desde então. Essas crianças devem ser um grande problema para vocês.

– Tudo o que vale a pena vem acompanhado de algum problema – Anne afirmou, secretamente determinada a perdoar a próxima arte de Davy, fosse qual fosse, já que ele havia se vingado de Ginger por ela.

O senhor Roger Pye trouxe a tinta para casa naquela noite, o senhor Joshua Pye – um homem rude e carrancudo – começou a fazer a pintura no dia seguinte, e não foi perturbado durante a realização de seu trabalho. O clube ficava em um lugar chamado de “estrada de baixo”, e, no final do outono, essa via ficava sempre molhada e cheia de lama. Então, as pessoas que iam a Carmody viajavam pela “estrada de cima”, que, apesar de mais longa, estava em melhores condições, naquela época. Como o Clube estava tão cercado por bosques de abetos que era praticamente invisível, a menos que se estivesse bem perto dele, o senhor Joshua Pye trabalhou na solidão e na independência tão caras a seu coração antissociável.

Na sexta-feira à tarde, ele terminou a pintura e foi para casa, em Carmody. Logo após sua partida, a senhora Rachel Lynde foi até o Clube, enfrentando bravamente a lama da estrada de baixo, motivada pela curiosidade de ver como ele tinha ficado, depois de pintado. E, quando fez a curva rodeada por pinheiros, ela viu.

O que a senhora Lynde viu a afetou de uma maneira estranha. A mulher soltou as rédeas, ergueu as mãos, e exclamou:

– Pela Providência divina!

Em seguida, ficou imóvel, observando, como se não acreditasse em seus próprios olhos. Por fim, começou a rir quase histericamente.

– Deve ter havido algum erro... só pode ser isso. Eu sabia que aquela gente com sobrenome Pye ia fazer alguma trapalhada.

A senhora Lynde voltou para casa, parando as diversas pessoas que encontrava na estrada para contar sobre a pintura do clube. A notícia se espalhou como um incêndio na mata. No fim do dia, Gilbert Blythe, debruçado sobre um livro de estudo, em casa, ouviu a novidade do empregado de seu pai, e correu ofegantemente até Green Gables, acompanhado, em parte do caminho, por Fred Wright. Os dois encontraram Diana Barry, Jane Andrews e Anne Shirley, desconsoladas, no portão de Green Gables, sob os grandes salgueiros desfolhados.

– É claro que não é verdade, é, Anne?

– Sim, é verdade – Anne respondeu, parecendo a musa de uma tragédia. – A senhora Lynde passou aqui, quando voltava de Carmody, para me contar. Oh, isso é simplesmente horrível! Qual é a utilidade de tentar melhorar alguma coisa?

– O que é que é terrível? – perguntou Oliver Sloane, que chegava exatamente naquele momento, carregando uma caixa que tinha trazido da cidade para Marilla.

– Ainda não sabe, Oliver? – Jane indagou, irritada. – Bem, é o seguinte: Joshua Pye pintou o clube de azul, em vez de verde... um azul bem forte e brilhante... aquele tom que usam para pintar charretes e carrinhos de mão. E a senhora Lynde afirmou que é a cor mais horrorosa que ela já viu, ou imaginou, em um imóvel, especialmente quando combinada com um telhado vermelho. Fiquei tão perplexa quando ouvi isso, que qualquer um poderia me derrubar com uma simples pena. É de partir o coração, depois de todos os problemas que enfrentamos.

– Como é que um erro desses pôde acontecer? – Diana lastimou.

A culpa desse desastre impiedoso acabou recaindo sobre os Pye. Os melhoradores haviam decidido usar as tintas da marca Morton-Harris, e as latas dessas tintas eram numeradas de acordo com uma cartela de cores. O comprador escolhia, na cartela, o tom da cor que queria, e fazia o pedido pelo número que o acompanhava. O número 147 correspondia ao tom de verde escolhido e, quando o senhor Roger Pye mandou seu filho, John Andrew, avisar aos melhoradores que ele estava indo à cidade e compraria a tinta deles, eles pediram a John Andrew que era dissesse para seu pai comprar a de número 147. John Andrew afirmou o tempo todo que fez isso, mas o senhor Roger Pye declarou, com a mesma veemência, que John Andrew tinha falado 157; desse modo, a situação não foi além desse impasse.

Naquela noite, houve um profundo pesar em todas as casas de Avonlea em que morava um melhorador. A tristeza em Green Gables era tão intensa que até Davy ficou comovido. Anne chorava sem parar e nada a consolava.

– Preciso chorar, mesmo tendo quase 17 anos, Marilla – ela soluçou. – Isso é um verdadeiro martírio! Parece um presságio do fim da Sociedade para Melhorias. Todos vão rir de nós até o fim de nossas vidas!

Entretanto, na vida real, como nos sonhos, as coisas frequentemente acontecem ao contrário do previsto. Os habitantes de Avonlea não riram; estavam muito zangados. Havia doado dinheiro para a pintura do Clube e, por isso, se sentiram amargamente lesados pelo erro. A indignação pública concentrou-se em Roger e John Andrew Pye; afinal, um dos dois era o responsável pela troca de números. Quanto a Joshua Pye, certamente era um tolo nato, já que, quando abriu as latas e viu a cor da tinta, não suspeitou de que algo estivesse errado. Porém, quando foi questionado, ele retrucou que o gosto das pessoas de Avonlea em relação às cores não lhe dizia respeito, não tinha nada a ver com sua própria opinião; e alegou que havia sido contratado para pintar o clube, e não para falar sobre a cor da tinta, e que, sendo assim, deveria ser pago por seu trabalho. Então, após consultar o senhor Peter Sloane, que era juiz, os melhoradores, apesar de amargurados, lhe entregaram a quantia combinada.

– Vocês vão ter de pagar – Peter explicou. – Não podem responsabilizá-lo pelo erro, pois ele argumenta que ninguém jamais lhe informou qual tinha sido a cor escolhida; apenas lhe entregaram as latas de tinta e falaram que ele já poderia executar o trabalho. Mas não posso deixar de dizer que isso é uma vergonha desonrosa; sem dúvida nenhuma, aquele clube ficou extremamente feio.

Os melhoradores malsucedidos esperavam que, depois daquele resultado, os moradores de Avonlea tivessem mais preconceitos contra eles do que nunca. Contudo, a solidariedade das pessoas fez com que ficassem a favor da Sociedade para Melhorias: elas acharam que o pequeno grupo, tão entusiasmado e cheio de boas intenções, que havia trabalhado duramente para atingir sua meta, tinha sido traído.

A senhora Lynde os aconselhou a continuar a lutar por seus objetivos e mostrar aos Pye que realmente existem pessoas no mundo que conseguem realizar coisas sem fazer trapalhadas. O

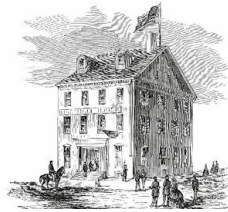


Major Spencer enviou uma mensagem a eles, dizendo que mandaria arrancar todos os tocos de árvore ao longo da estrada em frente à sua fazenda, e, no lugar deles, plantaria grama, tudo às suas próprias custas. E a senhora Hiram Sloane apareceu na escola um dia e, com ar de mistério, chamou Anne na varanda para lhe dizer que, se a Sociedade quisesse fazer um canteiro de gerânios na encruzilhada, na primavera, não precisavam temer que sua vaca invadisse o local: ela não deixaria o animal ultrapassar os limites seguros. Até o senhor Harrison deu umas risadinhas, reservadamente, e demonstrou solidariedade total.

– Não se importe, Anne, a maioria das tintas descora e fica mais pálida a cada ano; e aquele azul já é tão horroroso quando novo, que provavelmente vai descorar e ficar menos feio. Além disso, o telhado foi refeito e pintado corretamente. Agora, quando chover, todos vão poder frequentar o Clube, sem ficar ensopados por causa das goteiras. Seja como for, sua Sociedade conseguiu realizar uma grande melhoria.

– Mas o Clube azul brilhante de Avonlea vai se tornar motivo de piada em todos os povoados vizinhos – Anne lamentou amargamente.

E é preciso admitir que isso realmente aconteceu.





CAPÍTULO X

*Davy em busca  
de uma emoção*



Caminhando pela Trilha das Bétulas, de volta da escola para casa, em uma tarde de novembro, Anne se sentiu novamente convencida de que a vida era uma coisa mais que maravilhosa. O dia tinha sido bom, tudo havia corrido bem em seu pequeno reino. Saint Clair Donnell não tinha brigado, por causa de seu nome, com nenhum dos outros meninos; o rosto de Prillie Rogerson estava tão inchado, devido a uma dor de dente, que ela não havia tentado, nem uma vez, flertar com os garotos a seu redor; Barbara Shaw tinha se envolvido em apenas *um* incidente: derramou uma caneca de água sobre o assoalho; e Anthony Pye sequer compareceu à escola.

– Que mês agradável tem sido esse novembro! – exclamou Anne, que nunca tinha abandonado o hábito infantil de falar consigo mesma. – Geralmente, novembro é um mês tão desagradável... É como se o ano tivesse descoberto subitamente que está ficando velho e não pudesse fazer nada, a não ser sofrer e chorar por isso. Esse ano está envelhecendo graciosamente, do mesmo jeito que uma digna senhora idosa, que sabe que pode manter seu charme apesar das rugas e do cabelo grisalho. Temos sido presenteados com dias adoráveis e crepúsculos deliciosos. Essa última quinzena está bastante tranquila, e até mesmo Davy tem sido quase bem-comportado. Penso sinceramente que ele está se tornando uma pessoa muito melhor. Como os bosques estão calmos hoje! Nenhum ruído, exceto o murmúrio suave do vento na copa das árvores! Parece a rebentação das ondas em uma praia distante. Como eu gosto dos bosques! Oh, árvores, como vocês são bonitas! Amo cada uma de vocês como a um amigo querido!

Anne parou de caminhar, abraçou uma bétula jovem e esguia e beijou seu tronco de cor creme. Diana, contornando uma curva no caminho, viu o abraço e riu.

– Anne Shirley, você só finge ser adulta, não é? Acho que, quando está sozinha, ainda é a mesma menininha que sempre foi.

– Bem, ninguém pode perder, de uma só vez, o hábito de ser uma garotinha – Anne argumentou alegremente. Você sabe, fui uma menina por 14 anos e tenho sido adulta há pouco

menos de três... Tenho certeza de que sempre vou me sentir uma criança, quando estiver em um bosque. Essas caminhadas de volta da escola para casa são quase o único tempo que tenho para sonhar, exceto a meia hora, mais ou menos, antes de adormecer, à noite. Fico tão ocupada lecionando, estudando e ajudando Marilla a cuidar dos gêmeos que não tenho outros momentos para imaginar coisas. Você não sabe como são esplêndidas as aventuras que vivo, por algum tempo, todas as noites, depois que vou para a cama, no sótão do leste. Sempre imagino que sou algo muito brilhante, triunfante e maravilhoso: uma grande prima-dona, ou uma enfermeira da Cruz Vermelha, ou uma rainha. Ontem à noite, eu era uma rainha. É verdadeiramente magnífico imaginar que você é uma rainha. Podemos ter todas as diversões que existem, sem precisarmos lidar com os inconvenientes. E podemos, também, deixar de ser uma rainha no momento em que quisermos, o que é impossível na vida real. Porém, aqui no bosque, prefiro imaginar coisas bem diferentes... Sou uma dríade, uma fada morando dentro do tronco de um pinheiro antigo; ou um pequeno elfo marrom da floresta, escondido sob uma folha enrugada. Aquela bétula branca que você me viu abraçar é minha irmã. A única diferença é que ela é uma árvore e eu sou uma garota, mas isso não é uma diferença significativa. Aonde você está indo, Diana?

– Vou à casa dos Dickson. Prometi ajudar Alberta a cortar seu novo vestido. Será que você poderia descer até lá, no final da tarde, Anne, e voltar para casa comigo?

– Acho que posso... já que Fred Wright está fora de Avonlea; ele foi à cidade, não é? – Anne respondeu com uma expressão demasiadamente ingênua.

Diana enrubescou, balançou a cabeça e saiu andando. Contudo, não pareceu ter ficado ofendida.

Anne realmente pretendia descer até a casa dos Dickson, naquele fim de tarde, para se encontrar com Diana, mas não fez isso. Quando chegou a Green Gables, ela se deparou com uma situação que afastou qualquer outro pensamento de sua mente: Marilla a esperava em frente à casa... uma Marilla apavorada.

– Anne, Dora está desaparecida!

– Dora? Desaparecida? – Anne olhou para Davy, que se balançava pendurado no portão, e percebeu diversão em seus olhos. – Davy, você sabe onde ela está?

– Não, não sei – o menino respondeu enfaticamente. – A última vez em que vi Dora foi durante o almoço, eu juro.

– Estive fora de casa desde as 13 horas – Marilla falou. – Thomas Lynde passou mal subitamente, e Rachel mandou me chamar com urgência. Quando saí, Dora brincava com sua boneca na cozinha, e Davy fazia tortas de barro atrás do celeiro. Só voltei para casa meia hora atrás... e não encontrei a menina em lugar nenhum. Davy afirma que não a viu, desde que saí.

– E não vi mesmo – o menino confirmou solenemente.

– Ela tem de estar em algum lugar por aqui – Anne disse. – Dora nunca iria muito longe sozinha... todos sabem como ela é tímida. Talvez tenha adormecido em algum dos cômodos da casa.

Marilla balançou a cabeça.

– Já procurei pela casa toda. Mas pode ser que esteja em algum dos barracões aqui fora.

Seguiu-se uma busca minuciosa. Cada canto da casa, do terreno, dos barracões foi examinado cuidadosamente por aquelas duas pessoas aflitas. Anne perambulou pelos pomares e pelo Bosque Assombrado, chamando por Dora. Marilla pegou uma vela e explorou o porão. Davy as acompanhou, uma de cada vez, e demonstrou muita criatividade, sugerindo lugares onde a menina poderia estar. Por fim, as duas se encontraram no pátio.

- É a coisa mais misteriosa que já vi – Marilla lamentou.
- Onde mais será que ela poderia estar? – Anne perguntou melancolicamente.
- Quem sabe Dora caiu no poço? – Davy sugeriu animadamente.

Anne e Marilla se entreolharam, aterrorizadas. Esse pensamento tinha estado na cabeça de ambas durante toda a busca, mas nenhuma delas ousou expressá-lo em palavras.

- Ela... ela pode ter caído – Marilla sussurrou.

Anne, sentindo-se fraca e desanimada, foi até a beira do poço e olhou para dentro dele. O balde estava lá, sobre a prateleira onde sempre ficava. Lá no fundo, havia um pequeno brilho de água parada. O poço da família Cuthbert era o mais profundo de Avonlea. Se Dora... Contudo, Anne não pôde enfrentar essa ideia; apenas estremeceu e se afastou imediatamente.

- Vá correndo buscar o senhor Harrison – Marilla ordenou, torcendo as mãos.

– Nem o senhor Harrison, nem John Henry estão por aqui... eles foram à cidade hoje. Vou chamar o senhor Barry.

O senhor Barry voltou com Anne, trazendo um rolo de corda, em cuja extremidade estava amarrado um instrumento semelhante a uma garra: era uma parte do que, um dia, havia sido uma ferramenta usada para cavar a terra. Marilla e Anne ficaram por perto, geladas e trêmulas de medo e horror, enquanto o pai de Diana vasculhava o poço. Davy, novamente dependurado no portão, observava o grupo, com uma expressão que indicava um prazer enorme.

Finalmente, o senhor Barry balançou a cabeça, aliviado.

– Lá dentro ela não está. Entretanto, é muito esquisito esse sumiço da menina. Ouça, rapaz, tem certeza de que não tem ideia de onde sua irmã poderia estar?

– Já falei uma dúzia de vezes que não sei – Davy respondeu, com ar ofendido. – Talvez um mendigo tenha aparecido aqui e roubado Dora.

– Que bobagem! – disse Marilla, ríspida, mas contente de ter se livrado de seu terror em relação ao poço. – Anne, você acha que ela pode ter ido até a casa do senhor Harrison? Desde que você a levou lá, Dora não parou de falar sobre aquele papagaio...

- Duvido que ela se aventuraria a ir tão longe sozinha, mas vou verificar – Anne falou.

Ninguém estava olhando para Davy naquele exato momento, ou teria visto que uma mudança muito nítida ocorrera em sua expressão facial. Discretamente, ele se desvencilhou do portão e correu, o mais depressa que suas pernas gorduchas permitiram, para o celeiro.

Anne atravessou o campo às pressas, rumo à propriedade do senhor Harrison, embora não estivesse muito esperançosa. A casa estava trancada, e as persianas, fechadas. Não havia nenhum sinal de vida por ali. Ela foi até a varanda e gritou o nome de Dora.

Ginger, na cozinha, atrás da varanda, berrou e praguejou, em um ataque súbito de ferocidade. E, entre os berros do papagaio, Anne distinguiu um choro muito triste, que vinha do quintal, de um barracão, que o senhor Harrison usava para guardar ferramentas. Imediatamente, ela voou para a porta do depósito, abriu-a rapidamente e viu uma pequena pobre mortal, com o rosto manchado de lágrimas, sentada desconsoladamente sobre um barril de pregos virado de lado.

- Oh, Dora, Dora, que susto você nos deu! Como foi que veio parar aqui?

– Davy e eu viemos observar Ginger – ela soluçou –, mas não conseguimos ver o papagaio. Então, Davy chutou a porta, e Ginger praguejou. Depois, meu irmão me trouxe aqui, saiu correndo e trancou a porta. Eu não consegui abrir. Gritei muitas vezes, fiquei com muito medo... Oh, estou com tanta fome e com tanto frio! Achei que você nunca ia chegar, Anne!

- Davy?

Em seguida, a moça não disse mais nada. Apenas levou Dora para casa, com o coração

partido. Sua felicidade por haver encontrado a criança sã e salva foi sufocada pela dor que o comportamento de Davy lhe causou. A maldade de prender Dora em um depósito de ferramentas até poderia ser perdoada; entretanto, o garoto foi falso, absolutamente mentiroso, frio e calculista. Essa era a terrível verdade, e Anne não tinha como fechar os olhos para isso. Naquele momento, ela seria capaz de sentar e chorar bastante, de pura decepção. A moça já amava Davy – com uma ternura que nem ela mesma havia imaginado, até então –, e descobrir que ele era culpado de uma falsidade premeditada a machucou insuportavelmente.

Marilla ouviu a história de Anne em silêncio, uma atitude que não era um bom sinal para Davy. O senhor Barry riu e as aconselhou a serem severas com o menino. Depois que ele foi embora, Anne acalmou e aqueceu a chorosa Dora, lhe deu seu jantar, e a pôs na cama. Em seguida, voltou para a cozinha, exatamente quando Marilla entrava, muito zangada, trazendo, ou melhor, puxando, o relutante Davy, cheio de teias de aranha pelo corpo, pois ela tinha acabado de achá-lo escondido no canto mais escuro do estábulo. Então, deixou-o sobre o tapete, no meio do cômodo, e foi se sentar perto da janela que dava para o leste. Anne sentou-se pesadamente junto à janela do oeste.

Entre as duas, estava o culpado, de costas para Marilla – eram costas dóceis, submissas, amedrontadas –, e com o rosto voltado para Anne. Embora sua expressão facial demonstrasse certa vergonha, havia um brilho de camaradagem em seus olhos, como se soubesse que havia agido mal e seria punido por isso, mas também que, mais tarde, ele e Anne dariam risadas por causa de sua façanha.

Porém, nenhum sorriso disfarçado nos olhos cinzentos de Anne correspondeu às suas expectativas, como teria acontecido caso se tratasse apenas de uma mera travessura. Havia outra coisa no olhar da moça: algo feio e assustador.

– Como você pôde se comportar desse jeito, Davy? – ela perguntou pesarosamente.

O garoto se mexeu, nervoso.

– Só fiz aquilo por diversão. Tudo tem estado tão calmo por aqui, há tanto tempo, que achei que seria divertido dar um bom susto em vocês. E foi mesmo!

Apesar do medo e de um pouco de remorso, Davy sorriu ao se lembrar dos acontecimentos.

– Mas você foi falso o tempo todo, Davy – Anne falou, mais pesada do que nunca.

Davy pareceu intrigado.

– O que é ser falso? Quer dizer falar uma mentira, uma potoca?

– Quer dizer inventar uma história que não tem nada de verdadeiro e insistir nela.

– É lógico que insisti – Davy falou com toda a franqueza. – Se eu não fizesse isso, vocês não teriam ficado apavoradas. Eu *tive* de insistir.

Subitamente, Anne foi invadida pela reação à aflição pela qual havia passado e à exaustão pela busca desesperada de Dora. A atitude insensível de Davy foi a gota d'água. Duas grandes lágrimas brotaram em seus olhos.

– Oh, Davy, como você pôde? – ela perguntou, com a voz trêmula. – Não sabe o quanto isso foi errado?

O menino ficou horrorizado. Anne estava chorando... Ele tinha feito Anne chorar?! Imediatamente, uma grande onda de remorso profundo e verdadeiro inundou seu pequeno coração. Davy correu até ela, atirou-se em seu colo, colocou os braços ao redor de seu pescoço e desatou a chorar.

– Eu não sabia que era tão errado inventar e insistir em falsidades – soluçou. – Como você queria que eu soubesse? Todos os filhos da senhora Sprott faziam isso *o tempo todo*, todos os

dias, e também juravam que diziam a verdade. Acho que Paul Irving nunca faz isso, e eu, que me esforço tanto para ser tão bom quanto ele, decepcionei você... Nunca mais vai me amar, não é, Anne? Mas você podia ter me falado que isso era tão errado. Estou muito arrependido por ter feito você chorar, Anne, e nunca vou me comportar dessa maneira outra vez.

Davy escondeu o rosto no ombro da moça e chorou incessantemente. Anne, em um feliz ímpeto de compreensão, o abraçou com força e, por cima do cabelo encaracolado do menino, olhou para Marilla.

– Ele não sabia o quanto é errado inventar e insistir em falsidades, Marilla. Acho que devemos perdô-lo por isso, desta vez, se ele nos prometer que nunca mais vai se comportar assim novamente.

– Não vou mais fazer isso, nunca mais, agora que sei que é tão feio – Davy assegurou, entre soluços. – Se, algum dia, me pegar falando uma potoca, pode... – o garoto procurou mentalmente um castigo apropriado – pode me esfolar vivo, Anne.

– Não diga “potoca”, Davy; fale “falsidade”, “mentira” – a professora ensinou.

– Por quê? – ele indagou, acomodando-se confortavelmente e olhando para Anne com o rosto manchado pelas lágrimas e um ar intrigado. – Por que “potoca” é pior do que “mentira”? Eu quero saber. São palavras do mesmo tamanho.

– É uma gíria. E crianças não devem usar gírias.

– Tem uma quantidade enorme de coisas que não se deve fazer – Davy concluiu, com um suspiro. – Nunca imaginei que tinha tantas. É uma pena ser errado falar pot... mentira, porque é uma coisa tão útil... Mas, já que é assim, nunca mais vou falar. Como vai me castigar pelo que fiz dessa vez? Eu quero saber.

Anne lançou um olhar suplicante para Marilla.

– Não quero ser muito dura com a criança – Marilla disse. – Suponho que nunca lhe ensinaram que é errado mentir, e aqueles filhos da senhora Sprott nunca foram companhias apropriadas para ele. A pobre Mary estava doente demais para educá-lo adequadamente, e presumo que não se pode esperar que um garoto de 6 anos de idade saiba coisas desse tipo por instinto. Portanto, vamos ter de partir do princípio de que ele não sabe *nada* sobre o que é certo ou errado, e começar lá do início. Porém, ele vai ter de ser punido por prender Dora naquele depósito, e não consigo pensar em outro castigo que não seja mandá-lo para a cama sem jantar. Mas, oh, Anne, já fizemos isso tantas vezes... Você pode sugerir algo diferente? Penso que, com toda essa imaginação que tem, deve ser capaz de inventar alguma coisa.

– O problema é que punições são horríveis, e eu gosto de imaginar coisas agradáveis – Anne explicou, afagando Davy. – Já existem tantas coisas ruins neste mundo, que não faz sentido inventar mais nenhuma.

Por fim, Davy foi mandado para a cama, como de costume, e instruído a permanecer lá até o meio-dia seguinte. Ficou evidente que ele refletiu sobre tudo o que acontecera, pois, quando Anne subiu para o sótão do leste, um pouco mais tarde, ela o ouviu chamar seu nome em voz baixa. Ao entrar no quarto de Davy, ela encontrou o menino sentado na cama, com os cotovelos sobre os joelhos e o queixo apoiado nas mãos.

– Anne – ele disse solenemente –, falar pot... mentiras é errado para todo mundo? Eu quero saber.

– Sim, com certeza.

– Para uma pessoa adulta também?

– Sim, claro.

– Então – ele falou, decidido –, Marilla é má, pois *ela* fala. E ela é pior do que eu, porque eu não sabia que isso era errado, mas ela sabe.

– Davy Keith, Marilla nunca falou uma mentira em toda a sua vida – Anne retrucou, indignada.

– Falou, sim. Ela me disse, na terça-feira passada, que alguma coisa muito ruim *aconteceria* comigo se eu não fizesse minhas preces todas as noites. Então, não orei por mais de uma semana, só para ver o que aconteceria... e nada mudou – ele concluiu, zangado.

Anne reprimiu um desejo enorme de rir, certa de que isso seria fatal para a educação do garoto e, em seguida, tratou seriamente de defender a reputação de Marilla.

– Ora, Davy Keith – falou, enfaticamente – uma coisa muito ruim aconteceu *realmente* com você, hoje mesmo.

Davy pareceu incrédulo.

– Suponho que você esteja falando sobre eu ser mandado para a cama, sem jantar – ele disse, com desdém –, mas *isso* não é tão ruim. É lógico que não gosto, mas já fui mandado para a cama tantas vezes, desde que vim morar aqui, que já estou me acostumando. E saiba que vocês não economizam nada, quando me deixam sem jantar, porque eu como duas vezes mais no café da manhã.

– Eu não estava me referindo a você ter sido mandado para a cama. Estava falando sobre o fato de ter sido falso hoje. Ouça, Davy – Anne se inclinou sobre o pé da cama e balançou o dedo indicador firmemente diante o culpado –, inventar mentiras e insistir nelas é *quase a pior* coisa que pode lhe acontecer... *quase a pior*. Portanto, como pode ver, o que Marilla falou é verdade.

– Ora, pensei que algo ruim seria emocionante – Davy protestou, contrariado.

– Marilla não pode ser culpada pelo que você pensou. Coisas ruins não são nada emocionantes. Frequentemente, elas são muito desagradáveis e estúpidas.

– Mas foi bem engraçado ver você e Marilla olhando para o fundo do poço... – argumentou Davy, abraçando os joelhos.

Anne manteve uma expressão severa no rosto, até chegar ao andar de baixo. Então, se jogou sobre o sofá da sala e riu até não poder mais.

– Gostaria que você me contasse a piada – Marilla falou, ligeiramente carrancuda. – Não vi nada engraçado hoje.

– Você vai rir quando ouvir isso – Anne garantiu.

E Marilla riu mesmo, o que demonstrou o quanto seu temperamento tinha melhorado desde a adoção de Anne. Porém, ela logo suspirou profundamente.

– Suponho que eu não deveria ter dito isso a ele, embora eu tenha escutado um pastor falar a mesma coisa, uma vez. Mas Davy tinha me aborrecido bastante. Foi naquele dia em que você estava em um concerto em Carmody. Quando eu estava pondo o garoto na cama, ele me disse que não entendia qual era a utilidade de orar, antes de ficar suficientemente grande para ter alguma importância para Deus. Anne, não sei o que vamos fazer com essa criança. Nunca compreendi seu jeito de ser. Estou profundamente desanimada.

– Oh, não diga isso, Marilla! Não se lembra de como eu era má, quando vim para Green Gables?

– Anne, você nunca foi má... *nunca*! Vejo isso agora, após haver aprendido o que é a verdadeira maldade. Você sempre se metia em encrencas terríveis, admito, mas sempre por um bom motivo. Davy é mau, pelo simples prazer de ser assim.

– Oh, não, acho que o caso dele também não é de maldade verdadeira – Anne discordou. – É

só traquinagem. E, a senhora sabe, aqui é tudo tranquilo demais para ele. O menino não tem outros garotos com quem se divertir, e precisa ocupar a mente com alguma coisa. Dora é tão quieta e bem-comportada que não serve para brincar com um menino. Eu realmente penso que é melhor deixar as crianças frequentarem a escola, Marilla.

– Não – Marilla falou, determinada. – Meu pai sempre dizia que nenhuma criança deve ficar confinada nas quatro paredes de uma escola enquanto não completar 7 anos de idade. E o senhor Allan fala a mesma coisa. Os gêmeos podem receber algumas lições em casa, mas só vão começar a ir à escola quando tiverem 7 anos.

– Bem, sendo assim, temos de tentar corrigir Davy em casa – Anne se conformou, de bom grado. – Mesmo com todos os seus defeitos, ele é um garoto muito querido. Não consigo deixar de amá-lo. Marilla, talvez isto seja uma coisa horrível, mas, honestamente, gosto mais de Davy do que de Dora, por mais bondosa e educada que ela seja.

– Não sei por que, mas eu também – Marilla confessou –, e isso não é justo, pois Dora não nos causa nenhum problema. Não poderia haver criança melhor, e nós raramente nos lembramos de que ela mora aqui.

– Dora é excessivamente boa – Anne acrescentou. – Ela se comportaria extremamente bem, mesmo se não tivesse uma só alma para lhe dizer como agir. A menina já nasceu criada, e, por isso, não precisa de nós para ser educada. E eu acho – Anne concluiu, dizendo uma verdade fundamental – que sempre amamos mais as pessoas que precisam de nós. Davy precisa imensamente de nós duas.

– Ele certamente precisa de algo – Marilla concordou. – Rachel Lynde diria que é de uma boa surra.







**A**nne escreveu a uma amiga e ex-colega da Queen's Academy: Ensinar é realmente um trabalho muito interessante. Jane costuma dizer que acha monótono, mas eu não penso assim. Algo divertido acontece praticamente todos os dias, e as crianças falam coisas tão cômicas! Jane me contou que castiga seus alunos quando eles soltam asneiras engraçadas; deve ser por isso que ela acha que lecionar é tedioso. Hoje à tarde, o pequeno Jimmy Andrews estava tentando soletrar “salpicado”, e não conseguiu.

– Bem – ele disse, por fim – não sei soletrar a palavra “salpicado”, mas sei o que ela significa.

– O que é? – perguntei.

– O rosto de Saint Clair, senhorita.

Sem dúvida, Saint Clair é muito sardento, mas eu sempre tento evitar que os colegas comentem isso... Afinal, já fui sardenta também, e me lembro perfeitamente de como me sentia. Entretanto, não acho que Saint Clair se importe, pois não foi esse o motivo pelo qual ele deu um soco em Jimmy, quando voltavam da escola para casa; foi porque ele o chamou de Saint Clair. Ouvi falar desse soco, mas não oficialmente, portanto, acho que vou ignorá-lo.

Ontem, eu estava tentando ensinar Lottie Wright a fazer adições. Falei: – Se você tivesse três balas em uma das mãos e duas na outra, o que você teria, no total?

– A boca cheia – Lottie respondeu seriamente.

E na aula de Ciências da Natureza, quando pedi que me dessem uma boa razão pela qual não se deve matar sapos, Benjie Sloane declarou: – Porque choveria no dia seguinte.

É tão difícil não rir, Stella! Tenho de guardar todas as minhas gargalhadas para quando chegar em casa. Então, Marilla reclama que fica nervosa ao escutar explosões de risadas estridentes, sem nenhuma causa aparente, vindas do sótão do leste. Ela diz que, uma vez, um homem em Grafton ficou louco, e que foi assim que tudo começou.

Você sabia que Thomas Becke<sup>\*\*\*\*\*</sup> foi canonizado como uma cobra? Segundo Rose Bell, foi assim... E ela disse também que William Tyndale<sup>\*\*\*\*\*</sup> escreveu o Novo Testamento. Já Claude White afirma que uma geleira é uma loja que vende gelo!

Para mim, o que há de mais difícil em lecionar, e também o mais interessante, é conseguir que as crianças expressem seus pensamentos verdadeiros sobre as coisas. Em um dia de chuva forte, na semana passada, reuni todos os alunos ao meu redor, na hora do almoço, e tentei fazê-los conversar comigo exatamente como se eu fosse um deles. Pedi que me contassem o que mais queriam. Algumas das respostas foram bastante triviais: bonecas, pôneis e patins. Outras foram inegavelmente originais. Hester Boulter queria “usar o vestido de domingo todos os dias e comer sempre na sala de visitas”. Hannah Bell queria “ser boa, sem precisar fazer nenhum esforço para isso”. Marjorie White, de apenas 10 anos de idade, queria ser “uma viúva”. Quando perguntei por que, ela explicou calmamente que, se não fosse casada, as pessoas a chamariam de solteirona; se tivesse um marido, ele mandaria nela; no entanto, como viúva, ela não correria o risco de acontecer nenhuma dessas

duas coisas. O desejo mais extraordinário foi o de Sally Bell. Ela queria “uma lua de mel”. Indaguei se ela sabia o que era isso, e Sally respondeu que achava que era um tipo de bicicleta sensacional, porque um primo dela, de Montreal, tinha viajado em uma lua de mel, assim que se casou, e ela sabia que ele sempre tinha as bicicletas mais modernas que eram lançadas!

Houve outro dia em que perguntei qual era a maior travessura que já tinham feito. Não consegui que os mais velhos me contassem, mas os alunos do terceiro ano falaram bem espontaneamente. Eliza Bell tinha posto fogo em um novelo de lã de sua tia. Perguntei se essa era a intenção dela, e a menina me disse que “não exatamente”. Acendeu só uma ponta, para ver como queimava, mas o novelo inteiro se queimou em segundos. Emerson Gillis gastou, em balas, o dinheiro que deveria ter depositado na caixa de doações da Sociedade de Ajuda Humanitária. O pior crime de Annetta Bell foi “ter comido alguns mirtilos que ela colheu no cemitério”. Quanto a Willie White, ele havia escorregado pelo telhado do estábulo das ovelhas, usando sua calça de domingo.

– Mas fui castigado por isso, pois tive de usar a calça, cheia de remendos, para ir à escola dominical durante todo o verão; e, quando somos punidos por algo que fizemos, não temos de nos arrepender daquilo, não é? – Willie declarou.

Eu gostaria que você pudesse ver alguns textos que eles escrevem: gostaria tanto que decidi lhe enviar cópias de composições recentes de alguns alunos. Semana passada, falei com os do quarto ano que queria que eles me escrevessem uma carta, sobre qualquer coisa que quisessem, mas acrescentei, como sugestão, que poderiam me descrever algum lugar que visitaram, ou alguma coisa ou pessoa que conheceram. Disse que deveriam escrever as cartas em papéis próprios para correspondências, colocá-las em envelopes e endereçá-las a mim; tudo isso sem a ajuda de outras pessoas. Na sexta-feira de manhã, encontrei uma pilha de cartas sobre minha mesa; na noite

daquele mesmo dia, entendi, mais uma vez, como lecionar tem seus prazeres, assim como seus desgostos. Aqueles textos compensaram muitas coisas. Eis a carta de Ned Clay, com o endereçamento, a ortografia e a gramática exatamente como no original.

Senhorita professora ShiRley Green Gables p.e. Island pássaros

Querida professora, Eu acho que vou escrever para a senhorita uma composição sobre pássaros. pássaros é animais muito úteis. meu gato pega pássaros. O nome dele é William mas papai o chama de tom. ele é muito listrado e uma de suas orelhas congelô no inverno passado. senão fosse por isso ele ia ser um gato bonito. Meu tio adotou um gato. Ele veio para sua casa um dia e se recusou a ir embora e meu tio fala que o gato esqueceu mais que a maioria das pessoas pensou. ele deixa o bichinho dormir na sua cadeira de balanço e minha tia fala que ele gosta mais do gato que de seus filhos. isso não está certo. temos de ser bons para os gatos e lhes dar leite fresco mas não devemos ser melhores para eles que para nossos filhos. isso é tudo que posso pensar agora então não mais no momento.

edward blake ClaY

A carta de Saint Clair Donnell é, como de costume, curta e objetiva. Saint Clair nunca desperdiça palavras. Não creio que ele tenha escolhido o assunto, ou acrescentado o pós-escrito, por malícia premeditada. Acho que foi só porque o garoto não tem muito tato ou imaginação.

Querida senhorita Shirley, A senhorita nos disse para descrever alguma coisa estranha que vimos. Vou descrever o Clube de Avonlea. Ele tem duas portas, uma interna e outra externa. Tem seis janelas e uma chaminé. Tem duas extremidades e dois lados. Está todo pintado de azul. Fica na estrada de baixo para Carmody. É a terceira construção mais importante em Avonlea. As outras são a igreja e a oficina do ferreiro. As pessoas fazem debates, palestras e shows no clube.

Cordialmente, Jacob Donnell P.S.: O clube foi pintado com uma tinta azul muito berrante.

Annetta Bell escreveu uma carta bastante longa, o que me surpreendeu, já que escrever textos não é o ponto forte dela; geralmente, eles são tão curtos quanto os de Saint Clair. Annetta é uma menina encantadora e tranquila, um modelo de bom comportamento, mas não possui sequer uma sombra de originalidade. Aqui está a carta dela: Queridíssima professora, Acho que vou escrever uma carta para lhe dizer o quanto eu a amo. Amo a senhorita com todo o meu coração, minha alma e minha mente... com tudo que há em mim para amá-la... e quero servi-la para sempre... isso seria meu mais alto privilégio. É por isso que me esforço tanto para ser uma boa aluna e aprender minhas lições.

A senhorita é tão bonita, minha professora. Sua voz é como música, e seus olhos são dois amores-perfeitos, molhados pelo orvalho. A senhorita é uma rainha majestosa. Seu cabelo é semelhante a fios de ouro ondulados. Anthony Pye diz que é vermelho, mas a senhorita não deve se importar com Anthony.

Eu a conheço por apenas alguns meses, mas não consigo acreditar que houve um tempo em que não nos conhecíamos... enquanto a senhorita ainda não tinha entrado em minha vida, para abençoá-la e santificá-la. Sempre olharei para este ano como o mais maravilhoso de toda a minha vida, porque ele a trouxe para mim. Além disso, é o ano em que nos mudamos de Newbridge para Avonlea. Meu amor pela senhorita enriqueceu muito minha vida, e me manteve longe de muitos danos e maldades. Devo tudo isso à senhorita, minha mais doce professora.

Nunca me esquecerei de como estava linda na última vez em que a vi, quando estava usando aquele casaco preto, e flores no cabelo. Vou enxergá-la daquela maneira até o fim de minha vida, mesmo quando estivermos velhas e grisalhas. Para mim, a

senhorita será sempre jovem e primorosa, queridíssima professora. Penso na senhorita o tempo todo... ao amanhecer, ao meio-dia, ao entardecer. Eu a amo quando sorri e quando suspira... até mesmo quando parece desdenhar. Nunca a vi zangada, apesar de Anthony Pye dizer que sempre parece estar brava, mas não ligo se ficar irada com ele, porque aquele menino merece. Amo a senhorita com qualquer vestido... parece ainda mais adorável em cada vestido novo do que no anterior.

Queridíssima professora, boa noite. O sol se pôs e as estrelas estão brilhando... estrelas que são tão reluzentes e esplendorosas quanto seus olhos. Beijo suas mãos e seu rosto, minha adorada. Que Deus a abençoe e proteja de todo o mal.

Sua aluna afetuosa, Annetta Bell Essa carta extraordinária me deixou verdadeiramente intrigada. Eu sabia que Annetta não poderia escrever algo parecido, nem mesmo se ela pudesse voar.

Quando cheguei à escola no outro dia, levei-a para uma caminhada até o riacho, durante o recreio, e pedi que me dissesse a verdade a respeito da carta. Annetta chorou e confessou tudo espontaneamente. Disse que nunca tinha escrito uma carta, e que não sabia como fazer isso, ou o que dizer. Porém, havia um pacote de cartas de amor na primeira gaveta da escrivaninha de sua mãe, que tinham sido escritas por um antigo namorado dela.

– Não eram de papai – Annetta soluçou –, eram de um jovem que estava se preparando para ser pastor e, portanto, sabia escrever cartas maravilhosas, mas, no final das contas, ela não se casou com ele.

A menina afirmou que, na maior parte do tempo, não entendeu nada do que ele estava dizendo. E explicou: – Achei que as cartas eram tão doces que eu poderia simplesmente copiar pedaços delas, aqui e ali, para a senhorita. Escrevi “professora” onde ele tinha posto “namorada”, acrescentei algumas ideias minhas, quando vieram ao meu pensamento, e mudei outras palavras. Por exemplo, troquei “humor” por “vestido”. Não sabia o que significava “humor”, mas

achei que era algum tipo de roupa. Não imaginei que a senhorita perceberia a diferença entre uma coisa e outra. Não entendo como descobriu que a carta não era minha. A senhorita deve ser extremamente talentosa, professora.

Expliquei a Annetta que é muito errado copiar cartas de outras pessoas e apresentá-las como se fossem suas, mas receio que ela só tenha se arrependido realmente de ter sido descoberta.

– E eu amo mesmo a senhorita, professora; só que o pastor escreveu isso primeiro. Amo a senhorita com todo o meu coração.

É muito difícil repreender quem quer que seja, em circunstâncias como essa.

Eis, agora, a carta de Barbara Shaw. É impossível reproduzir os borrões do original.

Querida professora, A senhorita falou que podíamos escrever sobre uma visita. Até hoje, só fiz uma visita. Fui à casa de minha tia Mary, no inverno passado. Minha tia Mary é uma mulher muito peculiar, e uma excelente dona de casa. Durante o chá, no primeiro dia que passei lá, derrubei um bule, e ele se espatifou no chão. Tia Mary disse que tinha possuído aquele bule desde o dia em que se casou, e que, até então, ninguém, nunca, tinha deixado que ele caísse. Depois, assim que nos levantamos, pisei na barra do vestido dela e o babado da saia se soltou. Na manhã seguinte, quando acordei e fui lavar o rosto, bati, sem querer, o jarro de água na bacia, e quebrei os dois. Ainda por cima, virei uma xícara de chá na toalha de mesa, enquanto tomávamos o café da manhã. E, ajudando tia Mary com a louça do almoço, deixei cair um prato de porcelana, e ele se despedaçou. Na noite do mesmo dia, caí no andar de baixo e torci meu tornozelo; tive de ficar na cama por uma semana. Nesse período, ouvi tia Mary falar com tio Joseph que meu tombo tinha sido uma bênção, pois, se não fosse por ele, eu ia quebrar tudo que havia na casa. Por fim, quando fiquei melhor, estava na hora de vir embora. Não gosto

muito de fazer visitas. Prefiro ir à escola, principalmente depois que me mudei para Avonlea.

Respeitosamente, Barbara Shaw E a carta de Willie White era assim: Respeitada senhorita, Quero lhe falar sobre minha Tia Muito Corajosa. Ela mora em Ontário e um dia ela saiu para ir ao celeiro e viu um cachorro no quintal. O cachorro não tinha nada que estar lá então ela pegou uma vara e bateu nele com força. Ela o levou até o celeiro e o prendeu lá. Logo depois apareceu um homem procurando um leão danado (pergunta: será que ele quis dizer “um leão domado”?) que tinha fugido de um circo. E aconteceu que o cachorro era um leão e minha Tia Muito Corajosa o tocou até o celeiro com uma simples vara. Foi uma maravilha ela não ter sido engolhida por ele, mas ela foi muito corajosa. Emerson Gillis falou que se ela pensou que era um cachorro ela não foi mais corajosa do que se fosse mesmo um cachorro. Mas Emerson está com inveja porque ele próprio não tem uma Tia Corajosa, só tem tios.

Guardei a melhor para o fim. Você ri de mim quando digo que Paul é um gênio; no entanto, tenho certeza de que a carta dele vai convencê-la de que ele é mesmo uma criança muito especial. Paul mora longe, perto do litoral, com sua avó, e não tem amigos... nenhum amigo de verdade. Você certamente lembra que nosso professor de Administração Escolar disse que não podemos ter “favoritos” entre nossos alunos, mas não posso deixar de amar Paul Irving mais do que a todos os outros. Entretanto, não acho isso prejudicial, pois todo mundo ama Paul; até a senhora Lynde disse que nunca poderia acreditar que um dia ainda iria se afeiçoar tanto a um ianque.

Os outros garotos da escola também gostam dele. Apesar de seus sonhos e fantasias, não há nada de fraqueza ou afetação nesse menino. Ele é bastante forte e se garante contra os adversários em todos os jogos; imagine que ele brigou com Saint Clair Donnell



recentemente, porque Saint Clair falou que a bandeira do Reino Unido da Grã-Bretanha e Irlanda do Norte era muito mais bonita do que a bandeira dos Estados Unidos. O resultado da disputa foi um acordo mútuo para, a partir daquele momento, cada um respeitar o patriotismo do outro. Saint Clair diz que joga melhor, mas Paul diz que ganha mais frequentemente.

A carta de Paul: Minha querida professora, A senhorita nos disse que poderíamos escrever sobre alguém que conhecemos. Acho que as pessoas mais interessantes que conheço são meus amigos de pedra, e quero falar sobre eles para a senhorita. Nunca disse nada a ninguém a respeito deles, exceto para vovó e papai, mas gostaria que soubesse como eles são, porque entende as coisas. Existe um grande número de pessoas que não entendem as coisas e, portanto, não há razão para contar isso a elas.

Meus amigos de pedra moram na praia. Eu costumava visitá-los todo fim de tarde, antes da chegada do inverno. Agora, só vou poder ir na primavera, mas sei que eles vão estar lá, pois gente como aquela nunca muda... isso é o que existe de mais esplêndido nessas pessoas. Nora foi a primeira delas que conheci e, por isso, acho que é de quem mais gosto. Ela mora na Enseada dos Andrews, tem cabelo e olhos negros, e sabe tudo sobre sereias e espíritos da água. A senhorita precisa ouvir as histórias que ela conta.

Há, também, os Marinheiros Gêmeos. Eles não moram em lugar nenhum; navegam o tempo todo, mas sempre vêm até a praia, para conversar comigo. Formam um par de marujos divertidos, que já viram tudo no mundo... e até mais do que há no mundo. Sabe o que aconteceu, uma vez, com o Marinheiro Gêmeo mais jovem? Ele estava navegando e entrou em uma clareira da lua. A senhorita sabe, professora, que a clareira da lua é a trilha que a lua cheia cria na água, quando ela está nascendo atrás do mar. Bem, o Marinheiro Gêmeo mais jovem navegou pela clareira, até

chegar na própria lua. Lá, ele deparou com uma pequena porta dourada, que ele abriu e, assim, pôde navegar dentro da lua, onde teve aventuras maravilhosas, mas esta carta ficaria muito longa se eu fosse contá-las aqui.

Tem, ainda, a Dama Dourada da Gruta. Um dia, achei uma gruta grande, perto da praia, e entrei nela. Pouco tempo depois, encontrei a Dama Dourada. O cabelo dela é dourado e comprido até os pés, e seu vestido é reluzente e deslumbrante, como se fosse de ouro vivo. Ela tem uma harpa dourada, e toca esse instrumento o tempo todo... é possível ouvir sua música a qualquer hora, se prestamos bastante atenção, mas a maioria das pessoas pensaria que era apenas o vento uivando entre as rochas. Nunca contei a Nora sobre a Dama Dourada. Tive medo de que isso pudesse ferir seus sentimentos. Ela já fica aborrecida quando eu converso por tempo demais com os Marinheiros Gêmeos...

Eu sempre me encontrava com os Marinheiros Gêmeos nas Rochas Listradas. O Marinheiro Gêmeo mais novo é muito tranquilo e bem-humorado, mas o mais velho pode parecer terrivelmente feroz, às vezes. Tenho minhas suspeitas a respeito dele, e acho que ele seria um pirata, se tivesse essa oportunidade. Realmente, existe algo misterioso naquele marujo. Uma vez, eu o ouvi praguejar, e lhe falei que, se, algum dia, ele fizesse isso de novo, não precisaria mais vir à praia para conversar comigo, porque eu tinha prometido para minha avó que jamais seria amigo de alguém que praguejasse. Ele ficou bastante assustado, posso afirmar, e disse que, se eu o perdoasse, ele me levaria até o pôr do sol.

Então, no fim da tarde seguinte, quando eu estava sentado nas Rochas Listradas, o Gêmeo mais velho chegou velejando sobre o mar, em um barco encantado, e eu entrei nele. O barco tinha as cores do arco-íris, em tons perolados, como o interior das conchas de mexilhões, e a vela tinha o brilho da lua. Bem,

navegamos diretamente para o pôr do sol. Pense nisto, professora: eu estive no pôr do sol! E como a senhorita imagina que ele é? Ora, é uma terra cheia de flores. Velejamos para um grande jardim, e as nuvens eram canteiros de flores. Em seguida, chegamos a um grande cais, todo dourado, e desembarcamos em um prado enorme, todo coberto de botões-de-ouro do tamanho de rosas. Permaneci lá por tanto tempo... pareceu quase um ano, mas o Gêmeo mais velho disse que foram apenas alguns minutos. Sabe, na terra do pôr do sol, o tempo passa bem mais devagar do que aqui.

Seu aluno afetuoso, Paul Irving

P.S.: É claro que esta carta não diz realmente a verdade,  
professora.

P.I.





Tudo começou realmente na noite anterior, com uma vigília insone e agitada, devido a uma dor de dente horrorosa. Quando Anne se levantou, na manhã sombria e amarga de inverno, sentiu que a vida era tediosa, sem graça e sem sentido.

Foi para a escola em um estado de espírito nada angelical. A bochecha estava inchada, e o rosto doía. A sala de aula estava fria e enfumaçada, pois o fogo do aquecedor se recusava a queimar, e as crianças tremiam, amontoadas em pequenos grupos ao seu redor. Anne os mandou para suas carteiras, com um tom mais severo do que todos os que já tinha usado anteriormente. Anthony Pye caminhou soberbamente até seu lugar, com o habitual jeito impertinente, e ela notou que ele sussurrou qualquer coisa para o colega sentado a seu lado e, em seguida, olhou para ela e deu um sorrisinho zombeteiro.

Nunca – assim pareceu a Anne – houve tantos lápis estridentes quanto naquela manhã. Quando foi à sua mesa para mostrar uma soma, Barbara Shaw tropeçou no balde usado para jogar carvão no fogo, o que teve resultados desastrosos. O carvão rolou e se espalhou por todas as partes da sala; sua lousa se espatifou em inúmeros fragmentos e, quando ela se levantou, seu rosto todo manchado de pó de carvão provocou gargalhadas estrondosas dos meninos.

Anne, que estava ouvindo a leitura de uma aluna do segundo ano, se virou imediatamente.

– Francamente, Barbara – disse rispidamente –, se você não consegue se mover sem cair em cima de alguma coisa, é melhor permanecer em sua carteira. É absolutamente vergonhoso, para uma menina de sua idade, ser assim tão desastrada!

A pobre Barbara cambaleou até seu lugar, e suas lágrimas, combinadas com o pó de carvão, produziram um efeito verdadeiramente grotesco. Nunca antes sua professora tão querida e compreensiva havia se dirigido a ela daquela maneira, ou com aquele tom, e, conseqüentemente, Barbara estava com o coração partido. A própria Anne sentiu um peso na consciência, mas isso só serviu para aumentar sua irritação. E a turma do segundo ano se lembra até hoje daquela aula de Leitura e, também, da impiedosa aula de Aritmética a que foi submetida, depois dela.

Exatamente quando Anne estava ditando rispidamente as somas, Saint Clair Donnell chegou, muito ofegante.

– Você está meia hora atrasado, Saint Clair – a professora o repreendeu friamente. – Qual é o motivo disso?

– Perdão, senhorita, tive de ajudar mamãe a preparar um pudim para o almoço, porque estamos esperando uma visita, e Clarice Almira está doente – foi a resposta do garoto, pronunciada de maneira perfeitamente respeitosa, mas que, ainda assim, provocou risadas entre os colegas.

– Sente-se em seu lugar e, como castigo, resolva os seis problemas da página 84 do seu livro de aritmética – Anne ordenou.

Saint Clair ficou bastante surpreso com o tom da professora, mas foi humildemente para sua carteira e pegou a lousa. Depois, furtivamente, passou um pequeno embrulho para Joe Sloane, do outro lado do corredor. Entretanto, Anne o pegou em flagrante, e chegou a uma conclusão desastrosa sobre aquele pacote.

Recentemente, a velha senhora Hiram Sloane havia começado a fazer e vender bolinhos de nozes, como uma forma de aumentar um pouco sua pequena renda. Os bolos eram especialmente tentadores para as crianças, e Anne havia tido problemas com relação a isso, por semanas seguidas. No caminho para a escola, os meninos investiam seus poucos trocados nos quitutes da senhora Hiram, levavam-nos para a sala e, se possível, os comiam ou presenteavam os amigos, durante as aulas. Anne já havia prevenido que, se trouxessem mais bolinhos para a escola, eles seriam confiscados. No entanto, lá estava Saint Clair Donnell, diante de seus olhos, passando adiante um deles, embrulhado no papel listrado de azul e branco que a senhora Hiram costumava usar.

– Joseph – Anne falou calmamente –, traga esse embrulho aqui.

Joe, perplexo e envergonhado, obedeceu. Era um menino gordinho, que sempre corava e gaguejava quando amedrontado. Nunca ninguém pareceu mais culpado do que o pobre Joe, naquele momento.

– Jogue o pacote no fogo – Anne mandou.

Joe ficou muito pálido.

– P... p... p... por favor, s... s... senhorita – ele começou, mas ela o interrompeu:

– Faça o que estou dizendo, Joseph, sem mais uma palavra sobre isso!

– M... m... mas s... s... senhorita... i... i... isto é... – Joe balbuciou, desesperado.

– Joseph, você vai me obedecer *ou não*? – Anne perguntou.

Até um garoto mais ousado e mais seguro de si do que Joe Sloane teria ficado intimidado pelo tom de voz da professora e pelo brilho perigoso que estava em seus olhos. Aquela era uma nova Anne, que nenhum dos alunos jamais tinha visto antes. No mesmo instante, Joe lançou um olhar aflito para Saint Clair e, em seguida, foi até o aquecedor, abriu a porta da frente, grande e quadrada, e jogou o embrulho azul e branco lá dentro, antes que Saint Clair, que havia se levantado às pressas, pudesse pronunciar uma palavra sequer. Em seguida, ele se afastou, no instante exato.

Por alguns momentos, os ocupantes aterrorizados da escola de Avonlea não souberam se o que tinha ocorrido era um terremoto ou uma erupção vulcânica. O pacote, aparentemente inofensivo, que Anne havia concluído precipitadamente que continha bolinhos de nozes da senhora Hiram, estava, na verdade, cheio de traques e busca-pés que Warren Sloane tinha encomendado na cidade, no dia anterior, e pedido ao pai de Saint Clair para trazer a Avonlea

para ele. Eram para uma festa de aniversário que Warren daria naquela noite. Os traques explodiram, causando um grande estrondo, e os busca-pés saíram com grande força pela porta do aquecedor e rodopiaram loucamente por toda a sala, chiando e estalando. Anne desmoronou sobre sua cadeira, pálida de horror, e todas as meninas pularam, soltando gritos esganiçados, para cima de suas carteiras. Joe Sloane ficou paralisado em meio ao alvoroço, e Saint Clair, rindo descontroladamente, andava de um lado para o outro no corredor. Prillie Rogerson desmaiou, e Annetta Bell ficou histérica.

Pareceu um longo período de tempo, mas, na realidade, foram apenas alguns minutos, antes que o último busca-pé se extinguísse. Anne, tendo se recuperado do susto, levantou-se e abriu as portas e janelas, para deixar sair o gás e a fumaça que tomavam conta da sala. Depois, ajudou as meninas a carregarem a inconsciente Prillie para a varanda, onde Barbara Shaw, desejando desesperadamente ser útil, derramou um balde de água gelada – na verdade, quase congelada – sobre o rosto e os ombros de Prillie, antes que alguém pudesse detê-la.

Passou-se uma hora inteira até que a tranquilidade fosse restaurada; mas foi uma tranquilidade que se resumia a silêncio, pois todos puderam notar que nem a explosão tinha mudado o estado de espírito da professora. Ninguém, exceto Anthony Pye, se atreveu a sussurrar uma só palavra. Ned Clay deixou seu lápis chiar acidentalmente, quando fazia uma soma; seu olhar e o de Anne se cruzaram, e o garoto desejou que o chão se abrisse diante dele e o engolissem. Na aula de Geografia, os alunos foram apresentados a um continente inteiro, e com tanta rapidez, que ficaram tontos. A aula de Gramática compreendeu uma análise sintática tão minuciosa que quase os enlouqueceu. A seguir, Chester Sloane soletrou “cheiroso” com z, e terminou sentindo que nunca mais superaria tamanha vergonha, nem neste mundo, nem naquele que está por vir.

Anne sabia que tinha se ridicularizado, e que aquele incidente seria motivo de risadas em um grande número de mesas de chá, mas isso só fez com que ficasse ainda mais irada. Se estivesse mais calma, poderia ter enfrentado a situação com uma boa gargalhada, mas, naquele momento, isso era totalmente impossível; portanto, simplesmente a ignorou, com frieza e desdém.

Quando a professora voltou do almoço, todas as crianças estavam, como de costume, sentadas em seus lugares, e cada rosto, diligentemente voltado para seu livro, exceto o de Anthony Pye, que observava Anne furtivamente e cujos olhos negros brilhavam de curiosidade e zombaria. Então, ela abriu sua gaveta, em busca de giz, e lá de dentro pulou um camundongo vigoroso, que correu sobre a mesa e saltou para o chão.

Anne gritou e deu um pulo para trás, como se o que tinha visto fosse uma cobra, e Anthony Pye riu; e riu alto, de uma forma que todos ouviram.

Depois, o silêncio reinou – um silêncio aterrorizante e incômodo. Annetta Bell teve dúvida sobre ficar histérica de novo ou não, principalmente porque não sabia exatamente para onde o rato havia ido. Porém, achou melhor não. Quem poderia ter algum consolo em um ataque de histeria, quando tinha uma professora tão pálida, e com um olhar tão furioso, à sua frente?

– Quem pôs aquele camundongo dentro de minha gaveta? – Anne perguntou; sua voz era razoavelmente baixa, mas, mesmo assim, fez um arrepio percorrer a espinha de Paul Irving. O olhar de Joe Sloane encontrou o dela, e, como se sentiu, da raiz do cabelo à sola do pé, responsável, o garoto balbuciou bravamente:

– N... n... não f... f... fui eu... p... p... professora, n... n... não f... f... fui eu.

Anne não deu nenhuma atenção ao pobre Joseph, mas olhou fixamente para Anthony Pye, que retribuiu o olhar impassivelmente.

– Anthony Pye, foi você?

– Sim, fui eu – o menino respondeu insolentemente.

Imediatamente, ela pegou a vara que usava para apontar o que queria que os alunos vissem, e que ficava sobre sua mesa. Era um pedaço, comprido e pesado, de madeira dura.

– Venha cá, Anthony!

Aquele estava longe de ser o castigo mais severo que Anthony Pye já havia recebido. Anne – até mesmo a enfurecida Anne que estava ali, naquele momento – jamais puniria impiedosamente uma criança. Contudo, a vara acertou seu alvo profundamente, e, por fim, a arrogância de Anthony foi vencida: ele estremeceu e as lágrimas vieram a seus olhos.

Com a consciência pesada, a professora largou a vara e mandou o menino rebelde voltar para sua carteira. Em seguida, sentou diante de sua mesa, sentindo-se envergonhada, arrependida e amargamente atormentada. Seu acesso de raiva tinha passado, e ela daria tudo para encontrar alívio em suas lágrimas. Ora, então todas as teorias das quais se vangloriava foram dar naquilo? Afinal, tinha acabado de açoitar um de seus alunos... Oh, como Jane ficaria triunfante! E quantas risadinhas irônicas o senhor Harrison daria! Mas o pior de tudo, o pensamento mais amargo de todos, era: havia perdido sua última chance de conquistar Anthony Pye. A partir de agora, ele nunca mais gostaria dela.

Às custas do que alguém um dia chamou de “esforço hercúleo”, Anne reprimiu suas lágrimas até chegar a Green Gables, no fim da tarde. Lá, se fechou no sótão do leste e chorou, sobre os travesseiros, todo o seu remorso, seu desapontamento e sua vergonha; chorou por tanto tempo que Marilla ficou alarmada, invadiu o quarto e insistiu em saber qual era o problema.

– O problema, Marilla, é com minha consciência – ela soluçou. – Oh, hoje foi um dia horrível! Estou tão envergonhada de mim mesma! Perdi minha calma e bati em Anthony Pye.

– Fico feliz em ouvir isso – disse Marilla, em tom de aprovação. – É o que você já deveria ter feito há muito tempo.

– Oh, não, não, Marilla! E não sei como vou poder ficar frente a frente com aquelas crianças outra vez. Sinto que me humilhei ao máximo. A senhora não imagina o quanto fiquei zangada, detestável e má. Não consigo esquecer a expressão nos olhos de Paul Irving... ele parecia tão surpreso e decepcionado... Oh, Marilla, me esforcei *tanto* para ser paciente e conquistar o afeto de Anthony Pye... e, hoje, estraguei tudo...

Marilla passou a mão, calejada pelo trabalho duro, sobre o cabelo brilhante e despenteado da moça, com uma ternura comovente. Quando o choro de Anne abrandou, ela disse, em um tom bem mais gentil do que o seu habitual:

– Você leva as coisas muito a sério, Anne. Todos nós cometemos erros... mas as pessoas se esquecem deles. E dias horríveis existem para todo mundo. Quanto a Anthony Pye, por que se preocupar por ele não gostar de você? Ele é o único.

– Não posso evitar, Marilla. Quero que todos me amem; dói muito quando alguém não gosta de mim. E, agora, Anthony nunca vai me amar. Oh, fui uma idiota hoje. Vou lhe contar toda a história.

Marilla ouviu a história inteira e, se sorriu em certas partes dela, Anne nunca vai saber. No final, falou, determinada:

– Bem, esqueça isso. Esse dia já acabou e vamos ter outro amanhã, sem erros *ainda*, como você mesma costumava dizer. Venha, desça e coma. Vamos ver se uma boa xícara de chá e aqueles quitutes de ameixa que fiz hoje não vão animá-la.

– Quitutes de ameixa não são remédio para um espírito enfermo – Anne respondeu, desconsolada.

Entretanto, Marilla pensou que era um bom sinal a moça já haver se recuperado, a ponto de adaptar uma citação.\*\*\*\*\*

De fato, a alegre mesa de jantar, com os rostos iluminados dos gêmeos e os quitutes de ameixa inigualáveis de Marilla – dos quais Davy comeu quatro – realmente a animaram consideravelmente. Anne dormiu bem naquela noite e, ao acordar, constatou que ela própria e o mundo haviam se transformado. Tinha caído uma neve suave, porém espessa, durante todas as horas de escuridão, e a linda brancura, brilhando ao sol gelado, parecia um manto de caridade lançado sobre todos os erros e humilhações do passado.

Toda manhã é um novo começo,  
e em cada manhã, o mundo é renovado...

Anne cantava enquanto se vestia.

Por causa da neve, ela teve de passar pela estrada para chegar à escola, e achou que certamente foi uma coincidência maliciosa encontrar Anthony Pye no caminho, assim que saiu da alameda de Green Gables. Anne se sentiu tão culpada quanto se fosse ela quem tivesse agido mal. E, para sua indescritível surpresa, Anthony não só levantou seu gorro – o que nunca tinha feito antes –, como também falou calmamente:

– Está difícil caminhar hoje, não está? Posso levar os livros para a senhorita, professora?

Anne lhe entregou os livros e se perguntou se estava mesmo acordada. Anthony permaneceu em silêncio até chegarem à escola, e, quando pegou seus livros de volta, Anne sorriu para ele; não foi aquele sorriso “gentil”, estereotipado, que tinha persistentemente oferecido a ele até a véspera, mas, sim, uma súbita manifestação de boa camaradagem. Anthony sorriu de volta – ou melhor, se a verdade deve ser dita, Anthony *mostrou os dentes*. Embora essa não seja geralmente considerada uma atitude respeitosa, a professora sentiu repentinamente que, se ainda não havia conquistado o afeto de Anthony, tinha, por outro lado e de algum jeito, ganhado seu respeito.

No sábado, a senhora Lynde fez uma visita a Green Gables e confirmou isso.

– Bem, Anne, acho que você venceu Anthony Pye... essa é a verdade. Ele disse que acha que você tem algo de bom, afinal de contas, mesmo sendo uma mulher. E falou que aquele golpe de vara que você deu nele foi “mesmo tão bom quanto o de um homem”.

– Porém, nunca passou pela minha cabeça que eu poderia conquistá-lo com um castigo físico – Anne respondeu, um pouco pesarosa, sentindo que seus ideais a haviam traído, de alguma maneira. – Isso não me parece certo. Tenho certeza de que minha teoria sobre paciência e afeto não pode estar errada.

– Pode ser, mas os Pye são uma exceção a qualquer regra que possa existir; essa é a verdade – a senhora Rachel declarou, com grande convicção.

Quando ouviu a história, o senhor Harrison afirmou:

– Eu sabia que a senhorita ia acabar fazendo isso!

E, como era de se esperar, Jane zombou dela impiedosamente.







A caminho de Orchard Slope, Anne encontrou Diana – que, por sua vez, ia a Green Gables –, exatamente onde a velha ponte de troncos, coberta de musgo, se estendia sobre o riacho, abaixo do Bosque Assombrado. As duas se sentaram na margem da Bolha da Dríade, onde as folhas das samambaias pequenas se desenrolavam como se fossem duendes verdes, de cabelos encaracolados, acordando de uma soneca.

– Estava justamente indo até sua casa para convidá-la a me ajudar a comemorar meu aniversário, no sábado – Anne explicou.

– Seu aniversário? Mas seu aniversário foi em março!

– Não por culpa minha – Anne riu. – Se meus pais tivessem me consultado, ele nunca seria naquele mês. Eu teria escolhido nascer na primavera, claro. Deve ser maravilhoso vir ao mundo junto com as flores de maio e as violetas. Sempre sentiríamos que somos uma espécie de irmãs adotivas. Porém, como não foi o que aconteceu, o melhor a se fazer agora é comemorar meu aniversário na primavera. Priscilla vai chegar no sábado, e Jane também vai estar em casa. Nós quatro podemos começar pelo bosque e, então, passar um dia de ouro, nos familiarizando com *esta* primavera. Nenhuma de nós ainda a conhece bem, mas ela vai estar por aí de novo, e vamos poder apreciá-la como em nenhum outro lugar. De qualquer modo, quero explorar todos aqueles campos e lugares ermos. Estou convicta de que existe por lá um grande número de recantos bonitos que nunca foram realmente *vistos*, embora possam ter sido *olhados*. Vamos fazer amizade com o vento, o céu e o sol, e trazer a primavera para casa, em nossos corações.

– Parece fascinante – Diana comentou, com alguma desconfiança, lá no fundo, sobre a magia existente nas palavras de Anne. – Mas ainda não está muito úmido em alguns lugares?

– Ora, podemos usar galochas! – foi a concessão de Anne à praticidade de Diana. – Eu gostaria que você viesse a Green Gables bem cedo, no sábado, para me ajudar a preparar nosso lanche. Quero as guloseimas mais deliciosas que pudermos fazer... coisas que combinem com a primavera, você entende, não é? Tortinhas de geleia; biscoitos champanhe; bolinhos com gotas

de chocolate e glacê rosa e amarelo; e um bolo decorado com flores. Oh, e precisamos de sanduíches também, apesar de eles *não* serem muito poéticos.

O sábado amanheceu ideal para um piquenique: um dia de sol, céu azul, clima morno e agradável e um vento alegre soprando pelos campos e pomares. Sobre cada planície e cada colina, havia um delicado manto verde salpicado de flores, como se fossem estrelas.

O senhor Harrison, trabalhando com o ancinho nos fundos de sua fazenda e sentindo um pouco da magia da primavera – apesar da meia-idade e de seu temperamento sério –, viu, à distância, quatro garotas, todas com uma cesta na mão, percorrendo o caminho entre a fronteira de seu campo e uma floresta de bétulas e abetos. E pôde ouvir o eco de suas risadas e vozes joviais.

– É tão fácil ser feliz em um dia como este, não acham? – Anne indagava, com sua autêntica filosofia “Anneística”. – Vamos tentar fazer deste um dia realmente dourado, meninas... um dia para o qual, no futuro, possamos sempre olhar com prazer! Vamos apreciar o que é belo e nos recusar a ver todo o resto... Oh, Jane, mande embora essa preocupação malvada! Você está pensando em algo que deu errado na escola, ontem?!

– Como você sabe? – Jane perguntou, admirada.

– Oh, conheço essa expressão em seu rosto... Já a vi muitas vezes em *meu próprio* rosto. Mas tire isso da cabeça agora, por favor! Nada vai mudar até segunda-feira... ou, se mudar, melhor ainda. Oh, meninas, meninas, vejam aquele pequeno campo de violetas! Ali temos uma coisa para guardarmos na galeria de imagens da memória. Quando eu tiver 80 anos de idade... se, algum dia, isso acontecer... vou fechar os olhos e visualizar aquelas violetas, exatamente como as vejo neste momento. Este é o primeiro presente encantador que nosso dia está nos oferecendo!

– Se a sensação de um beijo pudesse ser vista, acho que ela se pareceria com uma violeta – Priscilla comentou.

Anne irradiou felicidade.

– Estou tão contente porque você *expressiu* esse seu pensamento, Priscilla, em vez de guardá-lo para si mesma! O mundo seria um lugar bem mais interessante... embora ele já seja muito interessante como é... se as pessoas manifestassem seus pensamentos verdadeiros.

– Seria difícil demais conviver com algumas pessoas – Jane falou sabiamente.

– Suponho que poderia ser mesmo, mas elas é que estariam erradas, por pensar coisas ruins. De qualquer modo, hoje nós podemos expressar todos os nossos pensamentos, pois só vamos ter os mais bonitos. Cada uma de nós pode dizer exatamente o que vier à sua cabeça. Isso é conversar. Olhem, aquela é uma trilha que eu nunca tinha visto antes. Vamos explorá-la!

Era um caminho sinuoso, tão estreito que elas tiveram de andar em fila; e, mesmo assim, os ramos dos abetos tocavam seus rostos. Sob essas árvores, havia almofadas aveludadas de musgos e, mais adiante, onde as árvores eram menores e menos presentes, o solo era rico em uma grande variedade de vegetação.

– Olhem que enorme quantidade de orelhas-de-elefante! – Diana exclamou. – Vou colher um buquê bem bonito. E as flores estão lindas!

– Como é possível essas coisas tão suculentas e graciosas terem um nome tão feio? – Priscilla perguntou.

– É porque quem as nomeou pela primeira vez não tinha nenhuma imaginação, ou porque tinha imaginação demais – Anne explicou. – Oh, amigas, vejam aquilo!

“Aquilo” era uma poça, no centro de uma pequena clareira no bosque, exatamente onde a trilha acabava. Quando a primavera já estivesse mais avançada, ela estaria seca e, em seu lugar,

haveria uma grande quantidade de samambaias. Entretanto, naquele momento, o que estava ali era uma área do solo, redonda como um prato, coberta de água plácida, clara e cintilante como um cristal; era rodeada por um anel de bétulas jovens e esguias e, em sua margem, havia pequenas samambaias.

– Como isso é *encantador*! – Jane exclamou.

– Vamos dançar em volta da poça, como se fôssemos ninfas da floresta – Anne decidiu, largando a cesta e estendendo os braços.

Contudo, a dança não foi bem-sucedida, pois o solo estava pantanoso, e as galochas de Jane saíram de seus pés.

– Você não pode ser uma ninfa da floresta se estiver usando galochas – foi sua conclusão.

– Bem, antes de irmos embora daqui, temos de dar um nome a este lugar – Anne falou, dando-se por vencida pela lógica incontestável dos fatos. – Cada uma vai sugerir um nome e, em seguida, vamos fazer um sorteio. – Diana?

– “Poça das Bétulas” – Diana sugeriu prontamente.

– “Lago de Cristal” – disse Jane.

Anne, estando atrás das duas, implorou a Priscilla, com os olhos, que não se atrevesse a propor um nome como aqueles, e Priscilla respondeu ao desafio com “Vidraça Vibrante”. A ideia de Anne foi “Espelho das Fadas”.

Os nomes foram escritos em tiras de casca de tronco de bétula, com um lápis que a professora Jane tirou de seu bolso, e colocados no chapéu de Anne. Depois, Jane fechou os olhos e sorteou um deles.

– Lago de Cristal! – Jane leu, triunfante.

E “Lago de Cristal” ficou sendo o nome daquele lugar. Se pensou que o acaso havia pregado uma boa peça naquele local magnífico, Anne não disse nada.

Após atravessar a vegetação rasteira que havia mais adiante, as moças chegaram ao pasto dos fundos do senhor Sloane: um campo isolado e muito verde. Atrás dele, encontraram um caminho estreito que seguia pelo bosque, e concordaram em explorá-lo.

Essa decisão as recompensou com uma série de belas surpresas. Primeiro, contornando o pasto do senhor Sloane, havia um conjunto de cerejeiras silvestres, todas floridas. As garotas tiraram seus chapéus e enfeitaram a cabeça com guirlandas de flores lindas, delicadas e aveludadas. Depois, o caminho fazia uma curva em ângulo reto e entrava em um bosque de abetos tão espesso e escuro que elas andaram em meio a uma penumbra semelhante ao crepúsculo, sem enxergar sequer um pedaço do céu ou um raio de sol.

– É aqui que os elfos maus do bosque moram – Anne sussurrou. – Eles são travessos e maliciosos, mas não podem nos fazer nenhum mal, porque são proibidos de praticar crueldades durante a primavera. Havia um nos observando, atrás daquele abeto velho e retorcido. E vocês não viram um grupo deles em cima daquele cogumelo grande e pintado pelo qual passamos há pouco? As fadas boas sempre habitam locais ensolarados.

– Eu queria tanto que realmente existissem fadas... – Jane falou. – Não seria magnífico ter direito a três desejos realizados? Ou, até mesmo, apenas um? O que vocês pediriam, meninas, se pudessem ter um desejo realizado? Eu gostaria de ser rica, bonita e inteligente.

– Eu pediria para ser alta e esbelta – Diana afirmou.

– Eu ia querer ser famosa – foi a resposta de Priscilla.

Anne pensou em seu cabelo, mas logo descartou a ideia, por achá-la indigna.

– Eu gostaria que fosse primavera o tempo todo, e em todas as vidas e corações – ela

declarou.

– Mas isso – Priscilla comentou – seria o mesmo que desejar que o mundo fosse como o paraíso.

– Apenas parte dele. Nas outras partes, haveria verão e outono... sim, e um pouco de inverno. Acho que quero campos cobertos de neve reluzente, às vezes, e geadas brancas também. Não concorda, Jane?

– Eu... eu não sei – a amiga respondeu, hesitante.

Jane era uma boa moça, um membro da igreja que tentava conscientemente atender às expectativas correspondentes a sua profissão, e acreditava em tudo o que lhe havia sido ensinado. Entretanto, nunca tinha pensado no paraíso por mais tempo do que o inevitável.

– Outro dia, Minnie May me perguntou se usaríamos nossos melhores vestidos todos os dias, quando estivéssemos no céu – Diana riu.

– E você não lhe disse que usaríamos? – Anne quis saber.

– Misericórdia, não! Eu falei que, lá, não estaremos pensando em vestidos, de jeito nenhum.

– Oh, eu acho que estaremos sim... *um pouco* – Anne discordou honestamente. – Vai haver tempo suficiente para isso, na eternidade, sem precisarmos deixar de pensar em coisas mais importantes. Acredito que todas nós usaremos vestidos lindos... ou melhor, suponho que *vestimentas* seja uma palavra mais apropriada. No começo, vou querer usar cor-de-rosa, por alguns séculos... seria o tempo necessário para eu me cansar dessa cor, tenho certeza disso. Eu realmente adoro cor-de-rosa, mas não posso usar nenhum tom, aqui, *neste* mundo.

Saindo do bosque de pinheiros, o caminho descia até uma pequena clareira ensolarada, onde uma ponte de troncos se estendia sobre um riacho. Em seguida, as amigas encontraram um glorioso bosque de faias, onde as folhas eram novas e profundamente verdes, o ar era transparente como um vinho dourado, e o solo, um mosaico de raios tremulantes de sol. Mais adiante, outra profusão de cerejas silvestres e um pequeno vale de abetos esguios. Depois, uma colina tão íngreme que as quatro quase ficaram sem fôlego ao escalá-la. Então, quando elas chegaram ao topo e se depararam com um espaço aberto, a surpresa mais encantadora as esperava.

À distância, estavam os “campos de trás” das fazendas que ficavam de frente para a estrada de cima, aquela que levava a Carmody. E, bem diante delas, cercado por faias e abetos, porém sem nada ao sul, havia um canto e, nele, um jardim – ou, melhor dizendo, o que havia sido, outrora, um jardim. Um muro de pedra já em ruínas, coberto de musgo e grama, o cercava. Ao longo do lado leste, tinha uma fileira de cerejeiras de pomar, brancas como um monte de neve recém-caída. Vestígios de caminhos antigos e uma linha dupla de roseiras no meio do jardim ainda podiam ser vistos. Todo o resto do espaço era um manto de narcisos amarelos e brancos, florescendo generosa e graciosamente e balançando ao vento, sobre um tapete de exuberantes ervas verdes.

– Oh, que perfeição! – três das garotas exclamaram, praticamente ao mesmo tempo, enquanto Anne apenas observava, em um silêncio bastante expressivo.

– Como é possível ter existido um jardim assim, aqui atrás, no passado? – Priscilla perguntou, admirada.

– Deve ser o jardim de Hester Gray – Diana sugeriu. – Já escutei mamãe falar sobre ele, mas nunca o vi antes; nem imaginei que ele ainda existiria. Você já ouviu essa história, Anne?

– Não, mas Hester Gray me parece um nome conhecido.

– Oh, você o viu no cemitério. Ela está enterrada lá, naquele canto dos álamos. É aquela

lápide pequena, marrom, com dois portões abertos esculpidos e as palavras: “À memória sagrada de Hester Gray, 22 anos de idade”. Jordan Gray está enterrado bem ao lado dela, mas não há uma lápide para ele. Fico surpresa em saber que Marilla nunca lhe falou sobre isso, Anne. Mas entendo, pois, na verdade, essa história aconteceu trinta anos atrás, e todos já se esqueceram dela.

– Bem, se existe uma história, temos de saber qual é – Anne concluiu. – Vamos sentar aqui, entre os narcisos, e Diana vai nos contar tudo. Vejam, meninas, há centenas deles... as flores se espalharam por todos os lados. Parece que o jardim foi atapetado com o brilho do sol e o da lua, ao mesmo tempo. Esta foi uma descoberta valiosa! E pensar que vivi a menos de dois quilômetros deste lugar, por seis anos, e nem sabia de sua existência. Agora, conte a história, Diana.

– Há muito tempo – Diana começou –, esta fazenda pertencia ao velho senhor David Gray, mas ele não morava aqui, e sim onde Silas Sloane mora atualmente. Ele tinha um filho, Jordan, que foi trabalhar em Boston, certo inverno, e, enquanto estava lá, se apaixonou por uma moça chamada Hester Murray. Ela trabalhava em uma loja, mas odiava seu emprego. Hester tinha sido criada no campo e sempre quisera voltar para a zona rural. Quando Jordan a pediu em casamento, ela disse que aceitaria, contanto que ele a levasse para morar em um local tranquilo, onde ela não veria nada além de campos e árvores. Então, ele a trouxe para Avonlea. A senhora Lynde falou que ele estava correndo um risco terrível, ao se casar com uma ianque, e é certo que a moça era delicada demais e deixava muito a desejar como dona de casa. Mas mamãe conta que ela era muito bonita e meiga, e que Jordan reverenciava até o chão em que ela pisava. Bem, o senhor Gray deu esta fazenda para Jordan e construiu uma pequena casa aqui atrás, onde Hester e o marido viveram por quatro anos. Ela saía muito raramente, e quase ninguém a visitava, exceto mamãe e a senhora Lynde. Jordan fez este jardim para a esposa, e ela o adorava; passava aqui a maior parte de seu tempo. Podia não ser uma boa dona de casa, mas tinha um talento especial para cuidar de flores. E, então, Hester ficou doente. Mamãe acha que ela já estava tuberculosa, antes mesmo de vir morar aqui. Porém, a senhora Jordan Gray nunca ficou de cama realmente; apenas foi enfraquecendo, dia após dia. O marido não quis ninguém para cuidar dela. Ele mesmo fez tudo sozinho, e mamãe diz que ele foi tão dedicado e afetuoso quanto uma mulher seria. Todos os dias, Jordan a cobria com um xale e a carregava para o jardim, onde ela se deitava em um banco, sempre feliz. Dizem que Hester costumava fazer Jordan se ajoelhar a seu lado, todas as noites e todas as manhãs, e orar junto com ela, para que, quando a hora chegasse, ela morresse no jardim. E suas preces foram atendidas. Um dia, Jordan a trouxe para fora, deitou-a no banco, colheu todas as rosas abertas e as espalhou sobre a esposa. Ela apenas sorriu para ele... fechou os olhos... e esse – Diana concluiu suavemente – foi seu fim.

– Oh, que história linda! – Anne suspirou, secando as lágrimas.

– E o que aconteceu com Jordan? – Priscilla indagou.

– Ele vendeu a fazenda, depois da morte de Hester, e voltou para Boston. O senhor Jabez Sloane comprou a fazenda e transportou a pequena casa para a frente da estrada. Jordan morreu uns dez anos depois; seu corpo foi trazido para cá e enterrado ao lado da esposa.

– Não entendo por que ela quis morar aqui atrás, longe de tudo – disse Jane.

– Oh, eu posso entender isso facilmente – Anne falou, pensativa. – Eu não desejaria a mesma coisa para sempre, porque, embora eu ame os campos e os bosques, adoro as pessoas também. Mas posso me colocar no lugar de Hester. Ela estava extremamente cansada do barulho da cidade grande e das multidões de pessoas, sempre indo e vindo, sem se importar nem um pouco com ela. Queria fugir de tudo isso e morar em um local sossegado, agradável, perto das árvores e

plantas, onde pudesse descansar. E conseguiu o que desejava, coisa que, em minha opinião, muito pouca gente conquista. Viveu quatro anos maravilhosos antes de morrer, quatro anos de perfeita felicidade. As pessoas deveriam ter inveja dela, em vez de pena. Imaginem: fechar os olhos e adormecer, entre rosas, ao lado de quem você mais ama no mundo, sorrindo para você... Oh, acho que foi magnífico!

– Foi ela que plantou aquelas cerejeiras ali – Diana acrescentou. – Hester falou com mamãe que nunca viveria para comer as cerejas, mas queria pensar que algo que ela plantou continuaria vivendo e contribuindo para fazer o mundo mais bonito, depois que ela se fosse.

– Estou contente por termos percorrido este caminho – disse Anne, com os olhos brilhando. – Hoje é meu aniversário adotado, vocês sabem, e este jardim e sua história são meu presente. Sua mãe já contou, alguma vez, como era a aparência de Hester Gray, Diana?

– Não... só falou que ela era bonita.

– Isso me alegra, pois, assim, posso imaginar como ela era, sem ser prejudicada pelos fatos. Penso que Hester era muito baixa e esbelta, tinha cabelo escuro e levemente encaracolado, olhos castanhos grandes, doces e tímidos, e um rosto pequeno, pálido e ligeiramente melancólico.

Em seguida, as quatro deixaram suas cestas no jardim de Hester e passaram o resto da tarde perambulando pelos bosques e campos da redondeza, descobrindo muitos caminhos e recantos adoráveis. Quando sentiram fome, comeram seu lanche no lugar mais bonito de todos: a margem íngreme de um riacho borbulhante, onde bétulas brancas brotavam de uma relva alta e macia. Elas se sentaram perto das raízes e deram o devido valor às guloseimas de Anne; até mesmo os sanduíches “pouco poéticos” foram muito apreciados pelos apetites jovens e vorazes, aguçados por todo o ar fresco e os exercícios físicos de que haviam desfrutado.

Anne tinha trazido limonada e copos para suas convidadas, mas ela mesma preferiu beber água fresca do riacho, em uma xícara que moldou em um pedaço de casca de tronco de bétula. A xícara vazou, a água tinha gosto de terra, como acontece frequentemente com água de riacho durante a primavera, mas Anne achou que ela seria mais apropriada para a ocasião do que limonada.

– Olhem ali! Estão vendo aquele poema? – ela disse subitamente, estendendo o braço para apontar.

– Onde? – Jane e Diana olharam, como se esperassem ver rimas escritas, em um alfabeto rúnico, \*\*\*\*\* nas bétulas.

– Ali embaixo, na água... Aquele tronco velho, verde, coberto de musgo, com o riacho fluindo sobre ele, formando ondulações suaves, que parecem ter sido penteadas, e um único raio de sol caindo bem em cima dele, penetrando no poço... Oh, é o poema mais bonito que eu já vi!

– Eu chamaria de quadro – disse Jane. – Um poema tem versos e rimas.

– Oh, não, de jeito nenhum! – Anne balançou, decidida, a cabeça enfeitada com a grinalda de flores delicadas de cerejeira silvestre. – Os versos e as rimas são somente a aparência exterior do poema, e não *o poema* realmente, assim como seus babados e suas rendas não são *você*, Jane. O poema verdadeiro é a alma que está dentro dele... e aquela cena maravilhosa é a alma de um poema não escrito. Não é todo dia que podemos ver uma alma... mesmo que seja a de um poema.

– Eu gostaria de saber como é a aparência de uma alma... a alma de uma pessoa – Priscilla falou sonhadoramente.

– É como aquilo ali, eu acho – Anne respondeu, apontando para um raio de sol passando entre os galhos de uma bétula. – Só que com outra forma e características diferentes, claro. Gosto de

imaginar almas feitas de luz. Algumas são trêmulas e atravessadas por manchas cor-de-rosa, outras têm um brilho suave, como o da lua no mar, e há aquelas pálidas e transparentes, como a névoa do amanhecer.

– Uma vez eu li, em algum lugar, que almas são como flores – Priscilla comentou.

– Então, sua alma é um narciso dourado – disse Anne. – A de Diana é uma rosa vermelha, bem vermelha... e a de Jane é uma flor de macieira: rosada, doce e saudável.

– E a sua é uma violeta branca, com traços roxos ao redor do miolo – Priscilla descreveu.

Jane sussurrou para Diana que realmente não conseguia entender sobre o que elas falavam. Diana saberia explicar?

As moças voltaram para casa sob a luz calma do crepúsculo dourado, com as cestas repletas de botões de narcisos do jardim de Hester. No dia seguinte, Anne levou alguns ao cemitério e colocou na sepultura dela. Os pássaros cantavam agradavelmente nos abetos, e os sapos coaxavam nos brejos. Todos os vales entre as colinas refletiam raios de luz das cores do topázio e da esmeralda.

– Bem, no final das contas, passamos horas deliciosas – Diana falou, como se não estivesse esperando por isso quando partiram para o passeio.

– Foi um dia verdadeiramente de ouro – Priscilla concordou.

– Particularmente, eu adoro os bosques – Jane concluiu.

Anne não disse nada. Estava com o olhar distante, no céu do oeste, pensando na pequena Hester Gray.



**V**oltando do correio para casa, em um final de tarde de sexta-feira, Anne se juntou à senhora Lynde, que estava, como de costume, sobrecarregada com todos os afazeres da igreja e da sociedade.

– Estou vindo da casa de Timothy Cotton; fui ver se Alice Louise pode me ajudar, por alguns dias – a senhora Rachel falou. – Pude contar com ela na semana passada, e, embora Alice seja bastante lerda, é melhor do que nada. Porém, ela está doente e não vai poder vir. Timothy também está abatido; tosse e reclama o tempo todo. Ele está morrendo há dez anos, e vai continuar morrendo pelos próximos dez. Esse tipo de gente não consegue nem morrer e acabar logo com isso, não tem capacidade para levar nada até o fim, mesmo que seja ficar mal o suficiente para morrer. Os Cotton são uma família terrivelmente incapaz e preguiçosa. O que vai ser deles eu não sei, mas talvez a Providência divina saiba.

A senhora Lynde suspirou, como se duvidasse até mesmo da sabedoria da Providência sobre o assunto.

– Marilla foi à cidade para ter seus olhos examinados, na terça-feira, não foi? O que o especialista achou deles? – ela continuou.

– Ficou muito satisfeito – Anne respondeu alegremente. – Disse que houve uma grande melhora; ele acha que o perigo de Marilla perder completamente a visão já passou. No entanto, falou também que ela nunca mais vai poder ler muito, nem fazer trabalhos manuais perfeitamente. Como estão os preparativos para o bazar?

As mulheres da Sociedade de Ajuda Humanitária da igreja estavam preparando uma feira, e a senhora Lynde era a peça principal e essencial do empreendimento.

– Estão indo muito bem... Oh, isso me lembrou de algo. A senhora Allan sugeriu que fizéssemos um estande semelhante a uma cozinha antiga, e servíssemos um jantar com feijões brancos cozidos no molho, rosquinhas fritas, tortas e coisas desse tipo. Estamos reunindo acessórios antigos trazidos de todos os lugares. A senhora Simon Fletcher vai nos emprestar os tapetes trançados de sua mãe, a senhora Levi Boulter vai ceder cadeiras antigas, e tia Mary pôs sua cristaleira à nossa disposição. Suponho que Marilla vá nos emprestar seus castiçais de



bronze, estou certa? E queremos todos os pratos antigos que conseguirmos. A senhora Allan está especialmente interessada em, se possível, encontrar um prato daquela autêntica porcelana azul do século dezoito. Contudo, parece que ninguém possui nenhum. Você sabe onde poderíamos achar um prato desses?

– A senhorita Josephine Barry tem um. Vou escrever perguntando se ela pode emprestá-lo para a ocasião – Anne respondeu.

– Bem, eu gostaria muito que você fizesse isso, Anne. Imagino que o jantar vai ser daqui a duas semanas, mais ou menos. Tio Abe Andrews está prevendo chuvas e tempestades para esses dias, e isso é um sinal de que certamente teremos tempo bom.

Em pelo menos um aspecto, pode-se dizer que o citado “tio Abe” era como outros profetas: tinha pouca credibilidade em sua própria terra. Na verdade, ele era motivo de piada, pois muito poucas de suas previsões meteorológicas haviam sido confirmadas. O senhor Elisha Wright, por exemplo, que cultivava propositalmente a fama de ser o sábio da região, dizia que nenhum habitante de Avonlea se dava ao trabalho de procurar nos jornais de Charlottetown informações sobre o clima. Não; bastava perguntar ao tio Abe como seria o tempo no dia seguinte, e esperar o oposto. No entanto, tio Abe continuava a fazer suas previsões, sem nenhum constrangimento.

– Queremos realizar a feira antes das eleições – continuou a senhora Lynde –, pois assim, com certeza, os candidatos vão comparecer e gastar muito dinheiro. Os conservadores estão subornando eleitores aos montes e, portanto, podem ter a chance de gastar seu dinheiro honestamente, pelo menos uma vez.

Anne era uma conservadora convicta, por lealdade à memória de Matthew, mas não disse nada. Ela sabia bem que não era conveniente iniciar uma conversa sobre política com Rachel Lynde. Além disso, estava levando para Marilla uma carta postada em uma cidade da província de British Columbia.

– Provavelmente, é do tio dos gêmeos – ela disse ansiosamente, quando entregou a carta a Marilla. – O que será que ele está dizendo sobre as crianças?

– O melhor a fazer é abrir o envelope e ver – Marilla falou secamente; um observador mais atento poderia ter notado que ela também estava ansiosa, mas Marilla preferia morrer a demonstrar isso.

Anne abriu a carta e observou seu conteúdo, expressado em uma escrita razoavelmente desleixada e imperfeita.

– Ele diz que não pode pegar as crianças na primavera, passou a maior parte do inverno doente, e seu casamento foi adiado. Quer saber se podemos ficar com os gêmeos até o outono, quando vai tentar buscá-los. Vamos concordar, é claro, não é, Marilla?

– Não acho que exista outra coisa que possamos fazer – disse Marilla, com um ar ligeiramente sombrio, mas secretamente aliviada. – De qualquer forma, eles já não dão mais tanto trabalho – ou, então, nos acostumamos com essas crianças. Davy já melhorou bastante.

– Sem dúvida, sua *conduta social* está bem melhor – Anne afirmou cautelosamente, como se não pudesse dizer o mesmo de sua moral.

Na tarde anterior, Anne tinha chegado da escola e ficado sabendo que Marilla havia ido a uma reunião da Sociedade de Ajuda Humanitária. Dora dormia no sofá da cozinha, e Davy estava dentro do armário da sala, devorando alegremente o conteúdo de um pote da famosa conserva de ameixas amarelas de Marilla – a “geleia social”, como ele costumava chamá-la –, o qual havia sido proibido de tocar. O menino pareceu estar muito arrependido quando Anne o repreendeu e o tirou imediatamente de lá.

– Davy Keith, não sabe que é muito errado você comer essa geleia, quando já foi informado várias vezes de que *nunca* deve mexer neste armário?

– Sim, sei que estava errado – Davy admitiu, constrangido –, mas essa geleia de ameixa é terrivelmente deliciosa, Anne. Eu só dei uma espiada, e ela estava tão bonita que pensei em provar só um pouquinho. Então, enfiei o dedo no pote – Anne suspirou profundamente – e lambi até ele ficar limpo. Estava tão mais deliciosa do que eu poderia pensar, que não foi possível resistir: peguei uma colher e *comi à vontade*.

Anne fez um discurso tão sério sobre o pecado de roubar conserva de ameixas que Davy ficou com a consciência verdadeiramente pesada e prometeu, com beijos cheios de remorso, que nunca mais faria aquilo de novo.

– De qualquer modo, vai haver muita geleia no céu, e isso serve de consolo – ele disse, conformado.

Anne reprimiu um sorriso.

– Talvez haja... se desejarmos – falou. – Mas o que o fez pensar assim?

– Ora, está no catecismo – o menino respondeu.

– Oh, não! Não tem *nada* sobre geleias no catecismo, Davy.

– Pois eu digo que tem, sim – o garoto insistiu. – Está naquela parte que Marilla me ensinou no domingo passado. “Por que devemos amar a Deus?”; e a resposta é: “Porque ele nos cria, conserva e redime”. “Conserva” é só uma forma sagrada de dizer “geleia”.

– Preciso beber um pouco de água – Anne falou apressadamente.

Quando voltou, gastou algum tempo e se esforçou significativamente para explicar ao garoto que uma vírgula na tal resposta contida no catecismo faz uma grande diferença no sentido nas palavras.

– Bem, pensei mesmo que era bom demais para ser verdade. – Davy disse, por fim, com um suspiro de desapontamento. – Além disso, eu não estava mesmo entendendo quando Ele acharia tempo para fazer geleia, se, como diz o hino, vai haver um dia interminável de sábado. Acho que não quero ir para o céu. Não vai ter semanas normais lá, Anne?

– Sim, sábados e todos os outros tipos de dias bonitos. E cada dia no céu vai ser mais bonito que o anterior, Davy – assegurou Anne, que estava bastante grata por Marilla não estar por perto, caso contrário, ficaria chocada.

Obviamente, Marilla se preocupava em educar os gêmeos de acordo com os princípios da doutrina cristã, e desencorajava toda e qualquer especulação fantasiosa a respeito deles. Ensinau a Davy e Dora, a cada domingo, um hino, uma questão do livro de catecismo e dois versos da Bíblia. Dora decorava e recitava tudo obediente e mecanicamente; e fazia isso com o mesmo interesse e entendimento que teria se fosse realmente uma máquina. Davy, ao contrário, tinha uma curiosidade inacreditável, e frequentemente fazia perguntas que deixavam Marilla trêmula de insegurança quanto ao destino daquele menino.

– Chester Sloane acha que, quando estivermos no céu, vamos ficar o tempo todo sem fazer nada, a não ser andar de um lado para o outro, usando vestidos brancos, e tocando harpa. E ele fala, também, que espera não ter de ir para lá antes de ficar velho, porque talvez assim ele goste mais de morar no céu. Disse que deve ser horrível usar vestidos, e eu concordo. Por que os anjos homens não podem usar calças, Anne? Chester Sloane está interessado nessas coisas, porque querem que ele seja pastor. Ele tem de ser pastor, porque sua avó deixou dinheiro para ele estudar, mas Chester não pode pegar o dinheiro a não ser que se torne pastor. A avó dele pensava que ter um pastor na família era uma coisa espetacular. Ele não se importa muito, mas acharia

melhor se pudesse ser ferreiro. Então, Chester quer se divertir o máximo que puder antes de virar pastor, pois não acredita que vá ter muita diversão depois. Eu não vou ser pastor. Vou ser comerciante, como o senhor Blair, e vou ter montes de balas e bananas na minha loja. E eu ia preferir, se, lá no céu, me deixassem tocar gaita, em vez de harpa. Você acha isso possível, Anne?

– Sim, suponho que deixariam, se você pedisse – foi tudo o que Anne pôde dizer seriamente.

Naquela noite, a Sociedade para Melhorias se reuniu na casa do senhor Harmon Andrews, e a presença de todos os membros foi requisitada, pois um assunto verdadeiramente importante seria discutido. A Sociedade havia progredido muito e realizado projetos maravilhosos. No início da primavera, o Major Spencer tinha cumprido sua promessa: retirou os tocos de árvores, preparou a terra e plantou grama ao longo da estrada em frente à sua fazenda. Uma dúzia de outros habitantes de Avonlea – alguns motivados pela determinação de não deixar que um Spencer ficasse à frente deles, outros incentivados pelos melhoradores, em suas próprias casas – tinha seguido seu exemplo.

Como resultado, havia agora faixas compridas de relva macia, aveludada, onde antes só existiam vegetação rasteira e mato. Comparadas com essas, as fachadas das fazendas que não tinham sido melhoradas ficaram com uma aparência tão ruim que, secretamente envergonhados, seus proprietários decidiram se empenhar em reformá-las, na primavera seguinte. E o triângulo de terra onde as estradas para Carmody, Newbridge e White Sands se encontravam também tinha sido limpo e semeado: o canteiro de gerânios de Anne, a salvo de qualquer vaca invasora, já estava pronto, no centro da encruzilhada.

Após fazer um balanço dos últimos acontecimentos, os melhoradores concluíram que estavam se saindo muito bem, mesmo levando em consideração o fato de que o senhor Levi Boulter, taticamente abordado por um comitê cuidadosamente selecionado para conversar sobre a casa velha e feia em sua fazenda de cima, tinha dito a eles, sem rodeios, que a deixaria exatamente como estava.

Naquela reunião especial, eles pretendiam criar um requerimento destinado aos administradores, pedindo humildemente que fosse construída uma cerca ao redor do terreno da escola; além disso, planejavam discutir o plantio de algumas árvores ornamentais perto da igreja, se os recursos financeiros da Sociedade fossem suficientes, pois, como Anne ressaltou, não havia sentido em começar outra campanha para arrecadar fundos enquanto o Clube permanecesse azul brilhante.

Os melhoradores estavam reunidos na sala da casa da família Andrews, e Jane já estava de pé, pronta para iniciar o processo de seleção dos membros que ficariam encarregados de descobrir e informar o preço das tais árvores, quando Gertie Pye entrou subitamente, penteada no estilo pompadour,<sup>\*\*\*\*\*</sup> com um topete muito volumoso e o corpo quase completamente coberto de babados. Gertie tinha o hábito de chegar atrasada – “para que sua entrada fosse mais ostensiva”, diziam as línguas maliciosas. Mas, nesse caso, a entrada de Gertie foi, sem dúvida, ostensiva, pois ela parou dramaticamente no meio da sala, levantou as mãos, revirou os olhos e exclamou:

– Acabei de ouvir uma coisa realmente terrível! Vocês *nem* imaginam. O senhor Judson Parker vai *alugar* sua cerca, aquela que dá para a estrada, para uma empresa farmacêutica pintar propagandas de seus medicamentos patenteados!

Pela primeira vez na vida, Gertie Pye atraiu para si toda a atenção que sempre desejou. Se ela tivesse jogado uma bomba entre os complacentes melhoradores, não teria causado tamanha

sensação.

– *Não pode* ser verdade – Anne falou, absolutamente perplexa.

– Foi exatamente o que *eu* disse, quando escutei isso pela primeira vez... vocês devem imaginar – Gertie afirmou, desfrutando imensamente daquela situação. – É claro que falei que não poderia ser verdade, que Judson Parker não teria a *ousadia* de fazer isso. Mas papai encontrou com ele, esta tarde, e perguntou se era verdade; e o senhor Parker *confirmou* sua intenção. Pensem bem! A fazenda dele fica na estrada para Newbridge, e vai ser perfeitamente medonho ver anúncios de pílulas e curativos ao longo de toda a cerca, não acham?

Os melhoradores *certamente* achavam. Até o menos imaginativo de todos podia visualizar o efeito grotesco de quase um quilômetro de cerca de madeira “enfeitada” com esses anúncios. Diante de tal perigo, todos os pensamentos sobre os terrenos da escola e da igreja desapareceram. As regras e os regulamentos foram esquecidos, e Anne, desesperada, parou imediatamente de escrever a ata da reunião. Todos falavam ao mesmo tempo, e o tumulto foi espantoso.

– Oh, vamos manter a calma – implorou Anne, que, por sinal, era a mais agitada de todos – e tentar pensar em uma maneira de impedi-lo.

– Não sei como você pretende impedi-lo – Jane falou severamente. – Todo mundo conhece bem Judson Parker. Ele faria qualquer coisa por dinheiro. Não tem o mínimo de espírito comunitário, e nenhum senso estético.

As perspectivas pareciam muito pouco promissoras. Judson Parker e sua irmã eram os únicos Parker em Avonlea, de modo que nenhuma influência, por meio de conexões familiares, podia ser esperada. A irmã, Martha Parker, era uma mulher de idade avançada, que desaprovava os jovens, em geral, e os melhoradores, em particular. Judson era um homem alegre e persuasivo, tão dócil e gentil que era surpreendente o fato de ter tão poucos amigos. Talvez ele tivesse se dedicado demais às transações comerciais, o que raramente contribui para a popularidade de alguém. Tinha a reputação de ser muito “esperto”, e a opinião geral era de que ele não tinha muitos “princípios morais”.

– Se Judson Parker tiver uma chance de “ganhar um centavo que seja honestamente”, como ele mesmo tem o hábito de dizer, jamais a perderá – Fred Wright declarou.

– Não existe ninguém que exerça alguma influência sobre ele? – Anne perguntou, aflita.

– Ele costuma visitar Louisa Spencer, em White Sands – sugeriu Carrie Sloane. – Talvez ela possa convencê-lo a não alugar sua cerca.

– Não, ela não – Gilbert falou enfaticamente. – Conheço bem Louisa Spencer. Ela “não acredita” em sociedades para melhorias de comunidades, mas acredita, e muito, em dólares e centavos. É mais provável que ela o estimule a fazer isso, do que o contrário.

– A única coisa a ser feita é nomear um comitê para visitá-lo formalmente e tentar persuadi-lo a mudar de ideia – disse Julia Bell –, e vocês devem enviar meninas, pois ele dificilmente seria civilizado com os meninos. Mas eu não vou, então não adianta ninguém me indicar.

– É melhor mandar a Anne sozinha – disse Oliver Sloane. – Se alguém pode convencer Judson, esse alguém é Anne.

Anne protestou. Ela até estava disposta a ir e falar com o senhor Parker; porém, precisava de outras pessoas com ela, para “apoio moral”. Portanto, Diana e Jane foram escolhidas para acompanhá-la e apoiá-la moralmente, e os melhoradores se dispersaram, indignados, zumbindo como abelhas zangadas. Anne ficou tão preocupada que só adormeceu quando o sol começava a raiar, e sonhou que os administradores haviam construído uma cerca ao redor do terreno da escola e pintado sobre toda a sua superfície: “Experimente as pílulas roxas”.

O comitê visitou Judson Parker, na tarde seguinte. Anne argumentou eloquentemente contra seu plano lastimável, e Jane e Diana, valentemente, lhe deram apoio moral. Ele foi cordial, amável, lisonjeiro; prestou-lhes vários elogios pela delicadeza dos girassóis na encruzilhada e afirmou que se sentia muito mal em recusar um pedido de jovens tão encantadoras. Entretanto, falou, elas tinham de compreender que “negócios são negócios”: ele não podia permitir que o sentimento fosse um obstáculo, “nestes tempos tão difíceis”.

– Mas ouçam o que vou fazer – ele acrescentou, com um brilho nos olhos claros. – Vou exigir que usem apenas cores bonitas e de bom gosto... vermelho, amarelo, e outras assim. E vou dizer a eles que não devem usar azul, de jeito nenhum.

Derrotado, o comitê se retirou, pensando coisas que não seria adequado dizer aqui.

– Fizemos tudo o que podíamos, e agora devemos simplesmente confiar o futuro à Providência – Jane afirmou, imitando inconscientemente o tom e o modo de falar da senhora Lynde.

– Será que o senhor Allan poderia nos ajudar nesse caso? – Diana sugeriu.

Anne balançou a cabeça.

– Não, não adiantaria nada incomodar e preocupar o senhor Allan, especialmente neste momento em que seu bebê está tão doente. Judson o embromaria tão facilmente quanto fez conosco, embora tenha passado a frequentar a igreja com bastante regularidade atualmente. Mas está fazendo isso unicamente porque o pai de Louisa Spencer é um senhor idoso que dá muita importância a esse tipo de comportamento.

– Judson Parker é o único morador de Avonlea que pensaria em alugar sua cerca – Jane lamentou, irada. – Nem Levi Boulter ou Lorenzo White, avarentos como são, jamais se atreveriam a fazer isso. Ambos teriam o mínimo de respeito pela opinião pública.

De fato, ao tomar conhecimento de seus planos, a opinião pública condenou a atitude de Judson Parker, mas isso não ajudou muito: ele dava risadinhas, quando estava a sós, e não se importou com que os outros diziam. Na reunião seguinte da Sociedade, os melhoradores estavam tentando se resignar à ideia de ver a parte mais bonita da estrada para Newbridge desfigurada por propagandas, quando Anne se levantou calmamente, assim que o presidente pediu os relatórios dos comitês, e anunciou que o senhor Judson Parker lhe havia solicitado que informasse à Sociedade que ele não alugaria sua cerca para a empresa farmacêutica.

Jane e Diana olharam fixamente para ela, como se estivesse difícil de acreditar no que haviam acabado de ouvir. As regras de etiqueta da Sociedade, que, em geral, eram rigorosamente respeitadas, proibiam que seus membros manifestassem abertamente sua curiosidade durante as reuniões, mas, assim que o encontro foi encerrado, Anne foi assediada com perguntas sobre o que tinha feito Judson Parker mudar seus planos.

Entretanto, ela não tinha explicações para dar. Disse apenas que ele a havia cercado na estrada, no fim da tarde anterior, e informado que tinha decidido satisfazer a vontade da Sociedade para Melhorias em Avonlea, em relação a seu preconceito contra anúncios de medicamentos patenteados. Isso foi tudo o que Anne falou, naquele momento e posteriormente; e era a mais pura verdade. Contudo, quando Jane Andrews, durante a volta para casa, confidenciou a Oliver Sloane sua convicção inabalável de que havia mais coisas por trás da misteriosa mudança de planos de Judson Parker do que Anne tinha revelado, ela também estava dizendo a verdade.

O fato é que, na véspera, Anne tinha ido à casa da velha senhora Irving, na estrada da praia, e voltado por um atalho que a levou primeiro a atravessar os campos baixos do litoral e, depois, o

bosque de faias abaixo da propriedade de Robert Dickson, passando por uma pequena trilha que ia dar na estrada principal, bem acima do Lago das Águas Brilhantes, conhecido por pessoas sem imaginação como “o lago de Barry”.

Dois homens estavam sentados em suas charretes estacionadas ao lado da estrada, exatamente no cruzamento com a trilha que Anne seguia. Um deles era Judson Parker; o outro, Jerry Corcoran, um homem de Newbridge, contra o qual – como a senhora Lynde dizia sarcasticamente – “nada suspeito nunca ficou *provado*”. Ele era um representante comercial de implementos agrícolas, e um personagem notório nos assuntos políticos. Corcoran tinha um dedo – algumas pessoas diziam que eram *todos os dedos* – em cada negociação política feita na região; e, como o Canadá estava às vésperas de uma eleição geral, ele se ocupava, já havia muitas semanas, em angariar votos, em todo o condado, para o candidato de seu partido. Exatamente no momento em que saía de trás de uns galhos de faia, Anne escutou Jerry Corcoran dizer:

– Se você votar em Amesbury, Parker... bem, tenho aquela promissória que você assinou quando comprou aquelas ferramentas agrícolas, na primavera. Ora, suponho que gostaria de tê-la de volta, não é?

– É... bom... já que está colocando as coisas dessa maneira... – Judson falou lentamente, com um sorriso de satisfação – penso que vou fazer isso. Afinal, nestes tempos tão difíceis, um homem precisa cuidar de seus próprios interesses.

Nesse ponto, ambos viram Anne, e a conversa foi interrompida abruptamente. Ela os cumprimentou com frieza – somente com um aceno de cabeça – e continuou a andar, com o queixo ligeiramente mais erguido do que habitualmente. Logo, Judson Parker a alcançou.

– Aceita uma carona, Anne? – perguntou amigavelmente.

– Não, obrigada – a moça respondeu educadamente, porém com um desdém tão penetrante na voz que atingiu até mesmo a consciência nada sensível de Judson Parker.

O rosto do homem ficou vermelho, e ele puxou as rédeas, com raiva. Entretanto, no momento seguinte, considerações sensatas o repreenderam. Olhou, ansioso, para Anne, enquanto ela caminhava firmemente, sem desviar os olhos do caminho. Será que tinha ouvido a oferta inequívoca de Corcoran, e sua totalmente explícita aceitação da proposta? Maldito Corcoran! Se não consegue expressar em frases menos perigosas o que quer dizer, vai se meter em encrenca, qualquer dia desses. E maldita seja essa professora ruiva, com essa mania de sair repentinamente de bosques de faias, quando não tinha nada que estar fazendo por lá!

Julgando Anne por si mesmo – e, como geralmente acontece com as pessoas que fazem isso, se enganando –, Judson Parker concluiu que, se ela realmente tivesse escutado aquela conversa, contaria para todos os moradores da ilha. É verdade que o senhor Parker não dava muito valor à opinião pública, mas ficar conhecido como aquele que aceitou um suborno seria uma coisa horrível; e, caso isso chegasse, algum dia, aos ouvidos de Isaac Spencer, adeus para sempre a todas as esperanças de conquistar Louisa Jane, com suas promissoras perspectivas de se tornar a herdeira de um fazendeiro abastado. Afinal, Judson Parker sabia que o senhor Spencer olhava para ele com certa desconfiança e, sendo assim, não podia correr nenhum risco.

– Espere, Anne! Eu estava mesmo querendo falar com você sobre aquele pequeno problema que discutimos outro dia. Depois de pensar melhor, decidi não alugar minha cerca para aquela empresa. Uma Sociedade para Melhorias, com metas como as de vocês, precisa ser encorajada.

– Obrigada – disse Anne, um pouco mais calorosamente.

– E... e... você não precisa mencionar a ninguém aquela minha pequena conversa com Jerry, não é?

– Não tenho absolutamente nenhuma intenção de fazer isso – Anne respondeu, agora friamente de novo –, pois tenha a certeza de que veria anúncios pintados em todas as cercas de Avonlea, se evitar isso dependesse de barganhas com pessoas capazes de vender seus votos.

– Claro... claro! – Judson concordou, acreditando que os dois estavam se entendendo perfeitamente. – Não imaginei mesmo que teria. Logicamente, eu estava apenas blefando. Jerry... ele pensa que é extremamente inteligente e esperto. Não tenho nenhuma intenção de votar em Amesbury. Vou votar em Grant, como sempre fiz... você vai ver isso, quando tivermos o resultado da eleição. Eu só testei Jerry, para saber até onde ele iria. E está tudo bem com relação à cerca... você pode dizer isso aos melhoradores.

– É preciso haver todos os tipos de pessoas para constituir o mundo, como sempre ouvi dizer, mas acho que alguns poderiam ser evitados – Anne falou com seu reflexo no espelho do sótão do leste, naquela noite. – De qualquer modo, eu nunca mencionaria aquela coisa vergonhosa a uma alma sequer, e, portanto, minha consciência está tranquila quanto a isso. Realmente não sei a quem, ou a que, agradecer por esse desfecho. *Eu* não fiz nada para causá-lo, e é difícil acreditar que a Providência trabalhe com o tipo de política que homens como Judson Parker e Jerry Corcoran fazem.



CAPÍTULO XV

*○ começo das férias*

**E**m uma tarde calma e dourada, em que os ventos sussurravam nos abetos ao redor do pátio e as sombras eram longas e preguiçosas na beira do bosque, Anne trancou a porta da escola e pôs a chave no bolso, com um suspiro de satisfação. O ano letivo havia terminado, ela havia sido renomeada para o próximo, com muitas manifestações de aprovação – exceto por parte do senhor Harmon Andrews, que lhe disse que ela deveria usar o açoite mais frequentemente –, e dois deliciosos meses de férias muito merecidas acenavam sedutoramente para ela.

Anne se sentia em paz com o mundo e consigo mesma, enquanto descia a colina, com sua cesta de flores na mão. Desde que as primeiras flores de maio apareceram, ela não havia deixado, nem uma vez, de fazer sua visita semanal ao túmulo de Matthew. Todos os outros habitantes de Avonlea, com exceção de Marilla, já tinham se esquecido do quieto, tímido e sem importância Matthew Cuthbert. Contudo, sua lembrança ainda estava muito presente no coração de Anne, e assim seria para sempre. Ela jamais poderia esquecer o velho e bondoso homem que foi a primeira pessoa a lhe dar o amor e a compreensão de que sua infância de abandono tanto necessitava.

No pé da colina, um garoto estava sentado sobre uma cerca, à sombra dos abetos: um menino de olhos grandes e sonhadores e semblante bonito e sensível. Ele desceu da cerca e, sorrindo, se juntou a Anne; mas havia vestígios de lágrimas em seu rosto.

– Pensei em esperar pela senhorita, professora, porque eu sabia que passaria por aqui para ir ao cemitério – ele disse, dando a mão a ela. – Também vou até lá... para colocar este buquê de gerânios na sepultura do vovô Irving, a pedido da vovó. E, veja, professora, vou pôr estas rosas brancas ao lado do túmulo de vovô, em memória de minha mãe... pois não posso ir até o túmulo dela, para colocá-las. Mas a senhorita não acha que ela vai saber que fiz isso, do mesmo jeito?

– Sim, tenho certeza de que vai, Paul.

– Sabe, professora, hoje faz exatamente três anos que minha mãe morreu. É muito, muito tempo, mas ainda dói do mesmo jeito... e eu sinto tanta falta dela quanto sentia no começo. Às



vezes, parece que simplesmente não vou conseguir suportar uma dor tão grande.

A voz de Paul estremeceu e seus lábios tremeram. Ele baixou o olhar na direção das rosas brancas, na esperança de que sua professora não notasse as lágrimas em seus olhos.

– E, mesmo assim – Anne falou mansamente –, você não desejaria que parasse de doer... não desejaria esquecer sua mãezinha, mesmo que isso fosse possível.

– Não, na verdade, não desejaria mesmo... É justamente desse jeito que eu me sinto. A senhorita compreende tão bem, professora! Ninguém me entende tão bem... nem a vovó, embora ela seja tão boa para mim. Papai me compreende bastante bem, mas não posso falar muito com ele sobre minha mãe, porque isso faz com que ele se sinta muito mal. Quando ele põe a mão no rosto, sei que é hora de parar de falar sobre ela. Pobre papai! Deve estar terrivelmente solitário longe de mim. Imagine, ele não tem mais ninguém agora, a não ser uma governanta, e acha que empregadas não são boas para criar meninos. Papai fica muito tempo longe de casa, cuidando dos negócios. Avós são melhores, depois das mães. Um dia, quando eu já estiver criado, vou voltar a morar com papai, e nunca mais vamos nos separar outra vez.

Paul falou tanto com Anne sobre seus pais que ela sentiu como se os tivesse conhecido. Imaginou que a mãe do menino era certamente muito parecida com ele próprio, no temperamento e no caráter; e visualizou Stephen Irving como um homem bastante reservado, porém com sentimentos profundos e ternos, que mantinha escrupulosamente escondidos do mundo.

– Não é muito fácil se familiarizar com papai – Paul havia dito uma vez. – Eu mesmo só o conheci direito depois que minha mãe morreu. Mas ele é esplêndido, depois que o conhecemos bem. Eu o amo mais do que tudo no mundo; depois, vem vovó Irving, e, em seguida, a senhorita, professora. Eu a amaria em segundo lugar, depois de papai, se não fosse meu *dever* amar vovó nessa posição, porque ela está fazendo muito por mim. A senhorita sabe, professora. Porém, eu gostaria que ela deixasse a lamparina em meu quarto até eu adormecer. Ela a leva embora assim que me põe na cama, porque acha que não devo ser covarde. Eu não tenho medo, só *prefiro* ficar no claro. Minha mãe sempre se sentava a meu lado e segurava minha mão, até eu cair no sono. Suponho que ela tenha me mimado. Mães fazem isso, às vezes, a senhorita sabe como é.

Não, Anne não sabia, apesar de ser capaz de imaginar. Naquele momento, ela pensou tristemente em *sua* mãezinha, a mãe que a achava “perfeitamente linda”, que tinha morrido tanto tempo atrás e estava enterrada ao lado de seu marido tão jovem, em uma sepultura que não era visitada por ninguém e estava muito distante dali. Anne não se lembrava de sua mãe e, por essa razão, quase invejou Paul.

– Meu aniversário é na semana que vem – disse o garoto, enquanto subiam a colina alta e vermelha, desfrutando o brilho do sol de junho –, e papai me escreveu dizendo que está me enviando um presente que ele pensa que vou gostar mais do que qualquer outra coisa que ele pudesse me dar. Acho que o presente já chegou, pois vovó está mantendo trancada a gaveta da estante da sala, e isso é novidade. Quando perguntei por que, ela me olhou com um ar misterioso e disse que meninos não devem ser curiosos demais. Fazer aniversário é muito emocionante, não concorda, professora? Vou fazer 11 anos. Olhando para mim, a senhorita não acreditaria, não é? Vovó diz que eu sou muito pequeno para minha idade, e que isso é porque não como mingau o suficiente. Eu me esforço o tanto que posso, mas vovó me dá porções tão generosas... Vovó não é nada mesquinha, isso eu posso garantir. Desde que a senhorita e eu tivemos aquela conversa sobre fazer as preces, naquele dia em que estávamos voltando da escola dominical, professora... quando disse que devemos orar por todas as nossas dificuldades... tenho feito minhas preces todas as noites, pedindo a Deus que me dê a graça de conseguir comer todo o meu mingau na

manhã seguinte. Mas até hoje não fui capaz, nenhuma vez, e se é porque recebo graça de menos ou mingau demais, realmente ainda não sei. Vovó fala que papai foi criado com mingau e, sem dúvida, no caso dele, isso deu certo; a senhorita precisa ver os ombros de papai... No entanto, às vezes – Paul concluiu com um suspiro e um ar meditativo –, eu penso, de verdade, que o mingau vai me matar.

Anne se permitiu um sorriso, já que Paul não estava olhando para ela. Todos os moradores de Avonlea sabiam que a velha senhora Irving criava seu neto de acordo com os bons e antiquados princípios morais e nutricionais.

– Vamos torcer para que isso não aconteça, meu querido – ela disse, animadora. – Como estão seus amigos de pedra? O Gêmeo mais velho continua se comportando bem?

– Ele *tem* de se comportar – o menino respondeu enfaticamente. – Sabe que não vou ser amigo dele, se não for assim. Ele é realmente cheio de maldade, eu acho.

– E Nora já sabe sobre a Dama Dourada?

– Não, mas acho que está desconfiada. Tenho quase certeza de que ela me espionou, quando fui até a gruta. *Eu* não ligo, se ela descobrir... é só por *ela mesma* que não quero que saiba... Assim, não vai ter seus sentimentos feridos. Mas se ela está *determinada* a ter seus sentimentos feridos, não tenho como evitar isso.

– Se eu fosse à praia com você, uma noite dessas, acha que eu poderia ver seus amigos de pedra também?

Paul balançou a cabeça seriamente.

– Não, não acho que a senhorita veria os *meus* amigos de pedra. Sou a única pessoa que pode vê-los. Mas poderia ver os *seus* amigos de pedra. A senhorita é do tipo de gente que pode. Somos ambos desse tipo. A *senhorita* sabe disso, professora – Paul acrescentou, apertando carinhosamente a mão dela. – Não é esplêndido ser desse tipo, professora?

– Esplêndido! – Anne concordou, enquanto seus brilhantes olhos acinzentados encontravam olhos azuis, também brilhantes.

Anne e Paul sabiam o quanto é belo o reino ao qual a imaginação pode nos levar, e os dois conheciam o caminho para esse mundo tão feliz. Lá, a rosa do contentamento floresce – e é imortal – em vales e riachos; as nuvens não escurecem o céu ensolarado; os sinos badalam docemente, e nunca saem do tom; e, sobretudo, há uma enorme quantidade de almas irmãs. O conhecimento da geografia desse reino – a leste do sol, a oeste da lua – é um dom inestimável, algo que não pode ser comprado em nenhum mercado, e que só pode ser um presente das fadas bondosas, ao nascermos; uma dádiva que os anos não podem transformar, nem são capazes tomá-la de nós. Sem dúvida, é indescritivelmente melhor possuí-la, morando em um sótão, do que viver em palácios, sem tê-la.

Até então, o cemitério de Avonlea era, como sempre havia sido, um lugar solitário, coberto de grama alta e mato. Entretanto, os melhoradores já tinham planos para ele, e, no início da última reunião da Sociedade, Priscilla tinha lido um artigo sobre cemitérios. A intenção era, em algum momento futuro, substituir a velha cerca de tábuas mofadas e tombadas por uma bela grade de arame, tirar o mato, cortar a grama e reerguer os monumentos caídos.

Anne pôs as flores na sepultura de Matthew e, em seguida, foi até o canto de álamos, coberto de sombras, onde Hester Gray repousava. Desde o dia do piquenique, na primavera, Anne colocava flores em seu túmulo, sempre que visitava o de Matthew. No dia anterior, ela tinha voltado ao pequeno e deserto jardim, no bosque, e trazido de lá algumas das rosas brancas de Hester.

– Achei que gostaria delas mais do que de quaisquer outras, querida – ela falou docemente.

Anne ainda estava sentada lá quando levantou os olhos e viu a senhora Allan se aproximar. Então, as duas caminharam juntas rumo a suas casas.

O semblante da senhora Allan não era o mesmo da moça recém-casada que o pastor tinha trazido para Avonlea, cinco anos antes. Havia perdido alguns de seus traços jovens e corados, e possuía linhas finas perto dos olhos e da boca. Uma pequena sepultura naquele mesmo cemitério era responsável por grande parte delas; e outras, mais novas, surgiram durante a recente doença, agora felizmente curada, de seu filho pequeno. Mas as covinhas da senhora Allan ainda eram tão doces e imprevisíveis como sempre foram, assim como os olhos, tão claros, brilhantes e sinceros; e o que seu rosto havia perdido de beleza juvenil estava agora mais do que compensado pela ternura e força adquiridas.

– Suponho que esteja ansiosa por suas férias, Anne – ela disse, enquanto saíam do cemitério.

Anne concordou com um aceno de cabeça.

– Sim... Estou me sentindo como se tivesse um pedaço de doce debaixo da língua. Acho que este verão vai ser adorável. Uma das razões para isso é o fato de que a senhora Morgan vem visitar a ilha em julho, e Priscilla vai trazê-la a Avonlea. Só de pensar nisso, sinto um daqueles meus antigos “arrepios”.

– Espero que aproveite muito suas férias, Anne. Você trabalhou duro, durante o ano todo, e foi muito bem-sucedida.

– Oh, não sei. Eu me decepcionei em tantas coisas... Não fiz o que tinha planejado, quando comecei a lecionar, no último outono. Não consegui corresponder a meus ideais.

– Nenhum de nós consegue sempre – disse a senhora Allan, com um suspiro. – Ora, Anne, você conhece o pensamento de Russell Lowell<sup>\*\*\*\*\*</sup>: “O crime não é falhar, mas, sim, ter metas medíocres”. Precisamos ter ideais e tentar corresponder a eles, mesmo se nunca tivermos sucesso. Sem eles, a vida seria lamentável; já com eles, é esplêndida, maravilhosa. Nunca desista de seus ideais, Anne.

– Vou tentar. Porém, vai ser necessário abrir mão da maior parte de minhas teorias – Anne respondeu, com um sorriso ligeiramente triste. – Eu era guiada por um conjunto das teorias mais bonitas que se pode imaginar, quando comecei a dar aulas na escola, mas cada uma delas falhou, em um momento ou outro.

– Até mesmo a teoria sobre castigo corporal – a senhora Allan provocou.

Anne enrubesceu.

– Nunca vou me perdoar por ter açoitado Anthony.

– Bobagem, querida, ele fez por merecer. E precisava daquilo. Desde então, você não teve mais problemas com Anthony Pye, e agora ele acha que não há ninguém como você. Você conquistou o garoto, depois que a ideia de que “mulheres não são boas mestras” foi extirpada de sua mente birrenta.

– Ele pode ter merecido, mas não é esse o ponto. Se eu tivesse decidido calma e deliberadamente castigá-lo daquela maneira, porque achei que era uma punição justa para ele, não me sentiria tão mal a esse respeito. A verdade, senhora Allan, é que simplesmente me deixei levar pela fúria e, por isso, castiguei o menino daquela forma. Não pensei se aquela punição era justa... Mesmo que ele não tivesse feito por merecer, eu teria agido exatamente do mesmo jeito. E é isso que me dói.

– Bem, todos nós cometemos erros, querida, portanto, deixe isso para trás. Devemos nos arrepender de nossos erros e aprender com eles, mas nunca levá-los junto conosco para o futuro. Veja, ali está Gilbert Blythe em sua bicicleta... de férias também, voltando para casa, suponho. Como você e ele estão progredindo em seus estudos?

– Bastante bem. Planejamos terminar a obra de Virgílio, hoje à noite; faltam apenas vinte versos. Depois disso, só vamos retomar os estudos em setembro.

– Você acha que, algum dia no futuro, vai frequentar uma faculdade?

– Oh, não sei – Anne olhou sonhadoramente para o horizonte azulado e distante. – Os olhos de Marilla nunca vão ficar melhores do que estão agora, mas, por outro lado, estamos muito gratas por saber que também não vão ficar piores. Além disso, temos os gêmeos... por alguma razão, não acredito que o tio vai realmente mandar buscá-los, algum dia. Talvez a faculdade esteja do outro lado da curva da estrada, mas ainda não cheguei à curva, e não penso muito sobre isso, para não ficar pesada.

– Bem, eu gostaria de ver você cursar uma faculdade, Anne; contudo, se isso nunca acontecer, não fique triste. Afinal, podemos construir nossa felicidade onde quer que estejamos... Talvez uma faculdade apenas facilite isso. A vida pode ser ampla ou estreita, de acordo com o que colocamos nela, e não com o que tiramos dela. Ela pode ser rica e plena aqui... ou em qualquer outro lugar... se soubermos como abrir nossos corações para sua riqueza e plenitude.

– Acho que compreendo o que está querendo dizer – disse Anne, pensativa –, e tenho tanto a agradecer, tanto! Meu trabalho, Paul Irving, os gêmeos queridos... e todos os meus amigos. Sabe, senhora Allan, sou tão grata à amizade! Ela embeleza tanto nossa vida!

– Sem dúvida, uma amizade legítima é algo muito proveitoso – a senhora Allan concordou. – E temos de ter um ideal muito elevado a respeito dela, jamais manchá-la com qualquer falha na verdade e na sinceridade. Receio que o nome da amizade seja, muitas vezes, usado erroneamente, para se referir a um tipo de intimidade que não tem nada a ver com uma amizade legítima.

– Sim, como a de Gertie Pye e Julia Bell. As duas são muito íntimas, e vão a todos os lugares juntas. No entanto, pelas costas, Gertie está sempre falando coisas desagradáveis sobre Julia, e todo mundo pensa que ela tem inveja, pois sempre fica muito satisfeita quando alguém critica Julia. Eu acho que é um sacrilégio chamar isso de amizade. Se temos amigos, devemos procurar ver apenas o que há de melhor neles e lhes oferecer o melhor que há em nós, a senhora não acha? Assim, a amizade pode ser a coisa mais linda do mundo.

– A amizade é muito bonita mesmo – a senhora Allan sorriu –, mas, um dia...

Ela parou subitamente de falar. No rosto delicado e abençoado a seu lado, com seus olhos cândidos e feições versáteis, ainda havia muito mais traços de uma menina do que de uma mulher. Até ali, o coração de Anne abrigava apenas sonhos de amizade e desejos, e a senhora Allan não desejava afastá-la de sua doce ingenuidade. Portanto, simplesmente deixou que os anos futuros completassem sua frase.





— **A**nne – Davy falou em tom de súplica, subindo no sofá de couro, muito limpo, da cozinha de Green Gables, onde Anne estava sentada lendo uma carta –, estou com uma fome *horrível*. Você não tem ideia.

– Vou pegar um pedaço de pão com manteiga para você, daqui a um minuto – ela disse, sem dar muita atenção; evidentemente, sua carta continha notícias empolgantes, pois suas bochechas estavam tão rosadas quanto as flores no grande arbusto do lado de fora da janela, e seus olhos, tão brilhantes quanto só os olhos de Anne podiam ficar.

– Mas não estou com fome de pão com manteiga – Davy protestou, indignado. – Estou com fome de bolo de ameixa.

– Oh – Anne riu, pondo a carta de lado e lhe dando um abraço apertado –, esse é um tipo de fome que pode ser suportado facilmente, menino Davy. Você sabe que uma das regras de Marilla é você não comer nada entre as refeições, exceto pão com manteiga.

– Ora, então, me dê um pedaço de pão... por favor.

Finalmente, Davy tinha aprendido a dizer “por favor”, mas geralmente essas palavras vinham segundos depois do final do pedido, como uma lembrança tardia. Quando Anne voltou com o pão, o garoto olhou com ar de aprovação para a generosa fatia que ela trouxe.

– Você sempre põe muita manteiga, Anne. Marilla espalha uma camada bem fininha. O pão escorrega pela garganta muito mais facilmente quando tem muita manteiga.

A fatia “escorregou” realmente com muita facilidade, a julgar pela rapidez com que desapareceu. Em seguida, Davy deslizou do sofá para o chão, deu duas cambalhotas sobre o tapete, sentou-se e anunciou, determinado:

– Anne, já me decidi sobre o céu. Não quero ir para lá.

– Por que não? – a moça perguntou, séria.

– Porque o céu é no sótão de Simon Fletcher, e não gosto de Simon Fletcher.

– O céu... no... no sótão de Simon Fletcher?! – Anne exclamou, perplexa demais até para rir. – Davy Keith, quem pôs uma ideia tão absurda na sua cabeça?

– Milty Boulter falou que é lá que ele fica. Foi no domingo passado, na escola dominical. A lição era sobre os profetas Elias e Eliseu, e eu me levantei e perguntei à senhorita Rogerson onde era o céu. A senhorita Rogerson pareceu terrivelmente ofendida. De qualquer modo, ela já estava zangada, porque, quando tinha nos perguntado o que Elias deixou para Eliseu quando foi para o céu, Milty Boulter respondeu “Suas roupas velhas”, e todos nós rimos, sem pensar duas vezes. Eu queria que a gente pudesse pensar antes de fazer as coisas; assim, a gente deixaria de fazer um tanto de bobagens. Mas acho que Milty não queria faltar ao respeito, ele só não conseguiu pensar na resposta. Então, a senhorita Rogerson disse que o céu é onde Deus está, e falou que eu não deveria fazer perguntas assim. Milty me cutucou e disse, em um sussurro: “O céu está no sótão do tio Simon, e eu vou te explicar sobre isso no caminho de casa”. Depois, quando estávamos voltando da escola dominical, ele explicou. Milty é muito bom para explicar as coisas. Mesmo quando ele não sabe nada sobre alguma coisa, ele inventa uma explicação, e a gente entende tudo, como se fosse verdade. A mãe dele é irmã da senhora Simon, e ele foi com ela ao funeral, quando a prima, Jane Ellen, morreu. O pastor falou que ela tinha ido para o céu, mas Milty viu que ela estava deitada no caixão, bem em frente a todos. Depois, ele achou que tinham carregado o caixão para o sótão. Bem, quando tudo acabou e Milty e a mãe subiram para buscar o chapéu dele, ele perguntou onde era o céu que o pastor tinha falado que era o lugar em que Jane Ellen estava, e a mãe apontou para o teto e disse: “Lá em cima”. Milty sabia que só tinha o sótão em cima do teto e, portanto, foi assim que ele descobriu tudo. Desde então, ele está morrendo de medo de visitar seu tio Simon.

Anne sentou Davy em seu colo e fez o melhor que pôde para esclarecer o mal-entendido teológico. Ela era bem mais indicada para essa tarefa do que Marilla, pois se lembrava da própria infância e tinha uma compreensão instintiva das ideias surpreendentes que crianças de 7 anos de idade têm, às vezes, sobre assuntos que são, obviamente, muito claros e simples para os adultos.

Anne tinha finalmente convencido Davy de que o paraíso *não* ficava no sótão de Simon Fletcher quando Marilla voltou do jardim, onde ela e Dora tinham colhido vagens de ervilhas. Dora era uma pequena alma diligente, e nunca estava mais feliz do que quando “ajudava” em várias pequenas tarefas adequadas aos seus dedos gordinhos. Alimentava as galinhas, pegava coisas que caíam no chão, secava pratos, levava e trazia muitos recados. Era asseada, confiável e observadora; nunca havia necessidade de ensiná-la, mais de uma vez, a fazer alguma coisa, e a menina jamais se esquecia de cumprir suas pequenas tarefas. Davy, ao contrário, era bastante desatento e esquecido. Entretanto, ele tinha o dom de conquistar o amor das pessoas; assim, e apesar de tudo, Anne e Marilla já haviam admitido que gostavam mais dele do que de Dora.

Enquanto Dora tirava gentilmente as ervilhas das cascas e Davy fazia pequenos barcos com as vagens – mastros com palitos de fósforo, e velas de papel –, Anne contou a Marilla qual era o conteúdo maravilhoso de sua carta.

– Oh, Marilla, o que a senhora acha disso? Recebi uma carta de Priscilla dizendo que a senhora Charlotte E. Morgan está na ilha e que, se quinta-feira for um dia agradável, elas pretendem visitar Avonlea. Devem chegar por volta do meio-dia, vão passar a tarde conosco e, antes do crepúsculo, vão para o hotel de White Sands, porque alguns dos amigos americanos da senhora Morgan estão hospedados lá. Oh, Marilla, isso não é maravilhoso? Mal posso acreditar que não estou sonhando.

– Posso assegurar que a senhora Morgan é muito semelhante a qualquer outra pessoa – Marilla respondeu secamente, embora ela realmente estivesse um pouco entusiasmada também.

A senhora Morgan era uma mulher famosa, e uma visita dela não era um acontecimento comum.  
– Então elas vão almoçar conosco?

– Sim. Oh, Marilla! Posso, eu mesma, fazer todos os pratos do almoço? Quero sentir que posso fazer alguma coisa pela autora de *O jardim dos botões de rosa*, mesmo que seja apenas preparar um almoço para ela. A senhora não se importa, não é?

– Absolutamente! Não gosto tanto assim de cozinhar, perto de um fogo quente, em pleno verão, a ponto de ficar muito chateada porque outra pessoa vai fazer isso em meu lugar. Sinta-se à vontade.

– Oh, muito obrigada! – Anne agradeceu, como se Marilla tivesse acabado de lhe fazer um favor enorme. – Vou criar o *menu* hoje mesmo, à noite.

– É melhor você não tentar sofisticar demais – Marilla advertiu, um pouco alarmada pelo som requintado da palavra *menu*. – Você pode acabar se arrependendo.

– Oh, não, não vou usar nenhuma “sofisticação”, se a senhora se refere a tentar preparar coisas que não costumamos servir em ocasiões festivas – Anne garantiu. – Isso seria afetação, e, embora eu saiba que não possuo tanto bom senso e estabilidade emocional quanto uma garota de 17 anos, professora, deveria ter, não sou ingênua a *tal* ponto. Porém, quero que tudo seja tão bonito e delicioso quanto for possível. Menino Davy, não deixe essas vagens nos degraus da escada da cozinha, alguém pode pisar nelas e escorregar! Vou começar com uma sopa leve... a senhora sabe que faço uma sopa de cebola adorável; em seguida, duas aves assadas. Já escolhi os dois galos brancos. Sinto uma grande afeição por aqueles galos, que são de estimação, desde que a galinha cinza chocou só os dois... aquelas bolinhas de penas amarelas, lembra? No entanto, sei que um dia eles teriam de ser sacrificados, e não tenho dúvidas de que não poderia haver uma ocasião mais digna do que essa. Mas, oh, Marilla, *eu* não sou capaz de matá-los... nem mesmo pelo bem da senhora Morgan. Vou ter de pedir a John Henry Carter para vir fazer isso por mim.

– Eu faço – Davy se ofereceu –, se Marilla segurar as pernas deles, pois acho que vou precisar de minhas duas mãos para manejar o machado. É muito divertido ver as aves pulando depois que suas cabeças são cortadas!

– Então, como acompanhamentos, vou preparar ervilhas, feijão, batatas com creme e uma salada de alface – Anne continuou. – E, para a sobremesa, pensei em tortas de limão com chantili, café, queijo e biscoitos champanhe. Vou fazer as tortas e os biscoitos amanhã, além de ajeitar meu vestido branco de musselina. Oh, preciso avisar Diana, pois ela vai querer preparar o dela também. As heroínas da senhora Morgan estão quase sempre vestidas de musselina branca, e Diana e eu já tínhamos decidido que era o que usaríamos, se algum dia tivéssemos a oportunidade de nos encontrar com ela. Vai ser uma homenagem tão delicada, não acha, Marilla? Davy, querido, você não pode enfiar as vagens das ervilhas nas frestas das tábuas do chão! Tenho de convidar também o senhor e a senhora Allan e a senhorita Stacy, pois todos eles sempre quiseram muito conhecer a senhora Morgan. É uma grande sorte ela nos visitar quando a senhorita Stacy está aqui em Avonlea. Davy, querido, não navegue as vagens na água do balde... vá brincar com elas na tina, lá fora! Oh, quero muito que quinta-feira seja um dia bonito, e acho que vai ser, porque tio Abe disse, ontem à noite, quando visitou o senhor Harrison, que choveria durante a maior parte desta semana.

– Isso é um bom sinal – Marilla concordou.

Naquela noite, Anne correu até Orchard Slope para contar a novidade a Diana, que também ficou muito animada com a notícia, e as duas conversaram longamente sobre o assunto, sentadas na rede, à sombra do grande salgueiro do jardim dos Barry.

– Oh, Anne, será que posso ajudá-la a preparar o almoço? – Diana implorou. – Você sabe que faço uma salada de alface esplêndida.

– É claro que pode – Anne falou generosamente. – E quero também que me ajude na decoração. Pretendo fazer, da sala de visitas, praticamente um caramanchão cheio de flores, e a sala de jantar vai ser enfeitada com rosas silvestres. Oh, eu espero verdadeiramente que tudo corra bem e tranquilamente. As heroínas da senhora Morgan *nunca* se metem em encrencas, nem ficam em posição de desvantagem; além disso, são sempre calmas, seguras de si e ótimas donas de casa. Você lembra que Gertrude, em *Dias em Edgewood*, cuidava da casa para seu pai quando tinha apenas 8 anos? Nessa idade, eu mal sabia fazer qualquer coisa que não fosse tomar conta de crianças. A senhora Morgan deve saber tudo o que se refere a garotas, já que escreveu tanto sobre elas; e eu quero realmente que ela tenha uma boa opinião a nosso respeito. Já imaginei tudo, de várias maneiras diferentes: como será a aparência dela, o que vai dizer, o que eu vou falar. E estou tão preocupada com meu nariz, Diana! Tem sete sardas nele, como pode ver. Elas apareceram depois do piquenique da Sociedade para Melhorias, porque fiquei muito tempo exposta ao sol, sem chapéu. Mas suponho que seja uma ingratidão ficar preocupada com elas, quando eu deveria estar grata por não estarem espalhadas sobre todo o rosto, como já aconteceu no passado. Porém, assim mesmo, queria que não estivessem aqui... Todas as heroínas da senhora Morgan têm uma pele tão bonita... Não consigo me lembrar de nenhuma delas que tivesse sardas.

– Essas suas não são percebidas facilmente – Diana a consolou. – Experimente passar suco de limão sobre elas, antes de ir para a cama.

No dia seguinte, Anne fez suas tortas e biscoitos, ajeitou seu vestido de musselina e varreu e tirou o pó de todos os cômodos – um procedimento totalmente desnecessário, pois a casa de Green Gables já estava, como sempre, tão limpa e arrumada quanto Marilla fazia questão de mantê-la. Assim mesmo, Anne achou que um simples grão de poeira, em uma casa que teria a honra de receber uma visita de Charlotte E. Morgan, seria um pecado. A moça limpou até o armário de bugigangas, debaixo da escada, apesar de não existir nem a mais remota possibilidade de sua convidada ilustre ver o que havia ali dentro.

– Ora, preciso sentir que *tudo* está em perfeita ordem, mesmo sabendo que ela não vai ver este armário – Anne explicou a Marilla. – Sabe, em seu livro *Chaves de ouro*, a senhora Morgan faz com que suas duas heroínas, Alice e Louisa, adotem como lema os seguintes versos de Longfellow:

Nos primórdios da arte,  
os construtores, com todo o zelo, trabalhavam  
cada detalhe e invisível parte,  
pois sabiam que os deuses tudo enxergavam.\*\*\*\*\*

– E, a partir de então, elas sempre mantinham as escadas para o porão muito limpas, e nunca se esqueciam de varrer debaixo das camas. Eu ficaria com a consciência pesada se soubesse que este armário estava desarrumado, enquanto a senhora Morgan estivesse na casa. Desde que lemos *Chaves de ouro*, em abril deste ano, Diana e eu adotamos aqueles versos como nosso lema também.

Naquela noite, John Henry Carter e Davy planejaram e cumpriram a execução dos dois galos brancos. Anne os preparou em seguida; era uma tarefa sempre muito desagradável para ela, mas que, no caso, estava glorificada, a seus olhos, pelo destino que as rechonchudas aves teriam.



– Não gosto de fazer isso – ela disse a Marilla –, mas não é esplêndido não sermos obrigados a pôr nossa alma naquilo que nossas mãos estão fazendo? Na prática, preparei os galos com minhas mãos; porém, em minha imaginação, simplesmente caminhei pela Via Láctea.

– O que penso disso é que você deixou muito mais penas espalhadas sobre o chão do que de costume – Marilla comentou.

Depois, Anne pôs Davy na cama e fez com que ele promettesse se comportar perfeitamente bem no dia seguinte.

– Se amanhã eu for tão bom menino quanto posso ser, durante o dia todo, você me deixa ser tão ruim quanto eu gosto, no dia seguinte? – Davy perguntou.

– Eu não poderia fazer isso – Anne respondeu sensatamente. – Entretanto, prometo levar você e Dora a um passeio de barco a remo, no lago; podemos desembarcar na margem do outro lado, atravessar as dunas e fazer um piquenique na praia.

– Negócio fechado! – Davy exclamou. – Vou me comportar muito bem, pode apostar, Anne. Eu tinha pensado em ir até a casa do senhor Harrison e usar minha espingarda de brinquedo nova para atirar ervilhas em Ginger, mas posso fazer isso outro dia, não tem problema. Acho que amanhã vai ser como um domingo, mas um piquenique na praia deve compensar isso.





CAPÍTULO XVII

*Um capítulo cheio  
de acidentes*

**D**urante a noite, Anne acordou três vezes e fez peregrinações até a janela, para ter certeza de que a previsão de tio Abe não se confirmaria. Finalmente, a manhã surgiu perolada e linda, com um céu cheio de brilho e esplendor. O grande dia havia chegado.

Diana apareceu logo depois do café da manhã, com uma cesta de flores em um dos braços, e seu vestido de musselina sobre o outro: afinal, não era uma boa ideia vesti-lo antes que os preparativos para o almoço fossem concluídas. Enquanto isso não acontecia, ela usou seu vestido informal, de tecido estampado cor-de-rosa, e um avental de linho assustadora e maravilhosamente cheio de pregas e babados. E como Diana estava elegante, bonita e rosada!

– Você está simplesmente encantadora! – Anne falou, com admiração.

Diana suspirou.

– Oh, Anne, tive de alargar todos os meus vestidos... *de novo!* Estou pesando quase dois quilos a mais do que em julho. *Aonde* isso vai parar? As heroínas da senhora Morgan são todas altas e esbeltas...

– Bem, vamos esquecer nossos problemas e pensar em nossas dádivas – Anne sugeriu alegremente. – A senhora Allan costuma dizer que sempre que pensamos em algo que é um desafio para nós, devemos pensar também em alguma coisa boa, que contraste com aquilo. Assim, se você está um pouquinho acima do peso, pense que possui as mais belas covinhas. E se meu nariz é sardento, sei que *o formato* dele é bonito. Diana, olhe bem, você acha que o suco de limão fez algum efeito positivo?

– Sim, penso realmente que sim – Diana afirmou, segura.

Então, muito animada, Anne se dirigiu, seguida pela amiga, para o jardim, que estava repleto de sombras suaves e luzes douradas e oscilantes.

– Primeiro, vamos decorar a sala de visitas. Temos bastante tempo, pois Priscilla disse que elas chegariam por volta das 12 horas; o mais tardar, 12h30. Portanto, vamos servir o almoço às 13 horas.

Pode ter havido duas garotas mais felizes e entusiasmadas em algum lugar do Canadá ou dos Estados Unidos, naquele momento, mas duvido. Cada tesourada que soltava uma rosa, peônia ou campânula azul de seus galhos parecia gorjear: “A senhora Morgan vem aqui hoje”. Anne se perguntava como o senhor Harrison conseguia cortar o feno placidamente, no campo do outro lado da alameda, como se nada estivesse por acontecer.

A sala de visitas de Green Gables era um cômodo bastante formal e sombrio, com cortinas de renda engomada e sofá e poltronas duros, estofados com crina de cavalo e cobertos com mantas brancas, sempre dispostas em ângulos perfeitamente corretos, exceto quando se prendiam nos botões das roupas de convidados que não estavam com muita sorte. Nem mesmo Anne havia conseguido dar mais vida e graça àquele lugar, pois Marilla nunca permitiu nenhuma alteração. Contudo, é maravilhoso o que flores podem fazer, se lhes damos uma chance justa: quando Anne e Diana terminaram seu trabalho, a sala estava irreconhecível.

Um vaso grande e azul, cheio de hortênsias, enfeitava a mesa cuidadosamente lustrada. A superfície preta e brilhante sobre a lareira estava enfeitada com rosas e samambaias; os cantos escuros de ambos os lados da lareira estavam iluminados com jarros cheios de peônias vermelhas brilhantes, e o vão parecia em chamas, repleto de papoulas amarelas. Além disso, havia, em cada prateleira da estante, um buquê de campânulas.

Todo esse esplendor de cores e formas – misturado com a luz do sol, que atravessava as videiras de madressilva do lado de fora das janelas, criando sombras dançantes sobre as paredes e o chão – tinha transformado a sala, geralmente triste e sombria, no verdadeiro “caramanchão” da imaginação de Anne, e até causado admiração em Marilla, que entrou para criticar e permaneceu para elogiar.

– Agora, precisamos arrumar a mesa para o almoço – Anne falou, com um tom semelhante ao de uma sacerdotisa prestes a realizar algum ritual sagrado em homenagem a uma divindade. – Vamos pôr uma grande variedade de rosas selvagens no centro, e uma única rosa na frente do prato de cada um, com exceção da senhora Morgan: em frente ao prato dela, vamos colocar um buquê especial de botões – uma menção a *O jardim de botões de rosa*, você sabe.

A mesa foi posta na sala de jantar, com a toalha de linho mais bonita de Marilla e o que ela possuía de melhor em porcelana, cristal e prata. Nem é preciso dizer, claro, que cada peça colocada sobre a mesa havia sido previamente lavada e polida, até atingir o mais alto grau de perfeição em limpeza, brilho e harmonia.

Em seguida, Anne e Diana foram para a cozinha, onde aromas apetitosos emanavam do forno, pois as aves já estavam dourando esplendidamente. Anne preparou as batatas, e Diana se dedicou às ervilhas e ao feijão. Depois, enquanto Diana, sozinha na despensa, compunha a salada de alface, Anne, cujas bochechas já começavam a ficar muito vermelhas e brilhantes, tanto pelo entusiasmo quanto pelo calor do fogo, cozinhou um molho especial para os galos, descascou e picou as cebolas para a sopa, e, por fim, bateu o creme para as tortas de limão.

E Davy? O que fazia o garoto durante todo esse tempo? Estaria cumprindo sua promessa de se comportar? De fato, estava. Para dizer a verdade, ele havia insistido em permanecer na cozinha, pois sua curiosidade o levou a querer ver tudo o que acontecia por ali. E, como ficou sentado tranquilamente em um canto, muito ocupado em desfazer os nós de um pedaço de rede de pesca de arenque que tinha trazido de sua mais recente visita à praia, ninguém protestou.

Às 11h30, a salada de alface estava pronta, os círculos dourados das tortas de limão estavam cobertos de chantilly, e tudo o que deveria ferver ou chiar, por causa do fogo, cumpria seu papel.

– É melhor nos arrumarmos, agora – Anne falou –, já que elas devem estar aqui ao meio-dia, mais ou menos. Precisamos almoçar pontualmente às 13 horas, porque a sopa tem de ser servida assim que estiver pronta.

Foram minuciosos os ritos de asseio e embelezamento no sótão do leste, naquele final de manhã. Anne olhou ansiosamente para seu nariz, no espelho, e se alegrou ao ver que as sardas não estavam, de modo algum, salientes, graças ao suco de limão ou, talvez, ao rubor pouco frequente em suas bochechas. Quando ficaram prontas, as duas moças tinham uma aparência tão doce, feminina e bela quanto a das heroínas da senhora Charlotte E. Morgan.

– Espero, no fundo do meu coração, ser capaz de dizer alguma coisa, de vez em quando – Diana declarou, ansiosa. – Não quero ficar sentada, parada, como se fosse muda. Todas as heroínas da senhora Morgan conversam tão encantadoramente bem! Tenho medo de ficar calada o tempo todo e dar a impressão de que sou uma boba. Oh, e sei também que vou acabar dizendo “vi ela”. Depois das aulas da senhorita Stacy, eu raramente falo isso, mas, em momentos emocionantes, o erro escapa de minha boca. Anne, se eu disser “vi ela” diante da senhora Morgan, vou morrer de vergonha. E acho que será tão ruim quanto não ter nada a dizer.

– Estou tensa por vários motivos – Anne reconheceu –, mas não creio que eu esteja com medo de não conseguir falar.

E, para lhe fazer justiça, é preciso assegurar que não estava mesmo.

Com um avental bem grande, Anne protegeu seu magnífico traje de musselina e desceu para finalizar a sopa. Marilla já tinha se aprontado e vestido as crianças, e parecia mais animada do que nunca. Às 12h30, o senhor e a senhora Allan, juntamente com a senhorita Stacy, chegaram.

Até então, tudo corria muito bem, mas Anne começou a ficar preocupada. Certamente, já havia passado da hora de Priscilla e a senhora Morgan aparecerem. A moça fazia caminhadas frequentes até o portão, e olhava para a alameda tão ansiosamente quanto sua homônima, na história de Barba Azul, espiava pela janela da torre.

– E se elas não vierem? – perguntou tristemente.

– Nem pense nisso, seria muita maldade – retrucou Diana, que, no entanto, estava começando a ter dúvidas incômodas sobre o assunto.

– Anne – Marilla chamou, vindo da sala –, a senhorita Stacy quer ver o prato de porcelana azul da senhorita Josephine Barry.

Imediatamente, Anne foi buscar o prato no armário da sala de jantar. Ela havia, conforme sua promessa à senhora Lynde, escrito para a senhorita Barry, de Charlottetown, pedindo a louça emprestada. A senhorita Barry, grande amiga de Anne, enviou o prato rapidamente, junto com uma carta na qual recomendava que tomassem muito cuidado com ele, pois havia custado uma pequena fortuna. O prato tinha cumprido sua função na feira da Sociedade de Ajuda Humanitária e sido devolvido ao armário de Green Gables, já que Anne não confiava em ninguém, a não ser ela mesma, para levá-lo de volta a Charlottetown.

A moça trouxe o prato cuidadosamente até a porta da frente, onde seus convidados apreciavam a brisa fresca que vinha do riacho, e ele foi examinado e admirado. Então, quando Anne já tinha o prato nas mãos novamente, ouviu-se um terrível estrondo e, em seguida, vindos da despensa, ruídos de vidro se quebrando. Marilla, Diana e Anne correram para lá, sendo que a última parou apenas o tempo suficiente para colocar o precioso prato rapidamente sobre o segundo degrau da escada.

Quando chegaram à despensa, elas se depararam com um espetáculo verdadeiramente angustiante: um garoto pequeno, com ar de culpa, descendo com dificuldade da mesa; sua blusa

para ocasiões especiais estava generosamente decorada com chantili e, sobre a mesa, repousavam os restos, despedaçados, do que tinham sido duas lindas tortas de limão cobertas de creme.

Davy havia acabado de desfazer os nós da rede de pesca e enrolado os fios de modo a criar uma bola. Em seguida, tinha ido à despensa para colocá-la na prateleira acima da mesa, onde já mantinha umas vinte bolas similares que, até onde se sabe, não serviam a nenhum propósito útil a não ser propiciar a alegria da posse. Davy tinha de subir na mesa, em um ângulo perigoso, para alcançar a prateleira, algo que já havia sido proibido por Marilla de fazer, desde uma frustrada tentativa anterior, que lhe custou caro.

O resultado, dessa vez, foi desastroso. O garoto escorregou e despencou diretamente sobre as tortas. Sua blusa limpa ficou arruinada para aquela ocasião festiva, e as tortas, para sempre. No entanto, uma perda ou infortúnio geralmente acaba sendo bom para alguém e, por fim, o porco foi quem se beneficiou da travessura do menino.

– Davy Keith – Marilla falou, sacudindo-o pelos ombros –, eu não proibi você de subir de novo na mesa? Não proibi?

– Eu esqueci – Davy choramingou. – A senhora vive me dizendo para não fazer uma quantidade tão grande de coisas que não consigo me lembrar de todas elas.

– Então, suba para seu quarto e fique lá até depois do almoço; talvez você consiga organizar as coisas em sua memória, durante esse tempo. Não, Anne, não adianta você interceder por ele. O garoto não está sendo castigado porque estragou suas tortas de limão... isso foi um acidente. Estou punindo Davy pela desobediência. Vá, menino, agora!

– Vou ficar sem almoço? – ele gemeu.

– Você pode descer, depois que o almoço acabar, e comer na cozinha.

– Oh, está bem – Davy falou, um pouco aliviado. – Sei que Anne vai guardar uns bons ossos para mim, não vai, Anne? Você sabe que não caí sobre as tortas de propósito. Diga, Anne, já que elas estão destruídas mesmo, eu não poderia levar uns pedaços lá para cima?

– Não, nada de torta de limão para você, senhor Davy! – Marilla exclamou, empurrando-o para o *hall*.

– O que vamos servir como sobremesa? – Anne perguntou, olhando tristemente para os destroços das tortas.

– Pegue um pote de morangos em calda – Marilla falou, consoladora. – Ainda tem bastante chantili na tigela, para acompanhar o doce.

O relógio bateu 13 horas... e nada de Priscilla ou da senhora Morgan. Anne estava agoniada. O momento certo de servir cada prato havia sido calculado com exatidão, e a sopa estava exatamente como uma sopa de cebola deve estar, mas ninguém podia garantir que permaneceria assim por muito mais tempo.

– Tudo indica que elas não vêm mais – disse Marilla, irritada.

Anne e Diana procuraram conforto nos olhos uma da outra.

Às 13h30, Marilla veio novamente da sala.

– Meninas, *temos* de almoçar. Todo mundo está com fome, e não faz sentido esperarmos mais. Priscilla e a senhora Morgan não vêm, isso está claro, e aguardá-las não vai nos trazer nenhum benefício.

Anne e Diana começaram a servir o almoço, mas todo o seu entusiasmo havia desaparecido.

– Acho que não vou conseguir comer uma garfada sequer – Diana lamentou, melancólica.

– Eu também não. Mas, pela senhorita Stacy e pelo senhor e a senhora Allan, espero que corra tudo bem – Anne concordou, desanimada.

Quando pôs as ervilhas na travessa, Diana experimentou um pouco, e uma expressão bastante peculiar surgiu em seu rosto.

– Anne, você pôs açúcar nestas ervilhas?

– Sim – Anne respondeu, com ar de quem tinha cumprido seu dever, enquanto espremia as batatas –, coloquei uma colher cheia de açúcar. Sempre fazemos isso. Você não gosta?

– Mas *eu* pus uma colher cheia também, antes de levá-las ao forno.

Anne soltou o espremedor e experimentou as ervilhas. Então, fez uma careta.

– Isso está horrível! Nunca me passou pela cabeça que você adicionaria açúcar aqui, pois sei que sua mãe nunca põe. Surpreendentemente, me lembrei de colocar... sempre esqueço... então, joguei uma colher bem cheia...

– Como se costuma dizer, “panela em que todos mexem não dá boa sopa” – disse Marilla, que havia escutado a conversa, com uma ligeira expressão de culpa no rosto. – Jamais imaginei que você se lembraria do açúcar, Anne, pois tenho certeza de que isso nunca aconteceu antes, por isso, *eu* adicionei uma colher cheia...

Os convidados, na sala, ouviram as gargalhadas vindas da cozinha, mas nunca souberam qual era o motivo da diversão. Contudo, não houve ervilhas sobre a mesa de almoço naquele dia.

– Bem – Anne falou, recuperando, com um suspiro, a seriedade –, de qualquer modo, temos a salada, e não acredito que tenha acontecido nada de ruim com o feijão. Vamos levar a comida e almoçar.

Não se pode dizer que o evento teve um grande êxito social. O casal Allan e a senhorita Stacy se esforçaram para contornar a situação, e a serenidade habitual de Marilla não foi visivelmente perturbada. Entretanto, Anne e Diana, tendo sentido tanto entusiasmo e ansiedade até o final daquela manhã e, logo depois, um desapontamento tão profundo, não conseguiram falar, nem comer nada. Anne tentou, heroicamente, participar da conversa, em atenção aos convidados, mas, naquelas circunstâncias, todo o seu brilho havia sido apagado e, apesar de seu grande amor pelo senhor e pela senhora Allan, assim como pela senhorita Stacy, ela não pôde deixar de pensar em como seria bom quando todos tivesse ido para casa e ela pudesse enterrar sua decepção e fadiga nos travesseiros do sótão do leste.

Há um provérbio antigo que, às vezes, parece realmente verdadeiro: “Uma desgraça nunca vem sozinha”. De fato, a lista dos infortúnios daquele dia ainda não estava completa. Justamente quando o senhor Allan havia acabado de fazer seu agradecimento, todos escutaram um barulho alto, estranho e horrendo na escada, como se algum objeto duro e pesado estivesse caindo e batendo em cada degrau, até, por fim, se despedaçar ruidosamente no chão do *hall*. Todos correram até lá, e Anne soltou um grito de horror.

No pé da escada, estava um búzio grande e cor-de-rosa, entre os fragmentos do que havia sido o prato azul da senhorita Josephine Barry; e, no topo da escada, Davy, ajoelhado e aterrorizado, observava, com olhos muito arregalados, o dano que tinha causado.

– Davy – Marilla perguntou, em tom de ameaça –, você jogou essa concha *de propósito*?

– Não, de jeito nenhum – o menino choramingou. – Eu só estava ajoelhado aqui, quieto e calado, olhando para vocês, pela grade da escada, quando meu pé esbarrou nessa coisa aí, e ela caiu... oh, estou morrendo de fome... Marilla, eu só queria que a senhora me desse uma surra e acabasse com isso de uma vez, em lugar de sempre me mandar para o quarto, onde perco toda a diversão.

– Não culpe Davy – Anne falou, enquanto recolhia, com os dedos trêmulos, os fragmentos. – O erro foi meu. Coloquei o prato no degrau e me esqueci completamente dele. Já estou

devidamente punida por meu descuido. Oh, o que a senhorita Barry vai dizer?

– Bem, você sabe que tia Josephine apenas comprou essa peça e, portanto, não é tão grave quanto se fosse uma herança de família – Diana falou, tentando aliviar a aflição de Anne.

Os convidados foram embora logo depois, sentindo que essa era a atitude mais diplomática a ser tomada; e as duas amigas lavaram a louça, falando menos do que nunca. Terminado o trabalho, Diana foi para sua casa com uma dor de cabeça terrível, e Anne se dirigiu, com outra dor igualmente forte, para o sótão do leste, onde permaneceu até Marilla voltar do correio, ao pôr do sol, trazendo uma carta de Priscilla, escrita na véspera. A senhora Morgan tinha torcido o tornozelo tão gravemente que não podia nem sair de seu quarto.

“E Anne, querida” – Priscilla tinha escrito –, “eu sinto muito, mas receio que realmente não vamos mais poder ir a Green Gables dessa vez, já que, quando o tornozelo de titia estiver curado, ela vai precisar voltar para Toronto. Tia Charlotte tem de estar lá em muito em breve.”

– Ora – Anne suspirou, colocando a carta sobre o degrau de pedra vermelha da varanda dos fundos, onde estava sentada, enquanto as luzes do crepúsculo manchavam o céu. – Desde o início, achei que a ideia da visita da senhora Morgan era boa demais para ser verdade. Mas espere... O que estou dizendo me lembra o modo pessimista de falar da senhorita Eliza Andrews, e me sinto envergonhada por pensar assim... Afinal, *não* era bom demais para ser verdade... Coisas tão boas quanto isso, ou até muito melhores, acontecem de verdade comigo, o tempo todo. E suponho também que tudo o que se sucedeu hoje até tem um lado engraçado. Quem sabe, quando Diana e eu estivermos idosas e grisalhas, não vamos poder rir disso tudo? Mas acho que não posso esperar que isso aconteça antes de ficarmos velhas, porque foi realmente uma decepção bastante amarga.

– Você provavelmente vai sofrer muitas decepções ainda, e piores do que essa, em sua vida – Marilla afirmou, acreditando honestamente que estava dizendo palavras consoladoras. – A impressão que tenho, Anne, é de que você nunca vai superar essa sua mania de se empolgar excessivamente com certas coisas e, em seguida, cair em desespero porque elas não aconteceram da forma como tinha sonhado.

– Sei que sou mesmo muito inclinada a isso – Anne concordou pesarosamente. – Quando penso que alguma coisa boa vai ocorrer, pareço voar bem alto, nas asas da expectativa; e, muitas vezes, quando dou por mim, já fui ao chão, com um grande baque. Porém, na verdade, Marilla, a parte em que estou voando *é* perfeitamente gloriosa, enquanto dura... É como atravessar o pôr do sol. Acho que quase compensa o baque posterior.

– Bem, talvez sim – Marilla admitiu. – Particularmente, prefiro seguir o percurso da vida calmamente, sem voos nem baques. Entretanto, cada um tem sua maneira de viver... Eu costumava achar que só havia um caminho correto, mas, desde que tive você e os gêmeos para criar, não tenho mais tanta certeza disso. O que pretende fazer em relação ao prato da senhorita Barry?

– Pagar o que ela gastou para comprá-lo, suponho. Estou muito grata por não ser uma relíquia de família, caso contrário nenhum dinheiro poderia recompensá-la.

– Sempre existe a possibilidade de você encontrar uma peça semelhante, em algum lugar, e comprá-la para a tia de Diana.

– Creio que não. Pratos tão antigos como aquele são muito raros. A senhora Lynde não conseguiu achar nenhum para a feira da Sociedade de Ajuda Humanitária. Eu bem que queria poder encontrar um, pois a senhorita Barry não se importaria de ter outro semelhante, contanto que fosse igualmente antigo e autêntico. Marilla, veja aquela estrela grande, sobre o bosque de

bordos do senhor Harrison, com toda aquela paz divina no céu prateado à sua volta! Tenho a sensação de que é como uma prece. Afinal, quando se pode ver estrelas e céus assim, pequenas decepções e acidentes não importam tanto, não acha?

– Onde está Davy? – Marilla perguntou, com um olhar indiferente para a estrela.

– Na cama. Prometi levar Dora e ele a um piquenique na praia amanhã. É claro que o acordo que fizemos previa que ele fosse um bom menino hoje. Contudo, ele *tentou* se comportar bem... e não tive coragem de desapontá-lo.

– Você e os gêmeos vão acabar se afogando, com essa história de remar no lago, dentro daquele barco – Marilla resmungou. – Moro aqui há sessenta anos e, até hoje, nunca estive naquele lago.

– Ora, nunca é tarde para mudar isso – disse Anne maliciosamente. – Quem sabe a senhora vem conosco amanhã?! Podemos trancar Green Gables e passar o dia todo na praia, esquecidos do resto do mundo.

– Não, obrigada! – respondeu Marilla, bastante indignada. – Seria um belo quadro, não seria? Eu, dentro de um barco, remando naquele lago! Acho que até posso ouvir as palavras de Rachel sobre isso... Veja, Anne, lá está o senhor Harrison, indo a algum lugar. Você acha que existe alguma verdade nos rumores de que ele tem visitado Isabella Andrews?

– Não, tenho certeza de que não existe nada disso. Ele foi lá apenas uma vez, para fazer negócios com o senhor Harmon Andrews. A senhora Lynde o viu e disse que sabia que era um flerte, só porque ele estava usando uma camisa de colarinho branco. Não acredito que o senhor Harrison se case algum dia. Ele parece ter preconceito contra o casamento.

– Bem, nunca se pode afirmar nada sobre esses velhos solteirões. E se ele estava mesmo usando colarinho branco, concordo com Rachel que isso parece suspeito, pois posso afirmar que ele nunca foi visto vestido dessa maneira antes.

– Em minha opinião, ele só usou a camisa porque queria concluir um acordo de negócios com o senhor Harmon Andrews – Anne discordou. – Eu o ouvi dizer, uma vez, que essa é a única ocasião em que um homem deve se preocupar com a aparência, já que, se ele aparentar prosperidade, é bem provável que a outra parte não tente lhe dar um golpe. Sinto muito pelo senhor Harrison: não penso que ele seja feliz com a vida que leva. Deve ser muito solitário não ter ninguém, exceto um papagaio, a senhora não acha? Porém, percebo que ele não gosta que sintam pena dele. Imagino que ninguém goste...

– Lá está Gilbert, subindo a colina – Marilla a interrompeu. – Se ele quiser levar você para um passeio de barco no lago, não deixe de colocar seu casaco e suas galochas. Vai serenoar muito esta noite.





CAPÍTULO XVIII

## *Uma aventura na Estrada dos Conservadores*



— Anne — Davy falou, sentando-se na cama e apoiando o queixo nas mãos —, onde é o sono? As pessoas *caem* no sono toda noite, e eu sei, claro, que é onde eu faço as coisas que eu sonho, mas quero entender *onde* ele fica e como a gente cai lá, e depois volta, sem saber nada sobre esse lugar... E, ainda por cima, acordamos de pijama de novo, como estávamos quando caímos lá. Onde fica o sono, Anne? Eu quero saber.

Anne estava ajoelhada diante da janela do sótão do oeste, observando o pôr do sol, que parecia uma grande flor, com pétalas da cor do açafão e miolo amarelo forte. Virou a cabeça para Davy e respondeu sonhadoramente:

— Sobre as montanhas da lua, abaixo do vale da sombra. \*\*\*\*\*

Paul Irving teria entendido o significado disso, ou, caso contrário, teria criado sua própria interpretação. Davy, porém, muito prático — e, como Anne sempre observava com tristeza, sem um mínimo de imaginação —, apenas ficou confuso e insatisfeito.

— Anne, acho que você está dizendo coisas sem sentido.

— Claro que sim, meu querido. Então, não sabe que só gente boba fala coisas sensatas o tempo todo?

— Ora, eu penso que você poderia me dar uma resposta sensata quando faço uma pergunta sensata — Davy retrucou, ofendido.

— Oh, você ainda é muito pequeno para entender isso — ela afirmou.

Contudo, Anne imediatamente sentiu vergonha do que havia acabado de dizer: não tinha sido ela mesma que — muitos anos antes, quando ouvia respostas como essa — tinha jurado solenemente que, ao se tornar adulta, nunca diria a nenhuma criança que ela era pequena demais para entender certas coisas? E, agora, ali estava ela, fazendo exatamente isso! Como é profundo, às vezes, o abismo entre a teoria e a prática...

— Bem, estou me esforçando o máximo que posso para crescer — disse o garoto —, mas não dá para apressar muito isso. Se Marilla não fosse tão avarenta com sua geleia, acho que eu cresceria bem mais rápido.

– Marilla não é avarenta, Davy – Anne o repreendeu severamente. – É muita ingratidão de sua parte falar uma coisa dessas.

– Tem outra palavra que quer dizer a mesma coisa e soa bem melhor, mas não consigo lembrar qual é – Davy falou, franzindo a testa ao pensar.

– Se você quer dizer *econômica*, isso é uma coisa *muito* diferente de ser avarenta. Ser econômica é uma qualidade excelente em uma pessoa. Se Marilla fosse avarenta, não teria ficado com você e Dora, quando a mãe de vocês morreu. Você gostaria de ser criado pela senhora Wiggins?

– Pode apostar que não! – Davy foi enfático nesse ponto. – E nem quero ir morar com o tio Richard. Prefiro mil vezes ficar por aqui, mesmo Marilla sendo essa palavra comprida aí, quando se trata de geleia; sabe por que, Anne? Porque *você* está aqui. Diga, Anne, você não pode me contar uma história antes de eu cair no sono? Mas não quero um conto de fadas. Eles são bons para meninas, suponho. Quero uma história emocionante... com muitos assassinatos, tiros, uma casa em chamas e coisas interessantes desse tipo.

Para a sorte de Anne, Marilla a chamou em seu quarto exatamente nesse momento.

– Anne, Diana está fazendo sinais para você, sem parar. É melhor ver o que ela deseja.

Anne correu até a janela do sótão do leste e viu *flashes* de luz, no crepúsculo, vindos da janela de Diana em grupos de cinco, o que queria dizer, de acordo com seu antigo código infantil: “Venha aqui quando puder, pois tenho uma coisa importante para falar”. Então, jogou seu xale branco sobre a cabeça e atravessou apressadamente o Bosque Assombrado e o pasto do senhor Bell, rumo a Orchard Slope.

– Tenho boas notícias para você, Anne – Diana falou. – Mamãe e eu acabamos de chegar de Carmody, e lá encontrei Mary Sentner, de Spencervale, na loja do senhor Blair. Ela me contou que as velhas meninas Copp, que moram na Estrada dos Conservadores, possuem um prato de porcelana azul, que ela acha que é exatamente igual ao que estava na feira da Sociedade de Ajuda Humanitária. E disse, também, que é bastante provável que elas queiram vendê-lo, pois nunca se ouviu dizer que Martha Copp, alguma vez, tivesse mantido a posse de alguma coisa que ela *pudesse* vender. E isso não é tudo; Mary falou, ainda, que, se por acaso elas não quiserem vender o prato, há outro, na loja de Wesley Keyson, em Spencervale, que ela tem certeza de que está à venda. Entretanto, ela não soube dizer se esse último é do mesmo tipo daquele de tia Josephine.

– Amanhã mesmo vou direto a Spencervale procurar esse prato – Anne afirmou, decidida. – E você tem de ir comigo, Diana. Vai ser um peso muito grande do qual vou me livrar, pois preciso ir à cidade depois de amanhã, e como vou poder ficar frente a frente com a senhorita Josephine sem ter nas mãos a peça de porcelana azul? Seria até pior do que aquela vez em que tive de me confessar a respeito de termos pulado sobre a cama do quarto de hóspedes.

As duas amigas riram da antiga lembrança. (Se algum de meus leitores não a conhecer e estiver curioso, devo encaminhá-lo à história em *Anne de Green Gables*.)

Na tarde seguinte, as duas partiram em sua expedição de caça ao prato. Eram cerca de dezesseis quilômetros entre Avonlea e Spencervale, e o dia não estava especialmente agradável para uma viagem. Estava muito quente, e não ventava; além disso, a poeira na estrada era tanta quanto se pode esperar, depois de seis semanas de clima seco.

– Oh, como eu gostaria que chovesse logo! – Anne suspirou. – Está tudo tão ressecado... Os pobres campos estão me causando pena, e as árvores parecem estender os braços, implorando chuva. Quanto ao meu jardim, você nem imagina como meu coração dói cada vez que vou até lá.

Mas suponho que não devo reclamar por um jardim quando as plantações dos fazendeiros estão sofrendo tanto... O senhor Harrison disse que seus pastos estão totalmente queimados, e que seu gado mal consegue encontrar algo para comer. Falou que se sente culpado de crueldade com os animais, toda vez que seu olhar encontra os deles.

Após uma viagem exaustiva, as moças chegaram a Spencervale e entraram na Estrada dos Conservadores, um caminho verde e solitário onde as faixas de relva, entre as marcas das rodas de charretes, comprovavam seu quase abandono. Em sua maior parte, a estrada era margeada por um aglomerado de abetos jovens e densos, com clareiras aqui e ali, nas quais se viam cercas de fazendas de Spencervale ou tocos de árvores rodeados por margaridas e plantas típicas de terras áridas.

– Por que ela se chama Estrada dos Conservadores? – Anne perguntou.

– O senhor Allan diz que é pela mesma razão que chamam um lugar de bosque, quando não existe nele uma árvore sequer – Diana explicou. – Ninguém mais mora nesta estrada, além das meninas Copp e do velho Martin Bovyer, que fica no outro extremo, e é um liberal. O governo conservador abriu esta estrada, quando estava no poder, só para mostrar que trabalhava pela comunidade.

O pai de Diana era simpatizante do Partido Liberal e, por essa razão, elas nunca conversavam sobre política, já que os habitantes de Green Gables sempre tinham sido conservadores.

Finalmente, as duas chegaram à antiga propriedade da família Copp, um lugar cuja aparência externa apresentava tanto esmero que nem Green Gables chegaria ao mesmo nível de cuidado. A casa era muito antiquada, situada em uma ladeira, o que exigiu a construção de um porão de pedra sob uma de suas extremidades. Tanto ela quanto as construções adicionais estavam todas caiados de branco, com uma perfeição impressionante, e nenhum mato ou erva daninha era visível no jardim primoroso, ao lado da cozinha, protegido por uma cerca branca.

– Todas as persianas estão fechadas – Diana comentou, pesarosa. – Acho que não tem ninguém em casa.

E era a mais pura verdade. As duas se entreolharam, desapontadas.

– Não sei o que fazer – disse Anne. – Se eu tivesse certeza de que o prato é mesmo igual ao que procuramos, eu não me importaria de esperar até elas voltarem. Mas, se não for, pode ficar tarde demais para irmos à loja de Wesley Keyson, depois que sairmos daqui.

Diana olhou para uma janela pequena e quadrada, acima do porão.

– É a janela da despensa, tenho certeza – afirmou –, porque esta casa é exatamente igual à de tio Charles, em Newbridge. Lá, a janela da despensa fica exatamente naquele local. E a persiana não está fechada; portanto, se nós subíssemos no telhado daquela casinha ao lado, poderíamos olhar para a despensa e ver o prato. Você acha que isso faria algum mal?

– Não, creio que não – Anne respondeu, após refletir cuidadosamente. – Afinal, nossa motivação não é uma simples curiosidade.

Tendo essa importante questão ética sido resolvida, Anne se preparou para escalar a já mencionada “casinha”, uma construção de madeira com telhado pontiagudo, que, no passado, servira como habitação para patos. As meninas Copp haviam desistido de criar patos – “porque são aves verdadeiramente pouco higiênicas” –, e a construção já estava em desuso há alguns anos, exceto como morada temporária de galinhas poedeiras. Embora ela estivesse cuidadosamente caiada, sua estrutura tinha ficado um pouco instável, e Anne se sentiu bastante insegura depois que subiu em um barril, colocado em cima de uma caixa, e olhou para a casinha.

– Tenho medo de que ela não aguentue meu peso – disse, enquanto punha o pé cautelosamente

sobre o telhado.

– Apoie-se no peitoril da janela – Diana aconselhou.

Foi o que Anne fez. E, para sua grande alegria, ela viu, quando espiou pela vidraça, um prato de porcelana azul exatamente igual ao que procurava, sobre uma prateleira bem em frente à janela. E foi só o que viu antes que a catástrofe acontecesse. Em seu entusiasmo, esquecendo o quanto aquele telhado era precário e frágil, Anne se distraiu e deixou de se apoiar no peitoril da janela e, ainda por cima, deu um pequeno pulo de felicidade. No momento seguinte, ela já havia atravessado o telhado, que se rompeu, e estava pendurada, apoiando-se nas axilas e completamente incapaz de sair dali. Diana correu para dentro da antiga casa de patos e, pegando a amiga pela cintura, tentou puxá-la para baixo.

– Ai! Pare! – gritou a pobre Anne – Tem algumas ripas compridas presas em mim. Veja se acha alguma coisa para pôr sob meus pés... Assim, talvez seja possível sair por cima do que restou do telhado.

Rapidamente, Diana buscou o já mencionado barril, e Anne achou que ele era suficientemente alto para garantir um lugar seguro para colocar seus pés. Contudo, ela não conseguiu sair dali.

– Se eu subisse, acha que poderia puxar você?

Anne balançou a cabeça, desanimada.

– Não, as ripas estão me causando muita dor. Se você puder encontrar um machado, creio que consegue me soltar. Oh, estou realmente começando a acreditar que nasci sob uma estrela de maus presságios.

Diana procurou atenta e cuidadosamente, mas não encontrou nenhum machado.

– Vou ter de sair em busca de ajuda – ela afirmou, voltando à “prisoneira”.

– Não, não vai, de jeito nenhum – Anne foi veemente. – Se fizer isso, essa história vai se espalhar muito depressa, e eu vou ficar com vergonha demais de mostrar meu rosto. Não, temos apenas de esperar as meninas Copp voltarem, e convencê-las a manter segredo. Elas sabem onde está o machado, e vão me libertar. Não estou desconfortável, contanto que me mantenha completamente imóvel... quer dizer, meu *corpo* não está desconfortável. Queria saber em quanto as meninas Copp avaliam esta casinha. Vou ter de pagar pelo dano que causei, mas nem me importaria com isso, se, pelo menos, pudesse ter certeza de que elas entenderiam a razão que me levou a espiar pela janela de sua despensa. Meu único consolo é que o prato é exatamente o que preciso, e, se a senhorita Copp concordar em vendê-lo, vou me resignar com tudo o que aconteceu.

– E se as meninas Copp não voltarem para casa, antes de anoitecer? Ou até amanhã? – Diana sugeriu.

– Se não voltarem até o sol se pôr, você vai ter de procurar outra ajuda... eu acho – Anne falou, relutante –, mas não deve ir, por enquanto, até que realmente seja necessário. Oh, que situação horrível! Meus infortúnios não seriam tão dolorosos se fossem românticos, como sempre são os das heroínas da senhora Morgan; mas, ao contrário, os meus são frequente e simplesmente ridículos. Imagine o que as meninas Copp vão pensar, quando entrarem em sua propriedade e virem a cabeça e os ombros de uma moça saindo do telhado da casinha onde criavam patos. Ouça... é o barulho de uma charrete? Não, Diana, acho que foi um trovão.

Sem dúvida nenhuma, tinha sido um trovão, e Diana, após fazer uma inspeção apressada ao redor da casa, voltou e anunciou que uma nuvem muito negra estava se formando rapidamente a noroeste.

– Creio que vamos ter uma chuva bem forte, com raios e trovões – ela disse, alarmada. – Oh,

Anne, o que devemos fazer?

– Temos de nos preparar para isso – Anne respondeu tranquilamente; afinal, naquela situação, uma tempestade parecia uma coisa à toa, em comparação ao que já havia acontecido. – É melhor você levar o cavalo e a charrete para aquele galpão ali na frente. Felizmente, minha sombrinha está na charrete. Tome... leve meu chapéu. Marilla falou que eu era uma tola por colocar meu melhor chapéu para vir à Estrada dos Conservadores, e, como sempre, ela estava certa.

Diana desamarrou o pônei e o levou com a charrete até o abrigo, exatamente quando as primeiras gotas pesadas da chuva caíram. Em seguida, levou a sombrinha para Anne e voltou para o galpão, onde permaneceu sentada, observando o temporal, que foi tão forte e pesado que ela mal conseguia enxergar a amiga, que segurava bravamente a sombrinha sobre a cabeça.

Não houve muitos trovões, mas a chuva caiu intensamente por quase uma hora. De vez em quando, Anne inclinava a sombrinha, de um modo encorajador, acenava para a amiga. No entanto, uma conversa àquela distância estava completamente fora de questão. Finalmente, a chuva cessou, o sol saiu e Diana se aventurou pelas poças do quintal.

– Você ficou muito molhada? – perguntou, ansiosa.

– Oh, não – Anne respondeu, bem-humorada. – Minha cabeça e meus ombros estão praticamente secos, e minha saia está só um pouco úmida, onde a chuva atravessou as ripas. Não tenha pena de mim, Diana; afinal, não estou nem um pouco chateada. Fiquei pensando nos benefícios que essa chuva vai trazer, e em como meu jardim deve estar contente por causa dela. Imaginei o que os botões e as flores pensaram quando as gotas começaram a cair. Inventei um diálogo verdadeiramente interessante entre as margaridas, as ervilhas-de-cheiro, os canários pousados nos arbustos de lilás e o espírito guardião do jardim. Quando estiver em casa, quero escrever isso. Na verdade, gostaria de ter aqui lápis e papel para anotar tudo agora, porque posso dizer que até lá já vou ter esquecido as melhores partes.

A prática e leal Diana tinha um lápis consigo, e encontrou um papel de embrulho em um compartimento dentro da charrete. Anne fechou a sombrinha ensopada, pôs novamente o chapéu, desdobrou o papel de embrulho sobre uma telha que Diana providenciou e escreveu seus versos campestres, em condições que mal poderiam ser consideradas favoráveis à literatura. Entretanto, o resultado foi muito bom, e Diana ficou enlevada quando Anne leu o diálogo para ela.

– Oh, Anne, como é doce... é simplesmente encantador. Você *tem* de enviar isso para a revista *A mulher canadense*.

Anne balançou a cabeça.

– Não, não seria adequado, de modo nenhum. Não há um *enredo* nessas palavras, você sabe. É só uma série de devaneios. Gosto de escrever essas coisas, mas é claro que nada desse tipo jamais seria publicado, pois os editores insistem em enredos... pelo menos, é o que Priscilla diz. Oh, ali está a senhorita Sarah Copp. *Por favor*, Diana, vá até lá e explique tudo para ela.

A senhorita Sarah Copp era uma mulher pequena e estava usando um vestido preto, já gasto, e um chapéu escolhido menos por vaidade do que por suas qualidades práticas. Ela pareceu tão perplexa quanto se poderia esperar de alguém que se deparasse com aquela cena em seu próprio quintal. Porém, quando ouviu a explicação de Diana, foi extremamente solidária. Destrancou imediatamente a porta de trás, buscou o machado e, com alguns golpes habilidosos, libertou Anne do telhado. Esta última, razoavelmente cansada e dolorida, pôde apoiar os pés no piso de sua prisão e, muito grata, caminhar novamente em liberdade.

– Senhorita Copp – ela disse, séria – eu lhe asseguro que espiei pela janela de sua despensa só para descobrir se a senhorita possui realmente um prato antigo de porcelana azul. Não vi mais

nada... não *procurei* mais nada.

– Calma, calma, está tudo bem – disse a senhorita Copp amigavelmente. – Você não precisa se preocupar... não há nenhum problema. Felizmente, nós, da família Copp, mantemos nossas despesas apresentáveis o tempo todo e, por isso, não nos importamos com quem veja seu interior. E quanto àquela antiga casa de patos, estou contente de ver que o telhado desabou, pois talvez agora Martha concorde em nos livrarmos dela. Até hoje, minha irmã não quis demolir a casinha, porque sempre achou que um dia poderíamos precisar dela. E era sempre eu quem tinha de cair esse barracão, toda primavera. Entretanto, argumentar com Martha é como falar com um poste. Ela foi à cidade, hoje, e eu a acompanhei até a estação. Você disse que quer comprar meu prato? Bem, o que vai me dar em troca dele?

– O mesmo preço que a senhorita Josephine pagou por um idêntico em uma loja de Charlottetown – disse Anne, que nunca teve a intenção de competir com nenhuma das meninas Copp em questões financeiras; caso contrário, ela não teria feito uma oferta, logo no início da conversa.

– Bem, vou pensar – a senhorita Sarah respondeu cautelosamente. – Felizmente, esse prato é meu, senão eu não ousaria vendê-lo sem a presença de Martha. Mesmo assim, garanto que ela vai reclamar bastante. Martha manda nesta propriedade, podem acreditar. Sabe, estou ficando cansada de viver sob o controle autoritário de outra mulher. Mas entrem, entrem! Vocês devem estar realmente exaustas e com fome. Vou fazer o melhor que eu puder para lhes dar o que comer, mas aviso que não devem esperar nada além de pão com manteiga e alguns *pipinos*. Martha trancou os bolos, o queijo e as geleias, antes de sair. Ela sempre faz isso, diz que é porque sou muito extravagante com essas comidas, quando temos visitas.

Anne e Diana estavam com fome suficiente para aceitar a oferta, e apreciaram muito o excelente pão com manteiga e os “pipinos” da senhorita Sarah. Quando a refeição terminou, a anfitriã disse:

– Ainda não sei se quero mesmo vender o prato. Mas asseguro que ele vale cinco dólares a mais do que o valor que você me ofereceu. É um prato muito antigo.

Diana deu um chute leve no pé de Anne, debaixo da mesa, o que significava: “Não concorde; ela vai vender pelo preço inicial, se você não ceder”. Porém, Anne não pretendia se arriscar, nem um pouco, em relação àquele prato precioso e, conseqüentemente, concordou tão depressa em pagar o preço exigido, que a senhorita Sarah Copp pareceu se arrepender de não ter cobrado um valor ainda maior.

– Bem, nesse caso, acho que você pode ficar com ele. Quero todo o dinheiro que puder me entregar agora. O fato é que – a senhorita Sarah levantou a cabeça, com ar de importância e um rubor nas bochechas magras – vou me casar... com Luther Wallace. Ele se apaixonou por mim, vinte anos atrás. Eu gostava muito dele, mas Luther era pobre, naquela época, e papai não permitiu nosso namoro. Sei que eu não deveria ter aceitado isso tão facilmente, mas eu era tímida e tinha medo de papai. Além disso, não sabia que homens eram tão *iscassos*.

Quando as duas garotas já estavam a uma distância segura – Diana guiando a charrete, e Anne segurando cautelosamente o valioso prato sobre o colo –, a vegetação solitária da Estrada dos Conservadores, recém-refrescada pela chuva, foi alegrada pelos sons de risadas femininas.

– Amanhã, quando eu for à cidade, vou divertir sua tia Josephine com a história estranha e cheia de eventos desta tarde. Passamos por experiências desgastantes, mas agora acabou. Conseguí o prato, e a chuva fez a poeira baixar maravilhosamente. Assim, como diz o provérbio: “Tudo está bem quando acaba bem”.

– Ainda não estamos em casa – Diana falou, pessimista –, e não podemos prever o que ainda pode acontecer, antes de chegarmos lá. Você tem uma aptidão especial para aventuras, não é, Anne?

– Viver aventuras é algo natural para certas pessoas – Anne afirmou serenamente. – Ou você nasce com esse dom, ou não.





— **N**o final das contas – Anne disse uma vez a Marilla –, acredito que os dias melhores e mais doces não são aqueles em que alguma coisa muito esplêndida, maravilhosa ou emocionante acontece, mas sim os que nos proporcionam pequenos prazeres, seguindo-se um ao outro suavemente, como pérolas escorregando por um fio.

A vida em Green Gables estava cheia de dias como esses, já que as aventuras e desventuras de Anne, assim como as das outras pessoas, não aconteciam todas de uma só vez; eram distribuídas durante o ano, entre sequências longas de dias felizes e inofensivos, cheios de trabalho, sonhos, risadas e lições. Um desses dias aconteceu no final de agosto. Durante a manhã, Anne e Diana atravessaram o lago com os gêmeos, extasiados, e foram até a costa para colher ervas aromáticas e remar sobre as pequenas ondas, nas quais o vento soprava uma melodia antiga, aprendida quando o mundo ainda era jovem.

À tarde, Anne desceu à antiga propriedade Irving para fazer uma visita a Paul. Ela o encontrou deitado sobre a grama, ao lado do bosque espesso de abetos que cercava a casa, ao norte, absorto em um livro de contos de fadas. Ao vê-la, o garoto levantou-se imediatamente, radiante.

– Oh, estou tão contente porque veio, professora! – exclamou, entusiasmado. – Vovó não está em casa. A senhorita vai ficar aqui e tomar o chá comigo, não vai? É tão solitário tomar o chá sozinho... *a senhorita* sabe, professora. Pensei seriamente em pedir à jovem Mary Joe para se sentar à mesa e tomar o chá comigo, mas acho que vovó não aprovaria. Ela fala que os franceses devem ser mantidos em seus lugares. Mas, de qualquer modo, é mesmo difícil conversar com a jovem Mary Joe. Ela apenas ri e diz: “Ora, *cê* ganha de todos os *minino* que já conheci”. Não é essa a conversa que quero.

– É claro que vou ficar para o chá – Anne falou alegremente. – Estava doida para ser convidada. Minha boca enche de água toda vez que penso naqueles biscoitos amanteigados de sua avó, desde aquela vez que tomei o chá aqui.

Paul pareceu muito sério.



– Se dependesse de mim, professora – ele disse, de pé diante de Anne, com as mãos nos bolsos e o pequeno e lindo rosto subitamente encoberto por uma sombra de preocupação –, a senhorita comeria os biscoitos amanteigados à vontade, mas quem decide é Mary Joe. Ouvi vovó lhe recomendar, antes de sair, que não me desse nenhum desses biscoitos, porque são muito pesados para o estômago de crianças. Mas talvez Mary Joe dê alguns para a senhorita, se eu prometer que não vou comer. Vamos esperar pelo melhor!

– Sim, isso mesmo! – concordou Anne, cujo modo otimista de pensar coincidia exatamente com essas últimas palavras de Paul Irving. – E, se Mary Joe se mostrar insensível, a ponto de não me dar nenhum dos biscoitos amanteigados de sua avó, não tem o menor problema; portanto, você não deve se preocupar com isso.

– Tem certeza de que não vai mesmo se importar, se ela não lhe der nenhum? – ele perguntou ansiosamente.

– Certeza absoluta, meu querido.

– Então, não vou me preocupar – Paul decidiu, com um longo suspiro de alívio –, especialmente porque acredito realmente que Mary Joe vai ouvir a razão. Ela não é uma pessoa insensata por natureza, mas aprendeu, por experiência própria, que não vale a pena desobedecer às ordens da vovó. Afinal, vovó é uma mulher muito boa, mas as pessoas devem fazer o que ela diz. Sabe, hoje de manhã, ela ficou muito satisfeita comigo, porque finalmente consegui comer todo o meu prato de mingau. Foi um grande esforço, mas consegui. Vovó diz que acha que ainda vai fazer de mim um grande homem. Mas, professora, quero lhe fazer uma pergunta muito importante; a senhorita vai responder com sinceridade, não vai?

– Vou tentar – Anne prometeu.

– A senhorita acha que estou maluco? – ele perguntou, como se sua verdadeira existência dependesse da resposta da moça.

– Nossa, não, Paul! – exclamou Anne, perplexa. – É claro que não! Como essa ideia veio parar em sua cabeça?

– Foi Mary Joe... mas ela não sabe que eu estava escutando. Verônica, a moça que trabalha para a senhora Peter Sloane, veio visitar Mary Joe ontem à noite, e ouvi a conversa delas na cozinha, quando passava pelo *hall*. Mary Joe disse: “Aquele Paul é o *minino* mais *dodio qui* já vi. Fala cada maluquice! Acho *qui* tem *arguma* coisa errada no têiado dele”. Então, demorei muito a dormir, pois fiquei pensando nisso e me perguntando se Mary Joe estava certa. Por algum motivo, não tive coragem de perguntar à vovó sobre isso, mas resolvi que ia perguntar à senhorita. Estou tão contente de saber que não acha que estou maluco.

– Claro que não está, Paul! Mary Joe é uma moça boba e ignorante, e você nunca deve levar a sério nada do que ela diz – Anne falou, indignada e decidindo secretamente pensar em uma maneira discreta de fazer a senhora Irving entender que era aconselhável frear a língua de Mary Joe.

– Bem, isso é um peso que sai de minhas costas – disse Paul. – Estou perfeitamente feliz agora, professora, graças à senhorita. Não seria nada bom ter alguma coisa errada na minha cabeça, não acha? Suponho que o motivo que leva Mary Joe a pensar que tenho algum problema mental é que, às vezes, conto para ela o que penso sobre as coisas.

– É uma prática bastante perigosa – Anne admitiu, lembrando-se de suas próprias vivências no passado.

– Bem, logo mais, vou lhe falar sobre os pensamentos que contei a Mary Joe, e a senhorita vai poder ver, por si mesma, se existe algo estranho neles – disse Paul –, mas vou esperar o dia

começar a escurecer. É nessa hora que fico aflito para contar coisas para as pessoas e, quando não tem mais ninguém para me ouvir, eu *tenho* de conversar com Mary Joe mesmo. No entanto, se isso a leva a imaginar que estou maluco, não vou mais fazer isso. Vou suportar minha aflição.

– E se a aflição ficar muito grande, você pode ir até Green Gables e me contar seus pensamentos – sugeriu Anne, com toda a seriedade que sempre cativava as crianças, que tanto amam ser levadas a sério.

– Sim, eu vou. Porém, espero que Davy não esteja lá, porque ele faz caretas para mim. Isso não me incomoda *demais*, porque sei que ele é um menino pequeno ainda, e eu já sou bem maior, mas, mesmo assim, não é agradável ver alguém fazer caretas para você. E Davy faz umas tão medonhas! Às vezes, receio que ele nunca consiga recuperar suas feições normais. Ele faz isso na igreja, onde todos deveriam estar pensando em coisas sagradas. Por outro lado, Dora gosta de mim, e eu gosto dela, mas não o mesmo tanto que antes de eu saber que ela falou com Minnie May Barry que quer se casar comigo, quando eu crescer. Eu posso até me casar com alguém, depois que eu crescer, mas ainda estou muito novo para pensar nessas coisas, a senhorita não acha, professora?

– Bastante novo – Anne concordou.

– Por falar em casar, existe outra coisa que está me incomodando ultimamente – Paul continuou. – A senhora Lynde estava aqui, tomando o chá com vovó, um dia da semana passada, e vovó me fez mostrar para ela o retrato de minha mãe... aquele que papai me enviou como presente de aniversário. No fundo, eu não queria mostrá-lo para a senhora Lynde, porque, mesmo sabendo que ela é uma mulher bondosa e prestativa, ela não é um tipo de pessoa para quem a gente queira mostrar o retrato de nossa mãe. *A senhorita* sabe, professora. Mas é claro que obedeci a vovó. Então, a senhora Lynde comentou que ela era muito bonita, mas que tinha uma aparência de atriz, e que certamente era bem mais jovem do que papai. Depois falou: “É provável que, qualquer dia desses, seu pai se case novamente. O que vai achar de ter uma nova mãe, senhor Paul?”. Bem, a ideia quase me tirou o fôlego, mas eu nunca deixaria a senhora Lynde perceber isso. Portanto, apenas olhei diretamente para o rosto dela... assim... e disse: “Senhora Lynde, papai foi muito sensato e inteligente ao escolher minha primeira mãe e, por isso, sei que posso confiar em sua escolha, se houver uma segunda vez”. E, de fato, *confio* nele, professora. Mas, mesmo assim, espero que ele, se algum dia, quiser me dar uma nova mãe, peça minha opinião sobre ela antes que seja tarde demais. Veja, Mary Joe está vindo nos chamar para o chá. Vou consultá-la sobre os biscoitos amanteigados.

Como resultado da “consulta”, Mary Joe trouxe alguns biscoitos e acrescentou ao cardápio um doce de fruta em calda. Anne serviu o chá, e ela e Paul fizeram uma refeição muito alegre, na antiga e pouco iluminada sala de estar, cujas janelas estavam abertas para as brisas do golfo. Falaram tantas “coisas sem sentido” que Mary Joe ficou verdadeiramente escandalizada, e disse a Verônica, na noite seguinte, que aquela *sinhurita da iscola* era tão esquisita quanto Paul.

Depois do chá, o garoto levou Anne a seu quarto, no andar de cima, para lhe mostrar o retrato de sua mãe, o misterioso presente de aniversário que a senhora Irving havia escondido na gaveta da estante da sala. O quarto pequeno e com o teto baixo era, naquele momento, um turbilhão de raios avermelhados de sol – que estava se pondo sobre o mar – e sombras dançantes dos abetos que cresciam perto da janela quadrada e profunda. Nesse ambiente de esplendor e fascínio, destacava-se um rosto suave e feminino, com doces olhos maternos, em um retrato pendurado na parede em frente aos pés da cama.

– Esta é minha mãezinha – disse Paul, com amor e orgulho. – Pedi à vovó que o pendurasse

ali, onde eu pudesse ver mamãe assim que abrisse os olhos, todas as manhãs. Agora, não me importo mais de não ter nenhuma luz no quarto quando vou dormir, porque me sinto como se minha mãe estivesse bem aqui comigo. Papai soube exatamente o que eu queria de presente de aniversário, embora nunca tenha me perguntado. Não é maravilhoso pensar em como os pais *realmente* sabem o que queremos?

– Sua mãe era encantadora, Paul, e você se parece um pouco com ela. Porém, o cabelo e os olhos dela são mais escuros do que os seus.

– Meus olhos são da mesma cor dos de papai – o menino explicou, enquanto corria pelo quarto e empilhava, sobre o assento perto da janela, todas as almofadas que encontrava –, mas o cabelo de papai é cinza. Ele tem muitos fios, mas todos são grisalhos. A senhorita pode imaginar isso, pois, afinal, ele tem uns 50 anos. É uma idade bem avançada, não é? Mas é só *por fora* que ele é velho. *Por dentro*, é tão jovem quanto qualquer um. Agora, professora, sente-se aqui, por favor, e eu vou me sentar a seus pés. Posso apoiar minha cabeça em seus joelhos? Era assim que minha mãe e eu costumávamos nos sentar. Oh, para mim, isso está perfeitamente esplêndido!

– Agora, quero ouvir aqueles pensamentos que Mary Joe achou tão malucos – Anne pediu, acariciando o amontoado de cachos sobre seus joelhos. Paul nunca precisou que o convencessem a contar seus pensamentos; pelo menos, quando se tratava de almas semelhantes.

– Eles vieram à minha mente uma noite dessas, quando eu estava no bosque de abetos – Paul disse sonhadoramente. – É lógico que *não acredito* neles, mas não pude deixar de *tê-los*. Oh, professora, *a senhorita* sabe como é. Então, eu quis contar esses pensamentos para alguém, mas não tinha mais ninguém em casa, exceto Mary Joe. Ela estava na despensa, fazendo pão; eu me sentei no banco, a seu lado, e disse: “Mary Joe, você sabe o que penso? Acho que a estrela vespertina é um farol na terra que as fadas habitam”. E Mary Joe respondeu: “Ora, *cê* é o *minino* mais *isquisito* de todos. *Num* existe essas *tar* de fada não”. Naquele momento, fiquei muito irritado. Afinal, é claro que eu sabia que fadas não existem, mas isso não me impede de pensar o contrário. *A senhorita* entende, professora. Mas tentei de novo e disse, pacientemente: “Bem, Mary Joe, você sabe o que penso? Acho que um anjo caminha sobre o mundo, depois que o sol se põe... Um anjo grande, alto e branco, com asas prateadas dobradas sobre as costas, que canta para as flores e os pássaros dormirem. As crianças podem ouvi-lo, quando sabem como fazer isso”. Então, Mary Joe ergueu as mãos cobertas de farinha e repetiu: “Ora, *cê* é o *minino* mais *isquisito*. *Cê* me faz ficar *cum* medo danado!”. E ela realmente parecia assustada. Depois disso, saí e sussurrei o resto de meus pensamentos para o jardim. Professora, tinha uma bétula no jardim, e ela morreu. Vovó acha que foi a maresia que a matou. Mas eu penso que foi a dríade dela, que, por ser muito tola, resolveu sair para ver o mundo, e acabou se perdendo. A coitada da árvore ficou tão solitária que morreu de tristeza, com o coração partido.

– E, então, quando a pobre dríade tola se cansar do mundo e achar o caminho de volta para sua árvore, é o coração *dela* que vai ficar partido – Anne acrescentou.

– Isso mesmo. Mas, quando dríades são tolas, elas têm de sofrer as consequências, como se fossem pessoas reais – disse Paul, muito sério. – Você sabe o que eu penso sobre a lua nova, professora? Eu acho que é um pequeno barco de ouro, cheio de sonhos.

– Sim, e quando ele encosta em uma nuvem, alguns sonhos entornam e caem em nosso sono.

– Exatamente, professora. Oh, a senhorita *realmente* sabe como são as coisas. E eu acho que as violetas são retalhos pequenos do céu, que caíram quando os anjos cortaram buracos nele, para deixar passar o brilho das estrelas. E os botões-de-ouro são feitos de raios de sol idosos. Já

as ervilhas-de-cheiro se transformam em borboletas, quando vão para o céu. Agora, professora, a senhorita vê alguma coisa muito estranha nesses pensamentos?

– Não, meu rapazinho querido, eles não são absolutamente nada esquisitos; são pensamentos bonitos e incomuns em garotos da sua idade; por isso, as pessoas que não conseguiriam pensar coisas dessa natureza, mesmo se tentassem por cem anos, acham que são esquisitos. Não reprima esses pensamentos, Paul... Creio que, um dia, você vai ser um poeta.

Quando voltou para casa, Anne encontrou um tipo de menino completamente diferente, esperando para ser posto na cama. Davy estava emburrado e, quando Anne acabou de vestir o pijama nele, pulou na cama e tampou o rosto com o travesseiro.

– Davy, você se esqueceu de fazer suas preces – ela o repreendeu.

– Não, não me esqueci – o garoto respondeu, desafiador. – Não vou mais fazer preces. Resolvi desistir de tentar ser bom, já que, por melhor que eu seja, você vai continuar preferindo Paul Irving. Então, decidi ser mau e me divertir com isso.

– Eu não *prefiro* Paul Irving – Anne afirmou seriamente. – Gosto de você o mesmo tanto, só que de um modo diferente.

– Mas eu quero que goste de mim do mesmo jeito – Davy protestou, fazendo beicinho.

– Não se pode gostar do mesmo jeito de pessoas diferentes. Você não gosta de Dora e de mim do mesmo jeito, gosta?

Davy se sentou e refletiu.

– N... nã... não – admitiu, por fim. – Gosto de Dora, porque ela é minha irmã, mas gosto de você, porque você é *você*.

– E eu gosto de Paul, porque ele é Paul, e gosto de Davy, porque ele é Davy – Anne retrucou alegremente.

– Bem, já que é assim, estou meio arrependido de não ter feito minhas preces – disse Davy, convencido pela lógica de Anne. – Mas vai ser trabalho demais sair daqui, agora, para orar. Vou fazer isso duas vezes, amanhã de manhã, Anne. Não dá no mesmo?

– Não, não é a mesma coisa.

A resposta de Anne foi categórica e, portanto, Davy se levantou e se ajoelhou perto dela. Quando terminou suas orações, o menino se inclinou para trás, apoiou-se nos calcanhares pequenos, descalços e encardidos, e olhou para o rosto da moça.

– Anne, estou melhor do que era antes.

– Sim, de fato, você está, Davy – respondeu Anne, que jamais hesitava em dar crédito onde este era devido.

– Eu *sei* que estou melhor – Davy falou, confiante. – E vou lhe contar como fiquei sabendo. Hoje, Marilla me deu dois pedaços de pão com geleia; um para mim e um para Dora. Um deles era bem maior do que o outro, mas ela não disse qual era o meu. Então, dei o maior para Dora. Isso foi uma atitude boa, não foi?

– Muito boa e digna de um cavalheiro, Davy.

– É claro que – o menino admitiu – Dora não estava com muita fome, e só comeu metade de seu pedaço. Depois, me deu o resto. Mas, quando dei o pedaço maior para ela, eu não sabia que Dora ia fazer isso; portanto, eu *fui* bom, Anne.

Durante o crepúsculo, Anne desceu até a Bolha da Dríade e viu Gilbert Blythe atravessar o sombrio Bosque Assombrado. Subitamente, ela percebeu que Gilbert não era mais um garoto. Havia se tornado um rapaz: alto, com ombros largos, olhos claros e expressão sincera no rosto. Anne achava Gilbert muito bonito, embora ele não se parecesse, de forma nenhuma, com seu

ideal de homem. Muito tempo atrás, ela e Diana haviam decidido qual era o tipo de homem que admiravam; coincidentemente, o gosto delas era bastante parecido. Ele deveria ser muito alto e elegante, com olhos melancólicos e impenetráveis e voz suave e gentil. No entanto, não havia nada de melancólico ou impenetrável na fisionomia de Gilbert, mas, logicamente, isso não tinha nenhuma importância, pois o relacionamento deles era apenas uma grande amizade.

Gilbert se estirou sobre as samambaias, ao lado da Bolha, e observou Anne com um olhar de aprovação. Se lhe perguntassem como era sua mulher ideal, a descrição corresponderia àquela moça em cada detalhe, inclusive as sete pequenas sardas no nariz, cuja irritante presença continuava a incomodar a professora. Até então, Gilbert ainda era bem jovem, mas todos os rapazes têm seus sonhos, e, nos daquele garoto, sempre havia uma moça de olhos cinzentos, grandes e límpidos, com um rosto tão bonito e delicado quanto uma flor.

Interiormente, Gilbert havia decidido que seu futuro deveria ser digno de sua deusa. Entretanto, até mesmo na pacata Avonlea existiam tentações inevitáveis, que tinham de ser enfrentadas. Além disso, a juventude de White Sands era bastante animada, e Gilbert se tornava popular onde quer que fosse. Porém, o rapaz queria se manter à altura da amizade de Anne e, quem sabe, em algum dia ainda distante, de seu amor também. Por isso, ele se controlava em relação a cada palavra que dizia, pensamento que tinha, atitude que tomava, tão cautelosamente quanto se os belos olhos de Anne estivessem vendo e julgando tudo.

Afinal, Anne tinha sobre ele a influência inconsciente que toda jovem cujos ideais são elevados e puros exerce sobre seus amigos; um poder que permaneceria intacto, enquanto ela fosse fiel a essas aspirações, e que ela certamente perderia se, em algum momento, as traísse. Aos olhos de Gilbert, o maior encanto de Anne era o fato de que a moça nunca se deixava levar pelas futilidades de grande parte das jovens de Avonlea: ciúmes bobos, invejas, pequenos ardis e rivalidades, mesquinhas. Anne se mantinha à parte de tudo isso, não conscientemente ou por algum propósito, mas simplesmente porque qualquer coisa desse tipo era totalmente estranha à sua natureza transparente e impulsiva, cristalina em seus sentimentos e suas aspirações.

Contudo, Gilbert não ousava expressar seus sentimentos em palavras, pois já tinha razões mais do que suficientes para saber que Anne cortaria pela raiz, impiedosa e friamente, qualquer tentativa de manifestação de sentimentos; ou riria dele, o que seria dez vezes pior.

– Você está parecendo uma verdadeira driade, debaixo dessa bétula – ele disse, em tom de provocação.

– Amo as bétulas – Anne falou, encostando a bochecha no tronco bege, esguio e acetinado, em um daqueles gestos bonitos e carinhosos que fazia com tanta naturalidade.

– Se é assim, vai ficar contente ao ouvir que o senhor major Spencer decidiu plantar uma fileira de bétulas brancas ao longo de toda a margem da estrada em frente a sua fazenda, como uma maneira de encorajar a Sociedade para Melhorias em Avonlea – disse Gilbert. – Ele esteve falando comigo sobre isso hoje. Major Spencer é o homem mais progressista e zeloso pelo bem-estar público de Avonlea. E o senhor William Bell disse que vai fazer uma cerca de abetos na beira da estrada e da alameda que dão acesso a sua propriedade. Nossa Sociedade está progredindo esplendidamente, Anne; já passou da fase experimental e se tornou uma organização reconhecida por todos. Os habitantes mais antigos estão começando a se interessar por ela, e os moradores de White Sands já falam em criar uma também. Até Elisha Wright tem se manifestado a nosso favor, desde aquele dia em que os americanos do hotel de White Sands fizeram o piquenique na praia. Eles elogiaram muito nossas estradas, e disseram que eram muito mais bonitas do que as de qualquer outra parte da ilha. E quando, no devido tempo, os outros

fazendeiros seguirem o bom exemplo de Spencer e plantarem árvores ornamentais ao longo das estradas diante de suas fazendas, Avonlea será a comunidade mais bonita da província.

– A Sociedade de Ajuda Humanitária da igreja tem planos para cuidar do cemitério – Anne contou –, e espero que levem essa ideia adiante, pois vai ser necessária uma nova campanha para arrecadar fundos para a obra, e, depois do caso do Clube Social, seria um fracasso se nós nos arriscássemos a fazer uma. No entanto, a Sociedade de Ajuda Humanitária nunca teria pensado nisso, se nossa Sociedade para melhorias não tivesse tocado no assunto extraoficialmente. Aquelas árvores que plantamos perto da igreja estão crescendo, e os administradores me prometeram que vão mandar construir uma cerca ao redor do terreno da escola, no ano que vem. Se fizerem isso realmente, vou promover um Dia da Árvore, e cada aluno vai plantar uma; além disso, pretendo criar um jardim naquele canto perto da estrada.

– Até agora, fomos bem-sucedidos em quase todos os nossos planos, exceto o de Boulter derrubar aquela sua casa velha – Gilbert afirmou –, mas já desisti disso, porque perdi as esperanças. Levi não vai derrubar aquela construção em ruínas unicamente para nos afrontar. Há uma tendência a contrariar as pessoas em toda a família Boulter, e acho que foi fortemente desenvolvida nele.

– Julia Bell quer enviar um novo comitê para convencê-lo, mas penso que o melhor a fazer agora é deixá-lo completamente sozinho – Anne falou sabiamente.

– E confiar na Providência, como a senhora Lynde costuma dizer – Gilbert sorriu. – Com certeza, nada de comitês novamente. Eles só iam piorar a situação. Julia Bell acha que podemos conseguir qualquer coisa se simplesmente tivermos um comitê para tentar. Na próxima primavera, Anne, devemos começar um movimento em prol de belos gramados e jardins. Vamos plantar boas sementes, no tempo certo, nesse inverno. Eu tenho um estudo a esse respeito, e vou preparar um artigo sobre o assunto, em breve. Bem, nossas férias estão quase acabando. A escola vai reabrir na segunda-feira. Ruby Gillis vai lecionar em Carmody?

– Sim. Priscilla me escreveu dizendo que criou sua própria escola, em casa, e, então, os administradores da escola de Carmody deram a vaga para Ruby. Lamento o fato de Priscilla não voltar, mas como ela não pode, fico feliz que Ruby venha. Ela vai estar em casa aos sábados, e vai ser como nos velhos tempos, quando ela, Jane, Diana e eu nos reuníamos.

Marilla, que havia acabado de chegar da casa da senhora Lynde, estava sentada na escada da varanda dos fundos quando Anne voltou para Green Gables.

– Rachel e eu decidimos ir à cidade amanhã – ela disse. – O senhor Lynde está se sentindo melhor esta semana, e Rachel quer ir logo, antes que ele tenha outra recaída.

– Pretendo acordar extremamente cedo amanhã, porque tenho muito o que fazer – Anne falou responsavelmente. – Primeiro, vou passar as penas de gancho de meu colchão velho para o novo. Já deveria ter feito isso há muito tempo, mas fiquei só adiando... é uma tarefa tão enfadonha! Adiar as coisas desagradáveis é um hábito muito ruim, e não quero fazer isso nunca mais; senão, não vou me sentir no direito de falar com meus alunos para não deixarem nada para depois. Isso seria incoerente. Em seguida, quero fazer um bolo para o senhor Harrison, terminar meu documento sobre jardins para a Sociedade para Melhorias, escrever uma carta para Stella, lavar e engomar meu vestido de musselina e fazer um avental novo para Dora.

– Você não vai conseguir fazer nem metade de tudo isso, Anne – Marilla advertiu, pessimista. – Em toda a minha vida, sempre que planejei fazer muitas coisas, aconteceu algo para me impedir.





CAPÍTULO XX

*Como frequentemente  
acontece*



**N**a manhã seguinte, Anne se levantou bem mais cedo do que de costume, quando as cores do sol nascente ainda passeavam, triunfantes, pelo céu perolado, e saudou alegremente o novo dia. Green Gables parecia uma poça de raios de sol, salpicada pelas sombras dançantes dos álamos e salgueiros. Mais à frente, estava o campo de trigo do senhor Harrison, uma grande extensão de terreno da cor de ouro pálido, onde o vento soprava suavemente. O mundo estava tão bonito que Anne passou dez minutos maravilhosos, pendurada no portão do jardim, apenas contemplando tanta beleza.

Após o café da manhã, Marilla se preparou para sua jornada rumo a Carmody. Dora iria com ela, pois já havia algum tempo que Marilla tinha lhe prometido esse presente.

– Ouça bem, Davy, tente ser um bom menino, e não dê trabalho a Anne – ela recomendou severamente. – Se você se comportar bem, ganha uma guloseima que vou trazer da cidade.

Incrível! Não é que Marilla tinha cedido ao mau hábito de subornar pessoas para que elas fossem boas?!

– Não vou ser mau de propósito, mas... e se eu me comportar mal por acidente? – Davy quis saber.

– Você vai ter de se prevenir contra acidentes – Marilla o advertiu. – Anne, se o senhor Shearer vier hoje, compre um pedaço de carne bom para assarmos e um filé. Se ele não aparecer, você vai precisar abater uma galinha para o almoço de amanhã.

Anne concordou, com um aceno de cabeça.

– Não pretendo me dar ao trabalho de cozinhar só para Davy e eu, hoje – disse. – Aquele pedaço de pernil frio vai ser suficiente para o almoço, e estou planejando preparar uma carne para jantarmos, quando a senhora chegar, à noite.

– Vou ajudar o senhor Harrison a buscar algas comestíveis, esta manhã – Davy anunciou. – Ele me pediu, e acho que também vai me convidar para almoçar. O senhor Harrison é um



homem verdadeiramente simpático, gentil e sociável. Quero ser como ele, quando eu crescer. Quer dizer, *agir* como ele, não ter a *aparência* dele. Mas acho que não corro esse perigo, porque a senhora Lynde sempre fala que sou uma criança muito bonita. Você acha que vou ser sempre bonito, Anne? Eu quero saber!

– Creio que sim. Você é um belo menino, Davy – Anne afirmou, com segurança, mas, imediatamente, Marilla assumiu um ar de absoluta desaprovação. – Porém – Anne se apressou em acrescentar –, você tem de agir à altura; precisa mostrar que é tão bom e cavalheiro quanto parece ser.

– Outro dia, você falou com Minnie May Barry, quando viu que ela estava chorando porque alguém tinha dito que era feia, que, se ela fosse boa, generosa e amável, ninguém se importaria com sua aparência – Davy comentou, descontente. – O que me parece é que, por uma razão ou por outra, não se pode deixar de ser bom neste mundo. A gente sempre *tem* de se comportar.

– Você não quer ser bom, Davy? – indagou Marilla, que já havia aprendido muitas coisas, mas ainda não tinha se dado conta da inutilidade de perguntas como essa.

– Sim, quero ser bom, mas não *excessivamente* bom – Davy respondeu cautelosamente. – Você não precisa ser muito bom para se tornar superintendente da escola dominical. O senhor Bell tem esse cargo, e é um homem verdadeiramente mau.

– Não é, não – Marilla protestou, indignada.

– É sim... ele mesmo disse isso – Davy garantiu. – Foi o que ele falou, no domingo passado, quando estava fazendo seu sermão, na escola dominical. O senhor Bell afirmou que ele era “um verme vil, um pecador miserável, culpado da mais terrível perversidade”. O que ele fez de tão horrível, Marilla? Matou alguém? Roubou dinheiro da igreja? Eu quero saber.

Felizmente, a senhora Lynde surgiu em sua charrete, subindo a alameda, exatamente nesse momento, e Marilla saiu, com a sensação de que havia escapado da armadilha de um caçador de aves selvagens e desejando profundamente que o senhor Bell não usasse tantas metáforas em seus discursos, principalmente quando houvesse, em seu público, meninos que sempre “queriam saber”.

Deixada a sós com suas ótimas intenções, Anne trabalhou com afinco. O chão foi varrido, as camas foram arrumadas, as galinhas, alimentadas; o vestido de musselina foi cuidadosamente lavado e pendurado no varal. Feito isso, ela se preparou para transferir as penas de um colchão para o outro. Antes de começar, subiu até o sótão e pôs o primeiro vestido velho que encontrou: um vestido azul marinho, de *cashmere*, que usava quando tinha 14 anos de idade; por isso, não é de admirar que tenha ficado muito apertado e curto, assim como aquele “célebre” vestido amarelo-acinzentado que usava quando chegou a Green Gables, pela primeira vez. “Pelo menos”, pensou, “não tem problema nenhum se ele ficar cheio de plumas de ganso”.

E, para completar seus preparativos, Anne amarrou na cabeça um lenço vermelho com bolinhas brancas, que tinha sido de Matthew. Assim, pronta para realizar sua tarefa “enfadonha”, a moça se dirigiu ao cômodo ao lado da cozinha, para onde Marilla e ela já tinham levado os colchões.

Havia, na parede perto da janela do cômodo, um espelho quebrado, e, em um momento de falta de sorte, Anne olhou para ele. Para sua tristeza, lá estavam aquelas sete sardas sobre seu nariz, mais salientes do que nunca – ou assim parecia, na claridade, sem nenhuma sombra, que entrava pela janela. “Oh, esqueci de aplicar aquela loção ontem à noite”, ela pensou. “É melhor eu ir imediatamente à despensa fazer isso”.

Anne já havia sofrido muitas decepções tentando remover as sardas. Em uma ocasião, a pele

do nariz inteiro descascou, mas elas permaneceram. Porém, poucos dias antes, ela havia encontrado, em uma revista, a receita de uma loção para sardas e, como os ingredientes estavam ao seu alcance, logo ali, na despensa, ela imediatamente a preparou, para grande desgosto de Marilla, que acreditava que, se a Providência tinha colocado sardas em seu nariz, indiscutivelmente, era seu dever deixá-las lá.

Então, Anne correu à despensa – que, tendo sido sempre sombria por causa do grande salgueiro que crescia perto da janela, agora estava praticamente escura, devido à tela instalada para impedir a entrada de moscas –, tirou da prateleira o frasco com a loção e a espalhou generosamente sobre o nariz, com a ajuda de uma pequena esponja, separada especialmente para esse propósito. Tendo cumprido esse importante dever, a moça retomou seu trabalho.

Qualquer pessoa que, alguma vez na vida, já transferiu penas de um colchão para outro sabe que, quando Anne terminou esse trabalho, sua aparência era impagável: o vestido azul estava branco, coberto de penas e penugens, assim como as mechas de cabelo que escapavam do lenço e caíam sobre sua testa. E foi nesse momento “propício” que ela escutou batidas na porta da cozinha.

“Deve ser o senhor Shearer”, Anne pensou. “Minha aparência está horrível, mas vou ter de atendê-lo assim mesmo, pois esse homem está sempre com pressa.”

Ela correu para a porta da cozinha, e se algum dia um chão bendito já tivesse se aberto para engolir uma donzela infeliz e coberta de penas, o piso da varanda de Green Gables teria feito isso prontamente por Anne, naquele momento. Lá estavam, na soleira da porta: Priscilla Grant, linda e dourada em um vestido de seda; uma senhora de cabelo grisalho, baixa e rechonchuda, usando um conjunto de saia e blusa de lã; e outra senhora, maravilhosamente vestida, muito elegante, alta e majestosa, com um rosto bonito e olhos grandes, violeta, e cílios pretos volumosos. Anne “sentiu instintivamente”, como teria dito anos atrás, que esta última era a senhora Charlotte E. Morgan.

Naquele instante de aflição, um pensamento se destacou na confusão da mente da moça e ela se agarrou a ele como a uma tábua de salvação: todas as heroínas da senhora Morgan tinham em comum a habilidade de lidar muito bem com situações difíceis ou embaraçosas. Fossem quais fossem seus problemas, elas invariavelmente os enfrentavam e se mostravam superiores a obstáculos de tempo, espaço ou quantidade.

Portanto, Anne sentiu que era seu dever lidar com a ocasião, e foi o que fez. E fez com tanta perfeição que Priscilla, posteriormente, declarou que nunca havia admirado Anne Shirley mais do que naquele momento. Independentemente de quais fossem seus sentimentos ultrajados, ela não os demonstrou. Cumprimentou Priscilla e foi apresentada a suas companheiras com calma e serenidade, como se tivesse usando um belo e sofisticado vestido de linho roxo.

Entretanto, é preciso admitir que foi um pouco chocante descobrir que a mulher que ela instintivamente sentiu ser a senhora Morgan não era ela e, sim, uma desconhecida senhora Pendexter, e que a mulher grisalha e rechonchuda era a senhora Charlotte E. Morgan. Porém, perto do choque maior, o menor perdeu seu poder. Anne levou suas convidadas ao quarto de hóspedes e, posteriormente, para a sala, onde as deixou enquanto se apressava para ajudar Priscilla a desatrelar o cavalo.

– É muito desagradável chegar à sua casa tão inesperadamente assim – Priscilla se desculpou –, mas eu não sabia, até ontem à noite, que viríamos. Tia Charlotte vai embora na segunda-feira, e tinha prometido a uma amiga que passaria o dia com ela na cidade. Porém, essa amiga telefonou para ela, ontem à noite, pedindo que não fosse, porque a família está de quarentena por

causa da escarlatina. Então, sugeri que viéssemos aqui, pois eu sabia que você queria muito conhecê-la. Passamos no hotel de White Sands e trouxemos a senhora Pendexter conosco. Ela é muito amiga de titia, mora em Nova Iorque e é esposa de um milionário. Não podemos ficar aqui por muito tempo; a senhora Pendexter tem de estar no hotel por volta das 17 horas.

Várias vezes, enquanto elas cuidavam do cavalo, Anne percebeu que Priscilla a encarava de uma maneira furtiva, como se estivesse intrigada com alguma coisa. “Ela não tem de me olhar desse jeito”, Anne pensou, ligeiramente ressentida. “Se Priscilla não *sabe* o que é passar penas de um colchão para outro, ela deveria, pelo menos, *imaginar*.”

Quando Priscilla já tinha se dirigido para a sala, e antes que Anne pudesse escapar para o andar de cima, Diana entrou na cozinha. A moça pegou sua amiga, perplexa, pelo braço.

– Diana Barry, quem você acha que está ali, naquela sala, neste exato momento? A senhora Charlotte E. Morgan... e a esposa de um milionário de Nova Iorque... e aqui estou eu, *desse jeito*... e não tem *nada* nesta casa para o almoço, a não ser um pedaço de pernil, Diana!

Naquele instante, Anne se deu conta de que Diana estava olhando fixamente para ela, com a mesma perplexidade que Priscilla tinha demonstrado. *Isso* foi demais para ela!

– Oh, Diana, não me encare assim – a amiga implorou. – Pelo menos *você* deveria saber que nem a pessoa mais asseada do mundo pode passar as penas de um colchão para outro e permanecer limpa, depois desse processo.

– Não... não... não são as penas... – Diana hesitou. – É... é... o seu nariz, Anne.

– Meu nariz?! Oh, Diana, não tem nada de errado com ele!

Imediatamente, Anne correu até o pequeno espelho pendurado acima da pia, e um rápido olhar foi suficiente para ela saber que seu nariz estava pintado de vermelho brilhante!

Com seu espírito destemido agora completamente rendido, a moça se deixou cair sobre o sofá da cozinha.

– O que houve com ele? – Diana indagou, deixando que a curiosidade dominasse a delicadeza.

– Achei que estava esfregando nele minha loção contra sardas, mas, em vez disso, devo ter usado a tinta vermelha de Marilla, que ela usa para fazer o risco do bordado em seus tapetes – foi a resposta aflita. – Oh, o que devo fazer?

– Lavar o nariz – disse Diana, com toda a sua praticidade.

– Talvez não seja assim tão simples. Primeiro, eu pinto meu cabelo; agora, meu nariz. Marilla cortou meu cabelo, quando eu o tingi, mas essa solução não se aplica a esse caso. Ora, esse é mais um castigo por minha vaidade, e suponho que eu mereça mesmo, embora *isso* não me traga nenhum consolo. Entretanto, é mais do que suficiente para nos fazer acreditar em azar, apesar de a senhora Lynde sempre dizer que má sorte não existe, pois tudo nessa vida é predeterminado.

Felizmente, a tinta saiu com facilidade do nariz de Anne, que, um pouco confortada, rumou para o sótão do leste, enquanto Diana correu até sua casa. Pouco tempo depois, ela desceu para a sala, agora em *sã* consciência, e usando uma roupa adequada. O vestido de musselina que ela havia desejado tanto usar em uma ocasião como aquela estava lá fora, balançando alegremente no varal e, conseqüentemente, Anne teve de se contentar com o preto, de linho. O fogo já estava aceso, e o chá, praticamente pronto, quando Diana voltou, segurando um prato coberto com um pano e – pelo menos, ela – usando seu vestido de musselina.

– Mamãe mandou isto para você – ela disse, levantando o pano e mostrando, aos olhos verdadeiramente gratos de Anne, uma galinha assada e belamente cortada em pedaços apetitosos.

A refeição foi complementada com pão fresquinho, queijo e manteiga excelentes, bolo de frutas de Marilla e uma tigela de ameixas em conserva, em uma calda dourada como o sol de

verão. Além disso, um grande vaso com margaridas brancas e cor-de-rosa decorava a mesa. Ainda assim, tudo parecia muito simples, se comparado à elaborada refeição preparada anteriormente para a senhora Morgan.

Entretanto, as visitas famintas de Anne não pareceram achar que faltava coisa alguma, e comeram tudo; aparentemente, com muito prazer. Na verdade, após os primeiros momentos, Anne não se preocupou mais com o que estava, ou não, no cardápio. A aparência da senhora Morgan pode ter sido ligeiramente decepcionante, como até mesmo suas fiéis adoradoras foram forçadas a admitir, uma para a outra, mas ela se revelou uma ótima pessoa com quem conversar: tinha viajado muito, e era uma excelente contadora de histórias. Conhecia bem os homens e as mulheres, e expressava suas experiências em frases e sátiras curtas e espirituosas, que levavam seus ouvintes a se sentirem como se ouvissem um personagem de um livro extremamente interessante. E, sob todo o seu brilho, havia uma forte presença de sinceridade e solidariedade femininas e uma bondade que conquistaram o afeto de Anne e Diana tão facilmente quanto seu brilho conquistou a admiração das duas.

A senhora Morgan não monopolizou a conversa. Ela podia atrair os outros da maneira mais habilidosa e gentil possível, e as moças conversaram livremente com ela. Já a senhora Pendexter falou pouco: apenas sorria com aqueles olhos e lábios adoráveis e comia o frango, o bolo de frutas e a conserva, com uma graça tão requintada que transmitia a impressão de estar almoçando ambrosia e melado. Porém, como Anne disse a Diana mais tarde, uma pessoa tão divinamente bonita como a senhora Pendexter não precisava falar: para ela, apenas *olhar* era suficiente.

Depois do almoço, fizeram uma caminhada até a Vereda dos Apaixonados, o Vale das Violetas e a Trilha das Bétulas; em seguida, voltaram pelo Bosque Assombrado e pararam na Bolha da Dríade, onde se sentaram e conversaram por uma última, e muito agradável, meia hora. A senhora Morgan quis saber como o Bosque Assombrado tinha recebido esse nome, e riu até chorar quando ouviu a história e o relato dramático de Anne sobre certa travessia memorável, naquele local, durante a hora enfeitada do crepúsculo.

– Foi realmente um banquete para a razão e uma revitalização para a alma, não foi? – Anne falou, quando as visitas já haviam ido embora, e ela e Diana estavam sozinhas novamente. – Não sei o que apreciei mais: ouvir a senhora Morgan ou olhar para a senhora Pendexter. Acredito que nos divertimos mais do que se soubéssemos que elas viriam e tivéssemos ficado muito ocupadas servindo uma porção de coisas diferentes. Você deve ficar para o chá, Diana, para podermos conversar sobre tudo o que aconteceu hoje.

– Priscilla contou que a irmã do marido da senhora Pendexter é casada com um conde inglês, mas você reparou que, mesmo assim, ela repetiu o doce de ameixas? – Diana comentou, como se os dois fatos fossem, de algum modo, incompatíveis.

– Pois eu diria que nem o próprio conde inglês torceria seu nariz aristocrático para um segundo prato de ameixas em calda de Marilla – Anne afirmou, orgulhosa.

Naquela noite, quando Anne relatou para Marilla os acontecimentos do dia, ela não mencionou o infortúnio que seu nariz havia sofrido. No entanto, antes de ir para a cama, a moça pegou o frasco de loção contra sardas e o esvaziou pela janela.

– Nunca mais vou tentar usar nenhuma dessas poções embelezadoras – ela disse, para si mesma, severamente determinada. – Elas podem servir para pessoas cuidadosas e ponderadas. Contudo, para quem tem uma tendência tão irremediável para cometer erros, como parece ser o meu caso, é muito arriscado recorrer a elas.





CAPÍTULO XXI

*A doce senhorita  
Lavendar*



A escola reabriu e Anne voltou ao trabalho, agora com menos teorias e consideravelmente mais experiência. Tinha vários alunos novos, de 6 e 7 anos de idade, todos começando a se aventurar, com olhos bem atentos, a conhecer um mundo de maravilhas.

Entre eles estavam Davy e Dora. Davy se sentou com Milty Boulter, que já havia frequentado a escola no ano anterior e, portanto, era praticamente um “cidadão do mundo”.

No domingo anterior, Dora tinha combinado com Lily Sloane que elas se sentariam juntas. No entanto, Lily não foi à escola no primeiro dia, e, por isso, Dora sentou-se temporariamente com Mirabel Cotton, que tinha 10 anos e, conseqüentemente, aos olhos da menina, era uma das “garotas grandes”.

– Achei a escola muito divertida – Davy falou com Marilla, naquela noite. – A senhora me disse que ia ser difícil ficar sentado, quieto, e foi mesmo... Percebo que, na maioria das vezes, a senhora fala a verdade. Mas, pelo menos, a gente pode mexer as pernas, como quiser, debaixo da carteira, e isso ajuda muito. É esplêndido ter tantos meninos para brincar comigo. Eu sento ao lado de Milty Boulter, e ele é um bom companheiro. É mais alto do que eu, mas eu sou mais largo. Seria melhor ficar nas carteiras de trás; porém, só vou poder sentar lá depois que minhas pernas crescerem o suficiente para os pés tocarem o chão. Milty desenhou, em sua lousa, um retrato de Anne; ficou horrivelmente feio, e eu lhe disse que, se ele fizesse mais desenhos de Anne como aquele, eu lhe daria uma surra durante o recreio. Primeiro, achei que deveria desenhar um retrato dele, com chifres e rabo, mas fiquei com medo de ferir os sentimentos de Milty. Anne me ensinou que nunca devemos ferir os sentimentos de ninguém. Parece que é terrível ter seus sentimentos feridos. Acho que deve ser melhor jogar um menino no chão do que machucar seus sentimentos, se for mesmo *necessário* fazer alguma coisa. Milty disse que não tinha medo de mim, mas ia me fazer o favor de mudar o nome do retrato; então, apagou o nome de Anne e escreveu o de Barbara Shaw. Ele não gosta de Barbara, porque ela fala que ele é um menininho doce e, uma vez, deu um tapinha na cabeça dele.

Dora declarou, séria, que gostou da escola. Porém, ficou muito quieta e calada; mais ainda do que habitualmente. E quando, ao anoitecer, Marilla a mandou para a cama, no andar de cima, a menina hesitou e começou a chorar.

– Estou... estou com medo – soluçou. – Não... não quero subir sozinha, no escuro.

– Que ideia é essa agora? – Marilla perguntou. – Você foi para a cama sozinha durante todo o verão e nunca teve medo!

Como Dora continuou chorando, Anne a pegou no colo, abraçou-a e sussurrou:

– Fale com Anne sobre isso, querida. Do que você está com medo?

– Do... do tio de Mirabel Cotton – Dora soluçou. – Hoje, na escola, Mirabel me contou tudo sobre sua família. Quase todos já morreram... seus avôs e avós, e muitos, muitos tios e tias. Mirabel falou que eles têm o hábito de morrer. E ela sente muito orgulho de ter tantos parentes mortos; por isso, me explicou o motivo da morte de cada um deles, o que disseram e qual era sua aparência no caixão. Oh, Anne, Mirabel disse que um de seus tios foi visto andando em volta da casa, depois que já tinha sido enterrado. Foi a mãe dela que viu. Não me importo muito com os outros, mas não consigo parar de pensar nesse tio.

Anne subiu com Dora para o quarto e ficou a seu lado até a menina adormecer. No dia seguinte, Mirabel foi intimada a permanecer na sala de aula durante o recreio, e lhe foi explicado – de modo gentil, porém firme – que, quando uma pessoa tem o infortúnio de possuir um tio que insiste em andar ao redor de sua casa depois de ter sido devidamente enterrado, não é de bom gosto falar sobre esse senhor excêntrico com sua colega de carteira, principalmente se ela ainda é bem mais nova. Mirabel achou essa lição muito severa. Afinal, os Cotton não tinham muito do que se gabar; então, como ela iria manter seu prestígio entre os colegas de escola, se estava proibida de tirar vantagem da existência de um fantasma na família?

Setembro decorreu rapidamente e deu lugar ao encanto dourado, com nuances vermelhas, de outubro. No fim da tarde de uma sexta-feira, Diana foi a Green Gables.

– Anne, recebi uma carta de Ella Kimball hoje, nos convidando para o chá amanhã à tarde. Ella quer nos apresentar sua prima da cidade, Irene Trent. Entretanto, não podemos usar nenhum cavalo lá de casa, pois todos vão estar ocupados. E, como seu pônei está manco, acho que não vamos poder ir...

– E se fôssemos andando? – Anne sugeriu. – Se sairmos pelos fundos e atravessarmos o bosque, vamos chegar à estrada de West Grafton, que não é muito longe da propriedade dos Kimball. Fiz esse percurso, no inverno passado, e conheço a estrada. É uma caminhada de uns seis quilômetros, e não vamos precisar andar na volta, pois garanto que Oliver Kimball vai se oferecer para nos trazer na charrete deles. É uma ótima desculpa para Oliver visitar Carrie Sloane, já que dizem que seu pai raramente permite que ele use os cavalos.

Tendo ficado decidido que caminhariam até a casa de Ella, as duas amigas seguiram, na tarde seguinte, pela Vereda dos Apaixonados, em direção aos fundos da fazenda dos Cuthbert, onde havia uma estrada que levava ao coração de um grande bosque de faias e bordos reluzentes, que emanavam um brilho dourado impressionante e repousavam em uma paz indescritível.

– É como se, nessa época, o ano estivesse se ajoelhando para orar em uma catedral enorme, preenchida por uma luz suavemente colorida, não é, Diana? – Anne falou sonhadoramente. – Não me parece certo atravessar este bosque às pressas. Dá a impressão de estarmos praticando um ato de irreverência... como correr dentro de uma igreja.

– Entretanto, *precisamos* andar depressa – disse Diana, lançando um rápido olhar para seu relógio. – No ritmo em que estamos indo, já temos bem pouco tempo para chegar lá.

– Está bem, vou caminhar mais rápido, mas não me peça para falar nada – Anne concordou, apressando-se. – Só quero saborear o encanto deste dia... Sinto como se ele fosse uma taça de vinho, e quero apreciar um pequeno gole a cada passo que der.

Provavelmente porque estava tão absorta em “saborear o vinho”, Anne virou à esquerda ao chegarem a uma bifurcação na estrada. Ela deveria ter tomado o caminho à direita, mas, tempos depois, a moça acabou considerando aquele o erro mais afortunado de sua vida. Mas, naquele momento, as duas se viam diante de uma estrada solitária, coberta de relva, onde não havia nada à vista a não ser fileiras de abetos jovens.

– Ora, onde estamos?! – Diana exclamou, atordoada. – Esta não é a estrada para West Grafton.

– Não, não é. Esta é a estrada para Middle Grafton – Anne reconheceu, envergonhada. – Devo ter escolhido o caminho errado, naquela bifurcação. Não sei exatamente onde estamos, mas acho que a casa dos Kimball ainda está a cerca de cinco quilômetros daqui.

– Se for isso mesmo, não vamos conseguir estar lá às 17 horas: já são 16h30 – Diana falou, com um olhar de relance para o relógio. – Vamos chegar depois do chá, e vão ter de se dar ao trabalho de preparar tudo de novo, para nós.

– Acho melhor voltarmos para casa – Anne sugeriu humildemente.

Mas Diana pensou um pouco e discordou:

– Não, já que viemos até aqui, podemos ir assim mesmo e passar algum tempo com Ella e Irene Trent.

Poucos metros adiante, as meninas chegaram a um ponto em que a estrada bifurcava outra vez.

– Qual desses caminhos devemos seguir? – Diana perguntou, indecisa.

Anne balançou a cabeça.

– Não sei, e não podemos cometer mais erros. Ali está um portão, e uma alameda que leva diretamente para um bosque. Deve haver uma casa do outro lado. Vamos andar até lá e perguntar.

– Que alameda antiga e romântica! – Diana exclamou, enquanto percorriam as curvas do caminho.

A trilha seguia sob respeitáveis abetos antigos, cujos galhos se encontravam no alto, criando um ambiente permanentemente sombrio no qual nada, exceto musgo, poderia crescer. Em ambos os lados, o solo era marrom-escuro, manchado, aqui e ali, por raios de sol. Tudo estava muito quieto e silencioso, como se o mundo e suas preocupações estivessem muito distantes.

– Tenho a sensação de que estamos andando em uma floresta encantada – Anne sussurrou. – Você acha que, em algum momento, vamos encontrar o caminho de volta para o mundo real, Diana? Creio que logo vamos nos deparar com um palácio e, dentro dele, uma princesa enfeitiçada.

Ao fazer a curva seguinte, o que elas viram não era, de modo algum, um palácio, mas sim uma casa pequena, quase tão surpreendente quanto seria um palácio, naquela província de casas de fazenda convencionais, todas de madeira e tão parecidas em suas características gerais que era como se tivessem nascido da mesma semente. Anne parou imediatamente, em êxtase, e Diana exclamou:

– Oh, agora eu sei onde estamos. Essa é a casa de pedra, onde mora a senhorita Lavendar Lewis... Echo Lodge é como a chama, eu acho. Sempre ouvi falar dela, mas nunca tinha visto essa casa antes. Não é um local romântico?



– É o lugar mais bonito e adorável que já vi ou imaginei – Anne declarou, fascinada. – Parece que saiu de um livro de histórias, ou de um sonho.

A casa era construída com blocos de pedra vermelha da ilha; o telhado era baixo e pontiagudo, e dele se projetavam duas janelas e duas chaminés grandes. A construção inteira era coberta por uma trepadeira exuberante, que encontrava apoio fácil nas pedras ásperas e tinha adquirido, devido às geadas do outono, as mais belas tonalidades de bronze e vinho. Diante da casa, havia um jardim comprido, para o qual se abria o portão, na alameda por onde Anne e Diana vieram.

Os outros três lados do jardim estavam cercados por um velho muro de pedra, coberto de musgo, capim e samambaias tão espessos que mais pareciam a margem alta e verde de um curso de água. Nos lados esquerdo e direito, abetos altos e escuros espalhavam seus galhos acima do muro; e, mais à frente, um declive pequeno e suave – coberto por um manto verde de trevos – levava até o azulado Rio Grafton. Nenhuma outra casa ou clareira estava à vista: nada, além de colinas e vales cobertos de abetos jovens e frondosos.

– Eu gostaria muito de saber como é a senhorita Lewis – Diana falou, enquanto abriam o portão para entrar no jardim. – Dizem que é uma mulher muito peculiar.

– Então, é interessante – Anne afirmou, com segurança. – Pessoas peculiares são, no mínimo, sempre interessantes, independentemente do que mais sejam. Não falei que chegaríamos a um palácio encantado? Eu sabia que os elfos não tinham usado seus poderes mágicos, nessa alameda, sem algum propósito.

– Anne, a senhorita Lavendar Lewis está longe de ser uma princesa enfeitiçada – Diana riu. – É somente uma velha solteirona... Já ouvi dizer que tem 45 anos e está bastante grisalha.

– Oh, isso é apenas parte do feitiço – Anne garantiu, confiante. – No coração, ela ainda é jovem e bonita. Se ao menos soubéssemos como desfazê-lo, tenho certeza de que ela voltaria a ser bela e feliz novamente. Porém, não sabemos: é sempre, e somente, um príncipe que pode quebrar um feitiço; e o príncipe da senhorita Lavendar ainda não chegou. Pode ser que ele tenha enfrentado alguma adversidade fatal, embora isso seja contra a lei de todos os contos de fadas.

– Receio que ele já tenha chegado, muito tempo atrás, e partido outra vez – Diana falou. – Dizem que ela foi noiva de Stephen Irving, o pai de Paul, quando os dois eram jovens. Mas um dia brigaram e se separaram.

– Shhh! – Anne advertiu. – A porta está aberta.

As duas pararam na varanda, sob os galhos protuberantes da trepadeira, e bateram à porta aberta. Houve um som de passos se aproximando e uma garota pequena e ligeiramente esquisita se apresentou: era uma menina de aproximadamente 14 anos de idade, com rosto sardento, nariz arrebitado, uma boca tão larga que parecia ter sido “esticada” de uma orelha à outra e duas tranças louras e compridas, presas com dois enormes laços de fita azul.

– A senhorita Lewis está em casa? – Diana perguntou.

– Sim, madame. Entrem, madames. Vou avisar à senhorita Lavendar que estão aqui, madames. Ela está lá em cima, madames.

A pequena criada sumiu de vista rapidamente, e as meninas, deixadas sozinhas, olharam fascinadas ao redor. O interior da pequena e maravilhosa casa era tão interessante quanto seu exterior.

A sala tinha teto baixo e duas janelas quadradas de vidro, com cortinas de musselina cheias de babados. Todos os móveis eram antigos, mas estavam tão bem e delicadamente cuidados que o efeito visual era delicioso. Entretanto, é preciso admitir com franqueza, a característica mais atraente, para duas amigas jovens e saudáveis, que haviam acabado de caminhar alguns

quilômetros em uma tarde de outono, era uma mesa arrumada com uma linda porcelana azul-claro e muitas guloseimas, além de pequenos e delicados ramos de samambaias, de tons dourados, espalhados pela toalha, criando o que Anne chamaria de “um ar festivo”.

– A senhorita Lavendar deve estar esperando visitas para o chá – Anne sussurrou. – Há seis lugares na mesa. Nossa, que menina estranha ela tem aqui! Parece uma mensageira da terra dos duendes. Suponho que ela poderia ter nos explicado o caminho para a casa de Ella, mas eu estava muito curiosa para ver a senhorita Lavendar. Shhh! Ela está vindo.

Segundos depois, a senhorita Lewis estava parada diante delas. Anne e Diana ficaram tão surpresas que esqueceram as boas maneiras e simplesmente a observaram. Inconscientemente, as duas esperavam encontrar o tipo usual de solteirona idosa que sua experiência lhes havia possibilitado conhecer: uma pessoa muito magra e sem graça nenhuma, com cabelos grisalhos e óculos. Quer dizer, nada mais diferente da senhorita Lavendar poderia ter sido imaginado.

Na verdade, ela era uma mulher pequena, cujos cabelos, brancos como a neve, estavam cuidadosamente penteados em cachos graciosos. Seu rosto era praticamente jovem, com grandes olhos castanhos, bochechas rosadas, lábios delicados e covinhas, lindas covinhas. Usava um vestido requintado de musselina bege, estampado com rosas pálidas: um vestido que pareceria ridiculamente impróprio para a maioria das mulheres de sua idade, mas que, no entanto, combinava tão perfeitamente bem com ela que ninguém jamais pensaria nisso.

– Charlotta Quarta me avisou que vocês querem falar comigo – ela disse, com uma voz condizente com sua aparência.

– Queríamos lhe perguntar qual é a estrada certa para West Grafton – Diana explicou. – Fomos convidadas para o chá na casa do senhor Kimball, mas erramos o caminho no bosque e saímos dele em outro lugar, em vez da estrada para West Grafton. A partir de seu portão, devemos seguir à direita ou à esquerda?

– Esquerda – Miss Lavendar respondeu, com um olhar hesitante para a mesa.

Em seguida, ela exclamou, como se tivesse tomado uma decisão súbita:

– Oh, não gostariam de ficar aqui e tomar o chá comigo? Por favor, aceitem. Os Kimball já vão ter acabado de tomar o chá, quando vocês chegarem lá. E Charlotta Quarta e eu ficaríamos tão contentes se permanecessem aqui!

Indecisa, Diana olhou para Anne.

– Adorariamos ficar – Anne respondeu prontamente, pois havia decidido que queria conhecer melhor aquela surpreendente senhorita Lavendar –, se não for um incômodo. Mas a senhorita está esperando outros convidados, não é?

A senhorita Lavendar olhou mais uma vez para a mesa e enrubescceu.

– Sei que vão me achar terrivelmente tola – disse. – Ora, sou mesmo uma tola... e sinto vergonha, quando descobrem o que faço. Mas é só quando ficam sabendo. Não espero ninguém, estava apenas fazendo de conta que sim. Sabem, sou muito solitária. Adoro ter companhia – quer dizer, o tipo certo de companhia. Contudo, tão poucas pessoas vêm aqui... Afinal, Echo Lodge é muito longe e fora de mão. Charlotta Quarta também se sentia sozinha. Então, fingi que ia ter convidados para o chá. Cozinhei, decorei a mesa, usei a porcelana do casamento de minha mãe, e me aprontei para a ocasião.

Diana pensou secretamente que a senhorita Lavendar era mesmo tão peculiar quanto diziam em Avonlea. Que ideia era aquela, uma mulher de 45 anos brincando de servir chá para pessoas imaginárias, exatamente como se fosse uma criança?!

Entretanto, Anne Shirley exclamou, com os olhos brilhando de contentamento:

– Oh, a senhorita *também* imagina coisas?!

Aquele “também” revelou uma alma irmã para Lavendar Lewis.

– Sim – ela confessou corajosamente. – É lógico que isso é uma bobagem em alguém da minha idade. Mas qual é a vantagem de ser uma velha solteirona independente, se você não puder ser tola quando quiser, sem fazer mal a ninguém? As pessoas precisam ter compensações. Às vezes, acho que eu não poderia viver se não simulasse algumas coisas. Além do mais, não é sempre que sou descoberta fazendo isso; e Charlotta Quarta nunca conta nada para ninguém. No entanto, estou contente por ter sido flagrada hoje, porque agora tenho visitas de verdade, e o chá está completamente pronto para vocês. Por favor, subam ao quarto de hóspedes e tirem seus chapéus; é a porta branca, em frente à escada. Preciso correr até a cozinha para ver se Charlotta Quarta está prestando atenção na água do chá. Charlotta Quarta é uma menina muito boa, mas sei que *vai* se distrair do chá.

A senhorita Lavendar se dirigiu à cozinha, com intenções e pensamentos hospitaleiros, enquanto as moças encontraram seu caminho para o quarto de hóspedes, um cômodo branco como sua porta, iluminado pela janela de vidro sobre o telhado, ligeiramente encoberta por galhos da hera. O quarto parecia, como Anne bem definiu, um lugar onde vários sonhos felizes já aconteceram.

– Isto é uma verdadeira aventura, não é? – Diana comentou. – E como a senhorita Lavendar é doce, apesar de ser um pouco esquisita. Não parece, de modo nenhum, uma velha solteirona!

– A aparência dela é como o som da música... acho – Anne respondeu.

Quando elas desceram, a senhorita Lewis tinha acabado de entrar na sala trazendo o bule com chá, e, atrás dela, parecendo imensamente satisfeita, vinha Charlotta Quarta, carregando uma travessa de biscoitos recém-saídos do forno.

– Agora, vocês poderiam me dizer seus nomes? – a senhorita Lavendar sugeriu. – Estou feliz porque são jovens. Adoro garotas jovens. É tão mais fácil fingir que também sou uma moça, quando estou com elas. Sabe, eu realmente odeio – nesse momento, ela fez uma leve careta – pensar que sou velha. Mas, digam, quem são vocês?

Prontamente, as duas se apresentaram, e a anfitriã prosseguiu.

– Diana Barry e Anne Shirley! Posso, a partir deste instante, fingir que já conheço vocês há cem anos, e chamá-las de Anne e Diana?

– Claro que sim – elas responderam, ao mesmo tempo.

– Então, vamos nos sentar confortavelmente e comer tudo o que está na mesa! – a senhorita Lavendar exclamou alegremente. – Charlotta, fique na ponta da mesa e ajude a servir o frango. Que bom que fiz pão de ló e rosquinhas fritas! É claro que era uma bobagem preparar tanta coisa para convidados imaginários... e sei que Charlotta Quarta pensou isso, não pensou, Charlotta? Mas, agora, vejam só em que maravilha isso resultou! Obviamente, nada seria desperdiçado, pois, pouco a pouco, Charlotta Quarta e eu comeríamos tudo, apesar de pão de ló não ser uma iguaria que fica melhor com o passar do tempo.

Aquela foi uma refeição alegre e inesquecível. E, quando terminou, todas foram para o jardim, onde apreciaram a beleza do pôr do sol.

– Eu realmente acho que este lugar aqui, onde a senhorita mora, é o mais lindo de todos – Diana falou, olhando à sua volta com admiração.

– Por que o chama de Echo Lodge? – Anne perguntou.

– Charlotta – disse a senhorita Lavendar –, entre e pegue a corneta de metal que está pendurada na prateleira do relógio.

Charlotta Quarta saiu correndo e logo voltou com a corneta.

– Sobre, Charlotta – a senhorita Lavendar pediu.

A criada soprou, e ouviu-se um som alto, estridente e rouco. Por um momento, houve silêncio total. Porém, em seguida, vieram, do bosque acima do rio, diversos ecos impressionantes – doces, indefinidos, suaves –, como se “todas as cornetas dos elfos” estivessem soando, enquanto o sol se punha no horizonte, como definiram Anne e Diana, fascinadas.

– Agora, dê uma gargalhada, Charlotta... uma gargalhada bem alta!

Charlotta Quarta, que provavelmente obedeceria, sem discutir, se a senhorita Lavendar a mandasse ficar ereta em cima da própria cabeça, subiu no banco de pedra e gargalhou muito alto, com todas as suas forças. De volta, vieram os ecos, como se uma grande quantidade de duendes estivesse imitando sua risada, no bosque arroxeadado pelo sol poente e ao longo das fileiras de abetos.

– As pessoas sempre admiram muito os meus ecos – a senhorita Lavendar afirmou, como se eles fossem uma propriedade particular dela. – Eu mesma adoro meus ecos. São uma ótima companhia... com uma dose de imaginação, claro. Nos fins de tarde tranquilos, eu e Charlotta Quarta costumamos sentar aqui fora e nos divertir com eles. Charlotta, leve a corneta de volta e a coloque cuidadosamente em seu lugar.

– Por que a senhorita a chama de Charlotta Quarta? – indagou Diana, que, àquela altura, estava cheia de curiosidade.

– Apenas para não misturá-la, em meus pensamentos, com as outras Charlottas – a senhorita Lewis respondeu seriamente. – Elas são tão parecidas que é difícil saber quem é quem. Na verdade, o nome dela não é Charlotta; nada disso. É... deixe-me pensar... qual é mesmo? *Acho* que é Leonora... sim, é Leonora. Sabem, é o seguinte: quando mamãe morreu, dez anos atrás, eu não podia ficar aqui sozinha; mas também não tinha recursos para pagar o salário de uma criada adulta. Então, trouxe Charlotta Bowman para ficar comigo, em troca de casa, comida e roupas. O nome dela era realmente Charlotta... ela passou a ser Charlotta Primeira. Tinha só 13 anos. Morou comigo até completar 16, quando foi embora para Boston, porque lá ela poderia viver melhor. Em seguida, a irmã de Charlotta veio viver comigo. Seu nome era Julietta... A mãe delas tinha um fraco por nomes pomposos, eu acho. No entanto, ela tinha uma aparência tão similar à de Charlotta que eu a chamava por esse nome o tempo todo... e ela não se importava. Portanto, desisti de tentar lembrar o nome certo dela, que, para mim, ficou sendo Charlotta Segunda. Quando ela se foi, recebi Evelina, que passou a ser Charlotta Terceira. E, agora, estou com Charlotta Quarta. Sei que, quando ela fizer 16 anos... tem 14 agora... vai querer se mudar para Boston também, e o que vou fazer eu realmente não sei. Charlotta Quarta é a última das irmãs Bowman, e a melhor. As outras Charlottas frequentemente deixavam claro que achavam uma tolice essa minha mania de fingir coisas, mas Charlotta Quarta nunca faz isso, independentemente do que ela possa verdadeiramente pensar. Não me importo com o que as pessoas pensam de mim, contanto que não me mostrem isso.

– Bem – Diana falou, pesarosa, olhando o pôr do sol –, suponho que temos de ir agora, se quisermos chegar à casa do senhor Kimball antes de escurecer. Tivemos uma tarde adorável, senhorita Lewis!

– Vocês voltam para me visitar de novo? – a senhorita Lavendar pediu.

Anne, muito alta, pôs o braço sobre o ombro da pequena mulher.

– Claro que sim – prometeu. – Agora que nós a descobrimos, vamos abusar de sua hospitalidade muitas vezes. Sim, temos de ir... temos de nos “mandar daqui”, como diz Paul

Irving toda vez que vai a Green Gables.

– Paul Irving? – houve uma pequena mudança no tom de voz da senhorita Lavendar. – Quem é ele? Achei que não tinha mais ninguém com esse nome em Avonlea...

Anne se sentiu envergonhada por sua imprudência. Não se lembrou do antigo romance da senhorita Lavendar, quando o nome de Paul escapou de sua boca.

– É um menino que é meu aluno – ela explicou calmamente. – Ele veio de Boston, no ano passado, para morar com a avó, a senhora Irving, na estrada do litoral.

– É filho de Stephen Irving? – a mulher perguntou, inclinando-se sobre um canteiro de lavanda, para que seu rosto não ficasse à vista.

– Sim.

– Vou dar um buquê de lavanda para cada uma de vocês – a senhorita Lewis disse, animada, como se não tivesse ouvido a resposta à sua pergunta. – São flores tão doces, não acham? Mamãe sempre amou as lavandas. Ela plantou este canteiro há muitos anos. Papai me deu o nome de Lavendar, porque também amava essas flores. A primeira vez que ele viu mamãe foi quando a visitou em East Grafton, junto com meu tio, irmão dela. Foi amor à primeira vista. Naquela noite, papai dormiu no quarto de hóspedes, e os lençóis estavam perfumados com lavanda. Ele ficou acordado durante a noite toda pensando em mamãe, e, a partir de então, sempre amou o cheiro de lavanda... Foi por isso que me deu esse nome. Não se esqueçam de voltar logo, minhas queridas! Charlotta Quarta e eu vamos ficar esperando por vocês.

A senhorita Lavendar abriu o portão sob os abetos para Anne e Diana. Subitamente, ela pareceu velha e cansada: o brilho e o esplendor tinham desaparecido de seu rosto. Seu sorriso de despedida era tão doce e indiscutivelmente jovem quanto antes, mas, quando as duas moças olharam para trás, antes de fazerem a primeira curva da alameda, a viram sentada no velho banco de pedra, sob um álamo prateado, no meio do jardim, com a cabeça apoiada sobre as mãos.

– Ela parece ser muito solitária – Diana falou suavemente. – Precisamos visitá-la com frequência.

– Em minha opinião, os pais dela lhe deram o único nome certo e apropriado que poderiam escolher – Anne comentou. – Se tivessem sido cegos, a ponto de a chamarem de Elizabeth, Nellie, ou Muriel, seu nome seria Lavendar do mesmo jeito, não acha, Diana? Essa palavra sugere doçura, virtudes antigas, roupas de seda... Já meu nome faz lembrar pão com manteiga, colcha de remendos e afazeres domésticos.

– Oh, não concordo! – Diana protestou. – Anne me parece um nome majestoso, como o de uma rainha. Porém, eu gostaria de Kerrenhappuch, se esse fosse o seu nome. Acho que as pessoas é que fazem seus nomes serem bonitos ou feios; só depende de como elas são. Hoje em dia, por exemplo, detesto os nomes Josie e Gertie, mas, antes de conhecer as meninas Pye, eu os achava muito bonitos.

– Este é, de fato, um belo pensamento! – Anne exclamou, entusiasmada. – Viver de uma forma pela qual você embeleza seu nome, mesmo quando ele não era bonito antes... Fazer seu nome permanecer na mente das pessoas como algo tão agradável e adorável que elas nunca pensam na palavra em si. Obrigada, Diana!





— **E**ntão você tomou o chá na casa de pedra, com Lavendar Lewis? — Marilla se surpreendeu, na mesa do café da manhã do dia seguinte. — Como ela está? Faz mais de quinze anos que a vi pela última vez... Foi em um domingo, na igreja de Grafton. Suponho que ela tenha mudado bastante desde aquele dia. Davy Keith, quando quiser algo que não pode alcançar, peça para alguém passar para você, em vez de se debruçar sobre a mesa dessa maneira! Alguma vez você já viu Paul Irving fazer isso, durante uma refeição, nas vezes em que esteve aqui?

— Mas os braços de Paul Irving são mais compridos do que os meus — Davy resmungou. — Eles tiveram onze anos para crescer, enquanto os meus só tiveram sete. Além disso, eu pedi *sim*, mas a senhora e Anne estavam tão ocupadas nessa conversa aí que nem prestaram atenção. E tem mais: Paul nunca esteve aqui para nenhuma refeição que não fosse o chá. Ora, é muito mais fácil ser bem-educado durante o chá do que no café da manhã, porque você não está com a mesma fome. Demora muito mais tempo entre o jantar e o café da manhã! Anne, veja esta colher; ela está exatamente do mesmo tamanho que era no ano passado, enquanto *eu* estou muitíssimo maior.

— Obviamente, não sei como era a aparência da senhorita Lavendar no passado, mas, não sei por que, acho que ela não mudou muito — Anne falou, depois de servir duas colheres cheias de xarope de bordo para sossegar Davy. — Seu cabelo está branco como neve, mas o rosto é vigoroso, quase juvenil. Ela tem os olhos castanhos mais doces que já vi... um tom de marrom madeira, com pequenos raios dourados... e sua voz faz lembrar cetim branco, água caindo e sinos de fadas, tudo ao mesmo tempo.

— Todos a achavam muito bonita, quando ela era jovem — Marilla contou. — Nunca a conheci muito bem, mas gostava do que sabia dela. Na época, algumas pessoas já diziam que ela era peculiar. *Davy*, se, algum dia, eu te pegar fazendo isso de novo, você será obrigado a esperar pelas refeições, até que todo mundo termine, como fazemos com os franceses.

A maior parte das conversas entre Anne e Marilla, na presença dos gêmeos, era constantemente intercalada por repreensões direcionadas a Davy. Nesse caso especificamente, é vergonhoso dizer que, não tendo sido capaz de recolher com a colher as últimas gotas de seu xarope de bordo, o garoto resolveu o problema levantando o prato com as duas mãos e aplicando sua pequena língua rosada sobre ele. Anne olhou para o menino com uma expressão tão horrorizada que o pequeno pecador ficou vermelho e disse, meio envergonhado, meio desafiador:

– Assim, não há desperdício.

– As pessoas que são diferentes da maioria são sempre consideradas peculiares – Anne afirmou. – E, sem dúvida, a senhorita Lavendar é diferente, embora seja difícil dizer onde exatamente está a diferença. Talvez seja por ela ser uma daquelas pessoas que nunca envelhecem.

– Não há motivo para uma pessoa não envelhecer junto com sua geração – Marilla falou espontaneamente. – Caso contrário, você não se ajusta a lugar nenhum. Até onde sei, Lavendar Lewis se afastou de tudo e de todos. Vive, há anos, naquele lugar fora de mão, de modo que as pessoas até já se esqueceram dela. Aquela casa de pedra é uma das mais antigas da ilha. O velho senhor Lewis a construiu oitenta anos atrás, quando veio da Inglaterra. Davy, deixe o cotovelo de Dora em paz! Oh, eu vi você sacudi-lo! Não adianta tentar parecer inocente. O que faz você se comportar tão mal assim, nesta manhã?

– Talvez eu tenha saído da cama pelo lado errado – Davy sugeriu. – Milty Boulter diz que, quando isso acontece, é bem provável que as coisas deem errado para você o dia inteiro. Foi a avó dele que falou. Mas qual é o lado certo? E o que você deve fazer, se sua cama fica encostada na parede? Eu quero saber!

– Sempre me perguntei o que deu errado entre Stephen Irving e Lavendar Lewis – Marilla continuou, ignorando Davy. – É certo que eles estavam noivos, 25 anos atrás. Contudo, de repente, o relacionamento acabou. Não sei qual foi o problema, mas deve ter sido algo terrível, pois ele foi embora para os Estados Unidos e, desde então, nunca mais voltou aqui.

– Pode ser que não tenha sido nada tão horrível, afinal. Creio que as pequenas coisas da vida costumam causar mais conflitos do que as grandes – Anne falou, expressando uma de suas teorias que a experiência ainda não havia aperfeiçoado. – Oh, Marilla, por favor, não comente com a senhora Lynde minha visita à senhorita Lavendar. Ela faria uma centena de perguntas e, de alguma forma, eu não gostaria... nem a senhorita Lavendar, tenho certeza... que ela soubesse que estive lá.

– Sem dúvida, Rachel ficaria curiosa – Marilla admitiu –, embora ela não tenha mais tanto tempo quanto antes para cuidar de assuntos de outras pessoas. Atualmente, ela fica a maior parte do dia em casa, devido à doença de Thomas. E está bastante desanimada, começando a perder a esperança de que ele melhore, eu acho. Rachel vai ficar muito solitária, se acontecer o pior com ele, já que todos os filhos se mudaram para o oeste, exceto Eliza, que mora na cidade; porém, ela não gosta de seu marido.

Naquele momento, sem se dar conta, Marilla caluniou Eliza, que, na verdade, amava muito o próprio marido.

– Rachel acredita que, se Thomas pelo menos se animasse e tivesse força de vontade, ele melhoraria, mas de que adianta pedir a uma água-viva que fique sentada em posição ereta? – Marilla prosseguiu. – Thomas Lynde nunca teve uma força de vontade à qual recorrer. A mãe o controlou até ele se casar, e, depois, Rachel se encarregou de dominá-lo. É de admirar que ele tenha se atrevido a adoecer sem pedir permissão a ela. Oh, não! Não devo falar assim, Anne.

Rachel sempre foi uma boa esposa para ele, que nunca teria conseguido nada na vida se não fosse ela, tenho certeza disso. Thomas nasceu para ser comandado; e é bom que tenha caído nas mãos de uma mulher inteligente e capaz como Rachel. Ele nunca se importou com esse jeito dominador dela. Digo até que isso o salvou do incômodo de ter de se decidir sobre qualquer coisa. Davy, pare de se contorcer como uma enguia!

– Não tenho mais nada para fazer – o menino protestou. – Não posso comer mais, e não é nada divertido ficar vendo você e Anne comerem.

– Bem, vá lá para fora com sua irmã e deem trigo para as galinhas – Marilla ordenou. – E não tente arrancar mais nenhuma pena do rabo do galo branco!

– Eu queria algumas penas para fazer um cocar de índio – Davy explicou, amuado. – Milt Boulter tem um muito bonito, feito com as penas que sua mãe lhe deu, quando ela matou o velho peru que eles possuíam. A senhora poderia me deixar arrancar só algumas. Aquele galo tem muito mais penas do que gostaria.

– Você pode pegar o espanador de penas velho que está lá em cima – Anne sugeriu. – Posso tingir as penas de verde, vermelho e amarelo para você, se quiser.

– Na verdade, você mima excessivamente esse garoto – Marilla a censurou, quando Davy, com uma expressão radiante no rosto, puxou a bem-comportada Dora rumo ao galinheiro.

As ideias de Marilla sobre educação de crianças haviam progredido muito nos últimos seis anos, mas ela ainda não tinha sido capaz de se livrar da teoria de que era muito prejudicial, para meninos e meninas, ter muitas de suas vontades satisfeitas.

– Todos os garotos da escola possuem cocares, e Davy quer um também – Anne justificou. – *Eu sei como ele se sente...* Nunca vou esquecer como desejei ter mangas bufantes, quando todas as outras meninas usavam as delas. E Davy não está sendo mimado demais. Ele está melhorando a cada dia. Veja como ele mudou desde que veio para Green Gables, há um ano.

– Ele certamente não faz mais tantas travessuras, desde que começou a frequentar a escola – Marilla reconheceu. – Suponho que Davy esteja gastando sua energia com os outros meninos. Anne, não estou entendendo por que Richard Keith ainda não nos escreveu de novo; nenhuma palavra, desde maio passado...

– Tenho medo do que ele vai dizer – a moça suspirou, enquanto começava a esvaziar a mesa. – Se chegasse uma carta, eu teria receio de abrir, temendo que ele nos dissesse para lhe mandar os gêmeos.

Um mês depois, realmente chegou uma carta. Mas não era de Richard Keith: um amigo dele escreveu para informar que o homem havia morrido de tuberculose, duas semanas antes. O autor da carta também era o testamenteiro de Richard, o qual tinha deixado uma boa soma de dinheiro sob a custódia da senhorita Marilla Cuthbert até que David e Dora Keith se tornassem maiores de idade ou se casassem; enquanto isso não acontecesse, ela deveria usar os rendimentos do dinheiro para garantir a educação e o sustento das crianças.

– Parece terrível ficar contente por uma coisa relacionada a uma morte – disse Anne sobriamente. – Sinto muito pelo pobre senhor Keith; porém, estou feliz porque podemos ficar com os gêmeos.

– Esse dinheiro é muito bem-vindo – Marilla afirmou, sempre muito prática. – Eu queria, sinceramente, ficar com as crianças, mas não tinha a menor ideia de como poderia sustentá-las, sobretudo quando crescessem. O aluguel da fazenda só é suficiente para manter a casa, e eu estava determinada a não gastar, com os dois, nem um centavo de seu dinheiro. Do jeito que as coisas estão, você já faz demais por esses gêmeos. Por exemplo, Dora não precisava daquele



chapéu novo, que você comprou para ela, mais do que um gato precisa de duas caudas. Contudo, agora o problema está resolvido, e o futuro deles está garantido.

Davy e Dora ficaram extasiados quando souberam que ficariam em Green Gables “para sempre”. E a morte de um tio que eles nunca tinham visto não poderia estragar, nem por um momento, aquela felicidade.

No entanto, Dora teve uma inquietação.

– Tio Richard foi enterrado? – ela sussurrou para Anne.

– Sim, querida, claro.

– Ele... ele... não é como o tio de Mirabel, é? – a menina perguntou, em um sussurro ainda mais aflito. – Não vai perambular pelas casas, depois de ter sido enterrado, vai, Anne?





— **A**cho que vou fazer uma caminhada até Echo Lodge, hoje ainda – Anne falou, em uma tarde de dezembro.

– Parece que vai nevar – Marilla avisou, prevenida.

– Vou chegar lá antes que a neve caia, e pretendo dormir na casa de pedra. Diana não pode ir, porque está com uma visita, e tenho certeza de que a senhorita Lavendar vai querer minha companhia essa noite. Já se passaram duas semanas desde a última vez em que estive lá.

A partir daquele dia de outubro em que ela e Diana erraram o caminho, Anne tinha visitado Echo Lodge muitas vezes. Em algumas delas, Anne e Diana haviam ido, de charrete, pela estrada; em outras, caminharam pelo bosque. Quando Diana não podia ir, Anne ia sozinha. Entre ela e a senhorita Lavendar, havia brotado uma daquelas amizades fervorosas e promissoras, possíveis somente entre uma mulher que manteve o frescor da juventude no coração e na alma e uma jovem na qual a imaginação e a intuição supriam a falta de experiência.

Anne havia descoberto, naquela pequena mulher solitária e cheia de fantasias, uma autêntica “alma irmã”. E, por outro lado, Anne e Diana tinham entrado na triste vida da senhorita Lavendar com a alegria saudável e o entusiasmo pela vida na Terra, que, “esquecendo o mundo e sendo por ele esquecida”,\*\*\*\*\* ela já tinha, havia muito tempo, deixado de compartilhar. As duas moças tinham trazido uma atmosfera de juventude e realidade para a pequena casa de pedra.

Charlotta Quarta sempre as cumprimentava com seu sorriso mais largo – e os sorrisos de Charlotta eram assustadoramente largos. A criada adorava Anne e Diana, tanto por causa de sua querida patroa quanto por elas mesmas. Nunca antes tinha havido tanta diversão naquela casa de pedra como naquele outono prolongado, quando novembro parecia outubro de novo, e até mesmo dezembro imitava o brilho do sol e as brumas do verão.

Porém, especialmente naquele dia, pareceu que dezembro havia se lembrado de que, na verdade, já era inverno e, por isso, tinha subitamente se tornado nublado e sombrio, silencioso e sem vento; tudo indicava que haveria neve. Apesar disso, Anne apreciou entusiasticamente sua caminhada pelo grande e cinzento labirinto de árvores, e, embora estivesse sozinha, não se sentiu solitária. Sua imaginação povoou o trajeto de companhias alegres e, com elas, Anne manteve

uma animada conversa imaginária, que foi, sem dúvida, muito mais espirituosa e fascinante do que aquelas que costumam acontecer na vida real, em que as pessoas, às vezes, fracassam lamentavelmente em se entender. Em uma reunião de faz de conta, cujos participantes são espíritos escolhidos, todos dizem exatamente aquilo que você quer ouvir e, portanto, lhe dão a oportunidade de dizer exatamente o que *você* quer dizer. Sendo assim, distraída por essas companhias invisíveis, Anne atravessou o bosque e chegou à alameda de abetos exatamente no momento em que flocos grandes e macios começavam a cair suavemente do céu.

Na primeira curva, a moça se deparou com a senhorita Lavendar parada sob um abeto grande e frondoso. Ela usava um vestido vermelho vivo, e a cabeça e os ombros estavam envoltos em um xale de seda prateado.

– A senhorita parece a rainha das fadas do bosque de abetos! – Anne exclamou animadamente.

– Imaginei que você viria essa noite, Anne – disse a senhorita Lewis, correndo ao seu encontro. – E estou duplamente satisfeita, porque Charlotta Quarta não está aqui. A mãe está doente, e ela vai ter de passar a noite em casa. Eu me sentiria muito solitária se você não tivesse vindo... Hoje, nem os sonhos nem os ecos seriam companhia suficiente para mim. Oh, Anne, como você está bonita! – ela acrescentou subitamente, admirando a moça alta e magra, com o rosto levemente rosado por causa da caminhada. – Tão linda e tão jovem! É maravilhoso ter 17 anos, não é? Eu realmente invejo você – a senhorita Lavendar concluiu, com sinceridade.

– Ora, no coração, a senhorita tem 17 anos também – a moça sorriu.

– Não, estou velha... quer dizer, estou na meia-idade, o que é bem pior – suspirou. – Às vezes, consigo fingir que não, mas, outras vezes, tenho plena consciência disso. E não me conformo facilmente com a idade, como a maioria das mulheres parece fazer. Continuo tão rebelde como era quando descobri meu primeiro fio de cabelo grisalho. Anne, pare de olhar para mim com essa expressão de que está tentando me compreender. Alguém com 17 anos *não* é capaz de entender. A partir deste momento, vou fingir que também tenho 17; agora que você está aqui, é possível fazer isso. Você sempre traz juventude consigo, como um presente. Vamos ter uma noite feliz. Primeiro, chá... o que você quer para o chá? Vamos comer o que quer que seja que você goste. Por favor, pense em algo delicioso e indigesto.

Naquela noite, houve sons de tumulto e contentamento na pequena casa de pedra. Enquanto cozinhavam, comiam magnificamente, faziam doces, davam gargalhadas e “fantasiavam”, a senhorita Lavendar e Anne se comportaram de forma totalmente imprópria para uma solteirona de 45 anos, assim como para uma professora calma e sensata. Depois, quando ficaram cansadas, sentaram-se sobre o tapete em frente à grade da lareira da sala, iluminada apenas pelo brilho do fogo e deliciosamente perfumada pelas rosas no vaso sobre a mesa. O vento havia começado a soprar, suspirando e sussurrando em volta da casa, e a neve batia suavemente contra as janelas, como se centenas de duendes da tempestade estivessem tentando entrar.

– Estou tão contente por você ter vindo, Anne! – exclamou a senhorita Lavendar, dando pequenas mordidas em seu doce. – Se não estivesse aqui, eu estaria triste... muito triste... quase deprimida. Sonhos e fantasias são todos muito bons à luz do sol, durante o dia; no entanto, quando a escuridão e a tempestade vêm, eles não são suficientes. Nesses momentos, coisas reais se fazem necessárias. Mas você não sabe disso... jovens de 17 anos nunca sabem disso. Nessa idade, os sonhos satisfazem *completamente*, pois vocês pensam que a realidade os aguarda, mais adiante. Quando eu tinha 17 anos, Anne, não achava que, aos 45, seria uma velha solteirona de cabelos brancos, sem nada, exceto sonhos, para preencher a vida.

– Mas a senhorita não é uma velha solteirona – Anne protestou, sorrindo para os melancólicos olhos castanhos da amiga. – Velhas solteironas *nascem* assim... elas não se *tornam* isso.

– Algumas mulheres nascem velhas solteironas, outras conquistam essa condição, e outras, ainda, são obrigadas a conviver com ela – a senhorita Lavendar filosofou.

– Então, a senhorita é uma daquelas que conquistaram essa condição – Anne riu. – E fez isso de um modo tão bonito que chego a pensar que, se cada velha solteirona fosse como a senhorita, elas entrariam na moda.

– Gosto de sempre fazer as coisas da melhor maneira possível – a senhorita Lavendar declarou, pensativa –, e, já que acabei tendo de ser uma velha solteirona, decidi tentar viver bem nessa condição. As pessoas dizem que sou esquisita, mas isso acontece simplesmente porque respeito meu jeito de ser e me recuso a imitar o modelo tradicional de velha solteirona. Anne, alguém já lhe falou sobre Stephen Irving e eu?

– Sim – a moça respondeu, com franqueza. – Ouvi dizer que foram noivos, no passado.

– Fomos... 25 anos atrás... o tempo de uma vida. Íamos nos casar na primavera seguinte. Meu vestido de noiva já estava pronto, embora *ninguém* – exceto mamãe e Stephen – soubesse disso. De certo modo, posso dizer que estávamos comprometidos desde a infância. Quando Stephen ainda era um menino, a mãe dele costumava trazê-lo aqui, sempre que vinha visitar mamãe; e, na segunda vez em que vieram – ele tinha 9 anos, e eu, 6 –, ele me falou, no jardim, que havia decidido firmemente que se casaria comigo quando crescesse. Lembro que eu disse: “Obrigada”, e, depois que ele foi embora, falei muito seriamente com mamãe que um peso enorme havia sido tirado de minha cabeça, pois eu não tinha mais medo de acabar sendo uma velha solteirona. Oh, como minha pobre mãe riu daquilo!

– Mas o que foi que deu errado? – Anne perguntou, ansiosa.

– Tivemos uma briga estúpida, boba e banal; tão banal que, se você puder acreditar em mim, nem lembro direito como começou. Mal sei quem foi o maior culpado. Na verdade, Stephen começou a discussão, mas suponho que eu o irritei com alguma de minhas bobagens. Ele tinha um ou dois rivais, você sabe como são essas coisas... Eu era vaidosa, gostava de ser admirada e, além disso, costumava provocá-lo, de vez em quando. Stephen era um homem tenso, porém muito sensível. Bem, naquele dia, quando nos separamos, estávamos ambos nervosos. Contudo, pensei que ia dar tudo certo; e ia mesmo, se Stephen não tivesse voltado cedo demais. Anne, querida, sinto dizer – nesse momento, a senhorita Lavendar baixou o tom de voz, como se estivesse prestes a confessar uma tendência a assassinar pessoas – que sou terrivelmente rancorosa. Oh, não precisa sorrir, é a mais pura verdade. *Por algum tempo*, eu realmente guardo rancor. Como Stephen voltou antes que esse sentimento tivesse se dissipado, me recusei a ouvi-lo e, mais ainda, a perdoá-lo. Por isso, ele foi embora para sempre; era orgulhoso demais para tentar mais uma vez. Então, fiquei ressentida, porque ele não voltou. Acho que eu poderia tê-lo procurado, mas não quis me humilhar fazendo isso. Eu era tão orgulhosa quanto ele, e orgulho e rancor formam uma combinação horrível, Anne. Depois disso, não me interessei por mais ninguém, e nem quis que isso acontecesse. Eu sabia que preferiria permanecer uma velha solteirona, por mil anos, do que me casar com qualquer um que não fosse Stephen Irving. Bem, agora tudo parece ter sido um sonho, claro. Oh, você está me olhando com tanta solidariedade, Anne! Tão solidária quanto só quem tem 17 anos pode ser... Mas, por favor, não exagere as coisas. Sou uma criaturinha verdadeiramente feliz e satisfeita, apesar de meu coração partido. Meu coração realmente se partiu – se é que, alguma vez, isso já aconteceu neste mundo – quando me dei conta de que Stephen Irving não voltaria mais. Porém, Anne, na vida real, um coração

partido dói bem menos do que nos livros. É doloroso, sim, como se fosse um dente inflamado – embora eu saiba que você não considera essa comparação exatamente romântica. Às vezes, há períodos em que dói muito, e você passa noites em claro, mas, no intervalo entre essas fases, você desfruta a vida, os sonhos, os ecos e as guloseimas, como se aquela dor não existisse. Oh, agora você parece decepcionada... Já não me acha mais tão interessante como há cinco minutos, quando acreditava que sempre fui vítima de uma lembrança trágica, corajosamente escondida atrás de sorrisos supostamente alegres. Isso é o pior, ou o melhor, da vida real, Anne. Ela não *deixa* você ser infeliz. Está sempre tentando nos animar, e conseguindo, mesmo quando estamos decididos a ser romanticamente infelizes. Esse doce não está delicioso? Já comi muito mais do que deveria, mas vou continuar agindo despreocupadamente.

Após alguns momentos de silêncio, a senhorita Lavendar disse abruptamente:

– Fiquei chocada ao saber sobre o filho de Stephen, naquele primeiro dia em que você esteve aqui, Anne. Desde então, nunca consegui falar com você a esse respeito, mas eu queria saber tudo sobre ele. Que tipo de menino é Paul?

– Oh, é a criança mais doce e querida que já conheci, senhorita Lavendar... E ele também finge coisas, assim como nós duas fazemos.

– Eu gostaria de vê-lo – a senhorita Lavendar disse suavemente, como se estivesse falando consigo mesma. – Fico me perguntando se ele se parece, em alguma coisa, com o pequeno menino dos sonhos que vive aqui em meu coração... *Meu* pequeno menino dos sonhos...

– Se a senhorita quer vê-lo, vou trazer Paul comigo qualquer dia desses – Anne prometeu.

– Quero, sim, mas não imediatamente. Preciso me acostumar com a ideia. Pode ser que haja mais sofrimento do que alegria nisso, caso ele se pareça demais com Stephen ou não se pareça nem um pouco com o pai... Traga o garoto daqui a um mês, Anne.

Conforme combinado, um mês depois, Anne e Paul atravessaram o bosque rumo à casa de pedra, e se encontraram com a senhorita Lavendar na alameda. Ela não os esperava naquele exato momento e, por isso, ficou muito pálida.

– Então, este é o filho de Stephen – disse, em voz baixa, pegando a mão de Paul e olhando para ele, uma criança bonita e alegre, usando um elegante casaco de pele e um gorro. – Ele... ele é muito parecido com o pai.

– Todos dizem que sou uma prova concreta de que “filho de peixe peixinho é” – Paul comentou, muito à vontade.

Anne, que estava assistindo à breve cena, respirou aliviada. Viu que a senhorita Lavendar e Paul haviam simpatizado um com o outro, e que não haveria constrangimento ou desconforto. A senhorita Lavendar era uma pessoa muito sensata, apesar de seus sonhos e fantasias, e, após a primeira reação, quando quase traiu seu sentimento secreto, ela o ocultou novamente e entreteve Paul de uma maneira tão brilhante e natural quanto se ele fosse o filho de qualquer outra pessoa que tivesse vindo visitá-la.

Os três tiveram uma tarde magnífica juntos, e o jantar foi um banquete de comidas nada saudáveis, que fariam a senhora Irving erguer as mãos, horrorizada, acreditando que o sistema digestivo do neto estava arruinado para sempre.

– Venha me visitar de novo, rapazinho – disse a senhorita Lavendar, apertando a mão de Paul, ao se despedirem.

– Pode me dar um beijo, se quiser – o menino falou, sério.

Imediatamente, ela se inclinou e lhe deu um beijo.

– Como soube que eu queria? – sussurrou.

– A senhorita olhou para mim, exatamente como minha mãe costumava fazer, quando queria me beijar. Em geral, não gosto de ser beijado. Meninos não gostam; a senhorita sabe disso, não é? Mas acho que senti vontade de me beijasse. E é claro que vou voltar aqui. Creio que gostaria que a senhorita fosse uma amiga especial para mim, se não se opuser.

– Eu... eu não me oponho – ela respondeu, se virou e entrou em casa rapidamente; entretanto, segundos depois, estava acenando e sorrindo alegremente para eles, através da janela.

– Gostei da senhorita Lavendar – Paul anunciou, enquanto atravessavam o bosque. – Gostei da maneira como ela me olha, da casa de pedra dela e de Charlotta Quarta. Eu queria que vovó Irving tivesse uma Charlotta Quarta, em vez de uma Mary Joe. Tenho certeza de que Charlotta Quarta não pensaria que sou maluco, quando eu lhe contasse o que penso sobre as coisas. Nosso chá não foi esplêndido, professora? Vovó sempre diz que um garoto não deve ficar pensando sobre o que tem para comer, mas isso é inevitável, às vezes, quando ele está com muita fome. A *senhorita* sabe, professora. Não acredito que a senhorita Lavendar obrigaria um menino a comer mingau no café da manhã, se ele não gostasse de mingau. Ela lhe daria coisas que ele apreciasse. Porém, é lógico que – e Paul não foi nada mais do que justo – isso poderia não ser muito bom para a saúde dele. Mas, pelo menos, serviria para variar um pouco, de vez em quando, professora. A *senhorita* sabe.



CAPÍTULO XXIV

*Uma profecia e  
seu resultado*



**E**m certo dia de maio, os moradores do povoado estavam bastante agitados, por causa de algumas “Notas de Avonlea”, assinadas por um “Observador” e publicadas no jornal *Daily Enterprise*, de Charlottetown. As especulações atribuíam sua autoria a Charlie Sloane; em parte, porque o referido Charlie já havia alçado voos literários semelhantes no passado, e, em parte, porque uma das notas parecia conter uma chacota contra Gilbert Blythe. Afinal, os jovens de Avonlea persistiam em considerar Gilbert Blythe e Charlie Sloane rivais na conquista do amor de certa donzela de olhos cinzentos e imaginação fértil.

No entanto, como de costume, os boatos não correspondiam à realidade. Gilbert Blythe, incitado e ajudado por Anne, tinha escrito as notas, acrescentando uma a seu próprio respeito somente para afastar suspeitas. Na verdade, apenas trechos de duas dessas notas têm alguma importância nesta história. São eles:

*Correm rumores de que haverá um casamento em nosso vilarejo antes que as margaridas floresçam. Um novo e altamente respeitado habitante de Avonlea levará ao altar nupcial uma de nossas damas mais populares.*

\*\*\*

Tio Abe, nosso famoso profeta do tempo, prevê uma tempestade violenta, com raios e trovões, no início da noite de 23 de maio, mais precisamente às 19 horas. A área a ser atingida pelo temporal ocupa a maior parte da província. As pessoas que viajarem na noite do dia 23 farão bem em levar guarda-chuvas e galochas.

– Tio Abe realmente previu uma tempestade para um dia desta primavera – Gilbert falou –, mas você acha, Anne, que o senhor Harrison está mesmo visitando Isabella Andrews?

– Não – a moça respondeu, rindo –, tenho certeza de que ele só vai até lá para jogar damas com o senhor Harmon Andrews. Entretanto, a senhora Lynde anda dizendo por aí que sabe que Isabella Andrews provavelmente vai se casar, porque “ela está muito alegre e entusiasmada nesta primavera”.

O velho tio Abe, coitado, ficou bastante indignado com a nota sobre sua previsão. Suspeitou que o “Observador” estivesse zombando dele e negou furiosamente que tivesse estipulado uma data específica para o temporal que havia anunciado. Contudo, ninguém acreditou nele.

A vida em Avonlea seguiu suave e tranquilamente seu curso habitual. Um plantio foi feito com sucesso, pois os melhoradores celebraram um Dia da Árvore no qual cada um deles plantou – ou conseguiu que alguém o fizesse – cinco árvores ornamentais. Como a Sociedade já possuía quarenta membros, isso significou um total de duzentas novas árvores. Além disso, a aveia, que amadureceu precocemente, esverdeou os campos vermelhos; nos pomares, as macieiras estenderam seus galhos floridos sobre as casas das fazendas, e a Rainha da Neve se enfeitou como uma noiva no dia de seu casamento. Anne adorava dormir com a janela aberta para sentir o perfume da cerejeira trazido pelo vento da noite. Achava muito poético, enquanto Marilla, por sua vez, dizia que a moça estava pondo sua vida em risco.

– O Dia de Ação de Graças deveria ser comemorado na primavera – Anne falou, um dia, durante o crepúsculo, quando as duas estavam sentadas nos degraus da porta da frente, ouvindo o coro suave e doce dos sapos. – Suponho que seria muito melhor do que em novembro, quando tudo está morto ou dormindo. Não é um dia em que temos de nos lembrar de agradecer? Ora, em maio, é impossível nos esquecermos de ser gratos... no mínimo, por estarmos vivos. Nesse momento, eu me sinto exatamente como Eva, no Éden, antes do pecado original. Aquela vegetação, ali no vale, está verde ou dourada? Marilla, eu penso que desfrutar um dia fascinante como este, em que há flores por todos os lados, e os ventos, por pura extravagância, não sabem para onde soprar, deve ser quase tão bom quanto estar no paraíso...

Marilla pareceu escandalizada e olhou ao redor, apreensiva, para ter certeza de que os gêmeos não estavam por perto. No mesmo instante, as duas crianças apareceram, saindo de trás da casa.

– Não está um fim de tarde maravilhosamente perfumado? – Davy perguntou, respirando fundo alegremente e balançando uma pequena enxada nas mãos sujas de terra.

O garoto tinha acabado de trabalhar em seu jardim. Naquela primavera, Marilla, com o intuito de direcionar para algo útil a paixão de Davy por se divertir com lama e barro, havia dado, para cada um dos gêmeos, um pequeno pedaço de terra nos quais eles deveriam plantar um jardim, e ambos se empenharam em cumprir a tarefa, cada um a seu modo.

Dora semeou, arrancou ervas daninhas e regou cuidadosa, sistemática e calmamente. Como resultado, àquela altura, seu jardim já estava verde, com pequenas fileiras, metodicamente ordenadas, de legumes e plantas da estação. Davy, entretanto, trabalhou com mais entusiasmo do que sensatez. Cavou, capinou, afofou a terra, regou e transplantou com tanta energia que suas sementes não tiveram nenhuma chance de germinar e crescer naturalmente.

– Como vai seu jardim, Davy? – Anne indagou.

– Meio lento – disse Davy, com um suspiro. – Não sei por que as coisas não crescem mais depressa. Milty Boulter disse que eu devo ter plantado durante a fase da lua nova, e que o problema é exatamente esse. Ele acha que nunca devemos semear, matar porcos, cortar o cabelo ou fazer qualquer outra coisa importante sem consultar em que fase a lua está. É verdade, Anne? Eu quero saber.

– Talvez, se você não as arrancasse pela raiz, dia sim, dia não, para saber como estão “na



outra ponta”, suas plantas crescessem melhor e mais depressa – Marilla falou sarcasticamente.

– Só puxei seis delas para cima – Davy protestou. – Eu queria ver se havia larvas nas raízes. Miltie Boulter falou que, se o problema não fosse a fase errada da lua, então, só poderia ser as larvas. Mas eu só encontrei *uma* larva... muito grande, suculenta e enrolada. Coloquei a larva em cima de uma pedra, peguei outra pedra e esmaguei a lagarta. No mesmo instante, ela soltou um *belo* esguicho, podem acreditar! Tanto que lamentei ter encontrado só uma. Dora fez o jardim dela no mesmo dia em que fiz o meu, e, no entanto, as plantas dela estão se desenvolvendo muito bem; por isso, *não* pode ser culpa da fase da lua – Davy concluiu, reflexivo.

– Marilla, veja aquela macieira! – Anne exclamou. – Nossa, parece humana... Está estendendo elegantemente os braços compridos para alcançar as próprias flores rosadas mais próximas do solo e nos provocar admiração.

– As macieiras dessa espécie sempre frutificam bem – Marilla comentou, satisfeita. – Essa, em especial, vai ficar carregada de maçãs, este ano. Isso me deixa muito contente, porque elas são ótimas para tortas.

Entretanto, naquele ano, nem Marilla, nem Anne, nem qualquer outra pessoa da região estava destinada a fazer tortas de maçã.

Chegou o dia 23 de maio. Um dia extraordinariamente abafado para aquela época do ano, como ninguém sentiu mais do que Anne e sua pequena colmeia de alunos, suando sobre frações matemáticas e análises sintáticas na sala de aula de Avonlea. Uma brisa quente soprou por toda a manhã e, depois do meio-dia, deu lugar a um ar parado e pesado. Às 15h30, Anne ouviu um pequeno estrondo de trovão e, imediatamente, dispensou as crianças, para que pudessem chegar a suas casas antes da tempestade.

Enquanto seus alunos atravessavam o pátio, Anne percebeu uma sombra escura sobre o mundo, embora o sol ainda estivesse brilhando intensamente. Aflita, Annetta Bell pegou sua mão.

– Oh, professora, olhe para aquela nuvem horrível!

Anne olhou e suspirou, alarmada. A noroeste, uma massa de nuvens, como ela nunca havia visto em toda a sua vida, formava-se rapidamente. Era muito preta, exceto nas bordas arredondadas, nas quais se via um contorno prateado, pálido e horripilante. Havia algo indescritivelmente ameaçador naquele acúmulo de nuvens negras que se destacava no céu azul-claro; de vez em quando, um raio o atravessava, seguido de um rosnado selvagem. E estava tão baixo que parecia quase tocar o topo das colinas arborizadas.

O senhor Harmon Andrews veio subindo a colina em sua carroça, fazendo seus cavalos trotarem na velocidade máxima possível. Ainda assim, parou abruptamente diante da escola e gritou:

– Não é que tio Abe acertou pela primeira vez na vida, Anne? A tempestade dele está chegando! Só se adiantou um pouco. Você já viu uma nuvem como aquela? Ouçam, crianças, todos vocês que estiverem indo pelo meu caminho, amontoem-se na carroça! Quanto aos outros, recomendo, aos que tiverem de percorrer mais de quinhentos metros, que se dirijam depressa para a agência de correio e fiquem lá até a chuva passar.

Anne pegou Davy e Dora pelas mãos e desceu a colina, atravessando a Trilha das Bétulas, o Vale das Violetas e a Lagoa dos Salgueiros o mais rápido que as pernas pequenas e gorduchas dos gêmeos puderam correr.

Chegaram a Green Gables pouco antes de ser tarde demais, e se encontraram, na porta da casa, com Marilla, que havia acabado de abrigar, às pressas, os patos e as galinhas. Assim que

todos entraram na cozinha, a luz pareceu se dissipar, como se tivesse sido levada embora por um sopro poderoso. A terrível nuvem cobriu o sol, e uma escuridão semelhante à do final do crepúsculo tomou conta do mundo. No mesmo momento, com um estrondo de trovão e um brilho ofuscante de raios, o granizo caiu violentamente, cobrindo de branco tudo lá fora.

Junto com o barulho alto e contínuo da tempestade, vinham os baques de galhos partidos atingindo a casa, e o estalo agudo de vidro se quebrando. Em três minutos, todas as vidraças das janelas, a oeste e norte, estavam estilhaçadas, e o granizo começou a entrar pelas aberturas, cobrindo o chão com pedras, sendo que a menor delas era do tamanho de um ovo de galinha.

Por 45 minutos, a tempestade caiu sem parar, e todos os que a presenciaram jamais a esqueceram. Marilla, pela primeira vez na vida, perdeu o autocontrole, por absoluto terror: ajoelhou-se perto de sua cadeira de balanço, em um canto da cozinha, e ali permaneceu chorando e soluçando a cada estrondo ensurdecedor dos trovões. Anne, branca como a neve, arrastou o sofá para longe da janela e sentou-se nele, com um gêmeo de cada lado. Já no primeiro estampido mais forte, Davy gritou:

– Anne, Anne, hoje é o Dia do Juízo Final? Anne, juro que eu nunca quis ser travesso!

Depois, enterrou o rosto no colo da moça e o manteve lá, enquanto todo o seu corpo tremia. Dora, razoavelmente pálida, mas calma, ficou sentada, quieta e imóvel, segurando a mão de Anne. É duvidoso que até mesmo um terremoto pudesse perturbar Dora.

Por fim, quase tão subitamente quanto começou, a tempestade cessou. O granizo parou de cair, o trovão seguiu para o leste e o sol irrompeu no céu, alegre e radiante, sobre um mundo tão transformado que parecia uma coisa absurda pensar que, em apenas 45 minutos, tudo poderia ter ficado tão arruinado.

Marilla ficou de pé, fraca e trêmula, e se deixou cair sobre a cadeira de balanço. Seu rosto estava abatido, e ela parecia dez anos mais velha.

– Nós sobrevivemos? – perguntou solenemente.

– Pode apostar que sim – murmurou Davy alegremente, recobrando sua autoconfiança. – Não fiquei nem um pouco assustado... só no começo. Tudo aconteceu tão de repente! Decidi logo que não iria mais brigar com Teddy Sloane, na segunda-feira, como eu tinha prometido; mas, agora, talvez eu mude de ideia novamente. Diga, Dora, você estava com medo?

– Sim, fiquei um pouco assustada – Dora respondeu de um modo ligeiramente formal. – Mas segurei firmemente na mão de Anne e fiz minhas preces o tempo todo.

– Bem, eu teria feito minhas orações também, se tivesse pensado nisso – disse Davy. – Mas vocês podem ver – ele acrescentou, triunfante – que estou aqui, tão seguro quanto vocês, mesmo sem ter orado.

Anne serviu um copo daquele potente licor de groselha que Marilla fazia, e entregou a ela. A moça tinha uma razão muito boa, desde sua infância em Green Gables, para conhecer o efeito daquela bebida...

Em seguida, foram até a porta da frente, para avaliar as consequências daquele fenômeno estranho e aterrorizante. Em todos os lugares, havia um tapete branco – na altura dos joelhos de Anne – de pedras de granizo. Centenas delas também estavam amontoadas sobre o telhado e os degraus.

Quando, três ou quatro dias depois, as pedras de granizo derreteram, o estrago que elas haviam causado pôde ser visto claramente, pois cada coisa verde que crescia no campo ou no jardim tinha sido arrancada. E não apenas todas as flores tinham sumido das macieiras, como

também grandes ramos e galhos haviam sido quebrados. Além disso, das duzentas árvores plantadas pelos melhoradores, a grande maioria foi derrubada ou despedaçada.

– Será possível que este seja o mesmo mundo que era, há apenas uma hora? – Anne perguntou, estarelecida. – Tamanha destruição não poderia ter sido feita em tão pouco tempo.

– Nunca aconteceu nada parecido em Prince Edward Island – Marilla afirmou. – Nunca! Lembro que, quando eu ainda era menina, houve uma tempestade muito forte, mas não chegou nem perto dessa. Vamos ouvir falar de uma destruição horrenda, pode ter certeza, Anne.

– Espero, de verdade, que nenhuma das crianças tenha sido atingida – a professora murmurou ansiosamente.

Felizmente, como foi descoberto mais tarde, nenhum aluno de Anne sofreu qualquer dano, pois todas as crianças que tinham de caminhar por uma distância maior seguiram o excelente conselho do senhor Andrews e buscaram abrigo no correio.

– Veja, ali está John Henry Carter! – Marilla exclamou.

John Henry vinha andando sobre as pedras de granizo, com um sorriso bastante assustado.

– Oh, não foi uma coisa horrível, senhorita Cuthbert? O senhor Harrison me mandou aqui, para ver se estão todos bem.

– Nenhum de nós foi morto – disse Marilla sombriamente –, e nenhuma das construções foi atingida. Espero que vocês tenham ficado igualmente bem.

– Não, madame, não tão bem. Fomos atingidos. Um raio desceu pela chaminé da cozinha, derrubou a gaiola de Ginger, fez um buraco no piso e caiu no porão. Foi isso!

– Ginger ficou machucado? – perguntou Anne, aflita.

– Sim, madame. Ele ficou muito machucado. Ele morreu.

Mais tarde, Anne foi consolar o senhor Harrison. Encontrou o amigo sentado à mesa, acariciando, com a mão trêmula, o corpo colorido e morto do papagaio.

– O pobre Ginger não vai mais chamá-la de nenhum nome, Anne – ele falou desoladamente.

Anne jamais havia se imaginado chorando por causa de Ginger, mas, naquele momento, lágrimas brotaram em seus olhos.

– Ele era minha única companhia, Anne... e agora está morto. Ora, ora, sou mesmo um velho tolo, por me importar tanto com um papagaio. Mas vou fazer de conta que não ligo. E sei que a senhorita vai dizer algo reconfortante, assim que eu parar de falar. . . por favor, não faça isso. Senão, vou chorar como um bebê. Não foi uma tempestade terrível? Acredito que as pessoas não vão mais rir das previsões do tio Abe... nunca mais. Parece que todas as tempestades que ele profetizou durante sua vida inteira, e que nunca aconteceram, vieram hoje, de uma só vez. É surpreendente constatar que ele previu o dia exato, não é mesmo? Veja a bagunça que temos aqui! Preciso sair logo e encontrar algumas tábuas para tapar este buraco no chão.

No dia seguinte, os moradores de Avonlea não fizeram nada que não fosse visitar uns aos outros e comparar os danos causados pela tempestade. As estradas estavam intransitáveis para veículos com rodas, devido às pedras de granizo, e, por isso, todos iam a pé ou a cavalo. O correio chegou tarde, com más notícias de toda a província. Casas foram atingidas, e pessoas, mortas ou feridas; todo o sistema de telefone e telégrafo havia sido afetado, e todos os animais de criação que ficaram ao ar livre, nos campos, haviam morrido.

Naquela manhã, tio Abe se dirigiu, bem cedo, à oficina do ferreiro, e lá ficou o dia todo. Era seu momento de triunfo, e ele o aproveitou ao máximo. Seria injustiça a tio Abe dizer que o homem estava feliz porque a tempestade tinha acontecido; entretanto, por outro lado, como tinha de ser, ele realmente ficou muito satisfeito por tê-la previsto e, inclusive, acertado a dia. É

verdade que tio Abe esqueceu que já havia negado a data, e a insignificante discrepância com relação ao horário previsto para a tempestade era só um detalhe.

Gilbert chegou a Green Gables, no final da tarde, e encontrou Marilla e Anne muito ocupadas em pregar tiras de lona impermeabilizada sobre as vidraças quebradas.

– É impossível prever quando vamos conseguir comprar vidros novos para essas janelas – Marilla explicou. – O senhor Barry foi a Carmody, hoje à tarde, e não conseguiu comprar uma vidraça sequer. Às 10 horas, tanto Lawson quanto Blair já tinham vendido tudo para os habitantes de Carmody. A tempestade foi aterrorizante em White Sands também, Gilbert?

– Sim, foi. Fui surpreendido na escola, com todas as crianças, e cheguei a pensar que algumas delas enlouqueceriam de medo. Três desmaiaram, duas meninas ficaram histéricas, e Tommy Blewett berrou o mais alto que conseguiu, esganiçada e ininterruptamente, enquanto durou o temporal.

– Eu só gritei uma vez – Davy falou orgulhosamente. – Meu jardim ficou totalmente arruinado – continuou, pesaroso. – Mas o de Dora também foi destruído – o garoto acrescentou, em um tom indicativo de que ainda havia bálsamo em Gileade.\*\*\*\*\*

Anne, que tinha ido até o sótão do oeste, desceu as escadas correndo.

– Oh, Gilbert, já soube da novidade? A casa velha e horrorosa do senhor Levi Boulter foi atingida por um raio e desabou: ficou totalmente queimada. Parece que sou terrivelmente má, por me sentir contente por isso quando tantos outros estragos foram feitos. O senhor Boulter está dizendo, por aí, que acredita que a Sociedade para Melhorias em Avonlea recorreu à magia para atrair aquela tempestade.

– Bem, uma coisa é certa – Gilbert afirmou, rindo. – O “Observador” criou a reputação do tio Abe como um verdadeiro profeta do tempo. “A tempestade do tio Abe” vai ficar na história local. É uma coincidência realmente extraordinária ela ter acontecido no dia exato que escolhemos. De fato, tenho algum sentimento de culpa, como se tivesse mesmo “recorrido à magia”. Contudo, não há como não nos alegrarmos com o fim daquela casa velha – mesmo porque não há o que comemorar com relação às árvores jovens que plantamos. Nem ao menos dez delas se salvaram.

– Sim, vamos ter de plantar tudo novamente, na próxima primavera – Anne concluiu e, em seguida, acrescentou filosoficamente:

– Essa é uma das coisas boas deste mundo: não há dúvida de que sempre haverá outras primaveras.





**E**m uma alegre manhã de junho, duas semanas após a tempestade do tio Abe, Anne atravessou lentamente o quintal de Green Gables, vindo do jardim, com dois lírios brancos de junho, ligeiramente murchos, nas mãos.

– Veja, Marilla – ela disse tristemente, erguendo as flores diante dos olhos da sombria mulher, com o cabelo preso sob um lenço verde de algodão, que entrava em casa segurando uma galinha depenada –, estes são os únicos que a tempestade poupou... e ainda assim estão danificados. Oh, eu sinto tanto! Queria ter um buquê para o túmulo de Matthew. Ele sempre gostou tanto dessas flores...

– Até eu sinto falta delas – Marilla admitiu –, embora não me pareça correto lamentar por flores, quando tantas coisas mais sérias se perderam... todas as colheitas destruídas, tantas frutas desperdiçadas...

– A aveia já foi semeada novamente, Marilla – disse Anne, consoladora –, e o senhor Harrison acha que, se tivermos um bom verão, elas vão se desenvolver bem, apesar de tardiamente. Além disso, todas as minhas flores estão brotando outra vez... mas nada pode substituir os lírios de junho! A pobre Hester Gray também não vai ter nenhum. Voltei ao jardim dela ontem de tardinha, mas não havia um lírio sequer. Tenho certeza de que Hester vai sentir falta deles.

– Não acho certo você dizer essas coisas, Anne, não acho mesmo – Marilla afirmou severamente. – Hester Gray está morta há trinta anos, e sua alma está no céu... espero.

– Sim, eu sei. Porém, acredito que ela ainda se lembre de seu jardim e o adore – Anne argumentou. – Não tenho dúvida de que, independentemente de quanto tempo eu vivesse no paraíso, eu sempre gostaria de olhar para baixo e ver alguém colocar flores em meu túmulo. Se tivesse possuído um jardim, aqui na Terra, como o de Hester Gray, seriam necessários mais de trinta anos, mesmo estando no céu, para eu deixar de sentir saudade dele.

– Bem, não deixe os gêmeos ouvirem você falar desse jeito – Marilla pediu, resignada, enquanto levava a galinha para dentro de casa.

Anne prendeu os lírios no cabelo e foi até o portão da alameda, onde ficou parada por algum tempo sob o sol brilhante de junho, antes de cumprir suas tarefas de sábado de manhã. O mundo vinha recuperando sua beleza: a velha mãe natureza estava dando o melhor de si para fazer desaparecerem todos os vestígios da tempestade e, embora precisasse ainda de muitas luas para ser completamente bem-sucedida, vinha realizando maravilhas.

– Hoje eu gostaria de ficar à toa o dia todo! – ela falou para um pássaro azulado que cantava no galho de um salgueiro. – Porém, uma professora que, além de dar aulas, também ajuda a criar gêmeos, não pode se entregar à preguiça, passarinho. Como seu canto é doce, pequena ave azul! Você está expressando, em música, os sentimentos do meu coração, de uma forma muito melhor do que eu jamais poderia fazer. Ora, quem está vindo ali?

Uma charrete vinha sacolejando pela alameda, com duas pessoas no banco da frente e, na parte de trás, uma arca grande. Quando o veículo chegou mais perto, Anne reconheceu no condutor o filho do agente da estação ferroviária de Bright River. Entretanto, nunca tinha visto a pessoa que estava ao lado dele. Era uma mulher pequena, que saltou agilmente da charrete e se encaminhou para o portão, quase antes que o cavalo parasse.

Era muito bonita, evidentemente mais perto dos 50 do que dos 40 anos de idade, com bochechas rosadas, olhos negros brilhantes e cabelo também preto e reluzente, sob um maravilhoso chapéu enfeitado com flores e plumas. Apesar de ter percorrido cerca de treze quilômetros por uma estrada poeirenta, ela estava tão limpa e elegante quanto se tivesse acabado de sair de casa.

– É aqui que o senhor James A. Harrison mora? – ela perguntou.

– Não, o senhor Harrison mora ali – disse Anne, admirada, apontando para a residência do vizinho.

– Bem, achei *mesmo* que este lugar parecia muito arrumado e limpo... arrumado e limpo *demais* para ser a moradia de James – a não ser que ele tenha mudado muito, desde que o conheci – disse a pequena senhora. – É verdade que James A. vai se casar com uma mulher que vive neste povoado?

– Não. Oh, não! – exclamou Anne, corando, com tanto sentimento de culpa que a estranha a olhou com curiosidade, como se suspeitasse que a moça tinha planos matrimoniais com o senhor Harrison.

– Mas eu li isso em um jornal de Prince Edward Island – a elegante desconhecida insistiu. – Uma amiga me mandou um exemplar, com a notícia sublinhada... Amigas estão sempre prontas para fazer esse tipo de coisa. O nome de James A. estava escrito acima de “novo habitante”.

– Oh, aquela nota foi apenas uma brincadeira – Anne murmurou. – O senhor Harrison não tem nenhuma intenção de se casar com *ninguém*. Garanto que não.

– Fico muito contente por ouvir isso – disse a mulher, mais calma, enquanto subia agilmente de volta a seu assento na charrete –, pois, afinal, ele já é casado. *Eu* sou a esposa dele. Oh, você parece surpresa! Suponho que ele tenha se passado por solteiro e vem despedaçando corações, aqui e ali. Ora, ora, James A. – continuou, acenando com a cabeça vigorosamente e olhando para o campo onde estava a casa branca e comprida –, sua diversão acabou! Agora, estou aqui... apesar de só ter me dado ao trabalho de vir porque pensei que você planejava uma grande travessura!

Em seguida, virou-se para Anne e disse:

– Suponho que aquele papagaio de James A. continue tão profano quanto sempre foi.

– O papagaio dele... está morto... *eu acho* – hesitou a pobre Anne, que, naquele exato

momento, não poderia ter certeza nem mesmo de seu próprio nome.

– Morto?! Oh, tudo ficará bem, então! – a senhora Harrison exclamou alegremente. – Se aquele pássaro está fora do meu caminho, posso me entender com James A.

Após dizer essas palavras enigmáticas, ela seguiu em frente, bastante satisfeita, e Anne correu para a porta da cozinha para falar com Marilla.

– Anne, quem era aquela mulher?

– Marilla – a moça respondeu solenemente, embora com um olhar agitado –, pareço estar louca?

– Não mais do que o habitual – Marilla respondeu, sem nenhuma intenção de ser sarcástica.

– Bem, sendo assim, a senhora acha que estou acordada?

– Anne, o que está acontecendo com você? Perguntei quem era aquela senhora.

– Marilla, se não estou maluca, nem dormindo, ela não pode ter sido uma alucinação ou um sonho... é real! Além disso, eu jamais poderia ter imaginado um chapéu como aquele que estava na cabeça dela. Marilla, aquela senhora falou que é a esposa do senhor Harrison!

Foi a vez de Marilla ficar perplexa.

– Esposa dele?! Anne Shirley! Então, por que ele vem se passando por solteiro, desde que se mudou para Avonlea?

– Eu realmente não penso que ele fez isso – disse Anne, tentando ser justa. – O senhor Harrison nunca afirmou que não era casado. As pessoas simplesmente deduziram isso. Oh, Marilla, o que a senhora Lynde vai dizer sobre essa novidade?

No final daquela mesma tarde, quando Rachel Lynde veio fazer uma visita, Anne e Marilla descobriram o que ela tinha a declarar. Ela não estava surpresa! A senhora Lynde sempre tinha esperado por algo desse tipo! Ela sempre soube que havia *alguma informação* desconhecida a respeito do senhor Harrison.

– Quem poderia imaginar que ele abandonou a esposa? – comentou, indignada. – Essa é uma coisa que poderíamos ver em um noticiário norte-americano, mas ninguém jamais esperou que isso acontecesse aqui, bem aqui, em Avonlea...

– Ora, não podemos afirmar que ele a abandonou – Anne protestou, determinada a acreditar na inocência do amigo, pelo menos, até ter qualquer prova do contrário. – Afinal, não sabemos exatamente o que aconteceu.

– Bem, vamos descobrir já. Vou lá *agora*! – anunciou a senhora Lynde, que nunca aprendeu que existiam no dicionário palavras como “delicadeza”, por exemplo. – Oficialmente, não sei nada sobre o retorno dela. E, como o senhor Harrison prometeu trazer remédios de Carmody para Thomas, hoje, tenho uma ótima desculpa para ir à casa dele. Vou descobrir toda a história e passar aqui, na volta, para contar tudo a vocês.

A senhora Lynde percorreu rapidamente o caminho que Anne receava trilhar: nada teria convencido a moça a visitar o amigo, naquele dia. Contudo, ela também possuía sua cota natural e devida de curiosidade, e, portanto, se sentiu secretamente satisfeita porque a senhora Lynde desvendaria o mistério. Ela e Marilla aguardaram ansiosamente a volta da bondosa vizinha, mas a espera foi em vão. Naquela noite, a senhora Lynde não reapareceu em Green Gables. Entretanto, por volta das 21 horas, Davy chegou da casa dos Boulter e explicou o que havia acontecido.

– Encontrei, no vale, a senhora Lynde e uma mulher desconhecida – ele disse –, e, nossa, como elas falavam!... As duas, ao mesmo tempo! A senhora Lynde pediu para eu avisar que sentia muito, mas estava muito tarde para ela vir aqui hoje ainda. Anne, estou faminto! Tomamos

o chá na casa de Milty às 16 horas, e penso que a senhora Boulter é verdadeiramente avarenta. Ela não serviu nenhum bolo, nem geleia... e até o pão era escasso.

– Davy, quando você faz uma visita, nunca deve criticar nada que lhe derem para comer – Anne falou seriamente. – É muita falta de educação.

– Está bem... da próxima vez, vou só pensar – o menino falou alegremente. – Por favor, Anne, dê jantar a um amigo com fome!

Anne olhou para Marilla, que a seguiu até a despensa e fechou a porta cautelosamente.

– Pode pôr geleia no pão, para ele: sei bem como é o chá na casa de Levi Boulter.

Davy suspirou ao pegar a fatia de pão com geleia.

– Acho que este mundo é um pouco decepcionante – comentou. – Milty possui uma gata que dá chilikies... Ela tem tido um ataque todo dia, regularmente, há três semanas. Milty falou que ela fica muito engraçada, nessas horas. Eu fui lá hoje só para ver isso, mas a danada da bichana velha não deu nenhum chilikie e ficou, o tempo todo, muito saudável e tranquila. Milty e eu ficamos rondando por ali e esperando, durante a tarde inteira, e nada! Mas tudo bem – o rosto de Davy se iluminava à medida que a deliciosa geleia de ameixa confortava sua alma –, talvez eu ainda veja, qualquer dia desses, a gata ter um ataque. Não é possível que ela pare de dar chilikies assim, de repente, quando já está tão habituada a isso, não acham? Uau, essa geleia está maravilhosa!

Para Davy, não havia decepções que uma boa geleia de ameixa não fosse capaz de curar.

No domingo, choveu tanto que ninguém pôde sair. Porém, na segunda-feira, todos os moradores de Avonlea tinham alguma versão para a história do senhor Harrison. Na escola, falou-se muito a esse respeito, e Davy voltou para casa com muitas informações.

– Marilla, o Sr. Harrison tem uma nova esposa... Bem, não exatamente *nova*, mas eles ficaram descasados por um longo período... foi o que Milty falou. Sempre achei que as pessoas tinham que continuar casadas depois que comesçassem a ser, mas Milty diz que não, que há maneiras de descasar, se elas discordarem muito. Milty diz que uma delas é simplesmente ir embora, abandonar a esposa. E foi isso que o senhor Harrison fez. Milty contou que o senhor Harrison deixou sua esposa porque ela jogava coisas nele... coisas *duras e pesadas*. Mas Arty Sloane falou que não, que foi porque ela não deixava o marido fumar. Já Ned Clay pensa que foi por causa do tanto que ela o repreendia. Eu não abandonaria *minha* esposa por nenhum desses motivos. Simplesmente falaria com firmeza e determinação: “Senhora Davy, você tem de fazer apenas o que *me* agrada, pois eu sou o *homem*”. Isso deixaria minha esposa bem mansa rapidamente. Ah, Annetta Bell afirmou que foi *a senhora Harrison* que abandonou o marido, porque ele nunca limpava a sola das botas antes de entrar em casa. E Annetta pensa que ela agiu bem. Ora, vou visitar o senhor Harrison agora mesmo, para ver como é a esposa dele.

Davy voltou pouco tempo depois, ligeiramente desapontado.

– A senhora Harrison não estava lá, foi a Carmody com a senhora Rachel Lynde para comprar um papel de parede novo para a sala. E o senhor Harrison me pediu para falar com Anne que ele gostaria que ela fosse até lá, porque quer conversar com ela. E escutem bem isto: o chão está limpo, e o senhor Harrison está barbeado, embora não tenha havido culto nenhum ontem.

A cozinha do amigo pareceu irreconhecível a Anne. O chão havia realmente sido esfregado até atingir um estado de limpeza inacreditável, e o mesmo pode ser dito sobre todos os móveis e objetos daquele cômodo. O fogão tinha sido tão meticulosamente polido que ela pôde ver nele o reflexo de seu rosto. As paredes haviam sido caiadas, e as vidraças das janelas brilhavam à luz do sol.



Sentado à mesa, estava o senhor Harrison, usando suas roupas de trabalho, as mesmas que, na sexta-feira, possuíam diversos buracos e manchas, mas que, agora, estavam perfeitamente remendadas e limpas. Ele estava barbeado, e o pouco cabelo que ainda tinha, cuidadosamente aparado.

– Sente-se, Anne, sente-se – disse o senhor Harrison, com um tom de voz um pouco mais grave ainda do que o que as pessoas de Avonlea usavam em funerais. – Emily foi até Carmody com Rachel Lynde... ela e Rachel Lynde já se tornaram “amigas de infância”. É impossível entender as mulheres. Bem, senhorita Anne, meus tempos tranquilos acabaram, não existem mais. Agora, só há limpeza e arrumação... pelo resto da minha vida, suponho.

O senhor Harrison se esforçou o máximo que pôde para demonstrar tristeza, mas um brilho irreprimível nos olhos o traiu.

– Senhor Harrison, o senhor está contente por sua esposa ter voltado! – Anne exclamou, apontando o dedo para ele. – Não adianta fingir que não está, pois posso ver isso claramente.

Ele sorriu timidamente.

– Bem... bem... estou me acostumando com a ideia – o senhor Harrison admitiu. – Não posso dizer que fiquei triste quando vi Emily. Um homem precisa de alguma proteção, em uma comunidade como esta aqui, em que ele não pode nem jogar damas com um vizinho sem ser acusado de querer se casar com a irmã desse vizinho e, ainda por cima, ter de ver isso escrito em um jornal.

– Ninguém acharia que o senhor ia até lá para ver Isabella Andrews, se não tivesse fingido que era solteiro – Anne argumentou severamente.

– Não fingi que era. Se alguém tivesse me perguntado, eu teria dito que tenho uma esposa. Mas todos simplesmente concluíram o contrário. E eu não estava nem um pouco ansioso para falar sobre o assunto; estava me sentindo muito triste com o que aconteceu. Já pensou em como a senhora Rachel Lynde reagiria, ao saber que minha mulher havia me abandonado?

– Algumas pessoas estão dizendo que *o senhor* a abandonou.

– Foi ela que começou, Anne, ela começou o desentendimento. Vou lhe contar toda a história, pois não quero que tenha uma impressão a meu respeito pior do que a que eu realmente mereço... nem em relação a Emily. Mas vamos para a varanda. Está tudo tão assustadoramente limpo aqui que, de algum modo, chego a ter saudade de casa. Suponho que vou acabar me acostumando a isso, mas, por enquanto, fico mais à vontade na varanda, olhando para o jardim. Emily ainda não teve tempo de limpá-lo.

Logo que os dois ficaram confortavelmente acomodados na varanda, o senhor Harrison começou sua dolorosa história.

– Antes de me mudar para cá, eu morava em Scottsford, na província de New Brunswick. Minha irmã cuidava da casa, e isso era bastante conveniente para mim. Tudo estava sempre razoavelmente limpo e arrumado, ela me deixava em paz, e ainda me mimava... pelo menos, é o que Emily diz. Porém, três anos atrás, ela morreu. Antes de partir, ficou muito preocupada com o que seria de mim e, por fim, me fez prometer que eu me casaria. Então, me aconselhou a pedir Emily Scott em casamento, porque Emily tinha seu próprio dinheiro e era uma dona de casa exemplar. Eu falei: “Mas Emily Scott nem olha para mim”. “Faça o pedido e vai ver”, minha irmã respondeu. Assim, apenas para tranquilizá-la, garanti que faria isso... e fiz! E Emily aceitou se casar comigo. Nunca fiquei tão surpreso, em toda a minha vida, Anne... Uma mulher inteligente, pequena e bonita como ela, e um sujeito velho como eu. Vou lhe dizer: no início, pensei que estava com muita sorte. Bem, nos casamos e fizemos uma breve viagem de lua de

mel: passamos quinze dias em Saint John. Regressamos ao nosso lar às 22 horas e, dou minha palavra, meia hora depois, a mulher estava limpando a casa.

Anne sorriu.

– Oh, sei que está pensando que minha casa precisava mesmo disso... Seu rosto é muito expressivo, Anne, seus pensamentos aparecem nele como um retrato. Entretanto, não... não precisava tanto assim. Admito que a casa ficou um pouco bagunçada, depois que minha irmã se foi, mas eu tinha contratado uma senhora para limpá-la, antes de meu casamento, e, além disso, providenciei muitos consertos e pinturas. Preste atenção no que vou dizer: se Emily fosse levada a um palácio totalmente novo, de mármore branco, ela começaria a esfregar tudo, com água e sabão, assim que conseguisse pôr um vestido velho. Bem, naquela noite, ela limpou a casa até uma hora da madrugada e, três horas depois, já estava de pé, faxinando novamente. E assim prosseguiu. Anne, até onde pude acompanhar, não parou nunca mais. Era só esfregar, varrer, lavar, uma coisa sem fim, exceto aos domingos, quando ficava ansiosa pela chegada da segunda-feira, para começar tudo outra vez. Hoje, sei que era seu jeito de se distrair, e que eu poderia ter me resignado àquilo, se ela tivesse me deixado em paz. No entanto, ela se recusava a fazer isso. Estava determinada a mudar meu jeito de ser, mas eu não era mais suficientemente jovem para ser modificado. Ela não me deixava entrar em casa se, antes de chegar à porta, eu não tirasse as botas e calçasse chinelos. Quando eu ficava desesperado para fumar meu cachimbo, tinha de fazer isso no celeiro. E meu jeito de falar não era suficientemente correto. Emily havia sido professora, quando era mais jovem, e nunca se esqueceu disso: vivia corrigindo minha linguagem. Além de tudo isso, odiava meu modo de usar a faca para comer. Como vê, era assim: críticas, repreensões e aborrecimentos, sem pausa.

O senhor Harrison fez um breve intervalo e, em seguida, continuou:

– Mas, para ser justo, Anne, suponho que *eu* também tenha sido rabugento. Não tentei ser mais tolerante, como deveria ter feito... Eu apenas ficava irritado, mal-humorado, todas as vezes em que ela me criticava. Um dia, falei que ela não tinha reclamado de minha gramática no dia em que a pedi em casamento. Não foi exatamente algo diplomático a ser dito. Acredito que seja mais fácil uma mulher perdoar um homem por ter batido nela, do que por ter sugerido que ela estava muito ansiosa para tê-lo como marido. Bem, vivíamos tendo essas desavenças, e isso não era nada agradável. Entretanto, acho que, com o tempo, nós acabaríamos nos acostumando um ao outro, se não fosse por Ginger. Ele foi o motivo de nossa separação. Emily nunca gostou de papagaios, e não suportava a linguagem profana de Ginger. Já eu era muito ligado àquele pássaro, por causa de meu irmão marinheiro. Meu irmão marinheiro era muito especial para mim, desde que éramos crianças, e ele me enviou Ginger quando estava prestes a morrer. Não vi nenhum sentido em ficar incomodado com seus xingamentos. Não há nada que eu odeie mais do que atitudes profanas – em seres humanos, mas em um papagaio?! Ora, ele só repete o que ouve, sem nem um pouco de entendimento a mais do que eu tenho da língua chinesa, justiça seja feita. Mas Emily não via as coisas dessa maneira. Mulheres não são lógicas. Ela tentou impedir Ginger de xingar, mas não teve mais sucesso do que quando se esforçou para que eu deixasse de dizer “intendo” e “essas coisa”. Parecia que, quanto mais ela tentava, pior Ginger ficava... e eu também.

Anne balançou a cabeça.

– Bem, as coisas continuaram assim, nós dois cada vez mais irritantes e irritados, até que ocorreu o *clímax*. Emily convidou nosso pastor e sua esposa para o chá, além de um outro pastor e a esposa, que estavam visitando nossa comunidade. Eu havia prometido levar Ginger para um

lugar seguro, onde ninguém poderia escutá-lo. Emily não tocara em sua gaiola, nem mesmo com um pedaço de pau de três metros de comprimento. Eu queria mesmo esconder o papagaio, pois não desejava que pastores ouvissem nada vergonhoso em minha casa. Contudo, me esqueci completamente. Emily estava me atormentando tanto com colarinhos limpos e regras gramaticais que não é de surpreender que isso acontecesse. Não pensei, nem por um segundo, naquele pobre papagaio, até que nos sentamos à mesa do chá. No momento exato em que o pastor número um fazia sua prece, antes da refeição, Ginger, que estava na varanda, do lado de fora da janela da sala de jantar, levantou a voz. O peru havia aparecido no quintal, e a visão de um peru sempre teve um efeito negativo sobre meu papagaio. E, naquele dia, ele se superou! Sim, pode rir, senhorita, e não nego que eu mesmo costumo achar isso engraçado, de uns tempos para cá; mas, na época, me senti quase tão agoniado quanto Emily. Saí da sala imediatamente, e carreguei Ginger para o celeiro. Bem, não posso dizer que apreciei aquele chá. Eu já sabia, pela expressão no rosto de Emily, que Ginger e James A. estavam encrencados.

O senhor Harrison suspirou.

– Quando os convidados foram embora, fui até o pasto das vacas e, enquanto caminhava, refleti bastante. Eu me senti triste por Emily e, de certo modo, culpado por não ter sido tão atencioso com ela como era meu dever. Além disso, me perguntei se os pastores não estariam pensando que fui eu que ensinei aquele vocabulário a Ginger. Em resumo, resolvi que Ginger teria de ser misericordiosamente descartado e, depois de levar as vacas para o estábulo, entrei em casa, para dizer isso a Emily. Mas não havia mais Emily, e sim uma carta na mesa... exatamente como nos livros de histórias. Emily escreveu, naquela carta, que eu teria de escolher entre ela e Ginger. E que, enquanto eu não me decidisse, ela ficaria em sua própria casa, até que eu a procurasse para dizer que tinha me livrado do papagaio. Fiquei furioso, Anne, e disse para mim mesmo que ela poderia esperar até o Dia do Juízo Final, se achava que eu faria isso. E persisti naquela teimosia; empacotei todos os seus pertences e mandei para a casa dela. Acredite, aquilo deu o que falar... Scottsford é um lugar quase tão ruim quanto Avonlea, em termos de mexericos. E todos os moradores ficaram solidários a Emily. Essa história me deixou tão magoado e irado que entendi que, se eu não fosse embora dali, nunca mais teria paz. Então, concluí que o melhor a fazer era me mudar para esta ilha. Eu tinha visitado Prince Edward Island quando era garoto, e gostado muito deste lugar. Pensei em morar aqui, depois de casado, mas Emily sempre afirmou que não viveria em um lugar em que as pessoas teriam medo de sair de casa à noite e, sem ver a margem, cair no mar. Assim, só para contrariar, me mudei para cá. E isso é tudo.

Houve mais uma pausa, mas ele logo terminou a história.

– Eu nunca mais tinha ouvido uma palavra vinda de Emily, ou sobre ela, até voltar do pasto dos fundos, no sábado passado, e encontrá-la esfregando o chão; e achei também, pronto sobre a mesa, o primeiro almoço decente que comi desde o dia em que ela havia me deixado. Então, Emily me disse que eu deveria comer primeiro e que, depois que eu terminasse, nós iríamos conversar... Naquele momento, concluí que ela tinha aprendido algumas lições sobre como se entender com um homem. Portanto, ela está morando aqui, e vai ficar... já que Ginger está morto e a ilha é, digamos, maior do que ela imaginava. Veja, ali estão Emily e a senhora Lynde! Não, não vá embora, Anne. Fique e conheça minha esposa. Ela ficou bem impressionada com você, no sábado... Quis saber quem é aquela moça ruiva, tão bonita, que vive na casa ao lado.

A senhora Harrison cumprimentou Anne calorosamente e insistiu para que ela ficasse para o chá.

– James A. tem me contado tudo a seu respeito, e falou sobre como tem sido gentil, trazendo

bolos e outras coisas para ele – disse. – Quero me familiarizar com todos os meus vizinhos, o mais cedo possível. A senhora Lynde é uma mulher adorável, não acha? Tão amável!

Quando Anne voltou para Green Gables, naquele doce crepúsculo de junho, a senhora Harrison a acompanhou na travessia do campo, onde os vaga-lumes começavam a acender suas luzes estreladas.

– Suponho – ela falou com Anne em tom confidencial – que James A. lhe contou nossa história; estou certa?

– Sim.

– Então, não preciso explicar mais nada, pois James A. é um homem justo e não deixaria de dizer a verdade. A culpa de tudo está longe de ter sido somente dele. Hoje, posso ver isso. Não havia se passado sequer uma hora que eu estava de volta à minha casa, quando desejei não ter sido tão precipitada. Porém, não quis me dar por vencida. Sei, agora, que esperei demais de um homem. E fui uma boba, ao me incomodar com sua linguagem. Não importa se um homem fala erradamente, contanto que seja generoso e não fique rondando a despensa para conferir quanto açúcar você gastou em uma semana, não é? Sinto que finalmente vamos ser felizes de verdade. E gostaria de saber quem é o “Observador”, para poder agradecer-lhe. Tenho uma grande dívida de gratidão com ele.

Anne achou melhor ficar em silêncio, e a senhora Harrison nunca soube que sua gratidão havia chegado aos ouvidos do destinatário. No fundo, a moça ficou bem impressionada com o alcance das consequências daquelas ingênuas “Notas de Avonlea”. Afinal, elas reconciliaram um homem com sua esposa e fizeram a boa reputação de um profeta.

A senhora Lynde estava na cozinha com Marilla. Tinha acabado de lhe contar toda a história.

– Bem, o que achou da senhora Harrison? – perguntou a Anne.

– Gostei muito dela. Penso que é uma pequena mulher muito adorável.

– Isso é exatamente o que Emily é – a senhora Rachel concordou enfaticamente. – E, como eu estava dizendo agora mesmo a Marilla, acho que devemos todos relevar as peculiaridades do senhor Harrison, em consideração a ela, e fazer o que estiver a nosso alcance para que Emily se sinta em casa em Avonlea; essa é a verdade. Bem, preciso ir. Certamente, Thomas está sentindo minha falta. Desde que Eliza chegou, tenho saído um pouco mais, e ele parece estar bem melhor nesses últimos dias, mas, mesmo assim, não gosto de ficar muito tempo longe de Thomas. Ouvi dizer que Gilbert Blythe renunciou ao cargo na escola de White Sands. Parece que vai frequentar a faculdade a partir do outono.

A senhora Lynde olhou imediatamente para Anne, mas a moça estava inclinada sobre um Davy sonolento, deitado no sofá, e, conseqüentemente, nada pôde ser lido em seu rosto. Ela pegou o menino no colo e o levou para o quarto, apoiando sua bochecha na pequena cabeça com muitos cachos louros. Enquanto subiam a escada, Davy passou um braço cansado ao redor do pescoço de Anne e lhe deu um abraço caloroso e um beijo molhado.

– Você é incrivelmente adorável, Anne. Sabe, Milty Boulter escreveu uma coisa em sua lousa, hoje, e mostrou para Jennie Sloane. Era assim:

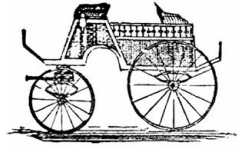
Rosas são vermelhas, violetas, azuis.

Doce é o mel das abelhas,

e assim também é você.

Em seguida, olhou carinhosamente para ela e acrescentou:

– Isso expressa exatamente os meus sentimentos por você, Anne.





Thomas Lynde deixou a vida tão silenciosa e discretamente quanto havia passado por ela. Enquanto esteve doente, sua esposa foi uma enfermeira afetuosa, paciente e dedicada. Algumas vezes, Rachel tinha sido um pouco dura com o marido – enquanto ele ainda era saudável –, nas ocasiões em que a lerdeza ou a docilidade dele a provocavam. Entretanto, depois que Thomas adoeceu, nenhuma voz poderia ser mais suave; mão nenhuma, mais gentil e habilidosa; nenhuma vigília, mais incansável.

– Você tem sido uma esposa muito boa para mim, Rachel – ele declarou humildemente, um dia, durante o crepúsculo, quando ela estava sentada a seu lado, segurando, com a mão calejada pelo trabalho, a mão magra, pálida e enrugada do marido. – Uma esposa muito boa... Sinto não deixá-la em melhores condições, mas nossos filhos vão cuidar de você. São todos inteligentes e capazes, exatamente como a mãe deles... uma ótima mãe... uma ótima mulher...

Logo depois disso, ele adormeceu. Na manhã seguinte, quando o sol estava começando a iluminar os abetos pontiagudos no vale, Marilla foi lentamente até o sótão do leste e acordou Anne.

– Anne, Thomas Lynde se foi... O rapaz que trabalha para eles acabou de me avisar. Estou descendo imediatamente para a casa de Rachel.

Um dia após o funeral de Thomas Lynde, Marilla andou para lá e para cá, em Green Gables, com um ar estranhamente preocupado. Ocasionalmente, olhava para Anne, como se estivesse prestes a dizer alguma coisa; então, balançava a cabeça e permanecia em silêncio. Depois do chá, ela foi visitar a senhora Rachel e, quando voltou, subiu ao sótão do leste, onde Anne corrigia exercícios de seus alunos.

– Como está a senhora Lynde hoje? – a moça perguntou.

– Mais calma e mais conformada – Marilla respondeu, sentando-se na cama de Anne, uma atitude que indicava alguma inquietação mental incomum, pois, de acordo com seu código de ética doméstico, sentar-se sobre uma cama que já foi arrumada era uma falta imperdoável. –

Contudo, está muito sozinha. Eliza teve de voltar para casa hoje... Seu filho não está bem, e ela sentiu que não poderia mais ficar aqui, em Avonlea.

– Quando eu acabar de avaliar estes exercícios, vou descer e conversar um pouco com ela – Anne falou. – Pretendia estudar latim um pouco, mas isso pode esperar.

– Suponho que Gilbert Blythe esteja indo para a faculdade no outono – Marilla falou bruscamente. – Você não gostaria de ir também, Anne?

A moça levantou a cabeça e olhou, perplexa, para Marilla.

– Claro que sim, Marilla, mas isso é impossível.

– Pois acho que pode se tornar possível, sim. Sempre pensei que deveria ir. Nunca me senti confortável com a ideia de você desistir de seus sonhos por minha causa.

– Ora, Marilla, nunca me arrependi, nem por um momento, de ter ficado em casa. Tenho sido tão feliz... Oh, esses dois últimos anos foram simplesmente maravilhosos!

– Sim, sei que você está suficientemente feliz. Mas não é só essa a questão. Você deve continuar seus estudos. O que já economizou, até hoje, dá para financiar um ano em Redmond; e o dinheiro que os animais renderam paga mais um ano seu na faculdade... Além disso, existem as bolsas de estudo e outras coisas desse tipo, que você pode ganhar.

– É verdade, Marilla, mas não devo ir. Seus olhos estão melhores, claro, mas não posso deixá-la sozinha com os gêmeos. Eles ainda precisam de cuidados e muita atenção.

– Não vou estar sozinha com eles. Era exatamente sobre isso que eu queria falar com você. Tive uma longa conversa com Rachel, hoje. Anne, ela está se sentindo terrivelmente angustiada a respeito de muitas coisas. Primeiro, não ficou muito bem financeiramente. Parece que eles hipotecaram a fazenda, há oito anos, para dar ao filho mais jovem a oportunidade de se estabelecer no oeste; e, desde então, só conseguiram pagar um pouco a mais do que os juros. Além disso, é lógico que a doença de Thomas, de uma forma ou de outra, custou uma pequena fortuna. A fazenda vai ter de ser vendida, e Rachel calcula que dificilmente sobrarão algum dinheiro, depois que todas as contas forem pagas. Ela concluiu que vai ter de ir morar com Eliza. Porém, cada vez que pensa que vai embora de Avonlea, sente seu coração se despedaçar. Uma mulher, na idade dela, não faz novas amizades, nem muda de interesses facilmente. Bem, Anne, enquanto Rachel me dizia essas coisas, um pensamento veio à minha mente: e se eu a convidasse para vir morar comigo? Contudo, achei que deveria conversar com você, antes de propor qualquer coisa a ela. Se eu tivesse Rachel aqui comigo, você poderia cursar a faculdade. Como se sente em relação a isso?

– Eu me sinto... como se... alguém... tivesse acabado de me entregar... a lua... e eu não soubesse... ao certo... o que fazer... com ela – Anne gaguejou, atordoada. – Porém, quanto a convidar a senhora Lynde para morar em Green Gables, Marilla, eu não devo opinar. A senhora acha... a senhora tem certeza... de que gostaria disso? A senhora Lynde é uma boa pessoa, e uma vizinha gentil, mas... mas...

– Mas tem seus defeitos, não é o que quer dizer? Sim, é lógico que tem; entretanto, acho que prefiro tolerar defeitos até piores, do que ver Rachel ir embora de Avonlea. Sei que eu sentiria uma falta terrível dela. É a única amiga íntima que tenho aqui, e ficaria desorientada sem ela. Somos vizinhas há 45 anos, e nunca tivemos uma briga sequer – apesar de termos chegado perto disso, naquele dia em que você a enfrentou ferozmente, porque ela a chamou de desengonçada e disse que seu cabelo era vermelho como uma cenoura; lembra-se disso, Anne?

– Sim, lembro-me – Anne falou pesarosamente. – Ninguém esquece coisas como essa. Como odiei a pobre senhora Rachel naquele momento!

– E, depois, houve aquele seu “pedido de desculpas” a ela... Misericórdia, você era uma criança realmente difícil de controlar! Só eu sei o quanto me sentia confusa e desorientada quanto ao modo de educá-la! Matthew a entendia melhor.

– Matthew entendia tudo – Anne afirmou docemente, do jeito que sempre se referia a Matthew.

– Bem, creio que poderíamos organizar tudo, de forma que Rachel e eu não tivéssemos absolutamente nenhum conflito. Sempre me pareceu que o motivo pelo qual duas mulheres não conseguem viver em harmonia, na mesma casa, é o fato de compartilharem *a mesma* cozinha; é por isso que acabam se desentendendo. Agora, se Rachel viesse morar aqui, ela dormiria no sótão do norte, e poderíamos, sem problemas, transformar o quarto de hóspedes em uma cozinha para ela. Afinal, realmente não temos nenhuma utilidade para um quarto de hóspedes, não acha? Ela colocaria lá o seu fogão, e traria a mobília que quisesse manter, depois de vender sua casa. Assim, Rachel poderia se sentir confortável e independente. E, claro, teria dinheiro suficiente para se sustentar; suponho que os filhos garantiriam isso. Desse modo, eu estaria lhe oferecendo apenas um lugar para morar. Sim, Anne, por todos esses motivos, eu gostaria que ela viesse.

– Então, convide a senhora Rachel, Marilla – Anne falou prontamente. – Eu mesma me sentiria muito triste, ao vê-la ir embora de Avonlea.

– E, se ela aceitar – Marilla continuou –, você vai poder cursar a faculdade. Ela pode me fazer companhia e ajudar a cuidar dos gêmeos. Portanto, não há razão, no mundo, para você não ir.

Naquela noite, Anne fez uma longa reflexão diante de sua janela. Felicidade e remorso lutavam em seu coração. Havia chegado, por fim – súbita e inesperadamente – à curva na estrada; e a faculdade estava do outro lado, com uma centena de esperanças e sonhos coloridos. Entretanto, Anne sabia também que, quando fizesse aquela curva, teria de deixar para trás muitas coisas queridas: todos os pequenos e simples deveres e interesses, aos quais havia se apegado tanto nos últimos dois anos, e que haviam engrandecido, com beleza e prazer, pelo entusiasmo que depositara neles. Teria de abrir mão da escola, com todos aqueles alunos que tanto amava, inclusive os mais travessos ou malcriados. O mero pensamento em Paul Irving a fez questionar se Redmond College era mesmo uma aspiração tão importante.

– Criei uma grande quantidade de pequenas raízes durante esses dois anos – Anne disse para a lua –, e, quando elas forem arrancadas, vai doer muito. Porém, acho que é melhor eu ir; afinal, como Marilla falou, não há razão para não ir. Preciso despertar novamente todas as minhas ambições e revigorá-las.

Na manhã seguinte, Anne enviou sua carta de demissão aos administradores da escola, e a senhora Rachel, após uma conversa franca com Marilla, aceitou, com gratidão, o convite para morar em Green Gables. Contudo, optou por permanecer em sua própria casa, durante o verão, porque a fazenda não seria vendida até o outono, e havia muitas providências a serem tomadas.

– Na verdade, nunca pensei em morar em uma casa longe da estrada, como é Green Gables – sussurrou a senhora Rachel, para si mesma, com um suspiro. – Mas, pensando bem, aquela casa não parece mais tão distante do resto do mundo quanto costumava parecer... Anne fez muitas amizades, e os gêmeos realmente animam o lugar. De qualquer modo, prefiro viver no fundo de um poço a deixar Avonlea.

Tendo a notícia sobre essas duas decisões se espalhado rapidamente pelo povoado, a chegada da senhora Harrison perdeu seu destaque nos mexericos populares. Mentes sábias ficaram abaladas com o passo precipitado de Marilla Cuthbert, ao convidar a Rachel para morar com ela, e as pessoas comentavam que as duas mulheres não iam se dar bem uma com a outra; que ambas



era “orgulhosas demais de seu próprio jeito de ser”. Várias previsões tristes foram feitas, mas nenhuma delas perturbou, em absoluto, as partes em questão, pois Marilla e Rachel já haviam chegado a um entendimento, claro e justo, a respeito de seus respectivos deveres e direitos em seu novo acordo, e pretendiam cumpri-los à risca.

– Não vou me intrometer em sua vida, nem você na minha – a senhora Lynde havia dito, com determinação. – E, quanto aos gêmeos, vou ficar contente em fazer tudo o que puder por eles. No entanto, não me comprometo a responder às perguntas de Davy. Não sou uma enciclopédia, essa é a verdade. Nesse aspecto, você vai sentir muita falta de Anne.

– Às vezes, as respostas de Anne são tão esquisitas quanto as perguntas dele – Marilla falou secamente. – Não tenho dúvida de que os gêmeos vão ter muitas saudades dela. Contudo, o futuro de Anne não pode ser sacrificado, por causa da sede de informações do garoto. Quando ele fizer perguntas que eu não souber responder, vou dizer que crianças devem ser apenas vistas, e não ouvidas. Foi assim que fui criada, e, se quer saber, é um método tão bom quanto essas teorias modernas a respeito da educação de crianças.

– Bem, os métodos de Anne parecem ter funcionado bastante bem com Davy – a senhora Lynde comentou, sorrindo. – O caráter dele melhorou notavelmente, essa é a verdade.

– Ele é um menino bom – Marilla reconheceu. – Rachel, nunca imaginei que eu iria gostar tanto daquelas crianças! Davy tem um jeito especial de nos conquistar... e Dora é uma criança adorável, embora seja... um pouco... bem, um pouco...

– Monótona? – a senhora Rachel sugeriu. – Exatamente. Como um livro em que todas as páginas são iguais. Essa é a verdade. Dora vai ser uma mulher bondosa e confiável, mas nunca vai fazer algo extraordinário, ou se tornar alguém importante. No entanto, é agradável conviver com indivíduos como ela, mesmo que não sejam tão interessantes quanto os do outro tipo.

É provável que Gilbert Blythe tenha sido a única pessoa para quem a notícia da renúncia de Anne causou pura alegria. Os alunos da moça consideraram aquilo uma catástrofe enorme. Annetta Bell estava histérica quando voltou para casa. Anthony Pye lutou duas vezes com outros meninos, sem ter sido provocado por eles, mas porque precisava dar vazão a seus sentimentos. Barbara Shaw chorou a noite toda. Paul Irving comunicou à avó, em tom desafiador, que ela não deveria esperar que ele comesse mingau por, pelo menos, uma semana.

– Não consigo, vovó – ele disse. – Nem sei se posso comer *qualquer outra coisa*. Sinto como se tivesse um nó horrível em minha garganta. Eu quis chorar na volta da escola, mas Jake Donnell estava me observando. Acho que vou fazer isso, quando já estiver na cama. Não daria para perceber em meus olhos, amanhã, daria? E pode ser um grande alívio. Mas, realmente, não consigo comer mingau. Vou precisar de toda a minha força mental para suportar isso, vovó, e não vai me restar mais nenhuma para lidar com o mingau. Oh, vovó, não sei o que farei quando minha linda professora for embora! Miltie Boulter aposta que Jane Andrews vai ficar no lugar dela. Suponho que a senhorita Andrews seja muito boa e gentil, mas sei que ela não vai entender as coisas como a senhorita Shirley.

Diana também teve uma visão bastante pessimista do fato.

– Tudo vai ficar terrivelmente solitário aqui, no próximo inverno – lamentou, durante um crepúsculo, enquanto a lua lançava raios prateados entre os galhos da cerejeira, enchendo o sótão do leste com um brilho suave como o dos sonhos, e as duas meninas conversavam.

Anne estava sentada em sua cadeira de balanço baixa, perto da janela, e Diana, na cama, com as pernas cruzadas.

– Você e Gilbert vão ter partido, e o senhor e a senhora Allan também – Diana prosseguiu. –

Fiquei sabendo que o senhor Allan vai ser convidado para assumir a paróquia de Charlottetown e vai aceitar, claro. É triste, pois vamos ficar sem pastor durante todo o inverno, suponho, e ter de ouvir uma longa fila de candidatos... E, como você pode imaginar, Anne, quase nenhum deles vai ser bom.

– Espero que, pelo menos, não convidem o senhor Baxter, de East Grafton, para dirigir a igreja de Avonlea – disse Anne, receosa. – Ele quer vir, mas faz sermões tão sombrios! O senhor Bell afirma que isso é porque o senhor Baxter é um pastor da velha escola, mas a senhora Lynde acha que o problema dele é apenas indigestão. Sua esposa não é uma boa cozinheira, ao que parece, e a senhora Rachel diz que quando um homem é obrigado a comer pão azedo durante duas semanas em cada três, sua teologia está fadada a sofrer alguma consequência. A senhora Allan está desolada, por ter de ir embora. Ela falou que todos têm sido tão bondosos e amáveis com ela, desde que chegou aqui, recém-casada, que sente como se estivesse deixando para trás amigos de uma vida inteira. Além disso, há o túmulo do bebê, não é? Ela não sabe como vai conseguir partir e deixá-lo aqui. Era uma criatura tão pequenina... só três meses de vida... A senhora Allan teme que ele sinta falta da mãe, embora ela entenda que não pode comentar isso com o marido, por nada neste mundo. E me contou que quase todas as noites tem atravessado furtivamente o bosque de bétulas, atrás da casa paroquial, e ido ao cemitério cantar uma pequena canção de ninar para o bebê. Ela me revelou tudo isso ontem, no fim da tarde, quando eu estava depositando algumas daquelas rosas silvestres, que floresceram antes do tempo, no túmulo de Matthew. Então, prometi à senhora Allan que, enquanto eu estivesse em Avonlea, colocaria flores na sepultura do bebê, e que, se eu não estivesse aqui, estava certa de que...

– ...de que *eu* faria isso – Diana completou a frase afetuosamente. – Claro que sim; e vou colocá-las no túmulo de Matthew também, por você, Anne.

– Oh, obrigada, eu queria mesmo lhe pedir isso. Poderia pôr na sepultura da pequena Hester Gray também? Por favor, não se esqueça dela! Sabe, tenho pensado tanto e sonhado tantas vezes com ela, que parece que Hester Gray se tornou estranhamente real para mim. Penso nessa moça, lá atrás, em seu pequeno jardim, naquele canto verde, fresco e tranquilo; e imagino que, se eu pudesse voltar no tempo até um daqueles finais de tarde de primavera, exatamente no momento mágico entre a luz e a escuridão, e subir a colina de faias suavemente, na ponta dos pés para não assustá-la, encontraria o jardim exatamente como ele costumava ser: perfumado pelos lírios de junho e pelas rosas silvestres, com a pequena casa ao fundo, coberta de videiras. E a pequena Hester Gray também estaria lá, com seu olhar doce e a brisa agitando levemente seu cabelo escuro; ela vagaria por ali, colocando as pontas dos dedos sob os lírios e sussurrando segredos para as rosas. Então, eu me aproximaria mansamente, estenderia minhas mãos e diria: “Oh, pequena Hester Gray, posso brincar com você? Eu também amo as rosas”. Em seguida, nós sentaríamos no velho banco; então, conversaríamos e sonharíamos um pouco, ou simplesmente ficaríamos em silêncio e em paz. Depois, a lua nasceria no horizonte, eu olharia ao redor... e não haveria nem Hester Gray, nem casa pequena com videiras, nem nada de rosas, apenas um jardim velho e abandonado, salpicado de lírios de junho entre a relva, e o vento suspirando melancolicamente nas cerejeiras. Naquele momento, Diana, eu não saberia se tudo havia sido real ou apenas fruto de minha imaginação.

Diana se arrastou pela cama e apoiou as costas na cabeceira: sabia que, quando sua companheira de conversas ao crepúsculo dizia coisas tão assustadoras, era melhor ter certeza de que não havia nada atrás de si.

– Receio que a Sociedade para Melhorias vá perder força, quando você e Gilbert tiverem ido

embora – ela comentou, pesarosa.

– Não tenho nem um pouco de medo disso – Anne retrucou rapidamente, voltando da terra dos sonhos para os assuntos da vida prática. – A Sociedade está firmemente estabelecida; não vai se abalar com isso, principalmente porque as pessoas mais velhas estão ficando cada vez mais entusiasmadas com ela. Veja o que estão fazendo, neste verão, por seus gramados e alamedas... Além disso, quando estiver no Redmond, vou procurar novas informações sobre organizações como a nossa, escrever um artigo relatando tudo o que descobrir e enviá-lo para vocês, no próximo inverno. Não tenha uma visão tão negativa das coisas, Diana! E, eu lhe peço, não estrague meus momentos de alegria e entusiasmo, ainda. Mais tarde, quando eu tiver de me mudar, vou sentir tudo, exceto ânimo e satisfação.

– Anne, você está certa em ficar feliz... Afinal, vai cursar uma faculdade, passar por muitas experiências incríveis, fazer montes de amizades novas e adoráveis.

– Sim, espero fazer novos amigos – Anne falou, pensativa. – A possibilidade de fazer novas amizades ajuda a tornar a vida ainda mais fascinante. Mas não importa quantos amigos novos eu tenha, eles nunca vão ser tão queridos para mim quanto os antigos... especialmente uma garota de olhos pretos e covinhas. Você consegue adivinhar quem é ela, Diana?

– Oh, mas você vai encontrar tantas meninas inteligentes no Redmond... – Diana suspirou. – E eu sou apenas uma garota boba do campo que, de vez em quando, ainda diz “vi ela” – apesar de saber falar corretamente, quando paro para pensar. Bem, é lógico que esses dois últimos anos foram bons demais para não terem um fim. E, de qualquer modo, sei de *alguém* que está contente porque você vai para o Redmond. Anne, vou lhe fazer uma pergunta... uma pergunta séria. Não fique irritada e responda francamente. Você tem algum sentimento especial por Gilbert?

– Sim, muito; porém, como amigo, e nem um pouco do jeito que você está pensando... – Anne respondeu, calma e segura; ela pensava, de verdade, que estava sendo sincera.

Diana suspirou. Desejava, no fundo, que a amiga tivesse dito outra coisa.

– *Nunca* vai querer se casar, Anne?

– Talvez... algum dia... quando eu encontrar o marido certo – a amiga falou, sorrindo sonhadoramente para a lua.

– E como vai ter certeza de que encontrou a pessoa certa? – Diana insistiu.

– Oh, vou saber... *algo* vai me dizer. Você conhece meu ideal de marido, Diana.

– Entretanto, os ideais das pessoas mudam, às vezes.

– O meu, não. E eu *não poderia* me apaixonar por nenhum homem que não correspondesse a ele.

– E se nunca o encontrar?

– Então, vou ser uma velha solteirona até morrer – foram as palavras dóceis e resignadas de Anne. – E eu ousaria dizer que essa não é, de forma alguma, a morte mais triste.

– Oh, para mim, a morte não seria o problema; é da vida como uma velha solteirona que eu não gostaria... – Diana retrucou, sem nenhuma intenção de ser engraçada –, embora eu não me importasse *tanto*, talvez, se eu pudesse ser como a senhorita Lavendar. Porém, eu nunca poderia ser. Afinal, quando eu tiver 45 anos, vou estar horivelmente gorda; e, se pode haver algo encantador em uma velha solteirona magra, isso é impossível em uma muito rechonchuda. Oh, você já soube que Nelson Atkins pediu Ruby Gillis em casamento, três semanas atrás? Ruby me contou tudo sobre isso. Disse que nunca teve nenhuma intenção de se casar com ele, já que qualquer uma que fizer isso vai ter de morar com os pais de Nelson. Contudo, ele fez um pedido tão perfeitamente bonito e romântico que conquistou seu coração. Mesmo assim, ela não quis

agir precipitadamente e, por isso, pediu uma semana para pensar. Ora, dois dias depois, durante uma reunião do Clube de Costura na casa da mãe dele, Ruby viu um livro sobre a mesa da sala chamado *Guia completo de etiqueta*. Ela me disse que simplesmente não saberia descrever o que sentiu quando, folheando o livro, encontrou um capítulo cujo título era “A conduta no namoro e no casamento”: você acredita que, ali, havia um pedido idêntico, palavra por palavra, ao que Nelson lhe tinha feito?! Então, ela voltou imediatamente para casa e escreveu uma resposta negativa perfeitamente severa e impiedosa. Desde então, os pais de Nelson têm se revezado para tomar conta dele, por receio de que o rapaz se afogue propositalmente no rio. Entretanto, Ruby disse que eles não precisam se preocupar com isso, pois “A conduta no namoro e no casamento” fala também sobre como um apaixonado que teve seu pedido de casamento rejeitado deve agir; e não há *nada* a respeito de mortes por afogamento. Bem, ela afirmou, ainda, que Wilbur Blair está literalmente definhando por sua causa, mas que, infelizmente, não pode fazer nada quanto a isso.

Anne fez um gesto de impaciência.

– Odeio dizer isto, mas... parece tão desleal! Mas... bem... atualmente, não gosto de Ruby Gillis. Eu tinha estima e consideração por ela durante o período em que frequentamos a escola e a Queen’s Academy juntas, embora não fossem sentimentos nem parecidos com os que eu tinha por você e Jane, obviamente. Porém, neste último ano, em Carmody, ela ficou tão diferente... tão... tão...

– Eu sei – Diana acenou afirmativamente com a cabeça. – É genético, Anne... Ruby não pode evitar que as características dos Gillis aflorem nela, mais cedo ou mais tarde. A senhora Lynde costuma dizer que se, algum dia, uma garota Gillis pensou em algo que não fosse ligado a rapazes, ela nunca demonstrou isso, nem em conversas, nem em atitudes. Ela só fala sobre os garotos, os elogios que eles lhe fazem, e como todos os de Carmody são loucos por ela. E o mais estranho nisso tudo é que eles *realmente* são doidos por ela – Diana admitiu, com algum ressentimento. – Ontem à noite, quando nos encontramos na loja do senhor Blair, ela sussurrou para mim que tinha conquistado um novo “admirador”. No mesmo instante, decidi não indagar quem era, pois sabia que ela estava *morrendo de vontade* de ouvir essa pergunta. Ora, acho que isso é o que Ruby sempre desejou. Você sabe, Anne: desde pequena, ela sempre declarava que queria ter dúzias de pretendentes quando crescesse, e que iria se divertir o máximo que pudesse antes de constituir uma família. Ela é tão diferente de Jane, não é? Jane é uma garota tão bondosa, sensata e bem-educada!

– Nossa querida Jane é uma joia – Anne concordou –, mas a verdade é que, afinal, não existe ninguém como minha adorada Diana – acrescentou, inclinando-se para a frente, a fim de dar um tapinha carinhoso na mão pequena e roliça que repousava sobre o travesseiro.

Você se lembra daquele fim de tarde, quando nos conhecemos, Diana, e juramos, em seu jardim, que seríamos “amigas para sempre”? Bem, acho que cumprimos aquela “promessa solene”... Nunca tivemos uma briga, nem mesmo um desentendimento... Jamais vou me esquecer da emoção que tomou conta de mim, no dia em que você disse que me amava. Durante toda a minha infância, meu coração foi tão solitário e carente de amor e atenção! Sabe, estou começando a me dar conta de quanto ele era só e carente... Ninguém se importava nem um pouco comigo, nem queria se incomodar com minha existência. Eu teria sido verdadeiramente infeliz se não fosse por aquela minha simples e peculiar vida de sonhos, na qual imaginei todos os amigos que desejava possuir e todo o amor que ansiava receber. Porém, quando cheguei a Green Gables, tudo mudou. E, logo depois, eu conheci você. Oh, Diana, você não sabe o que sua amizade

significou para mim. Quero agradecer, aqui e agora, querida, pelo afeto caloroso e verdadeiro que você sempre me dedicou.

– E sempre vou dedicar... eternamente – Diana se emocionou. – *Nunca* vou amar ninguém... nenhuma *garota*... nem a metade do tanto que amo você. E se, algum dia, eu me casar e tiver uma menininha, ela vai se chamar *Anne*.





— **A** onde você vai, assim, tão chique, Anne? – Davy quis saber. – Você está escandalosa nesse vestido.

Anne tinha descido para almoçar usando um vestido novo de musselina verde-água, a primeira cor clara que ela usava desde a morte de Matthew. O vestido combinou perfeitamente com ela, realçando os delicados tons florais de seu rosto e o brilho sedoso de seus cabelos.

– Davy, quantas vezes eu já lhe disse para não usar essa palavra? – ela repreendeu o garoto. – Vou a Echo Lodge.

– Por favor, me leve com você! – Davy suplicou.

– Eu levaria, se fosse de charrete, mas vou a pé, e é longe demais para suas perninhas de 8 anos de idade. Além disso, Paul vai comigo, e receio que você não se divirta na companhia dele.

– Oh, gosto de Paul muito mais do que antes – disse Davy, começando a fazer desenhos assustadores com a colher em seu prato de comida. – Desde que *eu* me tornei um menino bom, não me importo mais, como antes, por ele ser melhor. Se eu continuar assim, um dia ainda vou ficar igual a Paul... tanto nas pernas como na bondade. E posso dizer, também, que ele é muito gentil comigo e com os outros meninos do segundo ano. Paul não deixa os meninos maiores nos incomodarem, e nos ensina vários jogos.

– Por que ele caiu no riacho ontem, ao meio-dia? – Anne perguntou. – Encontrei com Paul, no pátio, e o garoto estava tão ensopado que mandei que fosse imediatamente para casa e trocasse de roupa; nem perguntei o que havia acontecido.

– Bem, em parte, foi um acidente – Davy explicou. – Ele pôs a cabeça na água, de propósito, mas o resto do corpo caiu sem querer. A gente estava na margem do riacho, todos os meninos e as meninas... De repente, Prillie Rogerson ficou furiosa com Paul por causa de alguma coisa. Ela é bonita, mas é terrivelmente maldosa e desagradável. Então, Prillie disse que a avó de Paul enrolava as mechas do cabelo dele em tiras de pano, todas as noites, para fazer cachos. Acho que ele nem teria se importado tanto com isso se Gracie Andrews não tivesse dado uma gargalhada; naquele momento, Paul ficou bastante vermelho, porque Gracie é a queridinha dele, você sabe disso, não é? Ele é louco por ela... sempre lhe dá flores e carrega os livros dela até a estrada da

praia. Anne, ele ficou vermelho como um tomate! Falou que a avó não fazia nada desse tipo, e que o cabelo dele era cacheado naturalmente. Em seguida, deitou na margem e enfiou a cabeça toda na água, para provar isso. Não, não foi na nascente onde sempre pegamos água para beber – Davy explicou, ao ver a expressão de horror no rosto de Marilla. – Foi naquela menor, mais abaixo. Só que a margem estava escorregadia demais e, por isso, Paul deslizou para dentro do riacho. Devo dizer que, quando ele caiu, fez um tchibum bem escandaloso... Oh, Anne, Anne, eu não quis dizer isso... saiu sem querer. Ele fez um tchibum esplêndido! E estava tão engraçado quando saiu da água, pingando e com o corpo cheio de lama, que as meninas riram mais do que nunca, com exceção de Gracie, que pareceu bem solidária. Eu gosto de Gracie... o único problema dela é o nariz arrebitado. Depois que eu crescer o suficiente para ter uma namorada, não vou escolher uma com nariz arrebitado. Vou querer uma com um nariz bonito como o seu, Anne.

– Um garoto que lambuza o rosto com calda enquanto come seu pudim nunca vai atrair a atenção de uma garota – Marilla falou severamente.

– Mas vou lavar meu rosto, antes de sair para flertar com ela – Davy protestou, esfregando a mão sobre o rosto para tentar limpá-lo. – E vou lavar atrás das orelhas também, sem que ninguém precise mandar. Eu me lembrei de fazer isso hoje de manhã, Marilla. Não esqueço mais com tanta frequência quanto antes. Mas – Davy suspirou – existem tantos cantinhos em uma pessoa, que fica difícil se lembrar de todos... Bem, se não posso visitar a senhorita Lavendar, vou ver a senhora Harrison, que é uma mulher incrivelmente bondosa, sabiam? Na despensa dela, sempre tem um pote de biscoitos para os meninos, e ela costuma me dar as raspas da panela em que preparou o recheio do bolo de ameixa. E eu encontro muitas ameixas grudadas nos lados. O senhor Harrison sempre foi um homem bom, mas ficou duas vezes mais gentil, desde que se casou novamente. Acho que casar torna as pessoas mais agradáveis. Por que a senhora não se casa, Marilla? Eu quero saber.

O fato de ser solteira nunca representou um incômodo doloroso para Marilla; portanto, ela respondeu amavelmente – trocando olhares significativos com Anne – que supunha que fosse porque ninguém queria se casar com ela.

– Talvez a senhora nunca tenha pedido ninguém em casamento – Davy sugeriu.

– Oh, Davy – Dora protestou educadamente, constrangida por opinar sem ninguém ter lhe dirigido a palavra –, são os homens que fazem o pedido.

– Não entendo por que eles é que têm de fazer isso sempre – resmungou o garoto. – Parece que, neste mundo, tudo tem que ser feito pelos homens. Posso comer mais pudim, Marilla?

– Você já comeu o suficiente para seu estômago – Marilla afirmou, mas lhe deu um segundo pedaço, porém menor que o primeiro.

– Eu queria que as pessoas pudessem viver de pudim. Por que não podem, Marilla? Eu quero saber.

– Porque elas logo enjoariam de pudim.

– Não sei... eu gostaria de experimentar – disse o cético Davy. – De qualquer jeito, é melhor ter pudim nos dias em que comemos peixe, e quando há visitas, do que não ter nunca. Na casa de Milty Boulter nunca tem pudim. Milty conta que, quando chega uma visita, a mãe dele serve só queijo, e ela mesma corta os pedaços... uma fatia pequena para cada pessoa, e uma a mais, por educação.

– Se Milty Boulter fala assim da própria mãe, é melhor você não repetir – Marilla o censurou severamente.

– Bendita seja a minha alma! – Davy havia aprendido essa expressão com o senhor Harrison e a usava com muito gosto. – Milty fala isso como um elogio. Ele tem um orgulho enorme da mãe, porque as pessoas dizem que ela seria capaz de ganhar a vida tendo apenas uma pedra.

– Acho... acho que aquelas galinhas irritantes estão no meu canteiro de amores-perfeitos de novo! – Marilla exclamou, levantou-se e saiu apressadamente.

As inocentes galinhas não estavam nem perto do canteiro de amores-perfeitos, e nem se pode dizer que Marilla sequer olhou para ele. Em vez disso, sentou-se na porta do celeiro e riu; riu até ficar envergonhada de si mesma.

Quando Anne e Paul chegaram à casa de pedra, naquela tarde, encontraram a senhorita Lavendar e Charlotta Quarta no jardim, capinando, arrancando ervas daninhas, podando e modelando arbustos com tanta dedicação que pareceu que suas vidas dependiam daquilo. A senhorita Lavendar, alegre e doce nos babados e rendas que tanto amava, largou a tesoura e correu animadamente para encontrar seus convidados, enquanto Charlotta Quarta sorria de felicidade.

– Seja bem-vinda, Anne! Imaginei que viria hoje. Você e a tarde se pertencem e, portanto, ela a trouxe. Coisas desse tipo certamente chegam juntas. Quantos problemas deixariam de existir, se as pessoas pelo menos soubessem disso. Contudo, elas não sabem... e, por isso, desperdiçam grande energia, movendo céus e terras para juntar coisas que não se pertencem. Olá, Paul! Oh, como você cresceu! Já deve estar uns dez centímetros mais alto do que quando estive aqui antes.

– Sim, como diz a senhora Lynde, comecei a crescer tão depressa quanto um pé de amaranto durante a noite – disse Paul, visivelmente satisfeito com o fato. – A vovó diz que finalmente o mingau está surtindo efeito. Talvez seja isso mesmo. Só Deus sabe! – Paul suspirou profundamente. – Comi o suficiente para fazer qualquer pessoa esticar. E realmente espero, agora que comecei, continuar assim, até ficar tão alto quanto papai. Sabe, senhorita Lavendar, ele mede 1,86 m!

Sim, a senhorita Lavendar sabia. O rubor em suas bochechas delicadas aumentou ligeiramente; ela pegou a mão de Paul, de um lado, e a de Anne, do outro, e andaram em silêncio até a casa de pedra.

– Hoje é um bom dia para escutarmos os ecos? – o garoto perguntou ansiosamente. No dia de sua primeira visita, ventava demais para que os ecos fossem ouvidos, e Paul ficou bastante desapontado.

– Sim, na verdade, o melhor tipo de dia – a senhorita Lavendar respondeu, despertando de seu devaneio. – Mas, antes, vamos comer alguma coisa. Suponho que vocês dois não tenham caminhado tanto pelo bosque sem ficar famintos; e Charlotta Quarta e eu podemos comer a qualquer hora do dia... nossos apetites são tão insaciáveis! Assim sendo, vamos fazer uma visita à despensa, agora mesmo. Felizmente, ela está cheia de coisas gostosas. Tive um pressentimento de que teríamos visitas hoje, e, por isso, Charlotta Quarta e eu preparamos várias guloseimas.

– Acho que a senhorita é uma daquelas pessoas que sempre têm delícias na despensa – Paul declarou. – A vovó é assim também; no entanto, ela não aprova lanches entre as refeições. Estou aqui me perguntando – ele acrescentou, pensativo – se devo merendar fora de casa, quando sei que ela não acha isso certo.

– Oh, penso que ela não desaprovava, se soubesse que, antes de lanchar, você fez uma longa caminhada. Isso faz uma grande diferença – afirmou a senhorita Lavendar, trocando olhares divertidos com Anne por cima dos cachos castanhos de Paul. – Creio que guloseimas são extremamente nocivas à saúde; é por isso que as comemos tão frequentemente em Echo Lodge.



Nós, Charlotta Quarta e eu, vivemos desafiando todas as leis conhecidas da boa dieta. Ingerimos todos os tipos de alimentos indigestos assim que nos lembramos deles, seja durante o dia ou à noite. E estamos tão bem quanto pés de louro belos e verdes. É verdade que temos a intenção de mudar esses hábitos: quando lemos um artigo advertindo contra uma comida de que gostamos, nós o recortamos e pregamos na parede da cozinha, para nos lembrarmos daquela informação. Entretanto, por algum motivo, sempre nos esquecemos – até depois de termos nos deleitado, nada mais, nada menos do que exatamente com aquilo. Até agora, nenhuma guloseima nos matou, embora Charlotta Quarta já seja conhecida por ter pesadelos depois de comermos torta de carne moída, rosquinhas fritas e bolo de frutas, antes de irmos para a cama, à noite.

– Vovó permite que eu tome um copo de leite e coma uma fatia de pão com manteiga, antes de ir para a cama; nos domingos, ela põe geleia no pão – Paul contou. – Sabe, sempre fico contente nos domingos à noite, por mais de uma razão. Domingo é um dia longo demais na estrada da praia. Vovó diz que, para ela, é muito curto, e que papai, quando era criança, nunca reclamou que os domingos eram cansativos. Acho que eles não pareceriam tão compridos se eu pudesse conversar com meus amigos de pedra, mas nunca faço isso aos domingos, porque, nesses dias especificamente, vovó não aprova. Então, eu penso bastante; porém, receio que meus pensamentos sejam todos voltados para o mundo material. Vovó fala que só devemos ter pensamentos religiosos aos domingos. Mas essa minha linda professora aqui me explicou que todo pensamento verdadeiramente bonito é religioso, não importa o assunto ou em que dia nós o temos. Porém, tenho certeza de que, para a vovó, só as lições da escola dominical e os sermões são pensamentos autenticamente religiosos. E, quando existe uma diferença de opinião entre minha avó e minha professora, eu não sei o que fazer.

Nesse instante, Paul pôs a mão no peito e dirigiu os olhos azuis, muito sérios, para o rosto solidário da senhorita Lavendar. Em seguida, continuou:

– Meu coração concorda com a professora. Entretanto, a senhorita sabe, a vovó criou o papai do jeito dela, e obteve um sucesso brilhante. Já minha professora ainda não criou ninguém, embora esteja ajudando a senhorita Marilla com Davy e Dora. No entanto, não vamos saber como os gêmeos vão ser enquanto não se tornarem adultos. Portanto, às vezes, sinto que pode ser mais seguro agir de acordo com as opiniões de vovó.

– Eu acho que seria – Anne concordou solenemente. – Na verdade, eu diria que, se sua avó e eu conversássemos sobre o que realmente queremos dizer com nossas maneiras diferentes de expressar nossas ideias, descobriríamos que nossas opiniões são bastante semelhantes. Você deve seguir o modo dela de expressá-las, pois é resultado da experiência. Vamos ter de esperar até ver como os gêmeos vão ser, no futuro, para sabermos se meu modo é igualmente bom.

Quando acabaram de comer, voltaram para o jardim, onde Paul, para sua admiração e deleite, conheceu e brincou com os ecos, enquanto Anne e a senhorita Lavendar conversavam, sentadas no banco de pedra sob o álamo prateado.

– Então, você vai embora de Avonlea no outono? – a senhorita Lavendar perguntou melancolicamente. – Eu deveria estar contente por você, Anne... Entretanto, estou terrível e egoisticamente triste. Vou sentir imensamente sua falta. Oh, às vezes, penso que não vale a pena fazer amigos. Eles simplesmente saem de sua vida, após algum tempo, e deixam uma dor que é pior do que o vazio que havia antes de chegarem.

– Isso parece algo que a senhorita Eliza Andrews provavelmente diria, mas nunca com palavras da senhorita Lavendar – Anne protestou. – Nada é pior do que o vazio... Além disso,

não vou sair de sua vida; existem coisas como cartas e férias. Minha querida, acho que a senhorita tem estado um pouco pálida e cansada.

– OH!... RUU!... RAA!... RUU!... – Paul gritava perto do muro de pedra, onde vinha fazendo barulhos, a maioria nem um pouco melodiosos quando produzidos, mas, no momento em que retornavam, todos eram maravilhosos, como se tivessem sido transformados em sons de ouro e prata pelas fadas alquimistas do rio.

A senhorita Lavendar fez um gesto impaciente com suas belas mãos.

– É, estou mesmo cansada de tudo, até dos ecos. Não há nada em minha vida, a não ser ecos: ecos de esperanças, alegrias e sonhos perdidos. Todos lindos, mas falsos. Oh Anne, é horrível, de minha parte, falar assim com você. O fato é que estou ficando velha, e isso não combina comigo. Sei que vou ficar assustadoramente excêntrica quando estiver com 60 anos. Mas talvez tudo que eu precise seja de um medicamento.

Nesse instante, Charlotta Quarta, que tinha desaparecido depois do lanche, voltou e anunciou que a área a nordeste do pasto do senhor John Kimball estava cheia de morangos precoces, muito vermelhos, e perguntou se a senhorita Shirley gostaria de ir com ela colher alguns.

– Morangos precoces para o chá! – exclamou a senhorita Lavendar. – Oh, não estou tão velha quanto pensei... e não preciso de nenhum remédio! Meninas, quando vocês voltarem com os morangos, vamos tomar o chá aqui fora, debaixo deste álamo prateado. Vou preparar tudo, inclusive creme caseiro fresco.

Anne e Charlotta Quarta dirigiram-se para o pasto dos fundos da fazenda do senhor Kimball, um lugar isolado e verde, onde o ar era suave como o veludo, perfumado como um canteiro de violetas e dourado como o âmbar.

– Oh, não é fresco e agradável aqui atrás? – Anne respirou profundamente. – Eu me sinto como se estivesse bebendo a luz do sol.

– Sim, madame, eu também. É exatamente assim que eu me sinto, madame – concordou Charlotta Quarta, que teria dito precisamente a mesma coisa se Anne tivesse comentado que se sentia como um pelicano silvestre.

Desde que Anne visitou Echo Lodge pela primeira vez, Charlotta Quarta sempre subia até seu pequeno quarto sobre a cozinha e tentava, diante do espelho, falar, olhar e se movimentar como Anne. Contudo, nunca pôde se elogiar por ter sido bem-sucedida nisso; mas “a prática leva à perfeição”, como Charlotta havia aprendido na escola, e ela esperava ingenuamente que, com o tempo, aprenderia a levantar o queixo daquela maneira graciosa, fazer os olhos brilharem tão esplendorosamente, andar como se fosse um galho sendo balançado pela brisa. Parecia tão fácil, quando observava Anne!

Charlotta Quarta admirava Anne com todo o seu coração. Na realidade, ela nem achava a moça assim tão bonita. A beleza de Diana Barry, com suas bochechas vermelhas e seu cabelo negro e cacheado, tinha muito mais a ver com o gosto de Charlotta do que os diferentes tons de cor-de-rosa pálido que se revezavam nas bochechas de Anne, ou a magia da cor cinzenta, que lembrava o luar, dos olhos da moça.

– Mesmo assim, eu preferiria me parecer com você do que ser bonita – ela disse a Anne, uma vez, com toda a sinceridade.

Anne riu, apreciando a parte boa e ignorando as palavras não tão agradáveis do comentário que tinha acabado de ouvir. Estava acostumada a escutar elogios mistos. A opinião pública nunca concordava em relação à aparência de Anne. As pessoas que tinham ouvido dizer que ela era bela ficavam decepcionadas, quando a conheciam. Por outro lado, quem esperava se deparar com uma

garota sem graça, quando a encontravam se perguntavam logo onde estavam os olhos dos que a haviam descrito dessa forma.

A própria Anne nunca acreditaria que possuía alguma beleza: sempre que se olhava no espelho, tudo o que via era um rosto pequeno e pálido, com sete sardas no nariz. Seu espelho nunca lhe revelou o jogo indescritível, e sempre variável, de sentimentos que apareciam e sumiam em suas feições, como em uma chama acesa, ou o encanto de sonhos e risadas que se alternavam em seus olhos grandes.

Embora não fosse bonita, em nenhum sentido estritamente definido da palavra, Anne possuía um charme enigmático e uma aparência única, que deixavam, naqueles que a observavam, uma agradável sensação de satisfação por ver sua juventude sendo suavemente cultivada, com todas as suas potencialidades indiscutivelmente nítidas. Aqueles que conheciam Anne sentiam melhor, embora sem perceber, que sua maior atração era a aura de possibilidades que a cercava, o poder do desenvolvimento futuro que existia nela. Anne parecia viver em uma atmosfera de coisas prestes a acontecer.

Enquanto colhiam os morangos, Charlotta Quarta confidenciou a Anne seus temores em relação à senhorita Lavendar. A pequena e afetuosa criada estava sinceramente preocupada com a situação de sua adorada patroa.

– A senhorita Lavendar não está bem, madame senhorita Shirley. Ela não reclama, mas sei disso. Faz algum tempo já que ela não parece mais ela mesma, madame, desde aquele dia em que a senhorita e Paul vieram aqui juntos. Tenho certeza de que ela pegou um resfriado naquela noite, madame. Depois que a senhorita e o menino foram embora, ela saiu e caminhou no jardim por muito tempo. Já tinha escurecido, e ela continuou lá, sem se proteger com nada, além de um pequeno xale. Havia muita neve por todos os lados, e ela só pode ter ficado gripada, madame senhorita Shirley. Desde então, ela parece cansada e triste. Parece que não se interessa mais por nada. Não finge mais que vai receber visitas, nem se arruma mais para isso... nada, madame! É só quando a senhorita vem que ela se anima um pouco. E o pior sinal de todos, madame senhorita Shirley – Charlotta abaixou a voz, como se estivesse prestes a revelar um sintoma excessivamente estranho e terrível –, é que, agora, ela não fica mais brava quando quebro coisas. Ora, senhorita Shirley, ontem quebrei um vaso amarelo e verde que ficava na estante. A avó dela trouxe o vaso da Inglaterra, e a senhorita Lavendar adorava aquela vasilha. Eu estava espanando tudo, com o mesmo cuidado de sempre, madame, mas o vaso escorregou e, antes que eu pudesse pegá-lo, se desmanchou em quarenta milhões de pedaços. Vou lhe dizer, madame senhorita Shirley, que lamentei muito e fiquei apavorada. Pensei que a senhorita Lavendar ficaria furiosa e me xingaria horivelmente. E eu acharia melhor, madame, se tivesse sido assim. Mas não foi: ela entrou na sala, mal olhou para os cacos e disse: “Não tem problema, Charlotta. Recolha todos os pedaços e jogue fora”. Desse jeito, senhorita Shirley: “Recolha todos os pedaços e jogue fora”, como se não fosse um vaso que a avó dela tinha trazido da Inglaterra. Oh, ela não está bem, madame, e me sinto muito mal com isso. A senhorita Lavendar não tem ninguém para cuidar dela... só eu.

Os olhos de Charlotta Quarta se encheram de lágrimas. Anne deu um tapinha solidário na pequena mão morena e trêmula que segurava uma bacia cor-de-rosa, trincada, e disse:

– Acho que a senhorita Lavendar precisa de uma mudança, Charlotta. Ela passa muito tempo sozinha aqui. Será que podemos convencê-la a fazer uma pequena viagem?

Charlotta balançou a cabeça – com seus enormes laços de fita – desconsoladamente.

– Não creio, madame senhorita Shirley. Ela odeia sair de casa. A senhorita Lavendar só tem

três parentes, que ela visita de vez em quando, e afirma que só faz isso por uma obrigação familiar. Da última vez em que foi, voltou dizendo que não desejava mais fazer nenhuma visita por obrigação. Falou bem assim: “Voltei para casa apaixonada pela solidão, Charlotta. Nunca mais quero me distanciar de minhas árvores. Meus parentes se esforçam para que eu me sinta uma velha, e isso me faz muito mal”. Assim mesmo, madame! Então, penso que não seria nada bom convencer a senhorita Lavendar a passar uns dias com eles.

– Precisamos descobrir o que pode ser feito por ela – Anne falou, determinada, enquanto colocava o último morango na bacia cor-de-rosa em que já não cabia mais nada. – Logo que eu tiver férias, vou passar uma semana inteira aqui com vocês. Vamos fazer um piquenique todo dia, fingir todas as coisas mais interessantes que existem e ver se, dessa forma, conseguimos animar e alegrar a senhorita Lavendar.

– Isso vai ser maravilhoso, madame senhorita Shirley! – a criada exclamou, em êxtase.

Charlotta Quarta ficou contente pela patroa e, também, por si mesma; afinal, com uma semana inteira para estudar Anne constantemente, não havia dúvidas de que poderia aprender a se comportar e se movimentar como a “madame senhorita Shirley”.

Quando as duas voltaram para Echo Lodge, descobriram que a senhorita Lavendar e Paul tinham levado para o jardim a mesa quadrada da cozinha e deixado tudo pronto para o chá. Nada, nunca, tinha sido tão delicioso quanto aqueles morangos com creme, saboreados sob um vasto céu azul salpicado de pequenas nuvens brancas e fofas e à sombra longa do bosque, com seus sussurros e murmúrios.

Após o chá, Anne ajudou Charlotta a lavar a louça na cozinha, enquanto a senhorita Lavendar, sentada com Paul no banco de pedra, ouvia tudo sobre os amigos de pedra do garoto. A doce mulher era uma boa ouvinte, mas, passado algum tempo, Paul percebeu que ela havia perdido subitamente o interesse nos Marinheiros Gêmeos.

– Senhorita, por que está me olhando desse jeito? – ele indagou, sério.

– Como estou olhando para você, Paul?

– Como se visse em mim uma outra pessoa, da qual eu a fiz se lembrar – respondeu Paul, que tinha essas misteriosas percepções ocasionais, o que provava que não era seguro ter segredos quando ele estava perto.

– Realmente, você me faz lembrar de alguém que conheci há muito tempo – ela respondeu sonhadoramente.

– Quando a senhorita era jovem?

– Sim, quando eu era jovem. Você acha que pareço muito velha, Paul?

– Sabe, não consigo chegar a uma conclusão sobre isso – Paul falou, em tom confidencial. – Seu cabelo parece velho... nunca conheci ninguém jovem que tivesse cabelo branco. Mas, quando a senhorita ri, seus olhos são tão joviais quanto os de minha professora. Vou lhe dizer uma coisa, senhorita Lavendar – o rosto e o tom de voz de Paul ficaram solenes como os de um juiz –, eu acredito que a senhorita seria esplêndida como mãe. Tem simplesmente o olhar perfeito... o olhar que minha mãezinha sempre tinha. Acho uma pena a senhorita não ter nenhum filho.

– Tenho um menino nos meus sonhos, Paul.

– Oh, é mesmo? Quantos anos ele tem?

– Mais ou menos a sua idade, acho. Deve ser um pouco mais velho do que você, porque a primeira vez em que sonhei com ele foi bem antes de você nascer. Porém, nunca deixo que ele

fique com mais do que 11 ou 12 anos. Senão, um dia, ele cresceria completamente, e então eu o perderia.

– Entendo – Paul concordou. – Essa é a beleza das pessoas dos sonhos... permanecem em qualquer idade que nós quisermos. A senhorita, a minha professora e eu mesmo somos os únicos indivíduos que conheço, no mundo, que possuem pessoas dos sonhos. Não é estranho e, ao mesmo tempo, encantador nós termos nos conhecido uns aos outros? Porém, suponho que esse tipo de gente sempre acaba se encontrando, mais cedo ou mais tarde. A vovó nunca teve pessoas dos sonhos, e Mary Joe pensa que sou maluco porque tenho as minhas. Ora, acho magnífico tê-las. A *senhorita* sabe bem como é, não sabe? Agora, me fale sobre o seu menino dos sonhos.

– Ele tem olhos azuis e cabelo cacheado. Entra no meu quarto e me acorda com um beijo, todas as manhãs. Depois, brinca aqui, no jardim, o dia todo... e eu brinco com ele. Temos vários jogos. Apostamos corridas e conversamos com os ecos, e eu conto histórias para ele. Quando vem o crepúsculo...

– Eu sei – Paul a interrompeu ansiosamente –, ele vem aqui e senta a seu lado... *assim...* pois é claro que, com 12 anos, ele seria grande demais para se sentar em seu colo. Em seguida, apoia a cabeça em seu ombro... *assim...* e a senhorita coloca os braços ao redor dele e o abraça fortemente, bem apertado... e, por fim, descansa sua cabeça sobre a dele. Claro, é exatamente desse jeito! Oh, a senhorita *realmente* entende.

Quando saiu da casa de pedra, Anne encontrou os dois naquela posição, e alguma coisa no rosto de senhorita Lavendar fez a moça odiar o fato de ter de perturbá-los.

– Receio que seja hora de irmos, Paul, se quisermos estar em casa antes de escurecer. Senhorita Lavendar, logo, logo, vou me convidar para passar uma semana inteira em Echo Lodge.

– Se vier para passar uma semana comigo, vou fazer com que fique por duas – a senhorita Lavendar ameaçou.



CAPÍTULO XXVIII

*O príncipe volta  
ao palácio encantado*



O último dia letivo na escola de Avonlea chegou e foi embora. Um bem-sucedido “teste semestral” foi aplicado, e os alunos de Anne se saíram excepcionalmente bem. Antes de ir para casa, eles ofereceram a ela um belo discurso e uma escrivadinha, de presente. Todas as mulheres e meninas que estavam lá choraram, e comentou-se no povoado, posteriormente, que alguns dos garotos choraram também, embora eles sempre tenham negado isso.

As senhoras Harmon Andrews, Peter Sloane e William Bell caminharam juntas e conversaram, durante a volta para casa.

– Eu realmente acho uma pena Anne deixar a escola, logo agora que as crianças parecem estar tão apegadas a ela – suspirou a senhora Peter Sloane, que tinha o hábito de suspirar por causa de tudo, até mesmo suas piadas terminavam com um suspiro. – De qualquer modo – acrescentou imediatamente –, todas nós sabemos que a professora que vamos ter no próximo ano também vai ser boa.

– Jane vai cumprir seu dever, não tenho nenhuma dúvida quanto a isso – a senhora Andrews afirmou, ligeiramente ríspida. – Suponho, no entanto, que não vai distrair as crianças com tantos contos de fadas, nem passar tanto tempo vagando com elas pelos bosques. Jane tem seu nome no Livro de Honra do inspetor, e os moradores de Newbridge estão inconsoláveis com sua partida.

– Estou muito contente por Anne finalmente cursar a faculdade – a senhora Bell declarou. – Ela sempre quis isso, e vai ser uma ótima experiência para ela.

– Bem, não sei, não – naquele dia, a senhora Andrews estava determinada a não concordar plenamente com ninguém. – Não creio que Anne precise de mais educação. É bem provável que ela se case com Gilbert Blythe, se a paixão dele por ela durar até eles terminarem a faculdade, e, então, em que o latim ou o grego vão poder ajudá-la? Se ensinassem, na faculdade, como lidar com um homem, talvez a ida dela tivesse algum sentido.

De acordo com o que era cochichado em Avonlea, a senhora Harmon Andrews nunca tinha aprendido como lidar com “seu homem” e, como resultado, o lar dos Andrews não era exatamente um modelo de felicidade doméstica.

– Eu soube que o chamado para o senhor Allan assumir a igreja de Charlottetown já chegou – disse a senhora Bell. – Isso quer dizer que nós o perderemos brevemente, acho.

– Eles não vão embora antes de setembro – a senhora Sloane informou. – Vai ser uma grande perda para a comunidade, apesar de eu sempre ter julgado que a senhora Allan usa roupas alegres demais para uma esposa de pastor. Porém, ninguém é perfeito. Vocês notaram como o senhor Harrison estava bem-arrumado e cordial hoje? Nunca vi um homem mudar tanto! Agora, ele vai à igreja todos os domingos e até contribui com o salário do pastor!

– Viram como Paul Irving cresceu? – a senhora Andrews perguntou. – Era tão pequeno para sua idade, quando veio para cá. Confesso que quase não o reconheci hoje. Está começando a ficar parecido com o pai dele.

– É um garoto inteligente – comentou a senhora Bell.

– Sim, é bastante inteligente, mas – a senhora Andrews abaixou a voz –, em minha opinião, conta história muito estranhas. Grace voltou da escola, um dia da semana passada, falando umas bobagens que ele havia dito a respeito de umas pessoas que moram lá na praia, umas histórias que não podem conter nenhuma verdade, uma palavra sequer. Ordenei a Grace que não acreditasse naquilo, e ela me respondeu que Paul não teve a intenção de convencê-la. Entretanto, se ele não queria que ela acreditasse, por que contou aqueles disparates?

– Anne afirma que Paul é um gênio – disse a senhora Sloane.

– Pode ser. A gente nunca sabe o que deve esperar de americanos – a senhora Andrews retrucou.

A única familiaridade da senhora Andrews com a palavra “gênio” vinha da forma coloquial de se referir a qualquer indivíduo excêntrico como tendo um “gênio esquisito”. Ela provavelmente pensou, assim como Mary Joe, que essa palavra queria dizer o mesmo que “maluco”.

De volta à sala de aula, depois que todos saíram, Anne ficou sentada diante de sua mesa, da mesma maneira que havia se sentado no primeiro dia, dois anos antes: o rosto apoiado na mão, os olhos úmidos observando, pela janela, o Lago das Águas Brilhantes. Seu coração estava tão angustiado por causa da despedida de seus alunos que, por um momento, a faculdade perdeu todo o seu encanto. Ela ainda sentia o aperto dos braços de Annetta Bell em volta do pescoço, e ouvia seu lamento infantil:

– *Nunca* vou amar uma professora tanto quanto eu a amo, senhorita Shirley, nunca, nunca.

Durante dois anos, Anne trabalhara com seriedade, fidelidade e dedicação, cometendo muitos erros e aprendendo com eles. E havia recebido sua recompensa. Tinha ensinado coisas a seus alunos, mas sentia que eles lhe haviam ensinado muito mais: lições de ternura, autocontrole, sabedoria inocente de corações infantis. Talvez ela não tivesse obtido êxito em “inspirar” ambições maravilhosas em seus alunos, mas ela lhes ensinou – mais por sua personalidade doce do que por suas aulas cuidadosamente preparadas – que era bom e necessário, nos anos que tinham pela frente, viver amável e graciosamente, prendendo-se à verdade, à cortesia e à bondade, e mantendo distância de tudo o que tivesse alguma coisa a ver com a falsidade, a maldade e a vulgaridade. Pode ser que eles não tivessem consciência de que haviam aprendido essas lições, mas certamente se lembrariam delas e agiriam de acordo até muito tempo depois de já terem esquecido o nome da capital do Afeganistão e as datas das lutas da Guerra das Rosas.

– Mais um capítulo de minha vida está encerrado – Anne falou em voz alta, enquanto trancava a gaveta de sua mesa, estava realmente se sentindo triste, mas o romantismo que a ideia de “capítulo encerrado” trazia consigo lhe proporcionou algum conforto.

Logo no início de suas férias, Anne passou duas semanas em Echo Lodge, e todas as pessoas

que, de algum modo, conviveram com ela naquele período se divertiram muito.

Em um desses dias, ela levou a senhorita Lavendar às compras, na cidade, e a convenceu a comprar um corte de organdi, para um vestido novo. Em seguida, vieram as emoções de cortar e costurar o tecido, enquanto a empolgada Charlotta Quarta fazia os alinhavos e varria os retalhos. A senhorita Lavendar havia reclamado de não sentir mais interesse em nada, mas o belo vestido novo trouxe o brilho de volta a seus olhos.

– Que pessoa boba e fútil eu devo ser – suspirou. – Fico profundamente envergonhada ao pensar que um vestido novo – mesmo sendo de organdi, com estampa de miosótis – pôde me empolgar tanto, quando uma consciência tranquila e uma contribuição adicional para as Missões Estrangeiras não conseguiram esse resultado.

Durante sua visita a Echo Lodge, Anne foi a Green Gables, por um dia, para remendar as meias dos gêmeos e responder às perguntas de Davy, que estavam acumuladas. No fim da tarde, ela desceu até a estrada da praia, para ver Paul Irving. Ao passar pela janela baixa e quadrada da sala da senhora Irving, a moça viu Paul no colo de alguém. Contudo, no momento seguinte o menino veio correndo abrir a porta para ela.

– Oh, senhorita Shirley – ele exclamou entusiasmadamente –, a senhorita nem imagina o que aconteceu! Uma coisa tão esplêndida! Papai está aqui... acredite! Papai... aqui! Venha! Papai, esta é a minha linda professora. *O senhor* sabe quem, papai!

Stephen Irving se aproximou, com um sorriso, para cumprimentar Anne. Era um homem de meia-idade, alto e bonito, com cabelo grisalho, profundos olhos azul-escuros, e rosto forte e triste, esplendidamente modelado entre o queixo e as sobranceiras. “Exatamente a aparência de um herói de romance”, Anne pensou, com uma súbita sensação de intensa alegria. Seria tão decepcionante conhecer alguém que deveria ser um ídolo e descobrir que esse homem era careca, ou corcunda, ou, ainda, sem nenhuma beleza masculina. Anne teria achado horrível se o protagonista do romance da senhorita Lavendar não se parecesse com um autêntico herói.

– Então, esta é a bela professora de meu filhinho, sobre quem já ouvi falar tantas vezes! – disse o senhor Irving, com um aperto de mão caloroso. – As cartas de Paul a mencionam tanto, senhorita Shirley, que sinto como se já a conhecesse há muito tempo. Quero agradecer-lhe pelo que fez por meu filho. Eu penso que sua influência era exatamente do que ele precisava. Mamãe é uma das melhores e mais queridas mulheres que conheço; entretanto, sua sensatez escocesa, prática e realista, nem sempre permite que ela entenda um temperamento como o do meu garoto. A senhorita supriu o que falta nela. Acho que, tendo convivido com as duas nesses dois últimos anos, a educação de Paul ficou muito próxima à ideal para um menino sem mãe.

Todas as pessoas gostam de ser apreciadas e admiradas. Os elogios de Stephen Irving fizeram o rosto de Anne se iluminar encantadoramente, e, ao olhar para ela, o homem experiente, ocupado e cansado pensou que nunca tinha visto uma jovem mais doce e graciosa do que aquela professora do leste, de olhos lindos e cabelo ruivo.

Paul se sentou entre eles, transbordando felicidade.

– Nunca imaginei que papai estivesse vindo – o garoto falou, radiante. – Nem vovó sabia. Foi uma grande surpresa. Geralmente – Paul sacudiu seus cachos castanhos, com um ar sério –, não gosto de ser surpreendido. A gente perde toda a emoção da expectativa quando tem uma surpresa boa. Porém, nesse caso, não me importei. Papai chegou ontem à noite, quando eu já estava dormindo. Então, depois que vovó e Mary Joe se recuperaram do susto, ele e vovó subiram para me ver, sem nenhuma intenção de me acordar antes que o dia amanhecesse. Mas eu acordei imediatamente e vi papai. No mesmo instante, Anne, eu saltei para os braços dele.



– Com um abraço de urso – acrescentou o senhor Irving, sorrindo e colocando o braço sobre o ombro do filho. – Quase não reconheci meu menino: está tão crescido, corado e forte!

– Não sei dizer quem ficou mais feliz por ver papai: vovó ou eu – Paul continuou. – Vovó está na cozinha, desde cedo, preparando as coisas que ele gosta de comer. Disse que não confiaria esse trabalho a Mary Joe. Esse é o jeito *dela* de demonstrar alegria. *Eu* prefiro sentar e conversar com papai. Mas agora, se não se importarem, vou deixar vocês por alguns minutos. Preciso buscar as vacas para Mary Joe levar para o estábulo. Essa é uma de minhas tarefas diárias.

Depois que Paul saiu para cumprir sua “tarefa diária”, o senhor Irving conversou com Anne sobre diversos assuntos. Entretanto, a moça sentiu que, no fundo, ele estava o tempo todo pensando em outra coisa. Por fim, ele resolveu falar:

– Na última carta de Paul, ele contou que foi com a senhorita visitar uma velha... amiga minha... a senhorita Lewis, que mora na casa de pedra, em Grafton. A senhorita a conhece bem?

– Sim, claro, ela é uma amiga muito querida – foi a resposta contida de Anne, que não deu nenhum sinal do arrepio repentino que percorreu seu corpo da cabeça aos pés quando ouviu a pergunta do senhor Irving; ela sentiu, instintivamente, que um antigo romance estava prestes a recomçar.

O senhor Irving se levantou, foi até a janela e contemplou um mar enorme, dourado e cheio de ondas movimentadas por um vento forte. Por algum tempo, houve silêncio na sala de paredes escuras. Em seguida, ele se virou e olhou sorrindo para o rosto amável de Anne – em parte, estranhamente, em parte, ternamente.

– Estou me perguntando o quanto a senhorita sabe – disse.

– Sei de tudo – Anne respondeu prontamente. – De fato – ela explicou, apressada –, a senhorita Lavendar e eu somos muito íntimas. Ela não falaria com qualquer pessoa a respeito de algo tão sagrado. Somos almas irmãs.

– Sim, acredito que sejam mesmo. Bem, vou lhe pedir um favor. Eu gostaria de ir a Grafton ver a senhorita Lavendar, se ela concordar. A senhorita lhe perguntaria se posso ir?

Ela perguntaria?! É claro que sim! Afinal, aquele era um romance *real*, com todo o encanto da rima, do sonho e dos contos. Um pouco tardio, talvez, como uma rosa que floresce em outubro, quando deveria ter desabrochado em junho, mas que, apesar disso, é uma rosa, com todo o perfume, a doçura e a beleza dessa flor.

Os pés de Anne nunca a levaram a uma missão mais desejada do que aquela caminhada pelo bosque de faias até Grafton, na manhã seguinte. Ela encontrou a senhorita Lavendar no jardim. Anne estava ansiosa e emocionada. Suas mãos ficaram frias e sua voz, trêmula.

– Senhorita Lavendar, tenho algo a lhe dizer... uma coisa muito importante. Consegue adivinhar o que é?

Anne jamais imaginou que a amiga pudesse adivinhar. Porém, o rosto da senhorita Lavendar ficou muito pálido, e ela perguntou, com a voz baixa e calma – naquele momento, todo o brilho e todas as cores que a voz da senhorita Lavendar normalmente sugeria haviam desaparecido.

– Stephen Irving está em casa?

– Como sabe? Quem lhe contou? – Anne exclamou desapontada, contrariada porque sua grande revelação havia sido antecipada.

– Ninguém. Deduzi, pelo modo como você falou, que só poderia ser isso.

– Ele quer vir aqui para vê-la – Anne acrescentou. – Devo mandar dizer que pode visitá-la?

– Sim, claro – a senhorita Lavendar respondeu, visivelmente perturbada. – Não há nenhuma razão pela qual ele não deveria. Quer vir apenas como qualquer outro velho amigo poderia

desejar.

Anne tinha sua própria opinião sobre aquilo, e, pensando nela, entrou apressadamente na casa de pedra, para se sentar diante da escrivaninha da senhorita Lavendar e redigir um bilhete.

“Oh, é maravilhoso viver em um livro romântico!”, ela pensou alegremente. “Vai dar tudo certo, é lógico... tem de dar... e Paul vai ter uma nova mãe, alguém que ele ama, e todos vão ser felizes. Entretanto, o senhor Irving vai levar a senhorita Lavendar embora daqui, e ninguém sabe o que pode acontecer com esta pequena casa de pedra... Portanto, existem dois lados nessa história, como parece haver em tudo neste mundo.”

A pequena carta foi escrita, e Anne a levou pessoalmente ao correio de Grafton, onde se dirigiu ao carteiro e lhe pediu encarecidamente que a deixasse na agência de Avonlea.

– É muitíssimo importante – ela assegurou ansiosamente.

O carteiro era um homem velho e mal-humorado, que não parecia, de maneira nenhuma, um mensageiro do Cupido; além disso, não pareceu a Anne que sua memória fosse confiável. Contudo, ele disse que faria o possível para se lembrar, e ela teve de se contentar com isso.

Naquela tarde, Charlotta Quarta sentiu que algum mistério rondava Echo Lodge, um mistério do qual ela tinha sido excluída. A senhorita Lavendar perambulava agitadamente pelo jardim. Anne, por outro lado, também parecia dominada por um demônio da inquietação, andando o tempo todo de um lado para o outro e subindo e descendo a escada incessantemente. Charlotta Quarta suportou isso até que a paciência deixou de ser uma de suas virtudes, e a garota confrontou Anne durante a terceira peregrinação, sem objetivo aparente, que a romântica jovem fez pela cozinha.

– Por favor, madame senhorita Shirley – suplicou Charlotta Quarta, com uma sacudida indignada nos grandes laços de fita azul em sua cabeça –, está óbvio para qualquer pessoa que a senhorita e minha querida patroa têm um segredo; e eu acho – peço que me perdoe, se eu estiver me intrometendo demais, madame senhorita Shirley, mas eu penso que é uma grande maldade não me contarem, já que nós três temos sido tão camaradas.

– Oh, Charlotta querida, eu teria lhe contado tudo, se fosse um segredo meu, mas ele é da senhorita Lavendar, você entende, não é? Porém, vou lhe dizer alguma coisa sobre isso. No entanto, se nada der certo, você nunca vai falar, com absolutamente nenhuma alma viva, uma só palavra a esse respeito, está bem? Ouça, o príncipe encantado vai estar aqui, hoje à noite. Ele veio há muitos anos, mas, em um momento de insensatez, foi embora para muito longe e esqueceu o caminho mágico e secreto para o castelo encantado, onde a princesa, com seu fiel coração esvaído, chorava desesperadamente. Felizmente, agora, ele se lembrou, e a princesa ainda está esperando por ele, pois ninguém, a não ser seu amado príncipe, poderia levá-la de seu castelo.

– Oh, madame senhorita Shirley, o que essa história cheia de poesia significa, em prosa? – Charlotta suspirou, atônita.

Anne riu.

– Em prosa, estou dizendo que um velho amigo da senhorita Lavendar vem visitá-la hoje à noite.

– A senhorita quer dizer... um antigo namorado? – indagou a literal criada.

– Isso é provavelmente o que quero expressar... em prosa – Anne respondeu, séria. – É o pai de Paul, Stephen Irving. E ninguém sabe o que vai acontecer. Vamos esperar pelo melhor, Charlotta.

– Espero que ele se case com a senhorita Lavendar – foi a resposta inequívoca de Charlotta. –

Algumas mulheres já nascem para se tornar velhas solteironas, e receio que eu seja uma delas, madame senhorita Shirley, porque tenho pouquíssima paciência com os homens. Mas esse nunca foi o caso da senhorita Lavendar. E eu ando terrivelmente preocupada, pensando sobre o que vai ser quando eu tiver idade suficiente para *ter de* me mudar para Boston. Não sobrou mais nenhuma garota em nossa família, e nem quero imaginar como seria se ela arranjasse alguma estranha, que poderia rir de suas fantasias, deixar as coisas fora de seus lugares e não aceitar ser chamada de Charlotta Quinta. Pode até ser que ela arrumasse alguém que não tivesse tanto azar como eu, em relação a quebrar coisas, mas ela nunca encontraria ninguém que a amasse mais do que eu.

E, com um soluço, a fiel pequena criada correu para a porta do forno.

À tarde, elas tomaram o chá, como de costume, em Echo Lodge; entretanto, ninguém realmente comeu nada. Depois do chá, a senhorita Lavendar foi para seu quarto e vestiu seu novo traje de organdi florido; em seguida, Anne fez um belo penteado no cabelo da amiga querida. Ambas se sentiam extremamente ansiosas, mas a senhorita Lavendar fingiu estar muito calma e indiferente. A certa altura, olhou para a cortina e comentou, aflita, como se aquilo fosse a única coisa importante, naquele momento:

– Amanhã, não posso deixar de remendar aquele pedaço rasgado ali. Essas cortinas não duraram o tempo que deveriam, se considerarmos o preço que paguei por elas. Veja, Anne, Charlotta se esqueceu, *mais uma vez*, de tirar a poeira do corrimão da escada. Eu *preciso* conversar com ela sobre isso.

Anne estava sentada nos degraus da varanda quando Stephen Irving surgiu na alameda e atravessou o jardim.

– Este é o único lugar que conheço em que o tempo parou – disse ele, olhando ao redor, encantado. – Nada mudou nesta casa, nem neste jardim, desde que estive aqui, 25 anos atrás. Este lugar faz eu me sentir jovem novamente.

– Sabe, em castelos encantados, o tempo nunca passa mesmo – Anne respondeu seriamente. – As coisas só começam a acontecer quando o príncipe chega.

O senhor Irving sorriu, com alguma tristeza, para o rosto iluminado de Anne, pleno de juventude e promessas.

– Às vezes, o príncipe chega tarde demais – disse, sem que fosse necessário pedir a Anne que traduzisse seu comentário em prosa; como acontece com todas as almas irmãs, ele entendeu.

– Oh, não, não quando ele é o verdadeiro príncipe e está vindo em busca de sua real princesa – Anne falou com segurança, balançando o cabelo ruivo enquanto abria a porta da sala.

Assim que ele entrou, a moça fechou a porta, e se deparou com Charlotta Quarta, que estava no *hall*, desdobrando-se em “acenos, medidas e sorrisos graciosos”.\*\*\*\*\*

– Oh, madame senhorita Shirley – ela respirou profundamente –, eu espiei pela janela da cozinha e... oh, como ele é lindo! E tem a idade certa para a senhorita Lavendar. Madame, a senhorita acha que seria muito errado escutarmos atrás da porta?

– Seria uma atitude imperdoável, Charlotta – Anne garantiu firmemente. – Portanto, venha comigo, vamos para bem longe do alcance da tentação!

– Não posso fazer nada, e é horrível ficar parada aqui, só esperando – lamentou Charlotta. – E se ele não a pedir em casamento, madame senhorita Shirley? Nunca se pode ter nenhuma certeza sobre eles... os homens. Minha irmã mais velha, Charlotta Primeira, pensou que já estava noiva de um, mas, na verdade, ele tinha uma visão diferente a respeito do relacionamento dos dois, e,

hoje em dia, ela afirma que nunca mais vai confiar em nenhum deles outra vez. E ouvi falar de outro caso, em que um homem pensava que amava loucamente uma garota, quando, por fim, descobriu que era a irmã dela que ele tinha desejado o tempo todo. Quando um homem não sabe o que quer, madame senhorita Shirley, como pode uma pobre mulher ter certeza a respeito dos sentimentos dele?

– Bem, vamos para a cozinha lustrar as colheres de prata – Anne decidiu. – Felizmente, essa é uma tarefa que não exige muito raciocínio... pois eu *não conseguiria* me concentrar esta noite. E isso vai nos distrair enquanto esperamos.

Uma hora se passou. Então, exatamente no momento em que Anne pôs sobre a mesa a última colher polida, elas escutaram a porta da frente ser fechada. Temerosas, buscaram consolo nos olhos uma da outra.

– Oh, madame senhorita Shirley – Charlotta murmurou –, se ele foi embora tão cedo, é porque não há romance e nunca não vai haver.

As duas correram para a janela. Ali, constataram que, na verdade, o senhor Irving não tinha a intenção de partir. Ele e a senhorita Lavendar estavam caminhando, lentamente, rumo ao banco de pedra.

– Oh, madame senhorita Shirley, ele abraçou a cintura dela – sussurrou Charlotta Quarta, extasiada. – Oh, ele só pode ter feito o pedido, pois, caso contrário, ela não teria permitido isso.

Anne pegou Charlotta Quarta pela cintura rechonchuda e as duas dançaram animadamente pela cozinha até perderem o fôlego.

– Ouça, Charlotta – Anne disse alegremente –, não sou uma profetisa, nem a filha de uma, mas vou fazer uma previsão: vai haver um casamento nesta velha casa de pedra antes que as folhas de bordo fiquem vermelhas! Quer que eu traduza isso em prosa, Charlotta?

– Não, isso eu consigo entender – Charlotta garantiu. – Um casamento não é poesia. Ora, madame, a senhorita está chorando?! Por quê?

– Oh, porque tudo isso é tão bonito... tão parecido com a história de um livro... tão romântico... e tão triste! – Anne explicou, piscando, para afastar as lágrimas de seus olhos. – É tudo perfeitamente encantador... No entanto, há também, de alguma forma, um pouco de tristeza nisso.

– Oh, é claro que se casar é correr um risco – Charlotta Quarta admitiu –, mas, no fim das contas, madame senhorita Shirley, existem muitas coisas piores, neste mundo, do que um marido.





**D**urante todo o mês seguinte, Anne viveu em um “turbilhão de emoções”, como se costumava dizer em Avonlea. A preparação de seu modesto enxoval, para levar para Redmond, teve importância secundária. A senhorita Lavendar se preparava para seu casamento, e a casa de pedra era palco de inúmeros planos, encontros e discussões, com Charlotta Quarta, muito agitada, observando tudo, aqui e ali, com alegria e admiração. Quando a costureira visitou Echo Lodge para decidirem tudo sobre o vestido de noiva, houve êxtase e angústia na escolha do modelo, do tecido e dos outros detalhes.

Anne e Diana passavam a metade de seu tempo na casa de pedra, e, em algumas noites, Anne perdeu o sono, de tanto se perguntar se havia agido corretamente, ao aconselhar a senhorita Lavendar a preferir o marrom ao azul-marinho para o traje com o qual viajaria e a optar pelo modelo “princesa” para o vestido que seria feito com seda cinza.

Todas as pessoas envolvidas na história da senhorita Lavendar estavam felizes. Paul Irving correu até Green Gables para conversar com Anne sobre a novidade, assim que o pai lhe contou tudo.

– Eu sempre soube que poderia confiar em papai para escolher uma segunda mãe para mim – o garoto falou, orgulhoso. – É muito bom ter um pai no qual a gente pode confiar, professora. Eu simplesmente amo a senhorita Lavendar. E vovó também está satisfeita. Ela disse que ficou contente por papai não ter decidido se casar com outra norte-americana, porque, apesar de não ter tido problemas com a primeira, seria bem pouco provável que fosse assim duas vezes. Já a senhora Lynde aprova totalmente essa união, e acha que, agora que a senhorita Lavendar vai estar casada, é quase certo que ela desista de suas ideias esquisitas e seja novamente como as outras pessoas. Mas eu espero que ela não abra mão de suas “ideias esquisitas”, professora, pois gosto bastante delas e não acharia bom se a senhorita Lavendar fosse como as outras pessoas. Já tem gente demais muito parecida, entre nós. *A senhorita sabe, não é, professora?*

Charlotta Quarta também estava radiante.

– Oh, madame senhorita Shirley, tudo vem dando perfeitamente certo. Quando o senhor Irving e a senhorita Lavendar voltarem de viagem, vou morar com eles em Boston... Pense bem, só tenho 15 anos, e minhas irmãs só se mudaram para lá depois que completaram 16. O senhor Irving não é esplêndido? Ele venera o chão onde a noiva pisa; às vezes, até sinto uma coisa estranha ao ver o olhar dele quando a observa, madame senhorita Shirley. Estou muito grata por eles gostarem tanto um do outro. Afinal, isso é o mais importante em uma união, embora algumas pessoas consigam viver casadas sem se amarem. Eu tenho uma tia que se casou três vezes, e ela diz que a primeira foi por amor e que as outras duas foram estritamente por interesse; mas garante que foi feliz nos três, exceto durante os funerais dos maridos. Porém, eu acho que ela se arriscou muito, madame senhorita Shirley.

– É tudo tão romântico, Marilla! – Anne suspirou naquela noite. – Se eu não tivesse errado o caminho naquele dia em que Diana e eu fomos à casa do senhor Kimball, nunca teríamos conhecido a senhorita Lavendar; e, se não a tivéssemos conhecido, eu não teria levado Paul até a casa dela – e ele nunca teria escrito ao pai sobre nossa visita a Echo Lodge exatamente na ocasião em que o senhor Irving estava de partida para São Francisco, na Califórnia. O senhor Irving me contou que, no mesmo instante em que leu a carta de Paul, resolveu mandar o sócio para São Francisco em seu lugar e viajar imediatamente para cá. Contou, ainda, que a última notícia que havia tido da senhorita Lavendar foi quinze anos atrás, quando alguém lhe disse que ela estava às vésperas de se casar. Ele acreditou e nunca mais perguntou a ninguém sobre ela. Agora deu tudo certo, e eu tenho uma participação nisso. Talvez, como a senhora Lynde costuma afirmar, tudo seja predeterminado, e isso aconteceria, de uma forma ou de outra. Contudo, mesmo que isso seja verdade, é magnífico pensar que fui um instrumento do destino. Sim, essa é uma história autenticamente romântica!

– Não entendo, de modo algum, por que você acha isso tão verdadeiramente romântico – Marilla discordou quase secamente.

Na opinião de Marilla, Anne estava se ocupando excessivamente com aquele casamento: ela deveria se preparar para a faculdade, em vez de visitar Echo Lodge, dois dias a cada três, para ajudar a senhorita Lavendar.

– Primeiro, dois jovens bobos brigam e ficam emburrados; em seguida, Steven Irving se muda para os Estados Unidos e, passado algum tempo, se casa por lá e vive perfeitamente feliz, até onde se sabe. Então, sua esposa morre e, após um bom tempo, ele decide voltar para casa e descobrir se seu primeiro amor ainda o quer. Enquanto isso, ela vive sozinha, provavelmente porque nenhum homem suficientemente bom a pediu em casamento. Por fim, eles se reencontram e resolvem se casar. Ora, Anne, o que há de tão romântico nessa história toda?

– Ora, não há nada, quando a senhora coloca as coisas desse modo – Anne murmurou, desapontada como se alguém tivesse jogado um balde de água fria sobre ela. – Suponho que seja assim que as coisas parecem, em prosa. Entretanto, fica tudo muito diferente, se olharmos pelo ângulo da poesia... E, em minha opinião, é extremamente mais encantador – Anne se reanimou, seus olhos brilharam e suas bochechas enrubesceram – ver o lado poético das coisas.

Marilla lançou um olhar para o rosto jovem e radiante de Anne, e refreou qualquer outro comentário sarcástico. Talvez tenha percebido que, afinal, era melhor ter, como Anne, a visão e a sensibilidade divinas – aquele presente que o mundo não pode conceder ou tirar – de olhar a vida através de algum ponto de vista diferenciado (ou revelador?), pelo qual tudo parecia coberto por uma luz celestial, uma glória e um frescor invisíveis para aqueles que, como ela e Charlotta Quarta, enxergavam as coisas apenas pelo ângulo da prosa.

– Quando vai ser o casamento? – perguntou, após uma pausa.

– Na última quarta-feira de agosto. Eles vão se casar no jardim, sob a videira de madressilvas, exatamente onde o senhor Irving a pediu em casamento, há 25 anos. Marilla, isso é romântico, até mesmo em prosa. Não vai haver ninguém mais além de Paul e a senhora Irving, Gilbert, Diana e eu, e os primos da senhorita Lavendar. Depois da cerimônia, o casal vai partir, no trem das 18 horas, para uma viagem pela costa do Oceano Pacífico. Quando retornarem, no outono, Paul e Charlotta Quarta vão morar com eles em Boston. Contudo, Echo Lodge vai permanecer exatamente como está... Quer dizer, é claro que as galinhas e a vaca vão ser vendidas, e as janelas vão ser protegidas com tábuas. Eles pretendem vir, todos os anos, passar o verão na casa de pedra. Fiquei muito contente com isso. Seria bastante doloroso pensar, no próximo inverno em Redmond, que aquela casa tão querida estaria deserta e abandonada, sem móveis, nem nada nos cômodos – ou, ainda pior, com pessoas estranhas morando ali. Felizmente, agora já posso pensar nela como sempre a vi, e imaginar que está apenas esperando alegremente pelo verão, que vai lhe trazer de volta a vida e as risadas.

Havia, no mundo, mais romance além daquele que o casal de meia-idade estava vivendo em Echo Lodge. Anne se deparou subitamente com ele, durante um entardecer, quando foi a Orchard Slope pelo atalho do bosque e chegou ao jardim dos Barry. Diana Barry e Fred Wright estavam de pé sob o grande salgueiro: Diana, apoiada no tronco cinzento, com os olhos ligeiramente fechados e as bochechas muito coradas. Uma de suas mãos era segurada por Fred, que tinha o rosto voltado para ela e dizia seriamente alguma coisa, em voz baixa. Naquele momento mágico, não existia mais ninguém no mundo, exceto os dois. E nenhum deles viu Anne, que, depois de um olhar atônito e um lampejo de compreensão, se virou e correu silenciosamente pelo bosque de abetos, sem parar, até chegar ao seu quarto no sótão, onde se sentou, sem fôlego, junto à janela, e tentou reorganizar seus pensamentos.

– Diana e Fred estão apaixonados – murmurou. – Oh, isso realmente parece tão... tão... tão *irremediavelmente* adulto...

Ultimamente, Anne andava desconfiada de que Diana estava se distanciando do herói byroniano\*\*\*\*\* melancólico de seus antigos sonhos. No entanto, como as coisas que vemos têm mais poder do que as que ouvimos ou suspeitamos, a confirmação daquela desconfiança veio para Anne quase com o choque de uma surpresa completa. E a isso se sucedeu um sentimento de estranheza, de uma pequena solidão, como se, de alguma maneira, Diana tivesse seguido rumo a um novo mundo e fechado um portão atrás dela, deixando Anne do lado de fora.

“Tudo está mudando tão depressa que chego a ficar assustada”, Anne pensou, com alguma tristeza. “E acho que é inevitável que isso interfira em meu relacionamento com Diana. Tenho certeza de que, a partir de agora, não vou mais poder dizer a ela todos os meus segredos... ela pode contar para Fred. Afinal, o que será que ela viu em Fred? Ele é simpático e alegre... mas é apenas Fred Wright.”

Essa é sempre uma pergunta muito intrigante mesmo: o que alguém pode ver em outra pessoa? Mas, afinal, que bom que é assim, pois se todo mundo visse da mesma forma, seria como um velho índio norte-americano já disse, uma vez: “Todos iriam querer minha esposa”. Estava óbvio que Diana viu algo em Fred Wright, por mais que os olhos de Anne não pudessem enxergar o que era.

Diana – uma jovem tímida e pensativa – chegou a Green Gables, no fim da tarde do dia seguinte, e, à luz do crepúsculo e na intimidade do sótão do leste, contou a Anne toda a história.

As duas garotas choraram, trocaram beijinhos e riram.

– Estou tão feliz! – Diana declarou. – Contudo, parece ridículo pensar que estou noiva.

– Como é, na verdade, estar noiva? – Anne indagou, curiosa.

– Bem, tudo depende de quem é o rapaz com o qual você está comprometida – respondeu Diana, com aquele irritante ar de superioridade e sabedoria, que é sempre assumido por quem está comprometido, em relação a quem não está. – É perfeitamente adorável estar noiva de Fred... mas acho que seria simplesmente horrível estar noiva de qualquer outro garoto.

– Ouvir isso não é nem um pouco animador, para mim e para todas as outras garotas, já que só existe um Fred Wright – Anne riu.

– Oh, Anne, você não entendeu – disse Diana, irritada. – Eu não quis dizer isso... Oh, é tão difícil explicar! Não importa; em algum momento, quando chegar sua vez, você vai compreender.

– Abençoada seja você, a mais querida de todas as Dianass! Agora, entendi. Para que serve a imaginação, senão para permitir que vejamos a vida com os olhos de outra pessoa?!

– Você sabe que vai ser minha madrinha de casamento, não sabe, Anne? E quero que me prometa isso... Você tem de vir, independentemente de onde estiver, no dia da cerimônia.

– Juro que venho, mesmo se estiver no fim do mundo – Anne prometeu solenemente.

– É claro que ainda vai demorar um bom tempo – Diana acrescentou, um pouco constrangida.

– Três anos, no mínimo... Afinal, tenho só 18 anos, e mamãe disse que não quer que nenhuma filha se case antes dos 21. Além disso, o pai de Fred vai comprar a fazenda de Abraham Fletcher, para ele começar a vida de casado, e explicou que só vai passar o imóvel para o nome dele depois que tiver quitado dois terços do valor negociado. Porém, três anos não é tanto tempo assim, pois preciso me preparar para cuidar de uma casa, e ainda nem tenho um enxoval completo. Anne, vou começar a fazer toalhinhas de crochê amanhã mesmo. Myra Gillis tinha 37, quando se casou, e estou decidida a ter o mesmo tanto que ela.

– Suponho que seja mesmo impossível manter uma casa com apenas 36 toalhinhas de crochê

– Anne concordou, com uma expressão solene no rosto, mas um olhar irônico.

Diana pareceu magoada.

– Nunca pensei que você zombaria de mim – disse repreensivamente.

– Minha amiga mais querida de todas, eu não zombei de você – Anne declarou, com ênfase e arrependimento. – Estava apenas provocando um pouquinho. Tenho certeza de que vai ser a dona de casa mais maravilhosa do mundo. E acho, também, que é perfeitamente esplêndido você já estar fazendo planos para a casa de seus sonhos.

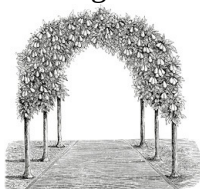
Anne mal havia acabado de pronunciar “casa de seus sonhos” quando sua imaginação começou a visualizar a moradia com a qual *ela mesma* sonhava. Era, logicamente, habitada também por um marido ideal: enigmático, digno e melancólico. No entanto, por mais estranho que isso possa parecer, Gilbert Blythe insistia em permanecer por ali, ajudando-a a prender quadros na parede, plantar o jardim e realizar várias outras tarefas que um herói honrado e melancólico evidentemente consideraria incompatíveis com sua posição na sociedade. Ela fez o que pôde para banir a imagem de Gilbert de seu castelo na Espanha, mas, inexplicavelmente, ele continuava lá, e Anne, apressada, desistiu de afastá-lo e criou seu projeto arquitetônico com tanto sucesso que a “casa de seus sonhos” já estava construída e mobiliada antes mesmo que Diana falasse outra vez.

– Suponho, Anne, que você esteja pensando que é muito estranho eu gostar tanto de Fred, sabendo que ele não se parece em nada com o tipo de homem que eu sempre disse que escolheria



para marido, alto e esbelto. Mas você não vê que, nesse caso, ele não seria o Fred? É claro que – Diana prosseguiu, meio triste – vamos ser um casal terrivelmente rechonchudo. Por outro lado, é melhor assim do que um de nós ser baixo e gordo, e o outro, alto e magro, como Morgan Sloane e sua esposa. A senhora Lynde costuma dizer que sempre se assusta com isso, quando vê os dois juntos.

– Bem – disse Anne, para si mesma, naquela noite, enquanto escovava o cabelo diante do espelho com moldura dourada –, fico contente por Diana estar tão feliz e satisfeita. Entretanto, quando chegar minha vez, se isso acontecer, espero, no fundo de meu coração, que seja mais emocionante. Na verdade, lembro bem que Diana já pensou assim, no passado. Eu a ouvi dizer, várias vezes, que nunca ficaria noiva facilmente, de um modo banal e pouco comovente; que ele *teria* de fazer algo esplêndido para conquistá-la... Mas ela mudou. Talvez eu mude também. Não, não vou mudar... não quero e não vou. Oh, acho que esses noivados são extremamente perturbadores, quando acontecem com seus amigos mais íntimos!





CAPÍTULO XXX

*Um casamento na  
casa de pedra*



Chegou, por fim, a última semana de agosto, quando a senhorita Lavendar se casaria. Quinze dias depois, Anne e Gilbert partiriam para a faculdade no Redmond. E, dentro de uma semana, a senhora Rachel Lynde se mudaria para Green Gables, levando seus objetos mais preciosos e se instalando no antigo quarto de hóspedes, que já estava preparado para a sua chegada. Ela havia leiloado todos os seus móveis supérfluos e, naqueles dias, vinha se divertindo com a agradável ocupação de ajudar o senhor e a senhora Allan a fazerem as malas. O senhor Allan pregaria seu sermão de despedida no domingo seguinte. Anne sentiu – com uma leve tristeza, que perturbava toda a emoção e a felicidade trazidas pelos acontecimentos recentes – que a ordem antiga das coisas estava se transformando rapidamente, para dar lugar a uma nova.

– Mudanças nem sempre são totalmente agradáveis, mas, em geral, são excelentes – o senhor Harrison declarou filosoficamente. – Dois anos é tempo suficiente para tudo permanecer exatamente igual. Depois disso, as coisas podem começar a mofar.

O senhor Harrison estava fumando na varanda. Sua esposa havia permitido, em um ato de sacrifício voluntário, que ele fumasse em casa, contanto que se sentasse ao lado de uma janela aberta. Então, o senhor Harrison recompensou essa concessão indo fumar inteiramente ao ar livre, e, assim, a boa vontade mútua reinou.

Anne tinha vindo pedir à senhora Harrison algumas de suas dalias amarelas. Ela e Diana iriam a Echo Lodge, ao entardecer, para ajudar a senhorita Lavendar e Charlotta Quarta nos preparativos finais para o casamento, no dia seguinte. A própria senhorita Lavendar nunca teve dalias: não gostava dessas flores, e, além disso, elas não combinavam com o estilo discreto e antiquado de seu jardim. No entanto, naquele verão, flores de qualquer tipo estavam bastante escassas, em Avonlea e nos distritos vizinhos, graças à tempestade de tio Abe. Por isso, Anne e Diana pensaram que certo pote velho, de pedra de cor creme – geralmente destinado apenas a

conter rosquinhas fritas –, cheio de dalias amarelas seria exatamente o que deveria ficar em um ângulo sombrio da escada da casa de pedra, contrastando com o fundo vermelho-escuro do papel de parede do *hall*.

– Suponho que a senhorita vá para a faculdade dentro de quinze dias?! – o senhor Harrison prosseguiu. – Bem, Emily e eu vamos sentir terrivelmente sua falta. De qualquer modo, a senhora Lynde vem ocupar seu lugar em Green Gables. É, não há mesmo nenhuma pessoa para a qual não se possa encontrar um substituto...

A ironia no tom de voz do senhor Harrison é praticamente impossível de ser expressada no papel. Apesar da intimidade da senhora Harrison com a senhora Lynde, o melhor que poderia ser dito a respeito do relacionamento entre esta última e o marido de Emily, mesmo depois das mudanças na rotina do lar do casal, é que os dois mantinham uma neutralidade estratégica.

– Sim, vou – Anne respondeu. – Racionalmente, estou muito feliz, mas meu coração está muito triste.

– Posso apostar que vai ganhar todas as honras ao mérito que ainda estiverem à solta no Redmond.

– Talvez eu tente ganhar uma ou duas delas – Anne confessou –, mas essas coisas não são mais tão importantes para mim quanto eram há dois anos. O que quero da faculdade, agora, é adquirir conhecimento sobre a melhor forma de viver e sobre como aproveitar ao máximo tudo o que eu aprender por lá. Quero saber entender e ajudar as outras pessoas e, claro, eu mesma também.

O senhor Harrison concordou com um aceno de cabeça.

– A ideia é exatamente essa. É para isso que uma faculdade deveria servir, em vez de formar uma grande quantidade de bacharéis, todos tão repletos de conhecimentos teóricos e vaidades que não sobra espaço para mais nada. A senhorita está certa. A faculdade não poderá lhe fazer muito mal, acho.

Após o chá, Diana e Anne dirigiram-se a Echo Lodge, levando com elas todas as flores que suas várias expedições aos próprios jardins e aos de seus vizinhos haviam conseguido colher. Encontraram a casa de pedra cheia de movimento e empolgação. Charlotta Quarta andava de um lado para o outro, com tanta energia e vigor que seus laços azuis pareciam realmente possuir o poder de estar em todos os lugares ao mesmo tempo.

– Ainda bem que as senhoritas vieram! – ela exclamou, aliviada. – Tem montes de coisas para serem feitas... A cobertura daquele bolo *se recusa* a endurecer... E toda a prata precisa ser polida... E este baú estofado com crina de cavalo, que a senhorita Lavendar vai levar, ainda está vazio... E as galinhas para a salada de frango estão correndo e cacarejando lá fora, em volta do galinheiro, madame senhorita Shirley. E a senhorita Lavendar não está confiável para fazer nada; fiquei agradecida quando o senhor Irving chegou, alguns minutos atrás, e a levou para um passeio no bosque. Concordo que devem namorar, madame senhorita Shirley, mas tem de ser na hora e no lugar certos... Se tentarem misturar isso com os preparativos na cozinha, e com a faxina, nada poderá dar certo. Essa é a *minha* opinião, madame senhorita Shirley.

Anne e Diana trabalharam com tanto entusiasmo que, por volta das 22 horas, até Charlotta Quarta estava satisfeita. A criada, então, fez inúmeras tranças no cabelo e levou seus ossos pequenos e cansados para a cama.

– No entanto, sei que não vou nem cochilar, madame senhorita Shirley, por medo de que algo dê errado, no último minuto... Que o creme azede, ou até que o senhor Irving tenha um derrame e não possa vir se casar.

– Ele não tem o hábito de ter derrames, tem? – Diana perguntou, contorcendo as covinhas nos cantos da boca. Para ela, Charlotta Quarta era, se não exatamente um exemplo de beleza, certamente um motivo para risadas frequentes.

– Derrames não são coisas que acontecem por hábito – disse Charlotta Quarta, com dignidade. – Eles simplesmente *acontecem...* e pronto! *Qualquer pessoa* pode ter um. Nem é necessário saber como. O senhor Irving se parece muito com um tio meu que teve um derrame, uma vez, bem no momento em que estava se sentando à mesa para almoçar. Mas estou torcendo para dar tudo certo. Neste mundo, temos apenas que esperar pelo melhor, nos preparar para o pior, e nos conformar com o que quer que seja que Deus nos envie.

– A única coisa que me preocupa é a possibilidade de o tempo não estar bom amanhã – Diana afirmou. – Tio Abe previu chuva para o meio da semana, e, desde aquela tempestade horrorosa, não consigo deixar de acreditar que existe muita verdade no que ele diz.

Anne, que sabia melhor do que Diana o tanto que tio Abe tinha a ver com aquele temporal, não se perturbou com isso. Dormiu o sono dos justos e cansados, e foi acordada por Charlotta Quarta muito antes do horário combinado.

– Oh, madame senhorita Shirley, é terrível acordá-la tão cedo – a criada lamentou, diante do buraco da fechadura –, mas ainda há tanto o que fazer... E, oh, madame senhorita Shirley, estou com medo que chova, e gostaria muito que a senhorita se levantasse e me dissesse que acha que isso não vai acontecer.

Anne correu até a janela, com a esperança, mesmo sabendo que isso era improvável, de que Charlotta estivesse dizendo aquilo apenas como uma maneira de despertá-la total e imediatamente. Entretanto, infelizmente, a manhã parecia mesmo desfavorável.

Abaixo da janela, o jardim da senhorita Lavendar, que deveria estar gloriosamente iluminado pelos raios pálidos do sol, que havia acabado de nascer no horizonte, estava escuro e sem nenhum vento; e o céu sobre os abetos estava sombrio, com nuvens pesadas.

– Isso não é nada promissor! – Diana exclamou.

– Devemos esperar pelo melhor – Anne falou, determinada. – Se, pelo menos, não chover, acredito que um dia cinzento, mas perolado, como este pode ser realmente mais agradável do que se o sol estivesse brilhando torridamente.

– Mas vai chover – Charlotta argumentou, aflita, entrando no quarto.

A aparência de Charlotta, naquele momento, era, no mínimo, cômica. Suas muitas tranças estavam todas enroladas na cabeça, com as pontas amarradas com fitas brancas, e apontando para fora, em todas as direções.

– A chuva vai esperar até o último minuto – ela continuou –, e depois cair torrencialmente. E todos os convidados vão ficar encharcados... e sujar toda a casa de lama... e os noivos não vão poder se casar debaixo das madressilvas... Oh, diga o que quiser, madame senhorita Shirley, mas significa muito azar, para uma noiva, o sol não brilhar sobre ela durante sua cerimônia de casamento. Eu sabia que estava tudo indo bem demais para durar!

Parecia que Charlotta havia lido, recentemente, alguma folha do livro de cabeceira da senhorita Eliza Andrews.

Porém, não choveu, embora o céu continuasse bastante carregado. Ao meio-dia, aproximadamente, todos os cômodos estavam decorados, a mesa magnificamente posta, e, no andar de cima, uma noiva embelezada para seu futuro marido aguardava.

– A senhorita está linda! – Anne exclamou, encantada.

– Maravilhosa! – Diana confirmou.

– Está tudo pronto, madame senhorita Shirley, e nada de ruim aconteceu... *ainda* – foi a alegre afirmação de Charlotta Quarta, antes de ir para seu pequeno aposento, nos fundos da casa, para se aprontar.

Sumiram todas as tranças; o resultado foi um cabelo exuberantemente frisado, dividido em dois rabos de cavalo, atados não apenas com dois laços, mas com quatro, de fita azul brilhante, comprada exclusivamente para a ocasião. Os dois laços superiores davam a impressão de serem asas muito grandes, que brotavam no pescoço de Charlotta, lembrando um pouco os querubins do pintor italiano Rafael. Contudo, Charlotta Quarta achou que eles estavam muito bonitos e, depois de ter colocado desajeitadamente um vestido branco, tão engomado que poderia ficar por conta própria em posição vertical, examinou-se no espelho com grande satisfação – uma satisfação que só durou até Charlotta entrar no *hall* e ver de relance, pela porta entreaberta do quarto de hóspedes, uma garota alta – usando um lindo vestido, muito bem ajustado ao corpo – prender flores brancas, semelhantes a estrelas, nas ondas suaves de seu cabelo ruivo.

“Oh, *nunca* vou conseguir ficar parecida com a senhorita Shirley”, pensou a pobre Charlotta, desconsolada. “É preciso já nascer assim, acho... Parece que nenhuma quantidade de prática é suficiente para alguém adquirir *aquele* modo de agir.”

Por volta das 13 horas, os convidados, inclusive o senhor e a senhora Allan, já haviam chegado. O senhor Allan celebraria o casamento, pois o pastor de Grafton estava de férias. Não houve formalidades na cerimônia. A senhorita Lavendar desceu a escada e se encontrou com Stephen Irving no *hall*. Ele pegou a mão da noiva, ela ergueu seus grandes olhos castanhos e o contemplou, com uma expressão que fez a atenta Charlotta Quarta sentir uma emoção que, até aquele momento, não conhecia.

Em seguida, todos se dirigiram ao jardim, onde o senhor Allan já estava à espera, sob a videira de madressilvas. Os convidados se agruparam como quiseram. Anne e Diana ficaram ao lado do velho banco de pedra, com Charlotta Quarta entre elas, apertando aflitadamente, com suas pequenas mãos frias e trêmulas, as das duas amigas.

O senhor Allan abriu seu livro azul e deu início à cerimônia. Então, assim que a senhorita Lavendar e Stephen Irving foram declarados marido e mulher, aconteceu algo muito bonito e simbólico. O sol surgiu repentinamente entre as nuvens escuras e derramou uma torrente de brilho sobre a feliz noiva. Instantaneamente, o jardim ficou repleto de sombras dançantes e luzes oscilantes.

“Que prenúncio adorável!”, Anne pensou, enquanto corria para abraçar a noiva.

Feito isso, ela, Diana e Charlotta deixaram os convidados rindo ao redor do alegre casal e entraram rapidamente na casa de pedra, para finalizar os preparativos para o banquete.

– Felizmente, deu tudo certo, madame senhorita Shirley! – Charlotta Quarta suspirou aliviada.  
– Eles já estão seguramente casados, e não importa o que quer que possa acontecer agora. Os saquinhos de arroz estão na despensa, madame, o sapato velho está atrás da porta, e o creme para ser batido na hora está sobre um dos degraus da escada do porão.

Às 14h30, o senhor e a senhora Irving se dirigiram a Bright River, e todos os acompanharam, para se despedir deles quando tomassem o trem da tarde. No momento em que a senhorita Lavendar – quer dizer, a senhora Irving – atravessou a porta de seu antigo lar, Gilbert e as garotas jogaram o arroz, e Charlotta Quarta arremessou o sapato velho, com uma pontaria “tão certa” que ele foi parar exatamente na cabeça do senhor Allan.

Entretanto, a homenagem mais bela e emocionante de todas foi reservada a Paul, que apareceu subitamente na varanda, badalando entusiasmadamente o velho e enorme sino de bronze que

enfeitava a lareira da sala de jantar. Embora o único objetivo de Paul tivesse sido fazer um ruído alegre, quando o toque do sino cessou, vieram os repiques de todos os pontos das colinas atrás do rio, soando clara, harmônica e docemente, como se os adorados ecos da senhorita Lavendar estivessem abençoando seu casamento e se despedindo dela. À medida que os sons iam enfraquecendo, ela se distanciava de sua antiga vida de sonhos e fantasias, rumo a uma existência de realidades no movimentado mundo novo que estava à sua frente.

Duas horas depois, Anne e Charlotta percorreram novamente a alameda. Gilbert tinha ido a West Grafton para cumprir uma tarefa, e Diana havia voltado para casa, onde se encontraria com Fred. Anne e Charlotta retornaram a Echo Lodge para limpar e arrumar tudo e, em seguida, trancar a pequena casa de pedra. O jardim estava inundado pelos últimos raios dourados do sol poente, com borboletas voando e abelhas zumbindo. Contudo, a casa já apresentava aquele ar indefinível de desolação que sempre se segue a uma grande festa.

– Oh, que triste! A casa não parece solitária? – suspirou Charlotta Quarta, que esteve choramingando durante todo o caminho de volta da estação. – Afinal de contas, um casamento, depois que acaba a comemoração, não é muito mais animado do que um funeral, madame senhorita Shirley.

O resto do dia foi movimentado. Os enfeites foram retirados, a louça foi lavada e as iguarias que sobraram foram embaladas e colocadas em uma cesta, para o deleite dos irmãos mais novos de Charlotta. Anne não descansaria enquanto não estivesse tudo na mais perfeita ordem. Depois que Charlotta foi para sua casa, levando as guloseimas, Anne percorreu todos os cômodos silenciosos – sentindo-se como alguém que perambula por uma casa abandonada – e fechou todas as janelas e cortinas. Por fim, saiu, trancou a porta e se sentou sob o álamo prateado, para esperar por Gilbert. Ela estava muito cansada, mas, ainda assim, teve pensamentos demorados, muito demorados.

– Em que está pensando, Anne? – Gilbert perguntou, aproximando-se. Havia deixado o cavalo e a charrete na estrada.

– Na senhorita Lavendar e no senhor Irving – ela respondeu sonhadoramente. – Não é lindo pensar em como tudo aconteceu, e como eles ficaram juntos de novo, após tantos anos de separação, por causa de mal-entendidos?

– Sim, é lindo – Gilbert concordou, olhando fixamente para o rosto de Anne. – Mas não seria ainda mais lindo se *não* tivesse havido nenhum mal-entendido, nenhuma separação? Se eles tivessem caminhado pela vida, de mãos dadas, todo esse tempo, sem lembranças ruins?

Por um momento, o coração de Anne disparou estranhamente, e, pela primeira vez, seus olhos hesitaram diante do olhar fixo de Gilbert; um súbito rubor encobriu a palidez de seu rosto. Foi como se um véu, que havia permanecido o tempo todo diante de sua consciência, tivesse sido levantado, de repente, mostrando sentimentos e verdades de cuja existência ela jamais havia suspeitado.

Talvez, afinal, o romance não entrasse na vida de alguém com esplendor e alarde, como um cavaleiro feliz e majestoso; talvez ele viesse para o nosso lado silenciosamente, por caminhos tranquilos, como um velho amigo; talvez viesse em forma de prosa, e assim permanecesse até que um repentino raio de luz se lançasse sobre suas páginas, traindo seu ritmo e música aparentes; talvez... talvez o amor se desenvolvesse naturalmente, a partir de uma bela amizade, como um botão de rosa que se abre magicamente.

Segundos depois, o véu voltou para seu lugar habitual, mas a Anne que percorreu a alameda escura não era mais a mesma que tinha passado alegremente por ali, na tarde anterior. A página

da Anne menina tinha sido virada, como por um dedo invisível, e a página da Anne mulher estava diante dela, com todo o seu encanto e mistério, toda a sua dor e alegria.

Sabiamente, Gilbert não disse mais nada. Entretanto, em seu silêncio, ele leu a história dos próximos quatro anos, à luz daquele rubor inesquecível de Anne. Quatro anos de trabalho duro, mas feliz, e, por fim, a recompensa: um conhecimento útil adquirido e um coração esplendoroso e doce conquistado.

Atrás deles, no jardim, a pequena casa de pedra repousava entre as sombras. Estava solitária, mas não abandonada. Ainda não tinha se esgotado seu tempo para sonhos, risadas e alegria de viver. Haveria muitos verões para a casa de pedra e, até lá, ela poderia esperar. Enquanto isso, nas colinas, para além do rio em tons de púrpura, os ecos também aguardavam o futuro.



---

\* A palavra “ianque” (forma aportuguesada do termo inglês yankee) é usada para se referir a uma pessoa natural e/ou habitante dos Estados Unidos. (N.T.)

\*\* Referência a um versículo do Novo Testamento – “Disse-lhe Nataniel: Pode vir alguma coisa boa de Nazaré? Disse-lhe Filipe: Vem, e vê.” –, situado em João 1:46. (N.T.)

\*\*\* “Paraíso perdido” (Paradise Lost, em inglês) é um poema épico escrito pelo autor britânico John Milton (1608-1674), publicado pela primeira vez em 1667. (N.E.)

\*\*\*\* Bordo (ou Maple tree, em inglês) é o nome comum dado a um gênero botânico pertencente à [família Aceraceae](#). Pronuncia-se bôrdô. Pode ser um arbusto ou uma árvore, e de sua seiva doce se fabricam o açúcar e o popular xarope de bordo. A [bandeira do Canadá](#) apresenta uma folha vermelha estilizada de bordo, que é um importante [símbolo nacional](#) desse país. (N.T.)

\*\*\*\*\* William Wordsworth (1770-1850), poeta britânico, foi um dos precursores do romantismo em literatura de língua inglesa. (N.E.)

\*\*\*\*\* Reunião de retalhos de tecidos de várias cores, padrões e formas, costurados entre si, formando desenhos geométricos, para fazer colchas, almofadas, toalhas *etc.* (N.E.)

\*\*\*\*\* São Thomas Becket (1118-1170) foi arcebispo de Cantuária (cidade no sudeste da Inglaterra). Foi canonizado em 1173, pelo papa Alexandre III. (N.T.)

\*\*\*\*\* William Tyndale (1494-1536) foi um protestante e acadêmico inglês; traduziu a Bíblia para uma primeira versão do inglês moderno, para que ela pudesse ser lida por leigos. Condenado como herege, foi estrangulado e teve seu corpo incinerado. (N.T.)

\*\*\*\*\* Na cena 3 do ato 5 da obra Macbeth, do poeta, dramaturgo e ator inglês William Shakespeare (1564-1616), o protagonista pergunta ao médico: “Não podeis ministrar nenhum remédio a um espírito enfermo (...)?”. (N.T.)

\*\*\*\*\* Os alfabetos rúnicos são baseados em letras conhecidas como runas, que foram usadas nas línguas germânicas (Europa do Norte), entre os séculos II e XV d.C. (N.T.)

\*\*\*\*\* Estilo pompadour: assim chamado em homenagem a Madame de Pompadour (1721-1764), amante do rei [Luís XV da França](#). (N.E.)

\*\*\*\*\* James Russell Lowell (1819-1891) foi um escritor e diplomata norte-americano. (N.T.)

\*\*\*\*\* Tradução livre de versos do poema “Os construtores”, do educador e poeta norte-americano Henry Wadsworth Longfellow (1807-1882). (N.T.)

\*\*\*\*\* Tradução livre de versos do poema “Eldorado”, do escritor, editor e crítico literário norte-americano Edgar Allan Poe (1809-1849). (N.T.)

\*\*\*\*\* Verso do poeta e escritor inglês Alexander Pope (1688-1744), em tradução livre. (N.T.)

\*\*\*\*\* Referência ao versículo 8:22 do livro de Jeremias, no Antigo Testamento: “Porventura, não há bálsamo em Gileade? [...]”. (N.T.) O texto certamente se refere ao fato de o menino ter encontrado consolo em razão de o canteiro da irmã também ter sido destruído, o que foi como um bálsamo de cura para sua “ferida emocional”, fruto de um eventual despeito, por exemplo. (N.E.)

\*\*\*\*\* Tradução livre do verso “Nods and becks and wreathed smiles”, do poema “L’Allegro”, escrito pelo inglês John Milton (1608-1674). (N.T.)

\*\*\*\*\* Relativo à obra do poeta inglês Lord Byron (1788-1824). (N.T.) O herói byroniano é um personagem-modelo que se desvia dos padrões morais da sociedade, mas, ao mesmo tempo, é capaz de grande afeição por uma pessoa. Um herói byroniano típico possui um alto nível de inteligência, introspecção, sofisticação e educação, mistério, magnetismo e carisma, tendências sedutoras e, muitas vezes, origem aristocrática ou nobre. (N.E.)







# **Vozes Negras em Comunicação**

Corrêa, Laura Guimarães 9788551307144

244 páginas [Compre agora e leia](#)

Tensionadas pelos sujeitos e pelos movimentos emancipatórios, as articulações entre comunicação e raça, bem como as imbricações entre mídia e racismo, apresentam-se como desafio para aquelas e aqueles que acreditam e lutam pela justiça social e cognitiva. Os artigos que compõem este livro interpretam, indagam e propõem alternativas a esse tema por meio de análises de autoras e autores de diversos campos teóricos em diálogo com a comunicação. São experiências e investigações que compreendem a centralidade da raça na realidade brasileira. E mais: compreendem sua centralidade nas teorizações e nas práticas políticas interseccionais que desmascaram a colonialidade do ser, do poder e do saber, escondidas sob o mito da democracia racial. Nada melhor do que uma investigação crítica, política e epistemologicamente engajada para compreender e desvelar como a mídia, que atravessa as nossas vidas, é forjada, historicamente, no contexto de profundas desigualdades. Nilma Lino Gomes [Compre agora e leia](#)



Virginia Kastrup

## A invenção de si e do mundo

Uma introdução do tempo e do  
coletivo no estudo da cognição

autêntica

# A invenção de si e do mundo

Kastrup, Virgínia 9788582178812

256 páginas [Compre agora e leia](#)

"É muito agradável o sentimento que agora me cativa diante desta singela certeza: a de que estarei vivendo feliz minha tentativa de escrever [...] coisas favoráveis a este livro. Digo tentativa porque pressinto que minhas frases elogiosas serão insuficientes para delinear a efetiva importância que as pessoas descobrirão nesta obra, sejam elas especialistas ou não. Primeiramente, trata-se de um livro bem escrito. Não digo isso apenas para salientar a qualidade prazerosa de sua leitura. Ele é bem escrito porque sua clareza é especial. Com efeito, em vez de fingir simplicidade, em vez de expor-se como fácil luz comunicativa, dessas que acabam ofuscando por exibirem tão-somente a si próprias, a clareza deste livro envolve-se com a complexidade do assunto que o imanta, que nos dispõe e nos leva a pensá-lo com rigor que ele merece. A fluência do estilo de Virgínia Kastrup, com simpatia, carinho e competência, e sem perder um ar de paciente sorriso, vai cuidando de um tema difícil e escorregadio, o tema da cognição, essa misteriosa potência que é capaz de nos lançar para além da mera aquisição de conhecimento." Luiz B. L. Orlandi [Compre agora e leia](#)



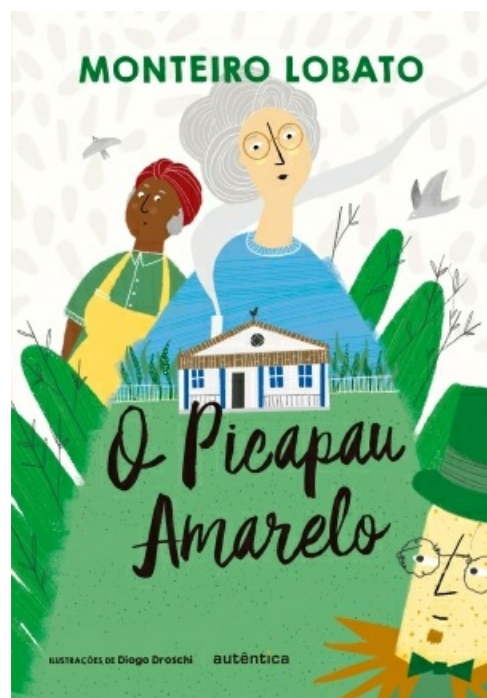
# Reinações de Narizinho

Lobato, Monteiro 9788551304426

352 páginas [Compre agora e leia](#)

Monteiro Lobato foi o primeiro escritor a usar, em histórias para crianças, elementos da cultura nacional, como costumes do interior do Brasil e lendas de nosso folclore. Em suas obras, personagens brasileiros e da literatura universal, do cinema, da mitologia grega contracenam de forma natural e espontânea. Emília, a boneca de pano, Pedrinho e Narizinho, o Visconde de Sabugosa, a Cuca e o Saci Pererê, animais falantes, príncipes e princesas dos contos de fadas, heróis gregos e personagens mitológicos se encontram e interagem sem barreiras. Em linguagem simples e coloquial, misturando realidade e fantasia em aventuras divertidas e emocionantes, questionando, apresentando ideias enriquecedoras, a obra de Lobato se transformou em um clássico da literatura brasileira. *Reinações de Narizinho* (1931), seu primeiro livro para crianças, é considerado fundador da literatura infantil brasileira. Traz uma série de aventuras independentes, a maior parte passada no Sítio do Picapau Amarelo, embora elas aconteçam também em outros lugares, como o Reino das Águas Claras e o País das Fábulas. É nesse livro, também, que somos apresentados a alguns dos personagens que vivem no sítio e que vêm encantando diversas gerações de crianças do Brasil.

[Compre agora e leia](#)





# O Picapau Amarelo

Lobato, Monteiro 9788551304433

176 páginas [Compre agora e leia](#)

Monteiro Lobato foi o primeiro escritor a usar, em histórias para crianças, elementos da cultura nacional, como os costumes do interior do Brasil e as lendas de nosso folclore. Em suas obras, personagens brasileiros e da literatura universal, do cinema, da mitologia grega contracenam de forma natural e espontânea. Emília, a boneca de pano, Pedrinho e Narizinho, o Visconde de Sabugosa, a Cuca e o Saci Pererê, animais falantes, príncipes e princesas dos contos de fadas, heróis gregos e personagens mitológicos se encontram e interagem sem barreiras. Em linguagem simples e coloquial, misturando realidade e fantasia em aventuras divertidas e emocionantes, questionando, apresentando ideias enriquecedoras, a obra de Lobato se transformou em um clássico da literatura brasileira. Em O Picapau Amarelo (1939), a turma do sítio se encontra com seres da mitologia grega, como Pégaso e a Quimera, personagens de contos de fadas europeus, como Cinderela, o Pequeno Polegar, Chapeuzinho Vermelho, e personagens clássicos da literatura, como o Capitão Gancho, Peter Pan, Dom Quixote... É que o Mundo da Fábula resolveu se mudar para o sítio com seus castelos, suas carruagens, seus animais – e foi então que as mais incríveis aventuras começaram.

[Compre agora e leia](#)